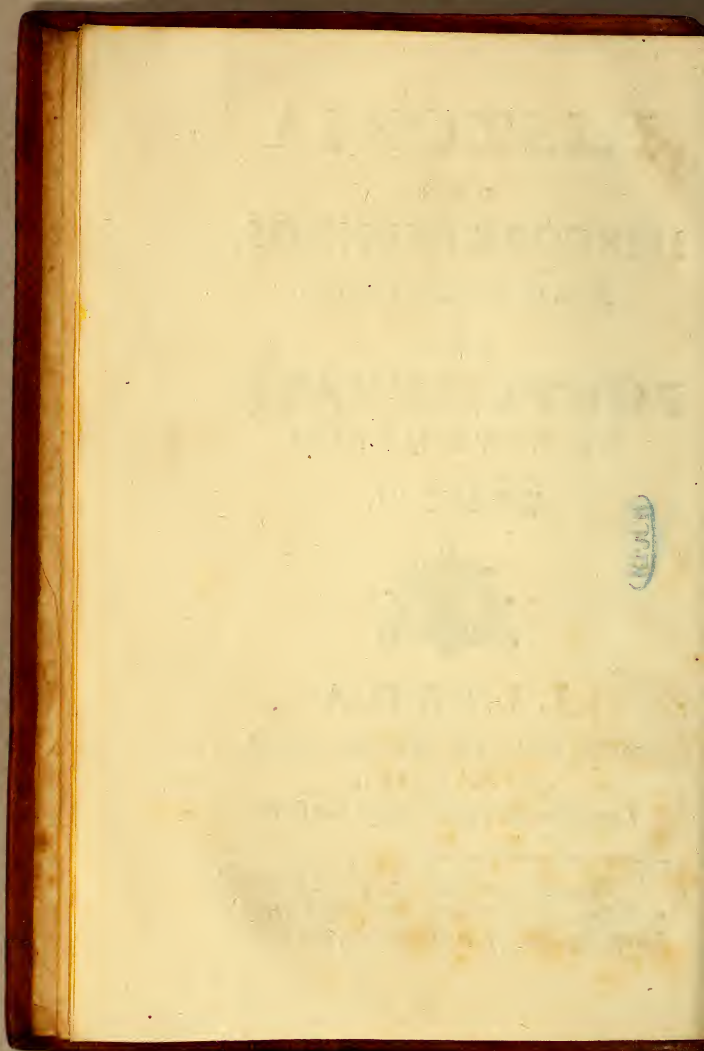
HISTORIA
DOS
DESCOBRIMENTOS,
E CONQUISTAS
DOS
PORTUGUEZES,
NO NOVO MUNDO
TOMO II.

LISBOA.

NA OFFICINA DE ANTONIO GOMES.

MDCCLXXXVI.

Com licença da Real Meza Cenſoria.

Vende-ſe na logea da Viuva Bertrand e Filhos, Mercadores de Livros junto á Igreja dos Martyres ao Xiado, em Lisboa.

HISTORIA
DOS
DESCOBRIMENTOS,
E CONQUISTAS
DOS
PORTUGUEZES,
NO NOVO MUNDO.

LIVRO V.

ANN. de J. C. 1509.

D. MANOEL REI AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

TANTO que Albuquerque começou a ſaborear-ſe com o goſto, que lhe devia cauſar a mudança da ſua fortuna, goſto que conſiſtia na legitima, e juſta ſatisfaçaõ, de ſe ver livre de huma perſiguiçaõ injurioza, antes que na preverſa ſatisfaçaõ de ver humilhado o ſeu rival, já que as almas grandes ſaõ incapazes de ſentimentos taõ

viz, teve huma nova mortificaçaõ, que foi obrigado a diſimular, eis-aqui a ocaſiaõ.

Ann. de J. C. 1509.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

O Bailli Amaral, que no Mediterraneo tinha desbaratado a frota, que o Calife enviara para Aſia, para alli carregar madeiras de conſtrucçaõ, tendo dado conta a ElRei da ſua expediçaõ, e do deſignio que o Calife tinha tido de ſe ſervir d'eſtas madeiras, para fazer paſſar huma frota para as Indias, ás inſtancias do Samorim, D. Manoel picado contra eſte ultimo, que o havia aſſás offendido pela obſtinada guerra, que fazia aos Portuguezes, reſolveo vingar-ſe delle por hum modo eſtrondoſo, e de ſe esforçar conſideravelmente para o arruinar deſtruindo-lhe a ſua Cidade Capital. Para o que armou eſta frota de 15 navios, e de 9ↀ homens, de que acabo de fallar. E ainda que o motivo, apparente deſte grande armamento foſſe para ſe pôr em eſtado de ſe oppor á frota do Calife, as occultas viſtas da Corte tinhaõ principalmente por fim a deſtruiçaõ de Calecut.

D. Fernando Coutinho Grande Marechal do Reino, homem vivo, emprehendedor, e amante da gloria, pe-

pedio ao Rei lhe confiasse esta expediçaõ, o que o Rei lhe concedeo de bom grado, por quanto o amava: e fez expedir as ordens, que Coutinho quiz, e o fez absolutamente independente do Vice-Rei, e do Governador em esta expediçaõ, para della lhe dar toda a honra.

Ann. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI.

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Depois da partida de Almeida, naõ tardou o Marechal em intimar a sua commissaõ. No principio quiz prevenir o Governador, o que fez por Gaspar Pereira, Secretario da Coroa nas Indias. Depois deste preliminar elle mesmo fallou, e pedio a Albuquerque, naõ sómente que lhe naõ embarassasse, mas antes que como parente, e amigo o ajudasse, e o secundasse nisto, posto que naturalmente naõ fosse do seu agrado. „ Vós tendes, „ lhe diz, adquirido já muita gloria „ por muitas, e belas acçoens que „ fizesteis. Muitas tendes para fazer, „ que vos immortalizem depois da mi„ nha partida. Deixai assignalar-me tam„ bem hum pouco nesta só occasiaõ „ para que vim. Eu naõ me quero „ establecer nas Indias. Naõ invejo „ as suas riquezas. Naõ tenho outra „ paixaõ mais que d'adquirir algu„ ma honra. Eu espero que a ami-

Ann. de J. C. 1509.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

„ zade, e o ſangue que nos ligaõ, e „ que entre nós tornaõ todos os bens „ communs, façaõ com que vós naõ „ me envejeis a vantagem de poder „ adquirir algum merecimento, que „ naõ pôde eſcurecer o voſſo, nem „ ainda meſmo entrar em parallelo com „ huma parte das voſſas acçoens, que „ vos tem já grangeado os creditos de hum dos maiores Capitaens.„

Muito grandes, e muito recentes eraõ as obrigaçoens, que Albuquerque devia aò Marechal, para lhe naõ acordar huma graça, que parecia taõ arraſoada. E poſto que eu creia que elle a ſentio viviſſimamente, e que lhe deſagradaſſe muito, com tudo a iſſo anuio muito bem, e ſe comportou até ao tempo da acçaõ, de maneira que naõ deo ſuſpeita.

O Rei de Cochim, a quem o projecto foi communicado, o approvou; mas julgava neceſſario, primeiro que tudo, tomar lingoa de Coje Bequi, antigo, e fiel amigo dos Portuguezes, de quem ſe ſoubeſſe exactamente o eſtado em que ſe achava a Cidade de Calecut. Delle com effeito ſouberaõ, que o Samorim eſtava actualmente occupado na ſua fronteira, em fazer guerra a hum Principe alia-

do

do do Rei de Cochim: que na Cidade estavaõ poucos Naires, em comparaçaõ dos muitos que nella residiaõ quando ahi estava o Samorim. Além disto que a Cidade estava sem defensa pela parte do Norte; mas assás bem defendida pelo meio dia, aonde o Samorim tinha huma caza de recreio em alguma distancia, chamada *Cerame* a qual tinha huma boa cerca, e hum forte entrincheiramento bem guarnecido de artilheria: que em fim alli lhe faria grande perda queimando-lhe vinte embarcaçoens novas, que estavaõ nos estaleiros, e que eraõ destinadas para fazerem a viagem de Meca.

Ann. de J. C. 1509.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Com estas vistas se determinou a expediçaõ, fazendo-se todos os preparos com a diligencia possivel, publicando-se que estes preparos pertenciaõ á carga de alguns navios, que se despunhaõ a partir para Portugal. A pezar de todo segredo, foraõ advertidos, e tudo se achou prestes em Calecut para os receber.

Estando tudo prompto, a armada composta de trinta náos divididas em duas frotas, huma chamada a frota de Portugal, commandada pelo Marechal, e a outra a frota das Indias, conduzida pelo Governador Ge-

ne-

ANN. de J. C. 1509.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

neral, partio no ultimo de Dezembro de 1509, e chegou á vifta de Calecut no fegundo de Janeiro do anno feguinte.

Os Generaes tiveraõ confelho á vifta da Cidade, onde fenaõ defcubria algum movimento, pofto que ahi eftiveffem trinta mil Naires deftribuidos pelos poftos importantes. O Marechal renovou entaõ o feu primeiro cumprimento a Albuquerque, e lhe declarou, que defejava commandar a vanguarda. Albuquerque lho confentio, pofto que com violencia, ou porque temeffe o genio impetuozo, e colerico do Marechal, ou porque na fua avançada idadade fe eftimulaffe dos brios, que animaõ a mocidade. Mas confentindo-lho, regulou de modo as coifas, que fenaõ quiz alongar do Marechal. De commum acordo ordenaraõ de hirem cada hum na tefta da fua frota: e por huma ordem expreffa affixada no maftro grande de cada náo, fe prohibio aos Officiaes de faltar em terra antes dos Generaes. Defte modo pertendeo Albuquerque poder moderar a cólera do Marechal, ou roubar lhe de facto huma honra, que lhe concedera fó de palavras, e por pura complacencia.

Ma-

Manoel Paſſanha Official velho, augurou mal eſta expediçaõ, e naõ podendo calar-ſe, diſſe que eſperava pouco de hum corpo que tinha duas cabeças, e acrecentou que ſendo aſſás feliz por ter viſto morrer quatro dos ſeus filhos na cama da honra, e no ſerviço do Rei nas Indias, teria ainda a vantagem de lhe fazer ſacrificio de ſi meſmo neſta occaſiaõ. Tinha enviado o ſeu quinto filho para Portugal, como ſe tiveſſe previſto, que as Indias haviaõ de ſer o ſeu ſepulcro, e o de quaſi toda a ſua familia.

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

A frota do Marechal compunha-ſe de bravos Officiaes, gente de diſtinçaõ; mas que por vir de novo, naõ conheciaõ o paiz, e ignoravaõ a maneira de nelle fazer guerra. A do Governador tinha por primeiros Officiaes ſubalternos, que tinha ſido preciſo ſubſtituir aos antigos Capitaens, a quem o odio a Albuquerque tinha obrigado a embarcarem-ſe com o Vice-Rei, para naõ ficarem expoſtos á vingança, de hum homem, que elles tinhaõ offendido muito. O que era já hum peſſimo prognoſtico. O que ſe paſſou depois que a ordem ſe affixou, foi de hum preſagio ainda mais funeſ-

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

funesto; porque grassando a emulaçaõ pelos Officiaes das duas frotas, e mocidade Nobre, que em vez de se alimentarem, e descançarem, a fim de estarem mais á lerta na seguinte manhá, cada hum occupado de se armar, e de tomar o seu lugar nas chalupas, onde passaraõ toda a noite, de modo, que pela manhã estavaõ taõ cansados da vigilia, e da fadiga, da fome, e sede, que depois sentiraõ cruelissimamente no extremo calor do dia, e da acçaõ.

Postas em movimento as chalupas, e aproximando-se a praia para fazerem a descida, acharaõ que o mar ahi quebrava com muita violencia. Foraõ recebidas como naõ esperavaõ pela artilheria do entrincheiramento, e do Cerame, que os incommodou muito, e o faria muito mais, se as baterias estivessem mais no nivel da agua. Albuquerque fez saber ao Marechal, ser mais prompto separar as chalupas, e que cada hum delles na testa das suas fosse descer onde podesse. Isto se fez. O Marechal, que contava sempre com a vanguarda, naõ se adiantou, e foi descer muito longe. Mas Albuquerque usando de mais diligencia, e cortando mais curto,

ga-

ganhou logo a terra, e depois d'hum pequeno combate se asenhoreou do entrincheiramento, partio direito ao Cerame, que distava hum tiro de besta, onde achou huma forte resistencia, mas chegando-lhe os seus lhe lançaraõ fogo.

Ann. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

O Marechal, naõ tinha ainda chegado ao entrincheiramento quando percebeo o fogo, e gritando que estava trahido, entrou em huma furiosa colera. Atirando depois com o capacete, e armas que tinha na maõ, tomou huma toalha, e huma cana. Entre tanto vindo a elle Albuquerque. „ He assim, lhe diz, Senhor Albu- „ querque, que vós cumpristes a pa- „ lavra que me destes? Quereis ter „ o gosto de escrever ao Rei, de que „ entrastes o primeiro em Calecut; mas „ eu lhe darei boa conta de tudo, e „ lhe farei conhecer, que coisa he esta „ canalha de Indios; de que vós „ lhe fazeis de longe hum espanta- „ lho. Elle o comprehenderá bem „ quando eu lhe disser, que entrei na „ Cidade com huma toalha na cabeça, „ e huma cana na maõ. „ Isto lhe disse com tanta efficacia, que se suppos, que lhe hia dar com o bastaõ, e tudo quanto Albuquerque produzio pa-

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

ra

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

ra juſtificar-ſe, o Marechal nada quiz admitir, e d'entaõ ſe apaixonou de modo, que ficou incapaz do conſelho.

Com tudo chamando o interprete, que conhecia o paiz; lhe perguntou, onde eſtava o Palacio do Rei, e lhe pedio que o conduziſſe aonde achaſſe homens para combater. Porque dizia, naõ ſe podem chamar aſſim aquelles, que ſe renderaõ com tanta facilidade. O interprete lhe moſtrou o Palacio de cima de hum oiteiro, que poderia diſtar meia legoa. O Marechal determinou de hir lá; ordenou a Pedro Affonſo d'Aguiar ſeu Capitaõ Tenente, que tomaſſe duas pequenas peças de artilheria, e mandando tocar a marchar, ſe pôz em marcha com oitocentos homens, mandando dizer ao Governador, que o podia ſeguir, ou fazer o que quizeſſe, porque nada lhe emportava.

Poſto que Albuquerque ſe picaſſe muito, e conheceſſe bem o perigo em que o precipitava a temeridade do Marechal, o ſeguio com ſeiscentos Portuguezes, e os Malabares de Cochim. Mas antes ordenou a D. Antonio de Noronha ſeu ſobrinho, a Simaõ de Andrade, e a Rodrigo Rabelo, que deixava com trezentos homens,

mens, que velassem na guarda das chalupas, que para ellas fizessem transportar a artilheria do entrincheiramento, e do Cerame, e que queimassem os navios, que estavaõ nos estaleiros, o que se executou sem alguma opposiçaõ.

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Ainda que o Palacio do Samorim fosse defendido pelo Governador da Cidade, e por hum grande numero de Naires, fizeraõ taõ pouca resistencia, que o Marechal, que ignorava que a sua fugida era hum estratagema, se confirmou seguramente na opiniaõ que tinha concebido da sua fraqueza, e do desprezo, que delles se devia fazer. Manoel Paçanha o advirtio de balde, que se acautelasse, e impedisse aos seus que se demandassem, que deitasse incessantemente fogo ao Palacio, e que tornasse para os bateis. Como elle estava fatigado a naõ poder mais, para chegar lá, tinha precizado, que o levassem pelo caminho, que naõ podia comsigo, disse que queria descançar algum tempo, e se assentou. Os Portuguezes se espalharaõ pelo Palacio, para saquearem as riquezas, de que estava cheio. Os Naires, que estavaõ de vigia vendo-os espalhados,

gri-

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

gritaraõ como coſtumaõ para ſe ajuntarem. Já os viaõ apparecer de toda a parte. Albuquerque, que chegava entaõ ao Palacio, vendo que os Naires ſe ajuntavaõ, naõ quiz entrar, e mandou por duas vezes dizer ao Marechal que ſahiſſe. O Marechal lhe reſpondeo, que ſe adiantaſſe, que elle o ſeguiria brevemente, quando viſſe o fogo bem ateado em diferentes partes. Sahio com effeito entaõ, mas era muito tarde. Os Naires incorporados, ſeguindo-o obrigaraõ-no a voltar ſobre elles, acompanhado ſómente de trinta homens. Combateraõ com muito valor para ſalvarem a vida do Marechal: mas eſte ſenhor, recebendo huma ferida nas pernas, que o fez cahir de joelhos, defendendo-ſe neſta poſtura por algum tempo, cahio em fim ſob a multidaõ dos golpes com Manoel Paſſanha, Lionel Coutinho, Vaz da Silveira, e mais treze Officiaes.

Albuquerque que ſe tinha adiantado, percebendo o perigo em que eſtava o Marechal, tornou a traz eſcoltado com hum groſſo de tropas. Mas como os inimigos eraõ muitos, naõ pôde penetrar até ao Marechal. E naõ lhe cuſtou pouco o defender-ſe.

Por-

Porque achando-ſe em huma ribanceira muito eſtreita, e profunda, os Naires, que eſtavaõ ſupperiores ao caminho, e que o dominavaõ o atacaraõ a ſeu ſalvo de ſima para baixo, ſem que os Portuguezes, por eſtarem muito juntos, podeſſem jogar as ſuas lanças. Pelo contrario, nenhum dos tiros, que lhes arremeçavaõ errava. Albuquerque foi ferido de tres flexas, que duas lhe paſſaraõ o braço eſquerdo, e a terceira o ferio na cara, ainda que levemente; mas recebeo huma grande pedrada no peito, que o derribou ſem ſentidos. Neſta occaſiaõ morrera, ſe o valor de Gonçalo Queimado ſeu Alferes, que ſe entregou á morte junto delle, e ſe o ſoccorro de Diogo Fernandes de Béja, que fez os ultimos esforços para o ſalvar, e que pondo-o ſobre huma rodela, o trouxe neſte eſtado até ás chalupas.

Ann. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

A iſto ſe ſeguio huma derrota geral, ſuccedendo o medo ao valor, naõ viraõ mais que Portuguezes fugir, lançando as armas para melhor correrem. Os Naires, que hiaõ no ſeu ſeguimento mataraõ muitos. Mas foraõ obrigados a parar com a chegada de de Diogo Mendes de Vaſconcellos, e

Si-

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Simaõ de Andrade de huma parte, e de Antonio de Noronha, e de Rodrigo Rebelo da outra, que vinhaõ ſoccorrer os fugitivos. A pezar de tudo o terror era taõ grande, que a maior parte ainda deitavaõ as ſuas armas para ſe ſalvarem, ſem que os ſeguiſſem. O ultimo, que entrou nas chalupas, foi Jorge Botelho, que muito tempo ſe occupou em ajuntar as armas eſpalhadas.

Ambos os partidos inimigos ſentiraõ vivàmente a perda, que tinhaõ feito neſta occaſiaõ, ſem ſe ſaborearem da vantagem, que tinhaõ conſeguido. Os Portuguezes affligidos com a morte do Marechal, e outenta dos ſeus, peſſoas diſtintas pela maior parte; deſaſocegados pelas feridas de Albuquerque que eſteve algum tempo em perigo de vida; abatidos pela injuria da ſua desfeita, e ainda mais injuriados pela fraqueza, que moſtraraõ na ſua derrota, lançando fóra as ſuas armas, ſe retiraraõ a Cochim, onde apenas ouſavaõ aparecer.

D'outra parte o Samorim recebeo neſta jornada huma perda conſideravel, que lhe cuſtou bem a reſarzir. Em Calecut morreraõ pelo ferro, ou fogo mais de tres mil peſſoas, entre

tre as quaes ſe acharaõ o Governador, e dois Caimales. Mas a perda dos homens foi menos ſenſivel a eſte Principe; porque o que mais lhe tocou no coraçaõ, e lhe atrazou os ſeus negocios, foi a perda da ſua Capital, Palacios, Templos, navios queimados. Foi-lhe anunciado eſte deſaſtre no tempo, que elle fazia guerra com vantagem em paiz inimigo. Logo que foi aviſado, deſalojou de noite ſem trombetas, e chegou quatro dias depois da partida de Albuquerque. A viſta da deſtruiçaõ do fogo o pôz fóra de ſi. Mas quando ſoube por miudo da acçaõ, e que tinhaõ morrido taõ poucos Portuguezes, entrou em tal indignaçaõ contra a fraqueza dos ſeus, e principalmente dos Mouros da Cidade, que ajuntando eſtes, chegou a ameaçalos de os expulſar dos ſeus Eſtados. Com effeito ha de conceder-ſe, que Calecut ſe defendeo mal, e que exceptuando os Naires, que perſeguiraõ os Portuguezes na ſua retirada, todos até alli tinhaõ muito mal cumprido o ſeu dever. Em muitos ataques quaſi nenhuma reſiſtencia tinha havido, e além diſto de ambas as partes amigos, e inimigos ſe applicaraõ mais á pilhagem do que a comba-

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

bater com honra. O grande numero dos mortos se achou ser de mulheres, de meninos, e muitos outros, que as chamas envolverão; ou enfim daquelles que correndo precipitadamente á pilhagem, forão surprehendidos, e se virão obrigados a ceder á força, á qual nada resiste.

Albuquerque foi o unico, que se aproveitou da infelicidade commum; porque além da morte do Marechal o livrar de hum inimigo, que o perderia para com ElRei, he certo que não ousara emprehender, vivo elle, de lhe tirar a frota que tinha levado de Portugal, como fez a Pedro Affonso de Aguiar, que succedeo ao Marechal, de quem era Capitão Tenente: sem esta dificuldade, que venceo Albuquerque nesta occasião, não seria hum Governador General, mas sim hum Capitão de Guarda-Costa sem nada poder emprehender.

Albuquerque succedendo a Almeida no Governo das Indias, não succedeo em todas as suas honras, nem em todos os seus direitos. ElRei D. Manoel reflectindo, que hum homem só não podia vellar como preciza esta vasta extenção de paiz, que se estende desde o Cabo de Boa Esperan-

rança até ás extremidades das Indias, tinha determinado de a repartir em differentes Governos. E como tinha sempre na idéa, que o principal objecto era as visinhanças do mar Roxo, de que queria vedar absolutamente o commercio, ao que quiz applicar as suas principaes forças. Para o que fez hum governo particular, que se estendia desde Sofala até Cambaia. Para alli chamou Jorge d'Aguiar, que enviou com huma frota. Persuadido logo, que o Governador das Indias teria pouco que fazer, principalmente depois da destruiçaõ de Calecut, lhe ordenou que enviasse a Jorge de Aguiar as galeras, e bragantins, que tinhaõ sido feitos em Anchediva, e que eraõ distinados para corso na Costa do Malabar, como se lhe fosse facil guardar esta Costa sem este soccorro, ou como senaõ houvesse mais que temer. Além disto D. Manoel tinha tambem enviado huma frota para Malaca á ordem de Diogo Lopes de Siqueira, para ahi estabelecer hum governo distincto. Deste modo o Governador das Indias limitado no Indostan, somente achando-se redusido a quasi nada, vinha a ser para Albuquerque a quem deraõ a invistidura,

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

naõ huma mercê, mas sim huma especie de afronta, porque naõ lho concedendo, sem lhe tirar os contornos do mar Roxo, naõ foi senaõ para o tirar de hum posto, que nas vistas delRei, era o mais consideravel.

Mas Albuquerque, que sabia aproveitar-se das conjuncturas do tempo, servio-se ultimamente da sua fortuna, e politica para revoltar todos estes projectos, chamar tudo a si, e nisso fazer achar ainda o bem do serviço. Começou por Pedro Affonso de Aguiar. Procurou no principio insinualo, de que naõ convinha á situaçaõ dos negocios, que transportasse toda esta frota para Portugal, que depois do desastre succedido em Calecut, era para temer, que o Samorim posto em desesperaçaõ naõ arriscasse tudo a fim de se vingar; que naõ deixaria de sublevar os Principes da India amigos, e inimigos dos Portuguezes, que de boa vontade se aproveitariaõ da occasiaõ para os perder, que pela sua ultima disgraça, acabavaõ de conhecer, que os Portuguezes naõ eraõ invenciveis, e que depois da partida desta frota, seria tanto mais facil vencelos, quanto ficariaõ sem defensa, e naõ se restabelesceriaõ do abatimen-

timento da ſua desfeita. Naõ ſe rendendo Aguiar, lhe falla o Governador em tom ſupperior. Diz-lhe claramente, já que ſe obſtinava a querer aquillo que era contra o ſerviço do Rei, que eſcreveria a ElRei, e que lhe faria pedir conta das duas peças de campanha, que o Marechal tinha confiado do ſeu cuidado, e que taõ froixamente tinha perdido em Calecut. Como Aguiar tinha eſte erro de que ſe corregir, atemorizou-ſe deſta propoſiçaõ, e ficou taõ docil, que paſſou por tudo o que o Governador quiz. O qual conheceo tambem eſta fraqueza, que quando Aguiar fazia alguma repugnancia ſobre algum artigo, lhe mandava perguntar onde eſtavaõ as duas peças de campanha. Em fim reduzio-o a contentar-ſe com tres navios, de quinze que compunhaõ a frota, tirou-lhe até as ſuas trombetas, e aſſim o expedio para Portugal.

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Era mais dificil eludir a diſtinaçaõ, que ElRei tinha feito para o governo do mar Roxo, ſe a fortuna o naõ ſecundaſſe bem. A numeroſa frota de doze navios, que para alli ElRei enviou, tendo ſido eſpalhada por huma furioza tempeſtade, Jorge de Aguiar, que a commandava, foi

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

morrer sobre as Ilhas de Tristaõ da Cunha. Os outros navios seguiraõ diversas derrotas, e pela maior parte foraõ parar ás Indias. Duarte de Lemos, sobrinho de Aguiar a quem succedeo, tendo esperado em vaõ em Moçambique para os ajuntar, naõ pôde recolher mais que hum pequeno numero, com que foi invernar a Melinde, e tomou depois o caminho de Socotorá, aonde naõ pôde chegar, o que o obrigou a continuar o seu caminho para Ormus. Aqui manejou bem os negocios, de modo que obrigou a Atar a pagar-lhe o tributo annual de quinze mil Serafins estipulados com Albuquerque; mas nunca pôde obrigar este Ministro a restituir-lhe a Cidadella, nem ainda a permitir-lhe estabelecer huma Feitoria Atar crendo entaõ dever apoiar-se sobre as dependencias, que tinha com o Vice-Rei D. Francisco de Almeida, e naõ ter nada que temer de Albuquerque, de quem sabia a desgraça, e a detençaõ em Cananor, illudio todas as suas petiçoens.

Lemos tendo ficado perto de dois mezes á vista de Ormus, vivendo em muito bom commercio com os Mouros, e em muito boa segurança, donde

de partio para tornar a Socotorá, e despachou de Mascate Nuno Vaz da Silveira ao Governador das Indias, para lhe pedir as galeras, e embarcaçoens, que o Rei tinha posto na sua dependencia. Vaz chegou precizamente no tempo em que o Marechal, e o Governador se dispunhaõ á empreza de Calecut. Foi facil persuadilo, que era precizo atender ás consequencias deste negocio, no qual quiz ter parte, e nelle confirmou bem a idéa que tinhaõ do seu valor; porque morreo na cama da honra, indo em soccorro do Marechal; e depois de matar tres Naires com a sua maõ.

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Depois da morte de Silveira, o Governador General, fez partir Antonio de Nogueira, parente de Lemos, no navio que elle commandava, com provivisoens para refrescar Socotorá, e com huma carta de que lhe encarregou de lha remeter. Nesta carta Albuquerque se escuzava a Lemos sobre a situaçaõ dos seus negocios, que naõ lhe permitiaõ enviar mais poderoso soccorro; mas lhe prometia, que tanto que a sua frota estivesse em estado de se meter ao mar, iria unir-se com elle, e que entaõ lhe consignaria as galeras, e os bragantins,

con-

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

conforme as ordens da Corte. Com tudo rogava-lhe de lhe enviar D. Affonſo de Noronha, ſeu ſobrinho, a quem o Rei tinha nomeado Governador da Fortaleza de Cananor.

Paſſado algum tempo Albuquerque, lhe enviou ainda outro navio carregado de proviſoens, conduſido por Franciſco Pantoja, com huma carta muito engraçada, mas cheia de iguaes eſcuzas para juſtificar os ſeus deſcuidos. Lemos, a quem nada diſto convinha, tendo perdido quaſi todos os ſeus pelas moleſtias, e tendo-ſe viſto obrigado de hir a Melinde para reſtabelecer a ſua ſaude, reſolveu-ſe em fim a partir para ás Indias, a fim de peſſoalmente ſolicitar, o que lhe naõ podiaõ negar ſem violentarem as ordens da Corte. Albuquerque, que lhe quis dar alguma ſatisfaçaõ, o reſebeo com os braços abertos, e ſe applicou a fazer-lhe tantos cumprimentos, tantas honras, e tantas caricias, com o pretexto de fazer juſtiça ao ſeu merecimento; e de ter huma conduta differente, da que Almeida tinha tido a ſeu reſpeito, que Lemos, cuja vaidade ſe liſongeava com todas eſtas demonſtraçoens, foi muito ſatisfeito por algum tempo, e

por

por tanto naõ teve mais do que boas palavras, e puros cumprimentos, como direi mais difusamente depois.

Ann. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

As vistas, que a Corte tinha sobre o estabelicimento de outro Governo em Malaca, foraõ ainda menos fastidiosas ao Governador pela pouca felicidade que teve Diogo Lopes de Siqueira na sua empreza; o que eu vou agora contar.

Siqueira tinha partido de Lisboa em 5 de Abril de 1508 com quatro navios. Tinhaõ-lhe ordenado, que reconhecesse na passagem a Ilha de Madagascar, ou de S. Lourenço, e se informasse se ahi havia minas de oiro, e prata, especiarias, e outros generos, segundo as noticias, que nella tinhaõ dado a Tristaõ da Cunha, que posto que nada daquillo achara, naõ deixára com tudo de fazer muito belas relaçoens na sua retirada. Siqueira abordou a Ilha da parte do largo, tocou em muitos portos, e nelles recolheo muitos dos infelices, que se tinhaõ salvado do naufragio de Joaõ Gomes de Abreu. Mas naõ achando nada, que lhe satisfizesse as esperanças concebidas, continuou a sua derrota para á Ilha de Ceilam, que naõ pôde ganhar, pelo naõ servir o ven-

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

vento ; de ſorte que foi obrigado d hir aportar a Cochim, aonde ancorou em 21 de Abril de 1509 depois de ter conſumido mais de hum anno neſta navegaçaõ.

Almeida o recebeo muito bem, e vendo a ſua commiſſaõ, lhe deo hum navio de reforſo com ſeſſenta homens, entre os quaes embarcou alguns como banidos, e cujo crime ſó era de terem ſido favoraveis a Albuquerque. Com eſtas ſinco velas, partio Siqueira de Cochim em 19 de Agoſto da meſmo anno, e tentando o conhecimento da Ilha de Ceilam ao terceiro dia, atraveſſou o golfo de Bengala cortando ſobre a Ilha de Sumatra ; de caminho deſtinguio as Ilhas de Nicobar, e aportou a Pedir, depois de alguns dias de muito bom tempo.

A Ilha de Sumatra a maior das Ilhas do Sunda, tem ſegundo a eſtimaçaõ dos Mouros que a mediraõ, ſetecentas legoas de circuito. He deſtribuida em muitos Reinos povoados por duas caſtas de habitantes, dos quaes huns que ſaõ os antigos naturaes do paiz ſaõ Idolatras, e alguns taõ barbaros, que ſe nutrem da carne dos ſeus inimigos. Outros mais mo-

modernos, e mais civiliſados, ſaõ Arabes de origem, e da ſeita de Mahomet. Como eſta Ilha he a maior deſtes quarteiros, he tambem mais rica de eſpeciarias, pedras preciozas, minas de oiro, cobre, eſtanho, e ferro, e em toda a qualidade de generos. O meio da Ilha he cheio de altas montanhas, e n'uma ha hum celebre Volcaõ, que deita fogo, e chamas como os montes Gibel, e Vezuvio; mas nas encoſtas ha belas campinas fertiliſſimas, e cubertas de arvores de toda a eſpecie. Huma ſobre todas ſe vê notavel pela ſua ſingularidade, a que os Portuguezes chamaõ *Arvore triſte de dia*, porque de dia parece inteiramente deſpojada, mas todas as noites ao pôr do Sol os ſeus botoens ſe abrem, derramando hum cheiro muito agradavel das folhas, e das flores, que todas cahem quando o Sol torna a naſcer no Orizonte. A linha, que corta a Ilha quaſi pelo meio, a faz ſujeita a grandes calores: o ar he doentio, dizem, para os eſtrangeiros. Os Sabios eſtaõ divididos em oppinioens, ſe eſta, ou a de Ceilaõ he a Taprobana dos antigos.

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Como Siqueira era o primeiro Portuguez, que abordou eſta Ilha,

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

o que podia paſſar por nova deſco-
berta, obteve dos Reis de Pedir, e
de Pacen, com quem fez aliança
ſem tratar mais que com os ſeus Mi-
niſtros, a permiſſaõ de levantar hum
padraõ com as armas de Portugal,
aſſim como tinhaõ uſado os primeiros
deſcobridores; mas como elle naõ ti-
nha tençaõ de ſe demorar lá, fez-ſe
á vela poucos dias depois para Mala-
ca, aonde chegou em 11 de Setem-
bro.

Malaca era entaõ huma Cidade
das mais ricas, e das mais deliciozas
do Oriente. Situada além do Golfo de
Bengala, ſobre a ponta da celebre pe-
ninſula, que julgaõ ſer a Cherſoneſo
de oiro dos antigos, e ſobre a bor-
da do eſtreito, que a ſepara da Ilha
de Sumatra, e eſta parece com effei-
to eſtar ſituada para ſer o centro do
commercio da Arabia, e do Indoſtan
por huma parte, e da China, do Ja-
paõ, das Filippinas, e das outras Ilhas
do Sunda pela outra. Com tudo he pe-
quena, e naõ conta mais que trinta
mil fogos. O rio em cuja embocadu-
ra eſtá, a corta pelo meio, fazendo-a
como duas Cidades muito longas, e
muito eſtreitas, unidas ſómente por
huma ponte de madeira. Os habitan-
tes,

tes, quasi todos Mahometanos de origem, e de Religiaõ, vivos, espiritosos, amaõ o ocio, passaõ huma vida muito suave, e muito conforme ás idéas da sua seita. A abundancia dos paizes visinhos fornecendo-lhe todas as dilicias, contribue para á sua vida voluptuosa, tanto como a sua opulencia, que era tal que naõ contavaõ as suas riquezas, senaõ por muitos *Babars* de oiro (contendo cada hum destes quatro quintaes) naõ se julgava ahi hum homem rico, se n'um mesmo dia naõ podia pôr no mar tres, ou quatro navios, e carregalos ricamente á sua custa. Tinha sido noutro tempo sujeita ao Reino de Siam; mas Mahmud, que reinava entaõ, tinha sacudido o jugo, e manejava de modo as maximas da sua politica para com os Principes visinhos, e ainda mesmo para com os Ministros do seu legitimo Soberano, que este poderoso Monarcha, ou desprezava, ou naõ ousava emprehender reduzilo á sua obrigaçaõ.

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Mahmud instruido dos motivos da vinda do General Portugues, ficou bem contente, ou o affetou. Deo-lhe audiencia com toda a pompa, que uzaõ os Reis do Oriente. Assignou-se

Ann. de J. C. 1510. D. Manoel Rei. Affonso d'Albuquerque Governador.

o tratado de ambas as partes, o juramento feito ſobre a lei de Mahomet de huma parte, e ſobre os Santos Evangelhos da outra. O Rei lhe aſſignou logo huma caza commoda na Cidade, de que Ruy d'Araujo, que devia ſer o Feitor, tomou poſſe, e deſde entaõ os Portuguezes tomáraõ tanta confiança aos agrados do Principe, e do *Bandará* ſeu tio, que ſe eſpalharaõ pela Cidade ſem alguma precauçaõ. Com tudo os Mouros do Indoſtan eſtabelecidos em Malaca, inimigos jurados dos Portuguezes, e naturalmente zelozos de hum tratado, que devia prejudicar os ſeus intereſſes, esforçaraõ-ſe tanto como o tinhaõ feito n'outra parte para deſacreditarem os novos hoſpedes. Naõ deixaraõ para os tornar odiozos, de contar tudo o que elles tinhaõ feito em Quiloa, em Ormuz, e no Malabar. Os factos eraõ taõ energicos, e expoſtos com cores taõ vivas, que fizeraõ todo o effeito que deſejavaõ. Os Mouros acharaõ tanta mais facilidade nos ſeus deſignios perniciozos, quanta tiveraõ em ſaber tomar por cabeça dois homens de grandiſſimo credito. O primeiro era hum chamado *Utemutis* Java de Naçaõ, a quem davaõ o titulo

o Raia, que tomaõ todos os peque-
ios Regulos do Malabar. Era taõ po-
lerofo em Malaca, que lhe contavaõ
eis mil efcravos cafados, e muito
naior numero de outros que o naõ
raõ. O fegundo era hum Mouro Gu-
arate, que fazia o officio de Cha-
bandar, ou Conful da fua naçaõ.

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Tendo eftes voltado o efpirito do
Rei, e do Bandara, ou primeiro Mi-
iftro, determinou-fe entre elles no
onfelho fecreto do Principe, que fe
ramaffe aos Portuguezes algum laço
ara fe desfazerem de todos a hum
empo. Efta refoluçaõ foi tomada con-
ra o parecer do Almirante, e do
Thefoureiro Mór, que naõ approvaraõ
fta traiçaõ. Com tudo nada omittiraõ
ara allucinar os Portuguezes, e occul-
ar os máos defignios, que tinhaõ con-
ebido contra elles. Mas como prin-
ipalmente do General, e dos princi-
aes Officiaes, he que fe queriaõ affe-
urar, e como era difficil chamalos á
erra, o Rei, para melhor os enga-
ar, fez publicamente todos os prepa-
os de huma magnifica merenda que
he queria dar, para o que mandou
azer huma caza de madeira, junto á
onte da Cidade.

Quando Siqueira entrou no por-
to

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQNERQUE GOVERNADOR.

to eſtavaõ ahi quatro juncos da China, cujos Capitaens foraõ logo comprimentar o General, que lhe pagou a viſita; e ſe deo tambem com elles que ſe trataraõ mutuamente nos ſeus navios, e conſerváraõ ſempre huma mutua correſpondencia. Eſtes Capitaens tendo conhecido a cega confiança do General, e a liberdade, que elle dava aos ſeus de andarem pela Cidade, o advirtiraõ como amigos que deſconfiaſſe d'uma Naçaõ naturalmente perfida, e o avizaraõ da traiçaõ, que lhe urdiaõ. Mas Siqueira naõ fez cazo diſſo, nem ſe acautelou.

Huma eſtalagadeira, Perſiana de naçaõ, que tinha eſtalagem na Cidade, e alojava em ſua caza hum Portuguez, que entendia a ſua lingua, ſendo inſtruida da conſpiraçaõ, avizou o General por eſte meſmo Portuguez, que lhe queria fallar em ſegredo, e que iria a ſeu bordo de noite, a fim de naõ ſer percebida. Siqueira enfadou-ſe deſtas viſitas, e rejeitou tres vezes a propoſiçaõ. Mas eſta mulher a pezar da ſua obſtinaçaõ indo a bordo, e tendo-o inſtruido de todo o ſegredo, ainda que naõ pôde conſeguir o perſuadilo, conſiguio com tudo delle, que fingiſſe hum in-

con-

conveniente, com que malogrou as medidas tomadas pelo banquete, o que se fez.

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Errado este tiro, recorreraõ a outro artificio mais insidioso, e que mostrava hum novo favor da Corte. O Rei fez dizer ao General, que atendendo a que o tempo da Monçaõ se chegava, e considerando que tinha vindo das extremidades do mundo, e tinha maior viagem para fazer na retirada, o queria preferir a todas as Naçoens, que estavaõ no seu porto, e expedilo primeiro: que para isso naõ tinha mais que enviar todas as suas chalupas á terra em hum dia dado, no qual lhe daria toda a sua carregaçaõ. No mesmo tempo o Bandara fez preparar grande quantidade de bateis pequenos, no fundo dos quaes desposeraõ todas as qualidades de armas, que cobriraõ de diversas provisoens de viveres. O numero dos bateis era espantoso, mas occultaraõ-nos até o tempo em que deviaõ acometer, e começar a mortandade geral dos Portuguezes, pelo sinal que lhe seria dado por hum foguete.

Ainda que Siqueira devia julgar por muitas acçoens que se contradiaõ, a respeito mesmo da carregaçaõ,

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

çaõ, que o Governador obrava de ma fé, cegou-se cada vez mais, e naõ concebeo a menor suspeita. No dia assignado enviou as chalupas, e bateis á terra excepto huma, que deixou, para hir, e vir em caso precizo. No mesmo tempo o Bandara fez partir os bateis, que tinha prestes, e que estavaõ cheios d'armas, e soldados desfarsados de paisanos, sem que mostrassem outra pretençaõ, que a de levar provisoens, e refrescos para a frota. A seguransa em que viviaõ, fez que no principio naõ desconfiassem do numero, com que tinhaõ tratado a acçaõ, que crescia insensivelmente.

Para melhor alucinarem o General, vieraõ a bordo como para o visitarem, o filho do Raia Utemutis, que se tinha encarregado de o matar, e o Chabandar acompanhados sómente de sete, ou oito pessoas. Siqueira jogava entaõ o Chadrez, porém os traidores testemunhando-lhe o gosto, que tinhaõ de o ver acabar a sua partida, por quanto, diziaõ elles que tinhaõ hum jogo quasi simillhante, tornou, e continuou a jugar com muita applicaçaõ.

Com tudo os navios se enchiaõ de todos estes falsos mercadores. Garcia

cia de Soufa Capitaõ de hum dos finco navios, conheceo primeiro o perigo, e gritando aos feus que fizeffem fahir todo efte povo, enviou Fernando de Magalhaens taõ conhecido por efte famofo eftreito, a que deo o feu nome, para advirtir o General fe acautela-fe. No mefmo tempo o contrameftre do Almirante, que tinha fubido á gavia, percebeo que nas coftas de Siqueira o filho de Utemutis, que efperava com impaciencia pelo final, de tempo em tempo metia maõ a hum punhal com que o havia acometer, e o arrancava até ao meio. Affaltado defta vifta deo hum grande grito, chamou ás armas, e advirtio o General; que efpantado defte motim, e ignorando ainda a caufa, fe levantou com percipitaçaõ, de mandar as fuas armas, e ordenou, que fe deffe fogo á artilheria. O filho do Raia, e os outros que eftavaõ com elle, julgando-fe defcobertos, naõ fe animaraõ a confeguir o feu intento, e fe deitaraõ ao mar para ganharem os bateis. No mefmo inftante praticaraõ o mefmo aquelles que eftavaõ nos outros navios, que fe falvaraõ por efte fubito terror.

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Mas fendo entaõ dado o final,

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

começaraõ a dar nos Portuguezes, que eſtavaõ na Cidade, dos quaes ſó vinte ſe ſalvaraõ, em caza de Rui d'Araujo, onde ſe poſeraõ em defenſa. Franciſco Serram ganhou a chalupa do navio de Joaõ Nunes, que lhe cuſtou bem chegar a bordo.

O General neſta primeira deſordem naõ ſabendo, que partido tomaſſe, ajuntou o ſeu conſelho. Alguns foraõ de parecer, que era precizo vingar eſta traiçaõ, queimar os navios, que eſtavaõ no porto, á excepçaõ dos Chineſes, de quem tinhaõ recebido ſempre bons conſelhos, e provas de ſolidas amizades. Mas como naõ tinhaõ mais que duas chalupas, Siqueira, a quem o perigo fez prudente, foi do parecer de aparelhar, e fazer algumas tentativas para recolher os Portuguezes, que eſtavaõ em terra, e retirar-ſe.

Da outra parte o Bendara vendo o mao ſucceſſo da ſua empreza, correo á feitoria onde Araujo ſe defendia, e afugentando a multidaõ dos ſublevados, deſculpou-ſe o melhor que pôde, proteſtando que nem o Rei, nem elle tinhaõ parte neſta conſpiraçaõ, que ſem duvida procedia de hum equivoco, e dando a Araujo hum ri-

co

co mercador Indio, amigo dos Portuguezes para ſua caução, elle o tomou, e aos ſeus na ſua protecção.

Ann. de J. C. 1510. D. Manoel Rei Affonso d'Albuquerque Governador.

Reſtabelecida aſſim a tranquilidade, mandou o Bendara dar as meſmas deſculpas ao General, exortando-o a tornar com confiança; que lhe entregaria todos os Portuguezes, e todos os ſeus effeitos. Mas o General paſſando do exceſſo da confiança ao exceſſo oppoſto, naõ ſe fiando da ſua palavra, e julgando por melhor expor a vida dalguns particulares á ſegurança da ſua frota, lhe mandou dizer que conſervaſſe precizamente os penhores, que tinha em ſeu poder, que em pouco tempo lhos viriaó reſgatar com maõ armada, e fazer-lhe pagar caro o direito das gentes, que violara a ſeu reſpeito.

Depois deſta ameaça fez-ſe á vela, e queimou no caminho dois dos ſeus navios, por naõ ter baſtante gente para os manobrar. Chegando depois a Travancor, onde ſoube que Albuquerque eſtava de poſſe do governo das Indias, a lembrança do diſgoſto, que lhe tinha dado, declarando-ſe abertamente contra eſte, para comprazer com o Vice-Rei, e o temor que teve de ſe ver expoſto ao ſeu reſentimento,

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

fizeraõ com que ſe contentaſſe com lhe eſcrever, e lhe enviar outros dois navios da ſua eſquadra, que naõ podia conduzir comſigo, por fazerem muita agua. Depois diſto partio ſó de lá para Portugal, fazendo a meſma derrota, que fizera quando foi. Albuquerque naõ deixou de ſer ſenſivel á ſua diſgraça, e ao partido que tinha tomado: porque além de terem ſido amigos, o eſtimava, e ſe diſſaboreava de perder hum Official, com quem ſe podia congraçar.

Poſto que pareceſſe, que o Governador das Indias naõ tiveſſe quem o perturbaſſe na poſſe do ſeu governo, e que depois de reſtabelecido das feridas, naõ pareceſſe occupado no principio mais, que do cuidado de receber os Embaixadores dos Principes, que vinhaõ felicitalo do ſeu novo Eſtado, o ſeu eſpirito com tudo naõ eſtava tranquilo. Fazia triſtes reflexoens ſobre as contrariedades, que tinha tido no tempo de Almeida; tinha viſto partir para Portugal com elle os ſeus mais crueis inimigos, que lhe tinhaõ já feito muito mal, para deixarem de continuar a trabalhar de o arruinar inteiramente no eſpirito do Rei. Via em torno de ſi muitos deſcontentes,

tes, que ferviaõ debaixo das fuas ordens. A difgraça de Calecut, e a morte do Marechal eraõ para elle huma occafiaõ para os feus adverfarios lhe darem novos revezes. Mas o que mais o incommodava, eraõ as ordens do Rei, que limitando-lhe o governo, o punha em eftado, de nada fazer a bem do Eftado, e da fua propria gloria.

Ann. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Nefta perplexidade revolvia no feu efpirito inceffantemente grandes idéas, cujo efpanto podeffe fervir de deftruir as piores impreffoens, reter todos os esforços da inveja, e fazerfe neceffario a pezar de tudo. Elle tinha na maõ grandes forças para executar os feus difignios fecretos, e a fim de lhe naõ efcapar a occafiaõ, nem de dia nem de noite dormia; e trabalhava muito para lhe adiantar a execuçaõ.

Tanto que poz pronta fua armada que confiftia em dezoito navios, duas galeras, e hum bragantim, dois mil Portuguezes de boa tropa, e alguns Malabares, logo ajuntou os feus Capitaens em confelho. „ Dizlhes „ que elle tinha recebido ordens a„ pertadas do Rei para dar todos os „ foccorros, que pudeffe a Duarte de

„ Le-

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

„ Lemos, que as viſtas da Corte eraõ
„ de applicar todas as forças da India
„ para o mar Roxo, para poder reſiſ-
„ tir ás novas frotas, que preparava o
„ Calife, e para inteiramente lhe que-
„ brar o commercio: que ſegundo eſ-
„ tas viſtas eſtava no deſignio de hir
„ peſſoalmente unir-ſe com Lemos pa-
„ ra o ajudar a fundar a Cidadela,
„ que o Rei lhe mandava fazer no
„ lugar mais conveniente, para do-
„ minar o eſtreito de Babelmendel, e
„ que elle eſtava reſoluto de o aju-
„ dar em tudo o que pudeſſe contri-
„ buir mais para o bem do ſerviço,
„ e à honra da ſua naçaõ: que do
„ mais nada o impedia a ſeguir eſte
„ projecto, que tudo eſtava tranquilo
„ no Indoſtan, e que o Samorim eſ-
„ tava taõ abatido depois da perda,
„ que tivera em Calecut, que naõ eſ-
„ tava abſolutamente em eſtado de
„ empreender coiſa alguma.

Eſte diſcurſo, que foi recebido com grande applauſo principalmente dos que o naõ amavaõ, era oppoſto totalmente ao ſeu penſamento, e alguns Autores Portuguezes concordaõ niſto meſmo; mas elles ſe enganaraõ, creio eu, penſando que a ſua mira era de cahir ſobre Ormuz, pa-

ra

ra se vingar de Coge Atar, e segurar huma conquista, que lhe tinha escapado. De outro modo teriaõ fallado, se atendessem que Albuquerque sahindo do seu governo, e entrando em districto de outro perdia toda a sua auctoridade, e só podia servir em subalterno. Porque estou persuadido do seu grande merecimento, e no mesmo tempo delle ser ambiciozo de commandar, e da sua gloria para que fizesse hum taõ falso projecto.

Ann. de J. C. 1510.

D. MAMOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

O meu parecer em fim he, que o seu oculto projecto era cahir sobre Goa, como fez, e nisto conviraõ se julgarem pelos antecedentes, e consequentes. Porque logo que chegou o Marechal, e que se tratou de disfarçar a empreza de Calecut, que queriaõ ocultar, o Governador, que tinha desde entaõ suas vistas, mandou sondar o porto de Goa; o que motivou a rizo aos seus Capitaens, que julgaraõ esta empreza como louca, e disto fizeraõ cantigas, em que o Governador naõ foi pouco motejado.

Neste mesmo tempo Albuquerque escreveo ao Rei d'Onor, e a Timoja, inimigos capitáes do Sabaio Principe de Goa, por cauza dos enteresses, que eu já expliquei noutra

par-

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

parte, e lhe envio Lionel Coutinho, e Braz Teixeira. Timoia naõ pôde vir fallar entaõ ao Governador que o esperava; mas o asfegurou de que a empreza de Goa era facil, e que sempre o acharia prestes a ajudalo quando a quizesse tentar: e Albuquerque que queria grangear Timoia para as precizoens futuras, lhe levantou a seus rogos os direitos sobre as mercadorias, que entravaõ no porto de Mergeu, direitos que o Vice-rei D. Francisco d'Almeida lhe tirara injustamente.

Finalmente depois da infeliz expediçaõ de Calecut, o primeiro cuidado do Governador foi de se unir com o Rei de Narsinga. Para o que lhe enviou hum homem de credito, que era hum Religioso Franciscano, chamado Padre Luiz. O ponto capital da instruçaõ deste Padre, era fazer compreender a este Principe, que o fim da aliança proposta era para se unir com elle, para o ajudar na guerra, que tinha contra o Reino de Decan, e em particular contra o Sabaio: de lhe tirar o commercio dos cavallos da Persia, o que seria tanto mais facil, que depois que o Reino de Ormuz fosse tributario de Portugal, seria facil impedir, que os cavallos

fos-

fossem desembarcar noutros portos, que naõ fossem seus: e que para a execuçaõ dos seus projectos communs, elle estava prestes para fazer marchar as suas tropas para ás terras segundo a precisaõ: que pela sua pessoa, elle se encarregava do que pertencia ás Cidades maritimas. He muito verisimil, que no mesmo tempo o Governador fizesse recordar Timoja das suas promessas, e que occultamente ajustasse com elle a personagem, que louvou depois.

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Como quer que fosse, a frota partio de Cochim no fim de Janeiro de 1510 persuadidos todos da idéa do projecto do mar Roxo. Albuquerque proveo na partida, e pela sua derrota a diversas praças do seu governo, onde deixou bons Officiaes, guarniçoens numerozas, e muniçoens em abundancia. Chegando a Cananor, recolheo os despojos dos dois navios, que voltando para Portugal se tinhaõ desfeito junto das Ilhas de Anchediva, onde chamaõ os bancos de Padoũa, onde as equipagens foraõ salvas pelo valor de Fernando de Magalhaens. Dalli o Governador se fez á vela fazendo sempre a mesma derrota. Quando elle foi a travez d'Onor, appareceo Ti-

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Timoja, como Duende ſahido da maquina, para voltar todo o ſyſtema deſta empréza. Vinha n'um batel comprido, ſem outro motivo na apparencia, que o de ſaudar o Governador na ſua paſſagem, e de lhe levar refreſcos. Depois dos primeiros cumprimentos fallaraõ muito tempo em particular, e ouvindo-o Albuquerque, quiz que elle expozeſſe em pleno conſelho, o que em ſegredo lhe tinha dito.

Junto o Conſelho, fallou aſſim Timoja. „ Eu ſei com extrema admi„ raçaõ, que eſta poderoza armada he „ deſtinada para hir fazer guerra ao „ Califе dentro no mar Roxo, e que „ todo eſte preparo he para impedir, „ que as ſuas frotas cheguem até aqui: „ confeſſo que eſtou admirado, e que „ naõ poſſo compreender, como tan„ tas peſſoas recommendaveis pela ſua „ prudencia, e pelo ſeu valor, ſe „ levem tanto do ſeu erro. Para que „ hides buſcar taõ longe hum ini„ migo que tendes no voſſo ſeio: „ ignorais que o Califе tem em Goa „ hum dos ſeus Generaes, e mais de „ mil Mammellus, ou Rumes, que pa„ ra ahi ſe retiraraõ depois, que „ foraõ desfeitos por Emir-Hocem? „ Que eſte General eſcreveo ao Ca„ life

„ liſe que lhe enviaſſe ſómente homens, e navios, que eſperava fazer de Goa huma praça d'armas, a qual ſeria a ruina de todos os Portuguezes, que eſtaõ nas Indias? Vós ſabeis ſem o poder duvidar, que Sabaio, o mais cruel inimigo da voſſa naçaõ depois do negocio de Dabul, eſtabelleceo por ponto principal, o dar aſylo a todos os eſtrangeiros da ſua Coſta, e principalmente aos Européos? que fez conſtruir vinte navios do porte dos voſſos, e que reſolve tudo para ſe pôr em eſtado, naõ ſómente de vos reſiſtir, mas de vos deſtruir. Mas o que vós ignorais talvez he, que elle morreo á pouco na forſa deſtes preparos, e que o Idalcaõ ſeu filho, e ſeu ſucceſſor, moço ſem experiencia, ſe acha hoje no ultimo embaraço, occupado em fazer guerra aos eſtrangeiros ſeus viſinhos, dos quaes todos querem recuperar, o que ſeu pai lhe tinha uſurpado, e aos ſeus proprios vaſſallos, que pela ſua revolta ſe vingaõ das violencias, que contra elles ſe fizeraõ n'outro tempo, determinados a ſacudir o pezado jugo da ſua ſervidaõ. Já o Chefe dos Mammelus, e

„ dos

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

„ dos Rumes naõ reconhece ſenhor?
„ Aſſim poſto que Goa ſeja huma Ci-
„ dade forte, eſtá hoje bem fraca pe-
„ la diviſaõ que nella reina. A con-
„ quiſta he facil, eu conto com ella
„ de modo, ſe vós a quereis empre-
„ ender, que eu me offereço para ter
„ parte nella. Eu hirei pôr as minhas
„ tropas, e os meus navios em eſta-
„ do de me unir com voſco, e quan-
„ do voltar, embarcarei no navio *Flor*
„ *do Mar*, a fim de eſtar em voſſo
„ poder, como ſeguro penhor da
„ minha palavra, em que vós vos
„ poſſais vingar, fazendo-me cortar a
„ cabeça, ſe eu vos engano.

Fazendo eſte diſcurſo huma grande impreſſaõ na aſſemblea, Albuquerque que naõ queria dar ſuſpeita, de que entre Timoja, e elle havia algum ajuſte, repreſentou com muita gravidade, que na verdade lhe ſeria moleſto perder a taõ boa occaſiaõ, que ſe lhe offerecia de tomar Goa, e deixar os Mammelus tomar pé n'um poſto, donde tal ves naõ pudeſſem mais lançalos; mas que em tudo o que Timoja tinha dito, via muitas coiſas ſobre que podiaõ racionavelmente duvidar: que naõ convinha facilmente deixar o certo pelo incerto, ſacrificar

as

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei, Affonso d'Albuquerque Governador.

as ordens do Rei, e vantagens feguras aos inconvenientes, que poderiaõ feguir-fe, fe a relaçaõ que acabava de fazer-fe naõ foffe exactamente verdadeira.

Como fe inclinavaõ á propofiçaõ feita por Timoja, e que fó fe tratava de ter informaçoẽs mais feguras, e pofitivas, refolveraõ em fazelo voltar para fazer novas averiguaçoẽs, e o General o vifitou nas Ilhas de Anchediva, onde fe devia demorar com o pretexto de fazer aguada.

Timoja naõ deixou de tornar com a prontidaõ poffivel trazendo as declaraçoẽs, que lhe pediaõ. Condufio comfigo quatorze fuftas bem armadas, e cheias de gente efcolhida, fem que no paiz, podeffem ter fufpeita, que prejudicaffe o fegredo da emprefa, pelo cuidado que tivera de divulgar, que o Governador Geral lhe fazia a honra de lhe dar parte na gloria, que hiaõ ganhar na fua expediçaõ do mar Roxo, e depois na conquifta de Ormuz.

Tendo em fim Timoja confirmado, e fegurado por novos teftemunhos, o que tinha avançado, naõ teve mais do que algumas conteftaçoẽs a refpeito da barra de Goa, de que

os

Ann de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

os Officiaes eſtavaõ perſuadidos, que naõ tinha ſufficiente fundo. Timoja porém affirmando pela ſua cabeça, que tinha ao menos tres braças, e meia de agua em baixa mar, determinou-ſe a conquiſta de Goa. O Governador quiz ter por eſcrito o parecer de todos os que aſſiſtiraõ ao Conſelho, e lhes fez juntamente aſſignar outro acto, pelo qual ſe obrigaraõ todos a reconhecer por Governador General, D. Antonio de Noronha, ſuppoſto que como a ſorte das armas he incerta, faltou neſta guerra.

Tomada eſta reſoluçaõ, Timoja por ordem de Albuquerque voltou outra vez, deixando a ſua pequena frota no Cabo de Rama, onde devia eſperalo, foi cahir com as ſuas tropas ſobre a Fortaleza de Cintacora, cuja viſinhança incommodava muito a Cidade d'Onor, levou-a á força deſcuberta, e paſſou tudo á eſpada, e lançou-lhe fogo, e com incrivel celeridade tornou a unirſe a Albuquerque com as ſuas fuſtas, no tempo que eſté General chegava á barra de Goa.

A Cidade de Goa ſituada em dezaſſeis gráos de latitude do Norte na Ilha de Tiçuarim, a qual tem quaſi nove, ou dez legoas de circuito,

e

e he fechada pelas correntes de dois pequenos rios, era entaõ huma das mais consideraveis Cidades da Peninsula d'aquem do Gange situada n'uma igual distancia entre Cambaia, e o Cabo Somorim, he mui propria para fazer hum grande commercio, por ter o melhor porto de todos estes contornos; de modo que naõ he deficil comparalo aos portos de Constantinõpla, e de Toulon, que passaõ pelos melhores do nosso grande continente. era antigamente do Reino de Decan. O Rei de Decan, a quem os principaes senhores dos seus Estados tinhaõ só deixado huma pequena sombra de auctoridade a tinhaõ confiado a hum Official da sua Coroa, Mouro de origem, e de Religiaõ, chamado Adil, Can, e por corrupçaõ Idalcan, que os Portuguezes continuavaõ a chamar sem razaõ Zabaia, nome que so propriamente convinha ao Principe Gentio, a quem Goa tinha sido uzurpada. Este Idalcaõ conservou sempre huma grande correspondencia com o seu Soberano em quanto viveo, pondo-se em estado de se conservar por força no cazo de lhe ser precizo. Tinha munido a Cidade de boas muralhas, de torres, e de Cidadellas. Tinha

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

nha fortificado do meſmo modo as paſſagens por onde podiaõ entrar na Ilha, e as fazia guardar com eſcrupuloſiſſima attençaõ. Naõ ſe fiando dos Indios nem dos Mouros do paiz, de quem conhecia a fraqueza, e a má fé, tinha formado hum corpo de tropas compoſto de Arabes, de Perſas, de Mahometanos da Europa, e de Mammelus do Egypto, em que punha a ſua principal confiança. Tinha tido extremo cuidado de prover a ſua Cidade de toda a ſorte de muniçoés, e ſobre tudo de armas á maneira da Europa; os ſeus armazens eſtavaõ cheios, os arcenaes em bom eſtado: tinha nos ſeus eſtaleiros muitos navios de modelo ſimilhante ao dos Portuguezes. Finalmente como elle era intelligente, vigilante, e activo, ainda que o ſeu governo foſſe hum pouco duro, tinha chegado a fazer a ſua Cidade bella, forte, e florecente, naõ ſe eſquecendo de tudo, para chamar o commercio, e recebendo perfeitamente bem os eſtrangeiros, que ſabia empregar, e recompenſar ſegundo ſeus talentos, e ſeus ſerviços, e que ahi ſe eſtabeleciaõ tanto mais voluntarios, quanto o paiz naturalmente rico, e fertil, alli forneſſe abundante-

men-

mente ás commodidades, e delicias da vida.

Ann. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

A inquietaçaõ em que eſtava Albuquerque, e o temor que tinha de hir encalhar na barra, fez com que ordenaſſe por precauçaõ a D. Antonio de Noronha, e a Timoja que foſſem antes ſondala. Ordenou logo ao primeiro, que foſſe attacar o forte de Pangim, que eſtava na Ilha, e a Timoja, que ſe apreſentaſſe de fronte de outro Forte, que chamavaõ o Forte de Bardes, que eſtava no continente. Eſtes dois portos tinhaõ ſido eſtabelecidos pelo Zabaia para a defença da barra. Noronha devia ſer defendido por Simaõ d'Andrade na ſua galera, por Simaõ Martins no ſeu bragantin, por Jorge Fogaça, por Jeronymo Teixeira, Jorge da Silveira, Joaõ Nunes, e Garcia de Souſa nas ſuas chalupas. Timoja devia conduzir as ſuas fuſtas.

A' viſta da frota inimiga, e deſde o primeiro rebate Milique Sufe-Curgi, eſte Official do Calife, de que temos fallado, que tinha maior auctoridade na Cidade, ſahio com precipitaçaõ para hir defender o Forte de Pangim. Combateo valerozamente ſobre a ribeira na primeira trincheira, para impedir a deſcida, mas ſendo fe-

Ann. de J. C. 1510. D. Manoel Rei Affonso d'Albuquerque Governador.

rido de huma flexa, que lhe passou a maõ, esta dor o obrigou a retirar-se para o Forte, onde pouco depois recuperou a Cidade. Vendo-se os seus sem Chefe recolheraô-se tambem ao Forte com pressa, mas Noronha tendo dado algumas bandas de artilheria, que naõ fizeraõ effeito, os perseguio taõ vivamente, que os Portuguezes entraraõ baralhados com os fugitivos. Timoja naõ achando resistencia na outra parte, foraõ tomados os dois Fortes, e toda a artilheria.

Huma victoria taõ repentina consternou toda a Cidade, onde naõ havia cabeça, obedecendo cada hum sem vontade áquelles que arrogavaõ a si a auctoridade. Albuquerque, que tinha feito avançar todas as chalupas, e bateis, e que tinha passado elle mesmo para á galera de Fernando de Beja, porque o vento naõ o servia para fazer entrar os navios de porte no rio, soube logo desta desordem por alguns Mouros de Cambaia, e de Diu, que vieraõ buscar a sua protecçaõ. Reprezentando-lhe estes o estado das coisas, e assegurando-lhe que a gente de Melique-Sufe-Curgi lhe obedecia pouco, porque lhes pagava mal: o General enviou ao campo es-

tes

tes mesmos Mouros para fazerem da sua parte proposiçoẽs vantajozas aos habitantes , a quem fez dizer : „ Que bem longe de vir para tirar- „ lhes a liberdade, naõ tinha elle ou- „ tra intençaõ , que de os livrar do „ jugo odiozo sob o qual gemiaõ : „ que elle confirmava todos os seus „ privilegios , permitia a cada hum „ que vivesse na Religiaõ em que ti- „ nha sido criado , e que lhes alivia- „ va a terça parte do tributo , que „ pagavaõ ao Idalcaõ : exceptuando „ porém aos estrangeiros armados pa- „ ra serviço deste Principe, de quem „ queria ser General , com os quaes „ uzaria de maneira , que todos seriaõ „ contentes. „

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Recebidas estas proposiçoẽs com agrado na Cidade, consentio ella em dar-se aos Portuguezes, e o tratado foi assignado d'ambas as partes a pezar dos esforços de Sufe-Çurgi , que naõ podendo impedir-lhe a execuçaõ, sáhio de Goa pouco acompanhado , e foi levar ao Idalcaõ a triste noticia da entrega desta praça.

Os Magistrados tendo levado as chaves a Albuquerque , fez o General pacificamente a sua entrada em 17 de Fevereiro de 1510, no meio das

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

acclamaçoẽs do povo ſempre adorado da novidade. Hia montado n'um bel cavallo da Perſia, precedido de trombetas, e outros inſtrumentos militares, de hum Religioſo Dominicano que levava diante delle o eſtendarte da Cruz, e d'um Official que levava a bandeira de Portugal. As tropas ſeguiraõ em fileira marchando em boa ordem, com os ſeus Officiaes na teſta.

Tendo dado graças a Deos de joelhos, e derramando muitas lagrimas de goſto d'um taõ glorioſo ſucceſſo, tomou poſſe da Fortaleza, e do Palacio do Idalcaõ, e ordenou tambem tudo, que ninguem podeſſe prejudicalo, e que nenhum dos ſeus incommodaſſe hum povo, que de taõ boamente ſe tinha entregado.

Acharaõ na Cidade quarenta peças de groſſo calibre, ſincoenta e ſinco falconetes, e outras muitas peças de artilheria ligeira, polvora, balas, granadas, e toda a ſorte de armas, e muniçoẽs de guerra. Contaraõ nos eſtaleiros até quarenta embarcaçoẽs entre grandes e pequenas, entre as quaes havia dezaſete fuſtas, com todos os ſeus aparelhos nos armazens. Contaraõ tambem nas cavalharices do Idalcaõ cento e ſecenta cavallos da Perſia.

ſia. E aſſim do mais á proporçaõ.

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

O Governador, que tinha determinado fazer de Goa a Metropole das Conquiſtas dos Portuguezes na Indias, começou por declarar aos ſeus Officiaes o deſignio de invernar alli, e tomou todas as medidas para ſe ahi conſervar, e para introduzir huma boa fórma no governo, que pretendia eſtabelecer.

Nomeou logo Antonio de Noronha ſeu ſobrinho Governador da Cidade, e lhe cedeo a Fortaleza. E para ſe alojar tomou o Palacio do Idalcaõ, onde eſtavaõ ainda as ſuas mulheres, e o ſeu ſerralho. Fez Mordomo mór a Gaſpar de Paiva, e deo a feitoria a Franciſco Corvinel. Tendo-ſe depois d'iſto informado exactamente do producto das Alfandegas, tanto da Cidade de Goa, como das Ilhas viſinhas, que montavaõ á oitenta e dois mil pardaos cada anno, eſtabeleceo rendeiros aſſim Mouros, como Gentios, que ſubordinou a Timoja, a quem fez rendeiro geral, e a quem deo além diſſo o cargo de Sargento mór do Eſtado, e Reino de Goa.

Tendo logo feito tomar alguns poſtos, onde os inimigos ainda ſe mantinhaõ na Ilha, fez entrar a ſua frota no porto, reſtabeleceo os poſtos

de

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

de Cintacora, de Pangin, e de Ba des, que tinhaõ ſido arruinados: acre centou novas obras á Cidadella c Goa para ſe poder retirar para ella e qualquer precizaõ, e acautelou as pa ſagens da Ilha, pondolhes Officiae ſubordinados á D. Antonio de Norc nha, que devia vigiar ſobre todos, to neando a Ilha, e levar ſoccorro a to da a parte que o preciſaſſe.

Dada eſta primeira fórma ao gover no interior, o Governador mandou cha mar os Enviados dos Principes eſtran geiros, que ſe achavaõ em Goa, e de pois de ſaber delles o motivo da ſu legaçaõ, expedio primeiro os dos Rei de Narſinga, e de Vengapour, ao quaes ajuntou Gaſpar Chanoca, e c Padre Luiz Franciſcano, com o caracter de Embaixadores para procurarem fazer liga offenſiva, e defenſiva com eſtes Principes inimigos do Idalcaõ, e pedir conſentimento ao primeiro para fundarem huma Fortaleza em Baticalá. Ouvindo depois os Enviados de Ormuz, e do Sofi da Perſia, deſpachou tambem eſtes, e enviou com elles em qualidade de Embaixador a Rui Gomes Gentilhomem da caza delRei de Portugal.

Iſmael Schah, ou Sofi da Perſia

era

Ann. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

era hum dos maiores Principes, que occuparaõ eſte Throno, que elle tinha quaſi conquiſtado. Era reſpeitado como hum dos mais poderoſos Monarcas do Oriente, e ſe tinha diſtinguido por duas grandes batalhas, que tinha ganhado, huma contra o grande Senhor, e outra contra hum Cam poderoſiſſimo da grande Tartaria. Eſtimava Albuquerque particularmente, e lhe havia enviado Embaixadores, mas naõ chegaraõ a Ormuz ſe naõ depois da ſua partida, como já diſſe. Nada he mais belo, que a carta que Albuquerque lhe eſcreveo, e as inſtruçoẽs que deo ao ſeu Embaixador, como largamente ſe lê nos ſeus Commentarios. O projecto d'uniaõ, que propunha a eſte Principe para deſtruir o Califε, manifeſta bem a grandeza da ſua alma, e a nobreza dos ſeus ſentimentos, a ſuperioridade do ſeu valor, e a ſolidez dos ſeus conhecimentos. Mas eſta embaixada naõ ſe effeituou. Atar ſempre inimigo oculto dos Portuguezes, e de Albuquerque, fez envenenar Gomes no caminho, depois de lhe ter feito toda a ſorte de honras.

Com tudo o moço Idalcaõ ferido da triſte nova da entrega de Goa, deo-ſe todo a fazer paz com todos os

ſeus

ANN. de J. C. 1510. D. MANOEL REI AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

seus inimigos assim exteriores como interiores, com as condiçoẽs menos desavantajozas, que pôde para procurar recuperar esta praça, que era o que mais lhe importava, o que conseguio. O Rei de Narsinga, que estimava antes ver Goa em poder do seu inimigo, que no dos Portuguezes, de quem temia o grande poder, foi o primeiro que approvou o tratado. Os inimigos domesticos acommodaraõ-se mais facilmente. Naõ deixaraõ os habitantes de Goa, e aquelles mesmos que tinhaõ entregado a Cidade, injuriados da sua fraqueza, e penhorados do amor do seu Principe ligitimo, de tomar com elle as medidas para sacudirem hum dominio estrangeiro, que cada dia se lhes fazia mais odiozo.

O Governador naõ ignorava estes ocultos conselhos, que naõ era o que elle mais sentia. Este grande homem era distinado, para ter mais para combater a sua propria Naçaõ, do que os inimigos da sua Naçaõ. Tinha entre os seus principaes Officiaes espiritos turbulentos, cuja má vontade tinha ja exprimentado. Porque estando em Cananor antes de vir a Goa, quatro Capitaens seus tinhaõ projetado desde entaõ de o deixarem, para hir á corso pa-

para á Ilha de Ceilaõ. Mas, efte projecto foi interrompido, porque o Governador tirou a Jeronymo Teixeira, o principal da facçaõ, o commando do feu navio, que pouco defpois lhe reftituio.

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Timoja naõ eftava contente, tinha-fe lifongiado, que lhe cederiaõ o dominio de Goa, mediando algum cenfo que pagaffe a ElRei de Portugal; e obrigando-fe a defender a praça fó com as fuas tropas, e á fua cufta, o que era huma quimera. Elle tinha querido perfuadir-fe que Albuquerque lho tinha promitido, e vendo que naõ lhe cumpria a palavra, que lhe tinha dado affim como elle o pretendia, trabalhou occultamente de grangear os Officiaes, e polos da fua facçaõ. O Governador tinha muito boas razoens para lhe naõ dar a conhecer a indifcripçaõ da propofiçaõ, que elles lhe tinhaõ feito, e para os naõ envergonhar de lha fazerem. Mas quando foube que o Idalcaõ, feita a paz com os feus inimigos, fe adiantava com grandes jornadas, que tinha quarenta mil homens de Infantaria, e finco mil cavalos; Timoja tendo renovado os feus occultos artificios, o temor entaõ de naõ poder refiftir a grandes forças, o faftio de trabalhar nas fortificaçoens, e a

ambi-

Ann. de J. C. 1510. D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

ambiçaõ de se empregar n'outros interesses mais pessoaes, fizeraõ que cada hum achasse razoens plauziveis do bem do estado, para apoiar as pretençoens de Timoja, e para obrigar o Governador a desistir de huma empreza que todos julgavaõ superior ás suas forças.

Albuquerque dissimulava, precizava sua constancia para resistir a esta torrente, mas era obrigado a ter paciencia. A pezar da sua moderaçaõ adiantaraõ-se tanto os revoltosos, que lhe corromperaõ até 900 entre os seus subalternos. Teve a felicidade de os apanhar n'uma caza; onde deliberavaõ de lhe fazerem propor sediciozamente pelas suas tropas, que lhes pagasse o soldo em dinheiro, e naõ em viveres. E chamando dois dos principaes, por quem soube quaes eraõ os Auctores de todos estes movimentos, remunerou-os, e se contentou de reprehender fortemente os outros. Passado algum tempo livrou-se de Jeronymo Teixeira, concedendo-lhe a licença, que lhe pedia para hir a Cochim, onde Jorge da Silveira tomou a confiança de o seguir sem licença.

Em quanto o General estava assim occupado em defender-se das traiçoẽs dos habitantes, e das conspira-

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

raçoẽs dos ſeus, o Idalcaõ ſe diſpôz a vir ſitiar Goa com todas as ſuas forças. Primeiramente fez, que ſe adiantaſſe huma parte das ſuas tropas, dirigida por hum dos ſeus melhores Capitaẽs, chamado Pulatecaõ, eſperando unir-ſe-lhe com o groſſo do exercito. Pulatecaõ naõ encontrando reſiſtencia na ſua marcha, adiantou-ſe até ás duas paſſagens da Ilha, a que chamaõ os Poſſos de Benaſtarin, e de Agacin, e ſe acampou ſobre o pequeno rio de Salcete, ao pé da cadêa das montanhas de Gate, que atraveſſaõ toda eſta Peninſula da India. Intentava eſte General entrar na Ilha em a primeira occaſiaõ favoravel que tiveſſe, para o que mandou fazer grande quantidade de jangadas, e de canoas de ſalgueiros para á paſſagem das ſuas tropas. E porque a artilheria de Garcia de Souſa, que commandava no paſſo de Benaſtarin, e a do navio de Ayres da Silva, que eſtava no meſmo porto, poderia incommodalo muito, fez correr huma cortina, que o eſcudou inteiramente d'uma, e outra.

O dezejo, que Pulatecaõ tinha de poder entrar em Goa, antes que o Idalcaõ o encontraſſe, o fez tentar as vias da negociaçaõ, primeiro que

as

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

as hoſtilidades. O trombeta que inviou, era hum dos degradados, que Pedro Alvares Cabral tinha deitado na Coſta de Affrica, chamado Joaõ Machado, Portuguez de naçaõ. De Melinde tinha paſſado a Diu, e dalli a Goa, onde o Idalcaõ ultimamente morto ſuppondo-o Turco em Religiaõ, e em origem, e achando-lhe merito, lhe deo huma companhia de Rumes. As propoſiçoẽs de Machado eraõ de modo, que parecendo querer o bem da ſua naçaõ, favoreciaõ todas as pertençoẽs de quem o enviara, e repreſentando ao Governador „ A impoſſi-„ bilidade em que ſe achava para re-„ ſiſtir a hum taõ poderoſo exercito, „ no meio d'uma Cidade preſtes a ſub-„ levar-ſe, com hum punhado, por „ aſſim dizer, de Portuguezes, que „ pouco ſe uniaõ com elle, e iſto na „ entrada d'um inverno, que o impoſ-„ ſibilitaria a retirar-ſe, ſe elle „ naõ tomaſſe as ſuas medidas para o „ previnir por huma capitulaçaõ hon-„ rada, e vantajoza. „

Poſto que Albuquerque teſtemunhaſſe o ſeu agradecimento a Machado, pela boa vontade que eſte lhe moſtrava, e pelos ſerviços que lhe poderia fazer, ſabendo bem o pouco cazo, que ſe de-

ve

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

ve fazer da fé deftas peffoas, naõ fe fiou delle mais que a bom partido, e fuppondo que lhe poderia ter exagerado muito as forças do inimigo, confirmou-fe no propofito de fe confervar na fua conquifta, e de niffo pôr o ultimo esforço.

Timoja caufava-lhe fugeiçaõ. O difgofto que elle lhe tinha dado pelas fuas intrigas com os Officiaes, e a pouca folidez das tropas defte Indio, que eftando poftadas ao Paço d'Augin, eftavaõ fempre no ponto de o defemparar, lhe faziaõ fufpeita a fua fé. Certamente creio, que Timoja naõ penfava em traiçaõ. Eftava prezo por muito grandes vantagens, porém a fua conducta occafionava algumas fufpeitas. O Governador, que queria certificar-fe o fez cahir n'um laço, em que elle mefmo fe meteo. Hum dia em que Albuquerque lhe teftemunhava a defconfiança, que tinha dos principaes Mouros da Cidade, que temia fe voltaffem para o feu antigo fenhor, e fallando-lhe com o coraçaõ aberto como quem preciza de confelho, lhe preguntou como fe tiraria de cuidado nefte ponto „ Refpondeo Timoja, obrigai-os a meter fuas mulheres, e „ filhos na Fortaleza, como feguros

„ pe-

Ann. de J. C. 1510. D. Manoel Rei Affonso d'Albuquerque Governador.

„ penhores da ſua fidelidade. Iſſo ſe-
„ rá dificil , replicou Albuquerque ,
„ ſe naõ tiverem quem lhe dê exem-
„ plo ; mas como vós eſtais aqui á
„ ſua teſta , ſe virem que o fazeis
„ ſem repugnancia , elles o faraõ de
„ boa vontade. „ Timoja atterrado deſ-
te golpe impreviſto naõ pôde arrecuar ,
obedeceo , e fez obedecer os outros.
Deſte modo aquietou o eſpirito do
Governador , que niſto fez huma ve-
nida de meſtre.

Eſta prevençaõ naõ impedio as
traiçoẽs , e o General teve muitas pro-
vas por eſcrito , abrindo as cartas , en-
tre as quaes elle achou , de Miral , e
de Meliquè Sufe-Condal , de quem pa-
rece , devia menos deſconfiar ; porque
o primeiro tinha moſtrado grande de-
zejo de entregar a Cidade aos Portu-
guezes , e o ſegundo era intimamente
ligado a Timoja , que lhe tinha n'outro
tempo dado hum aſilo , depois que fo-
ra expulſado de Goa pelo defunto Idal-
caõ. Albuquerque disfarçou no principio,
deixando a vingança para ſeu tempo.

Com tudo vigiava como Capitaõ
mor , e tinha a Ilha tambem fechada ,
que os inimigos naõ podiaõ penetra-
la. Nada eſtava mais bem eſtabelecido ,
que todos os ſeus poſtos. Tinha fei-
to

o armar trincheiras de huns a outros, visitava-os pessoalmente, e tinha posto corpos de reserva para socorrer a todos em cazo precizo. Hum dos primeiros cuidados foi de ajuntar todos os bateis, para que os inimigos se naõ podessem aproveitar delles: mas quando elle deo a ordem, o Sabandar, ou Commissario da Marinha, que era traidor, e a esperava, os tinha enviado todos para os inimigos, que delles se tinhaõ apoderado. Naõ se lhe demorou o castigo, porque naõ podendo dar razaõ desta conducta, Albuquerque o fez matar pelos seus guardas, e deitar seu corpo no rio.

Ann. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI.

AFFONSO D'ALBUQUERQUE, GOVERNADOR.

A sentinela, que fasiaõ as tropas Portuguezas, que estavaõ sempre á lerta, cortando a esperança a Pulatecaõ de as poder forçar de dia, rezolveo surprendelas n'uma das noites do inverno em que entravaõ, e que saõ acompanhadas de vento, e chuva. Escolheo a de 17 de Maio, que veio como a desejava. Sufolarim Official de credito commandando hum corpo de dois mil homens, entre os quaes havia mil e trezentos Rumes, ou brancos, devia hir descer ao Passo de Benastarim, e Melique Sufe-Curgi com outro igual corpo, devia hir descer com

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

com os *Coties*, ou pequenos bateis; que o Sabandar tinha enviado de Goa, ao posto de Gondalim. Foraõ taõ felices, que desembarcaraõ metade dos seus, antes que fossem percebidos. E posto que ao despontar do dia os Portuguezes fizessem grande fogo com a sua artilheria, e huma grande destruiçaõ nos que tinhaõ passado, com tudo crecendo sempre o numero dos inimigos, foraõ tomados os dois postos, e os Portuguezes forçados a se retirarem para á Cidade; de sorte que Pulatecaõ naõ achando quem lhe fizesse cara, passou as suas tropas para á Ilha, e veio acampar-se em hum lugar chamado *as duas arvores* a meia legoa de Goa. Victoria facil, mas que naõ o teria sido, se dois dos principaes Officiaes Portuguezes tivessem querido fazer a sua obrigaçaõ.

O Governador naõ foi inteirado, de que os inimigos estavaõ na Ilha, se naõ pensando no perigo mais eminente, fez sahir da Cidade todas as tropas Indianas, que ahi estavaõ, com o pretexto de soccorrerem o posto de Benastarim. Bem preveo que ellas hiriaõ encontrar os inimigos, assim como tinhaõ já feito as tropas de Timoja; mas era-lhe mais vantajozo

jozo apartalas,do q̃ conſervalas na praça, onde poderiaõ dar-lhe maiores trabalhos.

Querendo depois vingar-ſe dos traidores, fez degolar alguns, e fez enforcar outros na Cidadella, mui ſecretamente para que os habitantes ignorando eſta execuçaõ ſe conſervaſſem no reſpeito dos penhores, que elle tinha em ſeu poder. Mas como naõ poderaõ perſuadir-ſe, que elle foſſe ás ultimas a ſeu reſpeito, naõ occultaraõ a inclinaçaõ que tinhaõ ao inimigo, e tanto que Pulatecaõ avançou as ſuas tropas para á Cidade, tudo pareceo preſtes a ſublevar-ſe. Pulatecaõ perdeo com tudo tres dias diante da praça, foi obrigado a fazer huma obra avançada, e nella cavalgar algumas peças de artilheria para fazerem brecha. Entaõ correraõ os habitantes ás armas Os Portuguezes attacados dentro, e fóra, combateraõ com muito valor. Timoja, e Menaique, ambos Indios, e fieis ao ſeu partido, aſſignalaraõ-ſe neſta occaſiaõ: porém arraſtados pela multidaõ dos agreſſores foraõ obrigados a ganhar a Cidadella com Albuquerque, que lhe cuſtou bem ſalvar-ſe nella. Antes de ſe recolher teve a pervençaõ de deitar fogo aos armazens, e ás embar-

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

caçoẽs, que eftavaõ nos eftaleiros, o que fez alguma diverfaõ, fendo os inimigos obrigados a concorrer ahi para trabaharem na fua extinçaõ.

Na precizaõ em que Albuquerque fe achava defpachou para Cochim, e enviou ordem á Jeronymo Teixeira, e a Jorge da Silveira para virem unir-fe-lhe, e lhe conduzirem foccorro. Mas eftes dois homens a quem o odio cegava, defprezaraõ as fuas ordens, e as fuas rogativas. D'outra parte a divizaõ fe augmentava entre os feus, cujo atrevimento, e a revolta cobravaõ novas forças á medida, que lhe parecia ter mais razaõ para combater a fua obftinaçaõ. Pulatecaõ que eftava informado de tudo o que fe paffava, atiçava o fogo defta divizaõ pelas licenças, que dava ao General de retirar-fe com honra, e pelo terror que lhe queria infpirar, publicando o defignio, que elle tinha de queimar a fua frota, feja porque efperaffe por iffo obrigalo a deixar a partida, ou porque naõ dezejaffe mais, que augmentar a perturbaçaõ. Machado fempre zelozo, quando menos na apparencia, avizava de tudo, e os feus avizos, que fe achavaõ fempre verdadeiros, produfiaõ o effeito de envolve-

volverem sempre cada vez mais o Governador com os seus subalternos.

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Nisto chegou o Idalcaõ, e entrou na Cidade com o resto das tropas. A primeira coisa que fez, foi tentar embocar o canal do rio, para impedir a sahida á frota Portugueza, e assegurar-se de poder queimala. Para este effeito fez alli encalhar dois corpos de embarcaçoẽs no lugar onde o canal era mais estreito. Albuquerque se achou entaõ n'uma terrivel extremidade. Vio-se na precizaõ de abandonar a Cidadella, para salvar a sua frota, com o que naõ sabia se o canal estava absolutamente fechado, ainda na supposiçaõ, que podesse forçar a passagem, era obrigado a invernar nos seus navios, tendo toda a probabilidade, que a barra estaria entupida pelas areas, que as tempestades alli ajuntaõ no principio do inverno.

Felizmente como este era o tempo das innundaçoẽs, o crescimento das aguas lhe abrio caminho, de modo que os seus navios podiaõ passar em fileira a lado das embarcaçoẽs encalhadas. Sobre isto tomando a resoluçaõ de despejar a Cidadella, foi justificar novamente os traidores, fazen-

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

do morrer até cento ſincoenta peſſoas que tinha em penhor. Fez depois eſpedaçar, e ſalgar os cavallos das eſtrebarias do Idalcaõ, para remediar a fome, e tendo peſquizado o modo para embarcar tudo o que queria levar, tomou a noite para fazer a ſua retirada. D. Antonio de Noronha fazendo largar fogo a hum armazem intempeſtivamente, advertio com iſſo os inimigos do intento da fugida. Albuquerque os teve logo em ſima, de ſorte, que naõ pôde ganhar as ſuas náos ſem combate, e correo muito riſco matando-lhe o cavallo em que hia.

A alegria, que teve o Idalcaõ de ſe ver ſenhor da Cidadella, foi bem aguada pelo horrorozo eſpetaculo de tantas cabeças cortadas, e cadaveres deſcabeçados, que elle achou na praça, e pelos gritos dos parentes dos mortos, os quaes ſendo todos dos principaes da Cidade pertenciaõ quaſi a todas as cazas, que ſe cubriraõ de luto. Entre tanto Albuquerque vogou com as velas cheias, e foi ancorar em hum portinho eſpaçozo entre a ponta de Rebandar, a barra, e os Fortes de Pangim, e de Bardes. O Idalcaõ que o tinha feito ſeguir por

hum

hum bragantin, temendo que elle se apoderasse destes Fortes, enviou-lhe Machado para o enterter com proposiçoés de paz. E posto que a altivez do Governador fosse tal, que as coisas que elle fazia da sua parte, podiaõ passar por extravagancias, por serem arrogantes, este Principe naõ deixou de continuar as suas negociaçoés, até que estes dois pontos fossem inteiramente estabelecidos. Doutra parte os Capitaés queriaõ absolutamente obrigar Albuquerque a sahir da barra, e posto que isto fosse contra o voto de todos os Pilotos, naõ socegaraõ senaõ quando por condescendencia elle permitio a Fernando Peres de Andrade, tentar a sahida com o navio S. Joaõ, que a teima deste Official fez perecer, de modo com tudo que salvaraõ a equipagem, e toda a carga.

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Preparada a artilheria dos Fortes, começou a jugar com tanta felicidade, que como o portinho onde estava a frota, posto que grande, naõ o era assás para ella, Albuquerque naõ sabia aonde se metesse, e era obrigado a fazer mudar continuamente de lugar os seus navios, sem lhes poder achar seguro azilo. Sentio-se taõ cruel fome, que foraõ obrigados a come-

rem

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

rem ratos, e até os couros dos baús e dos escudos: porém o que mai mortificou o General, foi a deserçaõ de tres dos seus, que contaraõ ao Idal caõ o estado miseravel, a que esta vaõ redusidos. Este Principe que er taõ civilizado como valerozo, lh enviou, logo que teve a primeira no tocia, huma fusta cheia de viveres, refrescos, mandando-lhe dizer: „ Qu „ pelas armas he que queria vence „ os seus inimigos, e naõ pela fo „ me. „ Mas Albuquerque que cre que o Idalcaõ desejava saber na ver dade se elle estava com effeito en taõ grande extremidade, uzou de fin gimento. Porque fazendo expor sobr a tolda hum quarto de vinho com pouco biscouto, que tinhaõ reservad para os doentes, como para todo uzarem á descripçaõ, illudio o laço e recambiou o prezente, respondend ao Official que o trazia, engraçada e altivamente no mesmo tempo. „ Di „ zei ao vosso Senhor, que eu lhe so „ obrigado, mas que naõ receberei o „ seus prezentes, senaõ quando for „ mos bons amigos. „

Soffrendo sempre a frota muit artilheria dos fortes de Pangim, e d Bardes, resolveo o Governador de s li-

livrar desta impunidade, intentando ganhalos por viva força. A empreza era atrevida, e mesmo temeraria. Na má vontade, que os Officiaes lhe tinhaõ, vio bem que naõ conseguiria resolvelos a isso, propondo o negocio em deliberaçaõ no Conselho: e por isso juntando-os, lhes diz determinadamente, que elle estava determinado a attacalos, que naõ obrigava algum a seguilo, mas que iria na frente dos que voluntariamente o seguissem. Esta maneira de propor surtio effeito. Todos quizeraõ, e todos ahi deraõ as maõs.

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

O Idalcaõ, que tinha sido avizado por hum fugido, tinha reforçado a guarniçaõ de Pangim com quinhentos homens, seguindo o conselho de Machado, que se tinha obstinado, contra o parecer dos outros Officiaes, dizendo que os Portuguezes ganhavaõ o Forte, ainda que fossem muito incommodados. Ainda que depois da evazaõ do fugido, Albuquerque desconfiasse, que o Idalcaõ enviaria este reforço, com tudo preparou-se a dar o seu golpe desde a mesma noite. Tendo feito o seu projecto, e destribuido a sua gente por mar, e terra, para attacar por differentes partes ao mesmo tempo os dois Fortes, e o mes-

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

mesmo campo de Pulatecaõ, que estava postado sobre hum oiteiro muito perto do Forte de Pangim, para o socorrer segundo a necessidade; chegou ao desembarque duas horas antes do dia, sem que o percebesem. Tendo entaõ feito tocar á combate com o maior numero de trombetas, e tambores, que lhe foi possiuel, attacou todos os lados. Pulatecaõ, que julgou ter toda a armada Portugueza sobre si, naõ lhe lembrou mais do que porse em fugida para se retirar para á Cidade com precipitaçaõ. Os que guardavaõ o forte de Pangim, tinhaõ passado muita parte da noite a beber, e todos estavaõ sepultados em profundo sono. Como elles todos estavaõ dormindo dentro, e fóra do Forte, onde naõ podiam caber todos, sem alguma precauçaõ, portas abertas, e as mesmas guardas dormindo, foraõ vencidos antes que tivessem, por assim dizer, tempo para se defenderem. Foraõ ganhados os Fortes, a artilheria, e os viveres embarcados, e esta valentia, que foi huma acçaõ muito memoravel, custou aos Portuguezes poucos homens, e alguns feridos. O Idalcaõ nella perdeo tres dos seus Capitaẽs, 150 Rumes, e 100 Indios, que ficaraõ na praça.

Fi-

Ficou elle taõ affuſtado, que temendo que os vencedores o vieſſem ſitiar a Goa, ſahio d'ahi, e fez novas propoſiçoēs de paz.

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Reſtavalhe hum grande recurſo na eſperança, que tinha de queimar a frota. Tinha para eſte effeito preparado quantidade de jangadas cheias de materias combüſtiveis, que devia fazer ſeguir, e ſuſtentar por oitenta embarcaçoēs a remos, cujo deſtino era para matar os Portuguezes, que ſe deitaſſem ao mar quando os ſeus navios ſe queimaſſem. Albuquerque naõ ignorava eſte projecto, e tomou logo algumas medidas para ſe defender delle, mas penſando tudo bem, julgou que era melhor prevenir o golpe, e hir queimar as jangadas antes que ellas foſſem lançadas. Deo eſta commiſſaõ a Antonio de Noronha ſeu ſobrinho, a quem deo 300 homens eſcolhidos repartidos em dez chalupas, que elle fez preceder d'uma fuſta, d'um parão, e das duas galeras de Fernando de Beja, e de Antonio de Almada. Ordenou a eſtes ultimos, que deitaſſem gente em terra para trazerem alguem, que os pudeſſe inſtruir da ſituaçaõ dos inimigos, mas eſtes naõ vendo apparecer peſſoa alguma, e enfadan-

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

fadando-se de esperar, foraõ ancorar a hum tiro de canhaõ longe da Cidade. Joaõ Gonçalves Castelbranco, que commandava o paráo, foi assás animozo para hir ahi dar-lhe huma vista dólhos, e passar por baixo do fogo das batarias, de que naõ recebeo incommodo.

D. Antonio de Noronha chegando aonde as suas galeras estavaõ ancoradas, percebeo pelo seu travez trinta paráos commandados por Sufolarim, que vinhaõ da parte da Ilha de Divarin. Temendo entaõ ser metido entre dois fogos, e attacado pelas outras pequenas embarcaçoẽs, que veriaõ da parte da Cidade, dividio as suas chalupas em dois corpos. Entregou seis ao commando de Jorge da Cunha, que inviou contra estes ultimos, dando-lhe ordem de naõ atirar, sem que elle desse signal. Elle com as quatro chalupas defendidas pelo paráo, e pela fusta, e pelas galeras, foi afrontar Sufolarim.

Começado o combate por todas as partes, Cunha pôs em fugida logo os paráos, que tinha em frente, e os acuou contra a praia, onde naõ podendo seguilos, os varejou muito tempo a seu gosto. Sufolarim resistio mais,

mais, e batalhou bem, mas hum tiro de canhaõ bem apontado levando-lhe alguns remeiros, o voltou para a Cidade: Noronha o ſeguio de taõ perto, que o obrigou a encalhar defronte da porta da Cidade, que ſe chamou depois de Santa Catherina. E porque entaõ acharaõ eſtar a proa da ſua chalupa na poupa da fuſta inimiga, os dois Andrades ſaltaraõ logo dentro, e foraõ ſeguidos de mais tres, o que atemorizou de modo o Suſolarim, e os ſeus, que deitando-ſe abaixo, abandonaraõ a embarcaçaõ. Em todo eſte tempo chovia de ſima dos muros, e da praia huma nuvem de tiros, dos quaes hum ferindo Noronha na polpa da perna eſquerda no tempo em que hia ſaltar para á fuſta de Suſolarim, depois dos outros ſinco, que tinhaõ já entrado, recahio para á ſua chalupa, que tendo-ſe ſeparado da fuſta, porque entaõ naõ penſaraõ mais que ſoccorrelo, os ſinco valerozos ficaraõ expôſtos ao furor dos inimigos que os rodearaõ. O ſeu numero era taõ grande, que nenhum dos Capitaẽs ouzou deſembarcar para hir ſoccorrelos: mas Luiz Coutinho, que commandava huma das ſeis chalupas da eſquadra de Cunha, entran-

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI.

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

entrando em huma das outras chalupas com a maior parte dos feus, enviou a fua com o feu Patraõ, e fete remeiros para os tomar. Fernando de Beja chegando no mefmo tempo com a fua galera para defender a chalupa, o Patraõ fe encoftou á fufta, e falvou os valerozos, que combatiaõ como Heroes, á excepçaõ porem de Joaõ d'Eiras, que feu muito valor lançou entre os inimigos, que o mataraõ. Beja intentando inutilmente trazer a fufta a reboque, foi obrigado a deixalá, depois do que, todos fe retiraraõ de noite para fe unirem á frota.

O Idalcaõ, que tinha voltado á Goa, e que foi o obfervador de todo efte combate, agradou-fe tanto do valor dos finco valerozos, e mais que tudo dos dois irmaõs Andrades, que fizeraõ prodigios de valor, e ferviraõ de efcudo aos outros tres, que enviou Machado para os comprimentar da fua parte, mandando-lhe dizer, que elle eftimava tanto o feu valor, que com elles elle efperaria conquiftar toda a India; que os affegurava da fua amizade, e lhes pedia a fua. Elle lhes teria mandado algum prezente, fe Machado lhe naõ tiveffe certificado, que elles lho naõ recebiaõ.

Ef-

Ann. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Esta victoria, que destruio o projecto do Idalcaõ, naõ foi completa pela perda de D. Antonio de Noronha, que morreo tres dias depois da ferida. A sua morte foi tanto mais sensivel a Albuquerque, quanto a dor foi complicada com a noticia, que teve pouco depois do desastre succedido a D. Affonso de Noronha, irmaõ de D. Antonio. Tinha partido de Socotorá para vir tomar o governo da Fortaleza de Cananor, como já dissemos; o navio que o trazia dando por huma tempestade sobre a Costa de Cambaia, confiando-se D. Affonso nas suas forças, foi dos que se deitaraõ ao mar para se salvarem: elle apanhou huma boia, mas chegando á praia onde o mar batia furiozamente, a mesma boia sobre a qual elle estava, o despedaçou. Os que ficaraõ agarrados ao corpo do navio, salvaraõ-se todos, e foraõ conduzidos prezioneiros para á Corte do Rei de Cambaia. Albuquerque amava estes dois irmaõs, filhos de sua irmã, como se fossem seus proprios filhos. Elles ambos tinhaõ infinito merecimento, e por belissimas acçoẽs se tinhaõ destinguido, e eraõ geralmente estimados, e amados. Parece que D. Anto-

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

tonio tinha ſuperior lugar a ſeu irmaõ no coraçaõ do ſeu tio. Porque ainda que tinha ſó 24 annos, elle o diſtinava para ſeu ſucceſſor no governo geral.

Foi eſta verdadeiramente huma perda para o Governador. Porque como D. Antonio era amado, e tinha modos inſinuantes, reſtabelecia os negocios que a rigida auſteridade de ſeu tio tinha perdido. Elle de ordinario ſe fazia medianeiro, e acommodava tudo. Albuquerque experimentou bem de preſſa a ſua falta n'uma precizaõ.

O General tinha no ſeu navio muitas moças filhas dos Mouros rebelados, que nunca quiz reſtituir a ſeus parentes, tendo reſolvido de as fazer inſtruir na noſſa ſanta Religiaõ, e cazalas com Portuguezes, como com effeito fez pouco depois. Chamava-lhes ſuas filhas, e havia muito fundamento para ſuppor, que ellas eraõ a ſua paixaõ. Com todas as precauçoẽs, que elle tomou para as guardar, houveraõ muitas deſordens, de que os principaes Officiaes ſe acharaõ os primeiros culpados. Rui Dias moço voluntario convencido do facto foi condenado á forca. Os Capitaẽs mais fogozos, entre os quaes foraõ

os

os dois Andrades, foraõ taõ indignados desta sentença, ainda que dada pelo Auditor das Indias, que tendo sublevado os seus, foraõ tirar o criminozo, e tumultuariamente vieraõ a bordo do navio do Governador, para lhe preguntar em virtude de que poder exercitava elle tal justiça; e entre muitas palavras pouco decentes lhe disseraõ decedidamente, que era precizo livralo, ou mudar-lhe a pena, que naõ convinha por nenhum modo a hum Fidalgo. Albuquerque muito Senhor de si fez semblante de lhe querer mostrar os seus poderes. Os Capitaẽs foraõ sinceros em hir a bordo. Albuquerque entaõ tirando pela sua espada. „ Disse, eis-aqui em cuja vir„ tude eu obro. „ E fazendo-os logo meter em conselho, e tirando-lhe o commando das suas embarcaçoẽs, fez executar a sentença sem remissaõ. Acçaõ de valor, que conteve todos no maior respeito, porém que naõ fez mais que irritar cada vez mais os espiritos.

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

As vantagens, que os Portuguezes tinhaõ conseguido, os tinha feito alargar-se hum pouco por cauza dos viveres, e pela facilidade que lhe deraõ de os tirar das Ilhotas visinhas

de

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

de Goa. Os ſimplices rumores de paz lhe tinhaõ ſido uteis para iſto. Porque como o Governador tinha ainda em ferros muitos Mouros, a que naõ tinha dado a pena ultima, fez-ſe rogar a permiſſaõ para que o feitor Corvinel trataſſe do ſeu reſgate com os parentes dos preſioneiros, e o reſgate era ſempre pago em viveres. A pezar de tudo iſto a frota ſofria fome; porém como o inverno declinava, liſongeavaõ-ſe de ver ſedo o fim de todas eſtas mizerias.

O deſignio do General era naõ ſahir de lá, ſem tomar a Cidade, e neſtas viſtas fez logo partir D. Joaõ de Lima, que devia conduſir os doentes para Anchediva, e ordenar aos navios, que de novo chegaſſem de Portugal, que foſſem unir-ſe com o General á barra de Goa. Timoja foi deſpachado no meſmo tempo com as ſuas fuſtas para hir buſcar viveres a Onor. Albuquerque tinha noticia certa, de que o Rei de Narſinga deſenganado da falſa idéa, que lhe tinhaõ dado da tomada de Goa, tinha de novo rompido com o Idalcaõ, e ſe tinha unido aos Principes ſeus tributarios, para hir ſitiar a Cidade de Tiracol, o que obrigava ao Idalcaõ a

dei-

deixar Goa; para hir em ſocorro deſta praça. Porém os Capitaẽs eſtavaõ taõ eſtimulados contra o Governador, que elle os naõ pôde perſuadir com as melhores razoẽs, de modo que intimidado das afrontas que recebia ſempre, ſe reſolveo a levar a ancora para ſe retirar. A primeira tentativa foi inutil, e foi obrigado a tornar a tras com Lima, e Timoja, que naõ tinhaõ podido paſſar. Finalmente em 15 de Agoſto eſtando preſtes, ſahio da barra, e no meſmo dia aviſtou a frota de Diogo Mendes de Vaſconcellos, que chegou de Portugal.

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Além de huma frota de trinta velas, que o Rei D. Manoel pôs no mar contra os Mouros de Fez, e de Marrocos a quem elle continuava a fazer guerra, eſte Principe fez partir neſte meſmo anno outras tres frotas para o novo Mundo. Vaſconcellos commandava huma de quatro navios, que elle enviava a Malaca, antes de ter recebido noticia alguma de Diogo Lopes de Siqueira, que ahi tinha enviado nos annos precedentes. A ſegunda era de ſete navios conduzida por Gonçalo de Siqueira, cujo deſtino era para as Indias: e a terceira de tres embarcaçoẽs, que deo a Joaõ Serraõ,

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

que tinha ordem de hir tomar exa-cto conhecimento da Ilha de Mada-gascar, e das utilidades, que della poderiaõ tirar. Porém Serraõ tend perdido muito tempo nesta Ilha co rendo-lhe os seus portos, sem maic felicidade, do que os que o tinha precedido, continuou a sua derrot para ás Indias.

A vinda de todas estas náos de grande gosto a Albuquerque, que di so teve noticia em Anchediva pc Vasconcellos, porém a distinaçaõ de te naõ lhe emportava nada. Livrou se com tudo ao principio de lhe tc car nisso: mas antes o recebeo coı muito agrado, dando-lhe a entend que o naõ podia expedir taõ depre sa, porque a navegaçaõ para Malac se naõ abria antes de tres mezes, pr metendo-lhe que quando fosse propria lhe daria maior numero de náos coı que podesse executar com honra hı ma empreza, que naõ poderia coı seguir com a sua pequena frota.

Fazendo logo quatro esquadra de tres náos cada huma, para cr zar em diferentes lugares da Costa foi a Cananor, onde Duarte de L mos que ahi chegou entaõ, o emb raçou muito. Albuquerque tomou

par-

partido de o receber com diſtinçaõ, como já diſſe, e Lemos ſe contentou por algum tempo com eſtas demonſtraçoẽs honrozas; porém os Capitaẽs deſcontentes, tinhaõ atiçado o fogo da diſcordia, e elle ſe picou a reſpeito de hum Embaixador do Rei de Cambaia, que veio tratar paz com Albuquerque. Lemos entendeo, que o General ſe intrometia nos ſeus direitos, e que elle devia enviar-lhe o Embaixador, porque Cambaia eſtava no ſeu deſtricto. Albuquerque diſſimulou com Lemos, e lhe ſofreo muitas coiſas, que lhe naõ ſofreria noutro tempo. Elle julgou, que o devia conſervar por reſpeito a ElRei, e ás Provizoẽs que tinha. Naõ deixou com tudo de proſeguir na ſua carreira, e de expedir o Enviado de Cambaia. As diferenças deſtes dois homens teriaõ peſſimas conſequencias, ſenaõ foſſem terminadas pela chegada dos navios de Siqueira, que traziaõ ordem a Lemos de voltar para Portugal, e de entregar o Governo a Albuquerque.

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

O Governador concluindo os negocios que tinha em Cananor, e tendo viſto o Rei, de quem recebeo toda a ſorte de honras, vio-ſe obriga-

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

do por hum novo acontecimento c
hir a Cochim. Trimumpara era mo
to no feu retiro. A lei do paiz r
queria, que o Rei que o tinha fu
cedido no Throno, foffe fubftituir ne
ta folidaõ, e cedeffe o feu lugar a
fobrinho, que Trimumpara tinha e
cluido, porque elle tinha tomado
partido de Samorim no tempo que e
te lhe fazia guerra. O moço Rei n
tinha muita devoçaõ para encerrar-
taõ depreffa. Os Portuguezes de C
chim fe oppozeraõ a ifto com tod
as fuas forças, mas o feu compe
dor que tinha já entrado com m
armada na Ilha de Vaipim, pare
eftar na obrigaçaõ de o conftranger
iffo. A prezença do Governador l
tirou os meios, mas o Governador q
tinha outros defignios no penfament
tendo tornado a Cananor, efte Pri
cipe ambiciozo tornou com novas f
ças, que tinha tido do Samorim,
quaes lhe aproveitaraõ pouco. Nu
Vaz de Caftelbranco o deftruio
modo, que penfou fazelo prezion
ro, e lhe tirou para fempre a ef
rança de reinar.

A empreza de Goa eftava fe
pre fobre o coraçaõ de Albuquerqu
mas as contradiçoẽs, que tinha fo
d

o da parte dos seus Officiaes, faziaõ
om que elle naõ ouzasse decla-
r-lhe a paixaõ que tinha. Elle a
ropoz no Conselho, como por to-
ar parecer sobre a conjuntura dos
empos, os quaes se acharaõ taõ fa-
oraveis, que ella foi determinada pe-
pluralidade. Albuquerque teve gran-
e cuidado em tomar os pareceres
or escrito, e naõ perdeo hum mo-
ento em a executar.

Anno de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Elle bem quiz conduzir a esta
mpreza os Capitaẽs destinados a vol-
r para Portugal com Lemos, e Gon-
alo de Siqueira, que tinhaõ ordem
e vir com os navios de carga. Por-
ue ainda que os seus Capitaẽs fos-
em os principaes descontentes, e re-
oltozos, de que elle se desejaria li-
rar; com tudo como elles eraõ bons
Officiaes, e costumados ás guerras das
ndias, naõ se desagradou de que o
uizessem seguir. Porém Jeronymo
eixeira, e os outros bem longe de
ajudar, fizeraõ quanto poderaõ pa-
a fazer encalhar a empreza. Elles
he corromperaõ 500 homens, que se
sconderaõ no momento da partida,
naõ tendo podido seduzir Vascon-
ellos, o calumniaraõ na prezença de
Albuquerque, fazendo dar a este por
Gas-

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Gaſpar Pereira Secretario das Indias
o falſo avizo de que Vaſconcello
queria eſcapar-ſe para hir a Malaca
Por eſta cauza o General, que facil
mente cahio neſte engano, o fez ſen
tenciar com os Capitaẽs da ſua eſ
quadra, a quem tirou o governo da
ſuas náos, que lhe reſtituio logo de
pois, tendo conhecido a falſidade d
acuzaçaõ.

Perto do principio de Novem
bro, o General ſe fez á vela, e fo
ancorar a Onor, que achou em feſ
tas pelas nupcias de Timoja, qu
eſpozava a filha da Rainha de Go
zampa. Albuquerque quiz honrar eſ
tas nupcias com a ſua prezença. A ſu
frota que era de 34 navios, ſendo log
reforçada de outras tres embarcaçoẽ
que Timoja lhe deo, ſe voltou a
mar em quanto o Principe Indio ajuſ
tado com o General, deixando a ſu
noiva, ajuntou tres mil homens da
ſuas tropas para hir unir-ſe-lhe á viſ
ta de Goa.

O medo foi taõ grande em Go
com a chegada da frota, que os For
tes de Bardes, e Pangim foraõ log
deſemparados dos que os guardavaõ
Albuquerque que naõ quiz perder tem
po, aproveitou-ſe da occaſiaõ, e en
viou

-iou algumas chalupas ás ordens dos lois irmaõs, D. Joaõ, e D. Jerony-no de Lima para darem huma vista l'olhos á Cidade, e fazerem sua re-açaõ do estado em que ella se acha-ra. Satisfizeraõ bem elles á sua com-nissaõ, indo até junto da Cidadella, : descubriraõ a terra de muito perto, i pezar das salvas de artilheria, e a :huva de flexas, de que naõ recebe-aõ algum incommodo.

Ann. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

O Idalcaõ tinha deixado na pra-;a nove mil homens, entre os quaes :ontavaõ dois mil Rumes. Tinha-lhe icrescentado novas obras, e a tinha provido de toda a sorte de muniçoẽs le guerra. O General tendo regula-lo o projecto das suas operaçoẽs, foi descer duas horas antes do dia 25 de Novembro a huma justa dis-tancia d'uma obra avançada, que elle precizava ganhar logo. Diviaõ attaca-la a hum tempo por tres partes, em quanto Albuquerque, que devia fazer outro attaque a huma das portas da Cidade, esperava que o mestre da Ca-pitania seguido de trinta marinheiros, tivesse cortado huma estacada, que se achava no caminho, que elle havia fa-zer. Sendo dado o final do attaque com grande estrondo de instrumentos

beli-

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

belicos, D. Joaõ de Lima, Diogo Mendes de Vaſconcellos, e hum terceiro, que commandavaõ os tres corpos deſtinados a dar o aſſalto á obra avançada, a forçaraõ todos tres no meſmo tempo, e ſeguiraõ os inimigos até á porta da Cidade, que eſtes naõ poderaõ bem fechar nas ſuas coſtas, porque Diniz Fernandes de Mello, que ſe achava na teſta dos que os ſeguiaõ, atraveſſou entre as duas tranquetas da porta, que depois ſe chamou de Santa Catherina, a haſte de huma grande lança. Depois de grandes esforços de ambas as partes, os Portuguezes ſe aſſenhorearaõ da porta, e ſe eſpalharaõ inſtantaneamente pelas ruas; e á pezar das pedras, e flexas, que lhe lançavaõ dos telhados, e das janelas das cazas, levaraõ os inimigos diante de ſi, vendo-ſe algumas vezes abafados: porém ſocorridos ſempre a tempo, foraõ ganhar o terreno até ao Palacio do Idalcaõ.

Em quanto eſtes ſe aproveitaõ das ſuas vantagens, Albuquerque, que tinha ouvido todo o eſtrondo, que ſe tinha feito daquella parte, enviou Simaõ Martins para lhe dar relaçaõ do que ſe ahi paſſava: porém

naõ

naõ tendo paciencia de esperar pela sua reposta, enfiou a rua do Arrabalde, que desembocava na porta, que tinhaõ attacado. Ahi lhe cahio em sima hum corpo de Mouros, que fugiaõ da Cidade, e que achando-se entre dois fogos fizeraõ da necessidade virtude, e batalharaõ bem. O General com tudo lhe passou por sima, e entrou no praça.

Com tudo os primeiros, que chegaraõ ao Palacio foraõ muito mal tratados, alguns dos mais fogozos ahi morreraõ, e D. Jeronymo de Lima ahi foi ferido mortalmente. Elles seriaõ todos passados á espada, senaõ fora hum novo reforço, que lhe chegou á tempo. D. Joaõ de Lima vendo seu irmaõ desbaratado quiz-se demorar, mas este, que no estado em que se sentia, naõ fazia já conta da vida, mostrou-lhe o caminho da gloria, e lhe fallou como Heroe. D. Joaõ combatido de duas paixoẽs, seguio o seu parecer, e julgou por melhor vingar-lhe a morte, do que certificar-lhe huma ternura intempestiva. Elles naõ deixaraõ de ter bem que fazer; porque sahio por diferentes partes do Palacio tanta gente a pé, e a cavallo, que logo os investiraõ. Porém

Dio-

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Diogo Mendes de Vaſconcellos chegando neſte tempo, fez declinar a balança, e teve verdadeiramente a honra deſta jornada; como tambem Manoel de Lacerda, que tendo hum ferro de flexa na cara, donde lhe corria muito ſangue, naõ ceſſou de combater: matou hum Abixim, que parecia homem de conſideraçaõ, e montando no cavallo deſte inimigo derribado, acharaõ-no ainda ſó fazendo cara á oito peſſoas que deſafiou.

Depois diſto os inimigos naõ fizeraõ mais reſiſtencia. Cada hum naõ penſou mais que em fugir, e ſe ſalvaraõ pelas portas, ou por ſima dos muros, de ſorte, que quando o General chegou, tudo eſtava feito. Elle fez logo fechar as portas, para empedir os ſeus de ſe deſmandarem, e depois de dar graças a Deos de huma vantagem taõ aſſignalada, armou Cavalleiros Manoel da Cunha, e Frederico Fernandes, que tinha primeiro entrado na Cidade, e alguns outros que ſe tinhaõ diſtinguido mais.

Neſta acçaõ morreraõ ſó perto de quarenta Portuguezes na praça, e trezentos feridos; entre eſtes foraõ os dois irmaõs Andrades, que eraõ ſempre os primeiros expoſtos. A perda

dos

dos inimigos foi muito conſideravel, contando os que paſſaraõ pelo ferro do vencedor, ou ſe precipitaraõ dos muros, e dos telhados das cazas, ou ſe afogaraõ. Fizeraõ particularmente mortandade ſobre os Mouros, e o General banio logo da Cidade, e do ſeu territorio, todos aquelles que tinhaõ eſcapado á deſtruiçaõ, que ſe lhes tinha feito. Mandou tambem lançar fogo aos arrabaldes de Goa, aſſim como tinha jurado, para ſe vingar dos Canarins, e Malabares, que tinhaõ favorecido a vinda de Idalcaõ. Pôs a Cidade á ſaque, e para punir os habitantes, impôs-lhe os meſmos tributos, que elles pagavaõ a ſeu primeiro Senhor.

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Timoja chegou pouco depois da acçaõ, e naõ teve com que podeſſe juſtificar a ſua tardança, e deſvanecer as ſuſpeitas da traiçaõ, ſenaõ a preſſa, e brevidade, com que tudo ſe fizera. O eſpirito do General victoriozo era muito vivo para ſoccegar com o goſto d'uma nova conquiſta. A execuçaõ d'um projecto fazia nelle deſpertar a idéa d'outro. Elle tinha tres principaes. O primeiro era o do mar Roxo. ElRei D. Manoel apertava muito pelas noticias, que tinha tido do

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

do Levante, de que o Califa preparava huma poderoza frota em Suez pelas vivas instancias do Samorim, dos Reis de Ormuz, d'Aden, e de Cambaia; e elle tinha dado as ordens necessarias para obrigarem ao Rei de Aden, por bem ou por mal, a deixar edificar huma Cidadella na sua Capital: que a naõ poder ser, se fundasse huma na Ilha de Camaran, que era melhor que a de Socotorá, onde os navios naõ podiaõ invernar. Com effeito Albuquerque enviou entaõ Fernando de Beja para a destruir, porque além de ser inutil, custava muito a conservar. O segundo projecto era o de Ormuz, que elle tinha sempre no coraçaõ: e o terceiro era em fim a empreza de Malaca, na qual naõ parecia que pensava senaõ por favorecer a commissaõ de Diogo Mendes de Vasconcellos, que se tinha destinguido muito na tomada de Goa. Effectivamente hum dos seus primeiros cuidados, foi mandar ordens a Cananor para aprontarem tudo para á viajem deste Official.

Entre tanto empregava-se todo a assegurar-se de modo de Goa, que lha naõ podessem tirar nunca; e depois do fim de Novembro até ao fim de

Ann. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

de Março do anno feguinte, naõ perdeo elle hum fó momento, affim em a fortificar como em lhe introduzir huma fórma de governo eftavel. Como elle queria fazer ahi huma Cidade Portugueza, o feu maior difvelo foi eftabelecer nella os Portuguezes, que fe quizeraõ ahi confervar. Cazou-os com as filhas dos Mouros, e Gentios, que elle confervava prefioneiros; e a fim de os obrigar mutuamente diftribuio-lhe as cazas, e as terras dos Mouros, que tinha banido, ou lhe deo empregos nas rendas, e Alfandegas; e fe fez além diffo em extremo humano, e agradavel para com efta nova Colonia. Affiftia ás ceremonias deftes cazamentos, e pofto que fe pareceffem com os dos primeiros Romanos com as Sabinas roubadas, com tudo aproveitaraõ. Elle mandou logo bater moeda, para tirar o valor á dos Mouros, e regulou muito bem a fazenda Real, como tambem as rendas das quaes conferio a Superintendencia a Merlao irmaõ do Rei d'Onor.

Por todo efte tempo, recebeo os Embaixadores de quafi todos os Soberanos da India, que o enviaraõ faudar fobre a fua nova conquifta, e pro-

Ann. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

procuraraõ a ſua aliança. A ſua Corte aſſimilhava-ſe entaõ á d'um dos maiores Monarcas do mundo, e elle conſervava-lhe o eſplendor com toda a pompa, que ſe pode imaginar.

O tempo paſſava, e Diogo Mendes de Vaſconcellos, vendo que o Governador o entretinha com boas palavras, pedio-lhe que ſe declaraſſe. Elle o fez com razoẽs muito ſolidas, fazendo-lhe conhecer a impoſſibilidade da ſua empreza; porém querendo adoçar-lhe o diſgoſto do que lhe negava, òfereceo-lhe, ou o Governo de Goa, ou outras vantagens conſideraveis, no cazo que elle intentaſſe voltar para Portugal. Naõ ſe ſatisfazendo Mendes, Albuquerque lhe fez fallar pelos ſeus amigos. Mas naõ baſtando nada para o adoçar, e moſtrando-ſe eſte Official ſempre determinado a ſeguir o ſeo deſtino, naõ lhe obſtando nada. O Governador pôs o negocio em deliberaçaõ no Conſelho, e fez intimar judicialmente a ſentença a Mendes ſob pena de degredo para elle, e de morte para os mais da ſua eſquadra, no cazo de paſſarem ávante. Partindo Mendes a pezar deſta prohibiçaõ, elle o fez ſeguir com ordem de o fazerem voltar, ou

de

de o meterem no fundo. Mendes teve a infelicidade do tempo contrario o demorar na barra de Goa. Elle com tudo naõ fe rendeo fenaõ depois de alguns tiros, que lhe cortaraõ a verga do maftro grande, e lhe mataraõ dois moços. Os culpados foraõ procurados. Mendes foi condemnado a fer reconduzido para Portugal, e á prizaõ até partir. Diniz Cerniche Capitaõ devia fer degolado, e os mef-tres pilotos enforcados. Houveraõ dois executados no principio em prezença de todos os Miniftros eftrangeiros, que approvaraõ muito efta juftiça do General, por onde conceberaõ delle huma grande idéa. Porém á rogos dos Officiaes Portuguezes, elles pediraõ perdaõ de vida para os mais, e o obtiveraõ.

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

O General parecia querer fempre feguir o projecto do mar Roxo. Com effeito fez-fe á vela para o executar; mas tendo-fe feito hum pouco ao largo, para evitar os baixos de Padova, experimentou huma tempeftade. Devia elle tela prefentido, por fer a fezaõ dos ventos geraes, e regulares, que fazem por alguns mezes impoffivel a navegaçaõ da India no Golfo Arabico, e pelo contrario fazem a mon-

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

monçaõ para Malaca. Pareceo entaõ que elle naõ tinha deficultado a Vasconcellos esta empreza em razaõ de a querer tentar elle mesmo. He certo que só elle com todas as suas forças o podia conseguir.

Tendo em fim tomado a resoluçaõ do parecer de todos os seus Capitaẽs, virou de bordo, e tocou de passagem Goa, Cananor, e Cochim, onde depois de ordenar os negocios do seu Governo, atravessou o Golfo de Bengala, tomou no caminho alguns navios de Cambaia, que navegavaõ sem passaportes seus, e abordou a Pedir na Ilha de Sumatra. O Rei de Pedir, a quem a sua vista intimidou, lhe enviou nove, ou dez Portuguezes da tropa d'Araujo, que tinhaõ escapado de Malaca. Estes lhe noticiaraõ a revoluçaõ succedida n'esta Cidade, onde o Rei no ponto de ser opprimido por Bendará seu tio, evitou-lhe os designios fazendo-o degolar. Elle teria ahi feito o mesmo ao Chabandar dos Guzarates, que era da conspiraçaõ, se este attentando pela sua vida senaõ salvasse junto do Rei de Pacen, com quem estava. Como o Bendará, e o Chabandar tinhaõ sido os principaes autores da trai-

çaõ

çaõ feita a Siqueira, esta noticia que deo gosto ao General, porque della tirou hum bom agouro.

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Elle partio do porto de Pedir muito contente das attençoēs, que o Rei lhe fez, e foi ancorar no de Pacen onde lhe fizeraõ as mesmas demonstraçoēs, porém alli conheceo logo a pouca sinceridade: porque o Rei de Pacen, que lhe tinha promettido de lhe entregar o Chabandar dos Guzarates, lho deixou escapar, na esperança que elle poderia obter o seu perdaõ do Rei de Malaca, pela noticia que elle lhe levava da chegada da frota Portugueza. No mesmo tempo procurava divertir o General, para dar tempo a Mahmud para se pôr em defensa. Albuquerque percebeo isto, porém naõ querendo romper com este Princepe, tornou logo a fazerse á vela. O Chabandar alcançou logo o merecido castigo; o General o apanhou na sua fugida sem o conhecer. Elle brigou como hum desesperado. Todos os da sua embarcaçaõ ficaraõ mortos com elle, e elle ferio todos os da que o attacaraõ. Aconteceo entaõ huma coisa que pareceo prodigioza, porque quando o despiraõ, o acharaõ todo coberto de

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

feridas, ſem que appareceſſe huma gota de ſangue: porém depois que lhe tiraraõ hum bracelete de oiro, no qual eſtava engaſtado hum oſſo d'um animal, que no Reino de Siaõ chamaõ Cabis, ſahio em torrentes de todas as feridas, onde eſte oſſo tinha a virtude de o reter.

Mahmud Rei de Malaca depois do que fez a Siqueira, devia eſperar alguma hoſtilidade da parte dos Portuguezes, por iſſo ſe naõ devia admirar da vinda d'Albuquerque; e antes parece que a eſperava. Porque ainda que a ſua Cidade eſtiveſſe toda aberta, tinha mil homens de tropa, e hum numero prodigiozo de peças de artilheria, de ſorte que parecia fiar-ſe muito das ſuas forças. Com tudo naõ deixou de enviar ſaudar o General, e de dar algumas ſatisfaçoẽs a cerca do paſſado, deſculpando-ſe com o Bendará, a quem dizia elle, tinha punido com os rigores da ſua juſtiça pela pena ultima. Albuquerque naõ quiz receber as ſuas ſatisfaçoẽs, e ſe contentou com lhe pedir, que lhe remeteſſe Rui d'Araujo, e os outros Portuguezes com todos os effeitos d'El-Rei ſeu Senhor, que tinhaõ ſido apanhados, e decipados.

Ma-

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Mahmud dezejou dar alguma ſatisfaçaõ a Albuquerque pelo temor que lhe inſpirou a ſua prezença, e pela incerteza em que eſteve ſe devia rezolver-ſe á guerra, cujos acontecimentos temia. Porém Aladin ſeu filho, e Principe hereditario de Malaca, e o filho do Rei de Pam, que ſe achava entaõ neſta Cidade, onde tinha vindo para eſpozar-ſe com a filha de Mahmud, e o novo Chabandar dos Guzarates, que naõ era menos inimigo dos Portuguezes, que o ſeu predeceſſor, inſtigando-o inceſſantemente contra eſtes eſtrangeiros, de quem tudo devia temer, determinou-ſe elle com effeito a arriſcar tudo, antes do que dar-lhe a ſatisfaçaõ que lhe pediaõ. Com tudo elle os enterteve com boas promeſſas, a fim de dar tempo ao ſeu Almirante, que eſtava actualmente no mar, de voltar com a ſua frota para ſe unir a outras muitas embarcaçoẽs de remos, que tinha todas preſtes, para com todas juntas queimar a frota Portugueza.

Com tudo a maneira com que elle paleava o General era taõ groſſeira, que ſe podia conſiderar como huma ſerie de inſultos. Albuquerque bem o percebia, e precizava de

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

toda a ſua fleugma para naõ perder a paciencia; porém julgava, que devia ſofrer tudo por amor d'Araujo, a quem devia grandes obrigaçoẽs, e que naõ ſe achava em Malaca em perigo de lá morrer, ſenaõ por ſer ſeu intimo amigo, e que pela razaõ deſta amizade o Vice-Rei D. Franciſco de Almeida ali o enviara como banido. Além diſto julgava dever eſte reſpeito ás ordens do Rei de Portugal, que naõ queria que conſtrangeſſem intempeſtivamente a hum negocio, em quanto houveſſe eſperança de o conſeguir pelos meios de brandura. Emfim elle naõ ſe incommodava de ver que os ſeus Officiaes ſe picavaõ dos inſultos, que lhes faziaõ, para mais os animar á vingança pela grande indolencia, que oppunha á colera delles.

Por tanto enfaſtiado finalmente de naõ ver fim algum á negociaçaõ, fez reprezentar a Araujo a triſte precizaõ em que ſe achava de emprehender alguma coiſa. Eſte lhe reſpondeo nobremente, que naõ cuida-ſe por modo algum nelle, mas ſómente em ſe vingar de hum Principe infiel, que ſó penſava em perdelo. Sobre eſte reſpeito enviou o General algumas chalu-

lupas para lançarem fogo a alguns bairros da Cidade, e a alguns navios de Cambaia. O que aproveitou, porque Mahmud enviou ao campo Araujo, e todos os Portuguezes prezioneiros, pedindo por mercê ao General premitisse, que trabalhassem para extinguir o fogo.

O gosto que teve o General de recuperar Araujo, e os seus o ensoberbeceo muito, e o pôs em estado de fazer proposiçoẽs muito mais fortes. Com effeito elle pedio entaõ: „ Que naõ sómente lhe pagassem o „ valor do que lhe tinha sido tirado „ da feitoria, mas ainda todos os „ gastos do armamento que tinha feito. „ Porque como naõ tinha vindo „ para negocio, mas sómente para repetir „ o que lhe detinhaõ injustamente, „ naõ era de razaõ, dizia elle, „ que supportasse essa despeza. Finalmente „ exegia, que lhe dessem hum „ lugar para fundar huma Cidadella, „ porque depois da traiçaõ feita a Siqueira, „ naõ convinha que os vassallos „ d'ElRei seu Senhor, e os „ seus effeitos estivessem expostos a „ similhantes perfidias. „

Mahmud fingio que accitava estas proposiçoẽs, e deo a liberdade ao Gene-

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

General de efcolher o lugar, que lhe fora mais conveniente. Porém os fubterfugios de que fe fervio, e os avizos fecretos, que alguns Indios amigos dos Portuguezes deraõ, defcobrindo a fua má fé, obrigaraõ a Albuquerque a uzar de força, e a fazer hum affalto á Cidade com a efperança de a ganhar. Araujo o tinha capacitado de que elle feria fenhor da Cidade, tanto que o foffe da ponte, e que ao menos dividiria as forças do inimigo, naõ podendo metade da Cidade communicar a outra. A ponte eftava muito bem fortificada; tinhaõ edificado nella huma efpecie de Caftello de madeira, onde commandava hum dos principaes Officiaes do Rei. Eftava bem guarnecida de artilheria. Dos dois lados tinhaõ feito algumas incifoẽs, ou foffos, que era precizo tomar logo. Além difto huma das faces da ponte eftava defendida pela vifinhança d'uma Mefquita de pedra, e do Palacio do Rei: A outra o eftava igualmente pelos telhados das cazas.

Na Vigilia de Sant-Iago Maior, em que o General tinha huma grande confiança, porque efte grande Santo he protector das Efpanhas, e Pa-

Ann. de J. C. 1510. D. Manoel Rei Affonso d'Alburquerque Governador.

Patrono d'uma Ordem, de que elle era Commendador, todas as chalupas, e escaleres da frota tiveraõ ordem para hirem a bordo da Almirante, para ahi ajustarem o projecto do attaque. O General fez dois corpos de exercito, que cada hum devia hir descer a hum dos limites da ponte, para se reunirem depois ambos no meio. D. Joaõ de Lima commandava o corpo, que devia desembarcar da parte da Mesquita, e do Palacio do Rei. Albuquerque em pessoa condusia o outro, e devia descer na parte opposta onde estava o bairro dos Mercadores. O desembarque se fez com felicidade ao despontar do dia Santo, a pezar do fogo de artilheria, mosquetaria, e d'uma chuva de flexas: e de ambas as partes começou o combate com muita animosidade.

Albuquerque forçou logo os fossos por onde Simaõ d'Andrade entrou primeiro. Naõ sem muito trabalho, e grandes combates, pôde o General penetrar até á ponte, e senhorear-se de metade. Elle se admirava que Lima, que tinha descido da outra parte, naõ tivesse feito outro tanto, e se via embaraçado. Porém Lima antes de chegar á ponte, tinha ti-

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

tido á cara Aladin, e o filho do Rei de Pam feu cunhado, na tefta d'um groffo corpo de tropas: e apenas a partida foi unida com eftes, foi elle obrigado a dividir a fua gente, para fazer face ao Rei, que vinha tomar-lhe a rectaguarda. Efte Principe vinha montado n'um Elefante, precedido de dois outros, e feguido de muito grande numero, efcoltados de mais de quinhentos homens. Cada Elefante tinha huma torre, e a fua tromba armada de fouces, e de fabres. A vifta deftes Elefantes intimidou no principio os Portuguezes. Porém Lima fazendo abrir fileiras, como para lhe dar caminho, e deixalos paffar, os tomou no flanco. Fernando Gomes de Lemos, e Vaz Fernando Coutinho foraõ os primeiros que os attacaraõ. Elles embeberaõ no Elefante do Rei as fuas lanças, e o firiraõ perigozamente. O animal ferido deo grandes gritos, tomou com a tromba o feu conductor, e o pizou aos pés, e retrocedendo, derribou os que vinhaõ atraz delle, e pôs tudo em defordem. Mahmud, que conheceo o perigo em que eftava, porque eftava já ferido n'uma maõ, defceo occultamente, e fe pôs em falvo. A tropa de Ala-

Aladin naõ resistio mais, que a do Rei, Lima se assenhoreou da Mesquita, e da outra entrada da ponte.

Ann. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

O Governador General naõ tinha tido pouco que fazer da sua parte. Porque no mesmo tempo que o Rei se aprezentou para attacar Lima, e os seus, tres Officiaes principaes deste Principe se separaraõ delle, e correraõ para á ponte, seguidos de hum corpo de setecentos homens, para fazer cara ao General, que se achou entre dois fogos, obrigado no mesmo tempo á fazer cara a estes, e aos do lado opposto, que respondia á rua principal da Cidade, donde vinhaõ sempre sobre elle tropas de refresco. Além disso era muito incommodado das flexas, e dos artificios, que lhe atiraraõ de sima dos telhados das cazas visinhas da ponte, sem se poder livrar. Porém quando Lima chegou á ponte, os mesmos inimigos achando-se entre dois fogos, depois d'uma grande resistencia, foraõ obrigados a deitar-se da ponte a baixo no rio para se salvarem. Levando-os a corrente para á parte dos bateis, os mataraõ aquelles que tinhaõ ficado em guarda destes bateis, de modo que escaparaõ muito poucos.

Reu-

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Reunidos assim os dois corpos, e sentindo animar-se o seu valor, pela uniaõ das suas forças; Albuquerque trabalhou por se fortificar sobre a ponte com a mesma madeira, que os inimigos ahi tinhaõ, e fez assestar duas peças de canhaõ á entrada do fosso, que enfiavaõ a rua principal. Para se livrar logo da importunaçaõ dos telhados destacou Gaspar de Paiva, e Simaõ Martins cada hum com cem homens para hirem lançar fogo ás cazas. O fogo pegou de modo, que muitas foraõ consumidas juntamente com o tecto da Mesquita, huma parte do Palacio do Rei, e outro pequeno Palacio ambulante, arrastado sobre rodinhas, que o Rei tinha feito construir, para divertimento nas nupcias da Princeza sua filha.

Albuquerque naõ conseguio com tudo fortificar-se sobre a ponte como dezejava; estava sempre a braços com novos inimigos: os seus estavaõ muito fatigados: tinhaõ passado toda a noite debaixo d'armas: tinhaõ combatido todo o dia; e padeciaõ extrema sede, fome, e o excessivo calor do dia. Apenas se podiaõ ter. O General temia além disso para á sua frota, o retorno na armada dos inimigos, ou as ma-

maquinas que podiaõ lançar ſobre os ſeus navios para os queimar, e de ſorte que elle tomou o partido de ſe retirar, reſoluto de voltar outra vez ao porto, e contente do que tinha feito neſta jornada.

Como o General tinha confiado muito na facilidade, que teria em ſe aſſenhorear da Cidade, pela relaçaõ de Araujo; achou pelo ſuceſſo, que lhe tinhaõ faltado muitas coiſas, das quaes ſe quiz prover, antes de tentar outro attaque. Neſtes cuidados, gaſtou alguns dias em armar hum Junco, que era hum navio de grande porte, que fez armar de groſſas peſſas de artilheria, e cubrir com mantas para o prezervar da artilheria dos inimigos. Encheu-o além diſſo de muitos toneis, e de toda a ſorte de inſtrumentos proprios para ſe poderem ſervir para ſe entrincheirar. Eſte Junco, que parecia huma fortaleza fluctuante, devia encoſtar-ſe á ponte para a dominar; porém como as marés naõ davaõ baſtante agua, precizava muitos dias para o levar a reboque, e fazelo avançar pouco a pouco, á medida que as aguas creſceſem, com a aproximaçaõ da Lua nova. Os inimigos esforçavaõ-ſe pelo queimar, e lhe deitavaõ

em

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

em cada maré até tres, e quatro maquinas cheias de artificios, e materias combuſtiveis, que foraõ ſempre desviadas pelas chalupas da frota, armadas de páos compridos, e ganchos. As battarias da praia naõ ceſſavaõ de atirar-lhe, e de o crivar, em diverſas partes faziaõ igualmente grandiſſimo eſtrago, e Antonio de Abreu que commandava, teve ambas as faces paſſadas por huma bala, que lhe levou parte do queixo, dos dentes, e da lingoa, o que naõ impedio a eſte valente homem de continuar a ſervir o ſeu cargo, e de ſe agravar meſmo contra Albuquerque, que julgando-o impoſſibilitado do ſerviço, o quiz render.

Emfim no dia de S. Lourenço, vendo o Governador, que o Junco podia ſer conduſido até á ponte, tornou ao porto como dantes. Os inimigos, que tinhaõ tido tempo para ſe prepararem, faziaõ hum fogo formidavel, ſem embargo do qual a decida ſe fez feliciſſimamente. Diniz Fernandes, Jorge Nunes de Leaõ, Nuno Vaz de Caſtelbranco, e Jaques Teixeira tendo forçado as primeiras trincheiras na teſta das ſuas companhias, foraõ attacar a Meſquiſta. Da outra parte Albuquerque evitando, por avi-

zos

zos que tinha tido, minas, e abrolhos de ferro, que Mahmud tinha feito pôr nos lugares por onde julgava que elle paſſaria, levou os inimigos ante ſi até ao meio da rua principal da Cidade, onde fez os maiores esforços para ſe aſſenhorear d'um entrincheiramento, que os Mouros tinhaõ feito, e donde combatiaõ com extremado valor. Conſeguindo-o em fim, nelle deixou huma parte das ſuas tropas, e voltou com a outra para ajudar os que attacavaõ a Meſquita. Na paſſagem achou a ponte livre, e inteiramente limpa pelo valor de Antonio de Abreu. Os que combatiaõ a Meſquita experimentando igual ſucceſſo, a tinhaõ ganhado por viva força, antes da chegada de Mahmud, que vinha na teſta de tres mil homens para a defender, de modo que vendo eſte Principe tudo concluido, voltou ſobre ſeus paſſos, e ſe retirou para o ſeu Palacio, onde o General naõ quiz o ſeguiſſem.

Ann. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Sendo entaõ todo o diſvelo do General apoderar-ſe da ponte, enviou quatro barcas ás ſuas duas bocas, bem fornecidas de artilheria para limpar a praia. Foi logo tirar os toneis, que tinhaõ trazido no Junco, mandou que

os

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

os enchessem de terra, do que fe
duas boas batarias, huma da parte c
Mesquita, e outra da parte da ru
principal. Tendo assim fortificado a
passagens, fez cubrir a ponte, e
Junco com grandes velas, para po
der estar ahi defendido assim do gran
de calor, como dos tiros, e dos ar
tificios que continuavaõ a deitar-lh
Mas para se livrar mais seguramen
deste incommodo, fez occupar as ca
zas mais visinhas da ponte, e caval
gar algumas peças d'artilheria sobr
os seus telhados. O combate durav
ainda na Cidade, ou na rua princi
pal, ou nas travessas. Hum destaca
mento, que elle enviou para ahi pas
sar tudo á espada, acabou de decipa
tudo, matando, e assacinando até
noite, de modo que as ruas, e o mes
mo leito do rio estavaõ cheios de san
gue, e corpos mortos.

O General julgava ter ainda mui
to que fazer no dia seguinte no atta
que do Palacio, porém o Rei o tinh
abandonado á desesperaçaõ, e se ti
nha retirado de noite para o Rei d
Pam, donde escreveo aos Reis visi
nhos para os enteressar a fim de res
tabelecerem seis mil homens de tro
pas inimigas, que restavaõ ainda en

hum

um bairro entrincheirado tendo-se alvado do mesmo modo : a Cidade ppareceo reduzida a huma medonha olidaõ. Ninguem ousava sahir das caas. Deste modo durou isto alguns ias, nos quaes o Raja Utemutis, ue tinha já tratado secretamente com General, lhes mandou pedir protecaõ para si, e para todos os Jovas, ue eraõ da sua obrigaçaõ. Araujo ntercedeo tambem por Ninachetu. ra este hum Gentio, notavel pela sua robidade, e pelas suas riquezas, que elo espirito de Religiaõ tinha soccorido por todos os modos os Portuuezes em quanto durou o seu catieiro, e continuara depois em os aviar de tudo, que contra elles se uria. Deo-se quartel aos estrangeiros, orém tudo que foraõ Mouros Guzaates, e Mouros naturaes de Malaa, os que naõ foraõ passados á espaa, ficaraõ captivos. A Cidade foi or tres dias exposta a ambiçaõ dos oldados. He incrivel á riqueza, que charaõ nella. Porque além do dinheo, e pedras preciozas, que os ininigos levaraõ, ou esconderaõ, além as que os vencedores poderaõ ocular, o quinto de todo o saque, que ertencia por direito ao Rei, chegou a du-

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

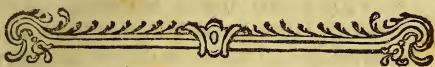
Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

a duzentos mil cruzados. Naõ toca raõ nos armazẽs da Cidade, nem n que podia ſervir para reſtabelecer a fro ta, ou para fortificar a praça, na qua cuſtará a crer, que acharaõ tres mi peças de artilheria, de que havia at duas mil de fundiçaõ. Aſſim o dizen Autores Portuguezes, que devo ſeguir

Eſta conquiſta, que foi obra d oito centos Portuguezes, e de duzen tos Malabares auxiliares, que compu nhaõ a frota de Albuquerque, naõ cuſtou ao vencedor mais que oitenta homens dos ſeus, dos quaes a maior parte morreo por cauza das flexas en venenadas, de cujo veneno ſe igno rava ainda o remedio. Os inimigos pelo contrario perderaõ infinita gente cujo numero ſe naõ pode eſtimar. Naõ ſe pode negar que elles naõ ſe defen deſſem bem; porém vio-ſe neſta occa ſiaõ o que póde o valor, e do que he capaz a gente esforçada governa da por hum grande Capitaõ.

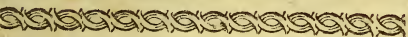
Fim do Quinto Livro.

HIS-

HISTORIA
DOS
DESCOBRIMENTOS, E CONQUISTAS DOS PORTUGUEZES, NO NOVO MUNDO.

LIVRO VI.

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

A Conquista de Malaca naõ era de menor importancia que a de Goa, o General se entregou a ella pouco depois para se assegurar da posse daquella, do mesmo modo que tinha uzado para se estabelecer solidamente nesta. E no principio para cativar o espirito dos povos, e ganhalos, deo a intendencia dos mouros estrangeiros ao Raja Ute-

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

mutis, e a dos Indios Idolatras a Ninachetu. Hum tinha muito credito, e auctoridade sobre os da sua seita, outro tinha probidade, os Portuguezes lhe eraõ obrigados, e era de nobre descendencia. Estes dois homens chamaraõ logo aquelles a quem o terror tinha apartado. De modo que Mahmud, e o Principe Aladin, que se tinhaõ acampado sobre o rio Muar oito legoas distante da Cidade, naõ poderaõ impedir a dezersaõ d'huma parte dos fugitivos, que os tinhaõ seguido na sua infelicidade, mais por temerem hum dominio estrangeiro, que por affeiçaõ que lhes tivessem. Por este modo a Cidade começou a povoar-se, e a ser commerciante, como d'antes.

No mesmo tempo, que o General promulgava suas leis de policia, para dar a Malaca huma nova fórma de governo, naõ desprezava o que lhe era igualmente necessario, que era edificar huma Cidadella para servir de azilo aos Portuguezes, e de freio a huma Cidade, que pôde facilmente mudar de senhor. Tinha a certeza, pela relaçaõ que lhe tinha feito Araujo, de naõ achar pedra para a fundar. Porém foi mais feliz do

que

que penſava. Porque fazendo cavar ao pé d'uma montanha, ahi achou muitas ſepulturas dos antigos Reis, todas trabalhadas em bella pedra lavrada; e no meſmo tempo deſcubrio huma eſpecie de pedra boa para fazer cal. Contente das duas deſcobertas, naõ deixou o ſeu primeiro projecto, de fazer hum Forte de madeira para provizaõ, e porque mais de preſſa ſe acabaſſe. Porém no meſmo dia que começou eſte, deitou os fundamentos do outro ao pé da montanha, e para que ella o naõ dominaſſe fez elevar o eirado, ou a torre de homenagem de ſinco andares. Fez tambem fundar huma Igreja denominada N. Senhora da Annunciaçaõ, e hum Hoſpital para doentes.

Trabalharaõ neſta obra com muita diligencia, porque o General vendo que os ſeus naõ baſtavaõ, empregou tambem os *Ambaragos*, que era huma eſpecie de povo meudo, a que chamavaõ *Eſcravos do Rei*, e que eraõ ſuſtentados pelo Eſtado. Albuquerque os obrigou a iſto, aſſim por brandura como por força, recebendo muito bem os que ſe aprezentavaõ voluntatarios, e publicando hum Edicto rigorozo para obrigar os outros, aſſig-

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

nando recompensa a quem apresentasse hum destes fugitivos; o que deo lugar a alguma desordem, por serem denunciadas como escravas, muitas pessoas de condiçaõ livre.

Mahmud fortificou-se da sua parte sobre o rio de Muar, que fechou para cortar o caminho aos bateis, que poderiaõ invadir o seu campo. Lizongeava-se elle no principio de que Albuquerque se contentaria com saquear a Cidade, e conduzir todas as riquezas para o Indostan. Porém quando vio as medidas que elle tomava para se estabelecer nella, quiz persuadir-se que poderia ainda expulsalo com os soccorros que esperava, tanto mais que tinha noticia que o Laczamana, ou Almirante da sua frota, e o Principe da Ilha de Linda seu vassallo, se tinhaõ posto em caminho para Malaca, e que naõ estavaõ longe. Porém o Principe de Linda vendo a Cidade tomada se recolheo, e Laczamana fez algumas proposiçoens de tregoa a Albuquerque que as aceitou. Ellas naõ se effeituaraõ pelos crimes daquelles Indios, a quem o General trata com amizade. Porque concebendo que este Almirante, que era homem de merecimento, naõ tinha para com elle

maior

maior reputaçaõ, e credito que elles, elles o fizeraõ advertir ocultamente, de que se intentava sobre a sua vida, o que desfez a negociaçaõ.

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Com tudo Albuquerque, a quem desagradava a proxima visinhança de Mahmud, e d'Aladin, rezolveo lançalos fóra deste posto, antes que elles se fortificassem, de modo que naõ podesse obrigalos. Deo esta commissaõ aos Andrades, que na frente de 400 Portuguezes, 600 Javas, e de trezentos Malaios do Reino do Pegu, foraõ attacalo taõ repentinamente, que naõ teve mais tempo que para fugir, deixando quasi todas as suas bagagens: entre estas se acharaõ sete Elefantes ricamente ajaezados.

Depois desta retirada ficando mais descançado em Malaca, Albuquerque tinha mais liberdade para adiantar as suas obras, e para estabelecer a ordem. As leis que pôs, fundadas sobre equidade, e justiça, foraõ recebidas com tanto gosto, que mostravaõ a diferença do Governo precedente, que tinha sido violento, e tyrannico. Porém o que lhe acabou de ganhar o coraçaõ do povo, foi o que praticou batendo nova moeda. Porque no mesmo tempo que a sua politica lhe fazia publicar

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

car hum Edicto, que prohibia o uzo de qualquer outra moeda com pena de morte, fez elle fazer esta proclamaçaõ com huma pompa, e liberalidade, que parecia ter profuzaõ. Nada faltou á beleza do espetaculo, e em todas as ruas por onde passava a comitiva, Antonio de Souza, e o filho de Ninachetu espalhavaõ esta moeda d'oiro, prata, e estanho ás maõs cheias ás acclamaçoẽs de todo povo occupado em ajuntala.

Espalhada logo a noticia da conquista de Malaca, cauzou hum grande movimento em todas as Cortes dos Principes visinhos: cada hum nella tomou parte, segundo os seus enteresses. Com tudo por diversos motivos de politica todos enviaraõ seus Embaixadores para darem parabens ao General da sua victoria, e fazerem aliança com elle. O Rei de Siam mesmo, que tinha chegado, enviou a comprimentalo por lhe ter castigado hum dos seus subditos rebellados, e lhe testemunhou o gosto, que teria de viver em boa armonia com a Coroa de Portugal. Albuquerque recebeo todos estes Embaixadores com pompa, e com grandes mostras de distinçaõ, e depois de os expedir, enviou

viou os seus para estas diversas Cortes, Antonio de Miranda d'Azevedo, e Nicoláo Coelho ao Rei de Siam; Rui da Cunha ao Rei de Pegu, e outros, cujos nomes nos naõ chegaraõ, aos Reis das Ilhas de Java, e Sumatra.

Ann. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

A occasiaõ era muito bella para deixar de fazer reconhecer as Ilhas de Banda, e as Molucas celebres pela singularidade da flor da noz noscada, e cravo d'especie, que em nenhuma outra parte se acha, e de que ellas faziaõ hum grande commercio com Malaca. O General lhe enviou tres navios ás ordens de Antonio de Abreu, de quem quiz recompençar com esta distinçaõ os recentes serviços feitos na conquista de Malaca.

Em quanto tudo corria conforme aos dezejos de Albuquerque, correo hum risco tanto maior, por ter dentro em si o inimigo, que o procurava oprimir, e que era inimigo muito poderozo, e muito oculto. A idade de oitenta annos naõ tinha tirado nada á vivacidade da ambiçaõ de Utemutis, pelo contrario parecia, que lha augmentava, e atiçava todo o seu fogo á medida, que elle se avisinhava á sepultura onde a grandeza se aniquila. Este homem muito rico, e muito

Ann. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

to poderozo para vaſſallo, tinha ſempre cauzado ciume a Mahmud, que tinha razaõ para o temer; porque elle nunca perdera de viſta o deſignio de o dethronar. Porém como elle era por extremo velhaco, e com reſerva, tinha-ſe acommodado tambem ao tempo, e tinha de maneira diſpoſto as ſuas intrigas, que ſem precipitar coiſa alguma, parecia confiar tudo das conjunturas. Naõ as podia elle ter mais favoraveis, que a do ſyſtema d'um Rei deſapoſſado, fugitivo, e d'um Governo eſtrangeiro, e novo, no qual lhe tinhaõ dado huma taõ grande autoridade.

As ſuas eſperanças tendo-ſe excitado mais vivamente que nunca, aprontou d'uma parte os ſoccorros, que eſperava da Ilha de Java, onde elle tinha ſempre tido correſpondencia para conſeguir o ſeu projecto, e d'outra travou huma nova intriga com Aladin, Principe hereditario de Malaca, a quem elle bem quiz enganar com eſperanças do Throno. Albuquerque, que conhecia o caracter da perſonagem, tinha muito lugar de deſconfiar delle no mais. Porque á medida que eſte homem vaõ julgou aproximar-ſe o termo, onde devia ver coroa-

ɔados ſeus dezejos, fez-ſe inſolen-
:, e deshumano: começou o povo a
ueixar-ſe das ſuas tyrannias, e o
ieneral dos ſeus roubos, e da ſua
eſobediencia. Porém o General foi
em de preſſa ſabedor de todo o myſ-
:rio das operaçoẽs ſecretas deſte ho-
ıem intrigante pelas ſuas cartas ori-
inaes que tomou, e que foraõ a cau-
a da ſua ruina.

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Tratava-ſe de ſe apoderarem del-
:, o que naõ era facil; para iſto ſe
:rvio o General d'hum artificio. Ha-
ia na Cidade hum Perſa, chamado
ɔrahim, amigo de Utemutis, que
ezejava muito hum emprego, que
:queria com ardor. Albuquerque moſ-
ou querer defirir-lho, porém fez-lhe
ıber ao meſmo tempo, que tinha
:ito voto de naõ dar emprego algum,
:m tomar primeiro o parecer dos prin-
ipaes Officiaes, e de todos os men-
ros do Conſelho. Ibrahim, que eſta-
a certo dos votos, os ajuntou logo
a Fortaleza. Porém em vez de tra-
ır deſte negocio o General, fez re-
:r Utemutis, ſeu filho, ſeu genro,
ſeu ſobrinho, e convencendo-os do
rime de leza Mageſtade pelo ſeu
roprio ſignal, lhe fez fazer ſeu pro-
eſſo formal, e os fez condenar a ſe-
em degolados.

A

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso, d'Albuquerque Governador.

A mulher de Utemutis fez todo o poſſivel para evitar eſte golpe, e offereceo ao General ſete bahars de oiro, ſe elle quizeſſe contentar-ſe de comutar a pena em deſterro. O General, que ſe perſuadio dever fazer hum exemplar caſtigo neſta occaſiaõ, foi inflexivel, e reſpondeo que o Rei ſeu Senhor naõ o tinha reveſtido do cargo, de que o tinha honrado, para vender a juſtiça. Fez-ſe a execuçaõ com todo o apparato, que podia inſpirar terror; ſobre o meſmo theatro, que tinha ſido preparado por avizo de Utemutis para o ſumptuozo banquete, onde ſe tinha projectado aſſaſſinar Siqueira, e os ſeus no meio das delicias da meza.

Feita a execuçaõ, foi dado a Patequitir o emprego do culpado, Java de naçaõ como elle, porém que as ſuas riquezas, que os faziaõ concorrentes, e rivaes, os tinhaõ feito inimigos. Foi eſte hum raſgo de politica do General. Que naõ pode huma mulher offendida? A eſpoza de Utemutis, ultrajada da morte do ſeu eſpozo, unio-ſe logo a Patequitir, offereceo-lhe ſua filha em cazamento, que lhe tinha ſido negada noutro tempo, e lhe aſſignou para dote todo o

oiro

ro que ella tinha querido dar a Al-
ıquerque, com a condiçaõ, que en-
ındo no ſeu odio, emprehendeſſe
: a vingar inteiramente. Patequitir,
ıe naõ tinha menos ambiçaõ do que
temutis, prometeo tudo, e conce-
:o tanto mais facilmente o diſignio
: ſe eſtabelecer ſobre o Throno;
ɔrque todas as forças dos Javas, até
ıtaõ divididas, ſe reuniraõ em ſeu
vor. Elle deo logo provas da ſua
udança, lançando fogo com frivolo
etexto ao bairro dos Quittins, e
ɔs Charins, que tinhaõ formado quei-
ıs contra Utemutis. Albuquerque co-
ıeceo entaõ que ſe tinha engana-
ɔ na eſcolha deſte homem, porém
ɔr reſpeitos particulares, naõ ouſou
nprehender deſpojalo do ſeu Officio
: Chabandar: e elle da ſua parte,
ıaõ ouſou declarar-ſe abertamente re-
elado, julgando que devia eſperar a
artida do Governador, que naõ po-
ia tardar muito tempo, por cauza da
iſinhança da monçaõ. Com effeito
ınto que ella veio, chamou elle Rui
e Brito Patalim para Governador de
Ialaca, e Commandante em todo eſ-
: deſtricto com toda a ſua auctori-
ade. Rui d'Araujo ficou com o car-
o de feitor, e de Capitaõ, ou Go-
verna-

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

ANN. de J. C. 1510.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

vernador da Cidadella; e Fernand
Peres d'Andrade a quem elle deo de
navios, foi provido do emprego
Almirante destes mares. Fez tambe
muitos outros Officiaes subalternos
depois dò que se fez á vela para to
nar para o Indostan, com grande p
zar do povo de Malaca, que fez v
vissimas instancias para o demorar ai
da algum tempo.

Goa tinha sentido a auzencia
General, e pouco tinha faltado pa
que ella naõ recahisse nas maõs d
seus primeiros Senhores. O Idalca
suspirava sempre por esta praça, q
era a sua melhor flor; elle espera o m
mento da partida de Albuquerque,
auzencia do qual parecia esperançar-
Porém, muito occupado com a guer
que lhe faziaõ os seus visinhos no ce
tro das terras, naõ pôde elle pessoa
mente tentar a empreza, e foi obr
gado a confiálla de Pulatecaõ, á que
deo tres mil homens de tropa, e a
guma cavallaria. Melrao, e Timo
avizados da sua chegada, e juntand
logo quatro mil e quarenta cavallos
que tinhaõ para guardar as alfandeg
da terra firme, foraõ-lhe aprezentar b
talha. Pulatecaõ a aceitou, e foi destru
do. As suas tropas postas logo em d

for-

ɪrdem, e o arraſtaraõ contra ſeu goſto
ı ſua fugida; mas hum Official do
ɛercito de Melrao ſeguindo-o impru-
ɛntiſſimamente, e ſem ordem lhe reſ-
ɛuio a victoria. Porque ſendo morto
te Official, os ſeus ſe deciparaõ.
ntaõ Pulatecaõ ajuntando os ſeus,
ɛio cahir ſobre Melrao, que naõ o
ſperando, ſe recreava em ſoccego da
ɪntagem, que acabava de conſeguir
ɔm tanta gloria. Deſbaratado Melrao
ı ſua volta naõ ouſou por vergonha
ɔltar para Goa, e ſe foi para o Rei
ɛ Narſinga, e levou conſigo Timo-
, depois de ter alcançado para ſi
ım ſalvo conducto. Porém o ſalvo
ɔnducto naõ ſervio de nada a Timo-
: o Rei de Narſinga violando com
le os direitos da hoſpitalidade, e da
ɛ puplica, naõ ſei porque motivo,
fez aſſaſſinar. Fim triſte para eſte
omem, que tinha ſeus defeitos; mas
ɔm tudo tinha muita coiſa boa, era
alerozo, muitas acçoẽs boas a reſ-
eito de ſi, e grandes ſerviços feitos
os Portuguezes. Melrao foi mais fe-
z, porque neſtas circunſtancias a mor-
ɛ do Rei d'Onor ſeu irmaõ o livrou
'um competidor injuſto, o Throno
he foi diffirido ſem concorrencia, e
elle ſe conſervou ſempre aliado fiel
a Coroa de Portugal. Pu-

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Pulatecaõ naõ tendo mais ini gos á cara, avançou-se até aos pa de Benastarin, e de Agacin. Ten inutilmente fazer sublevar os Ind da Ilha, que se conservaraõ fieis avizaraõ de tudo Rodrigo Rabel Governador de Goa, para que p vesse na segurança da Ilha, fazen guardar as passagens. Com effeito le pôs nisso boa ordem, e com m ta promptidaõ. O General inimigo se desanimou: esperou que conclui como na primeira vez, e aproveit Porque tendo feito preparar quantida de bateis ligeiros cobertos de cour e escolhido o tempo d'uma noite cura, e chuvoza, enganou tambem Portuguezes por muitos fingiment que divertindo-lhes a attençaõ, naõ mente atraveçou a Ilha sem ser perc bido, mas tomou ainda duas carav las, e passou á espada os que guardavaõ.

Para se aproveitar depois da p meira perturbaçaõ, que a sua pas gem devia cauzar, e apanhar o i migo em algum laço, subornou hu Indio, a quem ordenou, que fosse Cidade fallar ao Tanadar, como de s motu proprio, e o avizasse de que 2 Mouros tinhaõ entrado na Ilha, e e

tavaõ

vaõ poſtados na antiga Goa, onde
tia facil ſurprendelos. O Governa-
or valente, mas pouco prudente, ca-
io no engano contra o parecer de
oje-Qui, a quem o avizo pareceu
ſpeito. Enviou elle primeiro Fer-
ando de Faria para deſcobrir; porém
guindo logo a impetuoſidade dos ſeus
oucos annos, ſahio na frente de
uarenta cavallos, e de quinhentos
dios. Tanto que elle ſe adiantou,
traidor que tinha dado o falſo avi-
, deſcubrio a ſua velhacaria aos In-
os, que o ſeguiaõ, dis-lhes o ver-
adeiro numero dos inimigos, e ſal-
ou-ſe. Eſtes pararaõ, vendo a deſi-
ualdade do partido.

Ann. de J. C. 1510.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Rabelo deſcobrindo de ſima d'um
teiro os inimigos, que paſſavaõ de
uinhentos, e vendo-ſe abandonado
s ſeus Indios, ficou abiſmado; po-
m formalizando-ſe hum pouco: „ Que
vos parece, Senhores, diz á ſua
pequena tropa. Mal: reſpondeo Co-
je-Qui: porém qualquer partido que
vós tomeis, eu vos ſigo. „ Naõ di-
endo os outros nada, por temerem,
ue ſe attribuiſſe a fraqueza o unico
onſelho prudente, que niſſo ſe podia
mar. „ Vamos, lhe diz Rabelo, ho-
je ſe verá quanto val o coraçaõ de

ca-

Ann. de J. C. 1511.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

„ cada hum de nós. Iſſo me agrada, diſſe Manoel da Cunha taõ valente mas taõ temerario como o Govern dor; e ſem mais preambulo, cahir ſobre o inimigo com tanto furor; q o romperaõ, desbarataraõ-no, e o poz raõ em fugida, e o obrigaraõ a prec pitar-ſe no rio. Trezentos ficaraõ n lugar, e houve maior numero de af gados.

Dos quinhentos Indios, que ſe guiraõ Rebelo, trezentos Canarins vo taraõ para traz; os duzentos que era Malabares tinhaõ-no ſeguido de longe e chegaraõ muito a tempo de ſe me terem na turba dos fugitivos. E quanto eſtes os impelliaõ com ardor vieraõ dizer a Rabelo, que havia algun inimigos retirados num outeiro entr ruinas. Eſte era Pulatecaõ, e outent homens dos mais valentes dos que ſeguiaõ. O Tanadar Coje-Qui o co nheceo polas ſuas inſignias, e fe quanto pôde para conter a impetuoſi dade do Governador, prometendo-lhe que elle os faria cercar pelos ſeus, obrigando-os de longe com tiros de flexa, de modo que nem hum eſca-paria. O conſelho era muito pruden-te para hum moço louco, a quem a ſua primeira felicidade tinha cegado.

Elle

Elle correo precepitado a bufcalos com quatorze cavallos, e faltou n'uma cerca. Os inimigos o meteraõ no flanco por ambas os partes, e picaraõ-lhe o cavallo, que empinando-fe voltou fobre elle, onde logo o mataraõ ás lançadas. Manoel da Cunha, que o tinha feguido teve a mefma forte: os outros foraõ rechaffados com o mefmo vigor, e tomaraõ o partido de fe retirar para á Cidade, fem que os inimigos tomaffem o trabalho de os feguir, contentes com a morte deftes dois homens, cujo valor imprudente tinha arrebatado aos feus o fructo d'uma taõ bella victoria.

ANN. de J. C. 1511.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Francifco Pantoja devia por direito fucceder a Rabelo no feu pofto, e o Confelho a iffo o obrigou, porém elle o recuzou, e fez acto de reziftencia. Na fua falta ninguem o merecia melhor, que Diogo Mendes de Vafconcellos. He verdade que fendo prezioneiro de Eftado, tinha motivo para que naõ o efcolheffem. Com tudo a neceffidade fez paffar por tudo. Offereceraõ-lho, e elle o aceitou. Pantoja quiz depois entrar, e fez feus protestos, porém naõ foi attendido.

Mendes como homem experimentado logo fe applicou todo á fuftentar

Ann. de J. C. 1511.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

hum Cerco, de que temia os riscos
porque estava na entrada do inverno
e toda a sua guarniçaõ constava d
seis centos Malabares, ou Canarins
que tinha sido obrigado a receber n
Cidade, e duzentos Portuguezes, ac
quaes se ajuntaraõ mais quasi trinta
que conduziaõ Francisco Pereira d
Berredo, qua com este pequeno reforç
foi recebido como huma divindade.

Naquelle tempo Pulatecaõ, qu
tinha tido descanço para se reparar da
ultimas perdas que tinha tido, tinh
entrado em possessaõ do resto da Ilha
e se fortificava no posto de Benasta
rin, onde fez huma especie de Cida
della, segundo as regras da arte. D
lá insultava elle a Cidade sendo se
nhor do campo, e correndo até á
portas. Porém em todas estas corrida
foi sempre desbaratado, e obrigado
retirar-se com perda.

Estas perdas com tudo eraõ pe
quenas, e elle se persuadia inteira
mente de se fazer senhor de Goa
que assegurando-se desde entaõ de a
propriar-se o poder Soberano, naõ fe
mais cazo das ordens do seu Princi
pe, e nem ainda se dignava de o ins
truhir do que se passava. O Idalcaõ
a quem por este proceder se fez sus

pei-

peito, rezolveo de o fazer render, e enviou para efte effeito Roftomocaõ, Arabe, ou Turco de origem, e de Religiaõ, cujo merecimento peffoal o tinha obrigado a dar-lhe fua irmã em cazamento. Roftomacaõ condufia feis mil homens, e trazia huma ordem a Pulatecaõ para efte lhe entregar o mando das tropas. O Idalcaõ tinha-fe perfuadido, que o refpeito da peffoa, que enviava adoçaria a Pulatecaõ o defgofto da fua revocaçaõ; porém tomou-o como criminozo, e recuzou obedecer-lhe.

Ann. de J. C. 1511.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Roftomocaõ tomou o partido de diffimular, porém enviou occultamente hum prizioneiro Portuguez que tinha a Mendes para lhe dizer da fua parte. ,, Que tudo o que Pulatecaõ ,, tinha feito, o tinha feito fem or- ,, dem, e contra a vontade do Idal- ,, caõ, que naõ appetecia mais do que ,, viver em boa amizade com a Co- ,, roa de Portugal, de que fe queria ,, fazer tributario. Que fe elle qui- ,, zeffe unir as fuas tropas ás delle pa- ,, ra o ajudar a fubmeter efte vaffallo ,, rebelado, elle lhe ficaria obrigado, ,, e o deixaria depois na pacifica pof- ,, feffaõ de Goa, fobre a qual naõ ,, tinha elle mais nada que preten-

ANN. de J. C. 1511.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

„ der, por quanto os Portuguezes f
„ tinhaõ feito Senhores della.„ Men
des foi enganado por huma propofi
çaõ taõ lizongeira. Os dois Generae
fe uniraõ com felicidade. Pulateca
defpojado fe retirou para o Idalcaõ pa
ra fe queixar defta traiçaõ, e pedi
lhe juftiça. Elle lha fez fazendo-lh
dar veneno.

Roftomocaõ confeguindo o fi
dos feus intentos, naõ fómente na
cumprio a palavra que déra a Mendes
mas elle o mandou notificar logo co
muita foberba para defpejar a praç
Como elle naõ teve outra refpoft
que a que merecia, começou a com
batela com mais ardor do que o h
via feito feu predeceffor; porém fica
do-lhe o feu campo muito diftante
foi affás maltratado nas diverfas carre
ras que fez, pelas embufcadas, que
Governador pôs fobre os diverfos cam
nhos que elle fazia. Em todas teve fen
pre prejuizo, e os citiados perdera
fó huma peffoa de confideraçaõ, qu
foi o Tanadar Coje-Qui, cuja per
fentiraõ vivamente por cauza da a
feiçaõ que fempre tivera aos Port
guezes, a quem fizera grandes ferv
ços; porque era esforçado, e femp
prompto contra os Mouros inimigo

Deraõ-

Deraõ-lhe hum tiro n'uma deftas for-
idas, de que morreo depois de al-
guns dias, naõ tendo outro pezar,
que o de naõ morrer no campo da
batalha.

As continuas chuvas derrubaraõ
depois grande pedaço dos muros da
Cidade, de modo que o muro fi-
cou da altura de hum homem. Ser-
vio-lhe de felicidade a noite; por-
que tiveraõ tempo de trabalhar para
repararem a brecha. Roftomocaõ que
o foube pelos feus defcubridores, veio
dar-lhe affalto ao campo. Porém du-
rando o combate todo o dia nelle foi
taõ mal tratado, que naõ ouzava pa-
recer no dia feguinte. Quando menos
affim o julgaraõ pelo tempo, que deo
aos citiados de fortificarem efte pofto.
Porém na noite feguinte moftrou,
que era fingimento para os pôr em
defcuido. Com effeito elle attacou a
brecha duas horas antes do dia, e
penfou tomala por affalto. Quatro
noites fucceffivas fez o mefmo, e foi
fempre rebatido; de forte que fe pôs
com mais cautella, e recorreo a hum
eftratagema para enfraquecer os citia-
dos, e diffipalos com fadigas, fem
lhe cuftarem a elle nada. Affentou
hum corpo de tropas muito perto da
Ci-

Ann. de J. C. 1511.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Ann. de J. C. 1511.
D. Manoel Rei
Affonso d'Albuquerque Governador.

Cidade com ordem de fazerem toca as trombetas toda a noite. Os citia dos acordados por este estrondo esta vaõ sempre alerta, e padeciaõ muit com a vigilia, com o pezo das sua armas, e os rigores da estaçaõ. Con tudo livraraõ-se deste incommodo, desbarataraõ o destacamento.

Até entaõ os citiados tinhaõ so frido muito pouco aos inimigos: po rém Rostomocaõ tendo-se apoderad de hum alto, que dominava a Cida de, e cavalgando alli huma grossa co lubrina, que com o seu fogo conti nuo varejava tudo, e se apontava co mo queriaõ, naõ sómente nas cazas porém ainda sobre os homens fez gran dissima destruiçaõ, e cauzou grand inquietaçaõ. Por outra parte a fom se sentio de modo que hum pequen saco de arroz custava 2400, e hum galinha hum cruzado. Tendo os ha bitantes consumido os mantimentos naõ restavaõ mais que os dos arma zens, cuja distribuiçaõ se fazia con muita cautella, e sómente aos que traziaõ armas, os outros viviaõ uni camente do producto da sua pescaria o que logo cauzou huma molestia ge lar, que naõ foi mais pequeno flage lo do que a fome.

Es-

Estas miserias multiplicadas re-
oltaraõ o animo de alguns soldados,
ue comparando o seu estado prezen-
com o de Machado, e d'outros fu-
tivos, que os Principes da India,
ra quem se retiraraõ, encheraõ de
ens, e honras; passaraõ para o cam-
inimigo, e abjuraraõ a sua Reli-
aõ. No princio ouveraõ poucos que
raõ este máo exemplo; porém os
nigos que deixaraõ na praça traba-
araõ tanto, que chegaraõ a 70 que
conjuraraõ para fugir: d'outra par-
Machado, que com o seu estado
zia inveja a estes mizeraveis, ty-
nnizado pelos remorsos da sua con-
encia, excitado pelas reliquias do
nor da sua Naçaõ, e pode ser que
mendo ser punido, como traidor
porque começava a ser suspeito)
editava huma retirada inteiramente
posta. A elle era que os dezerto-
s estavaõ encarregados, e os incor-
rava no corpo que elle commanda-
. A dissimulaçaõ de que elle era
rigado a uzar, o obrigava a mos-
ır-lhe agrado, e bom acolhimento:
rém elle se compadecia da aposta-
a delles, que lhe renovava todo o
ependimento da sua. Extremamen-
foi penetrado, quando vio que es-

Ann. de J. C. 1511.

D. Manoel Rei

Affonso d'Alburquerque Governador.

Ann. de J. C. 1511.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

ta gangrena lavrava até na Fidalguia e que soube a conjuraçaõ que tinha feito, os que estavaõ ainda na praça elle foi penetrado, e assustado, e a do que isto lhe cauzou lhe apressou o di signio que elle á tempos, meditava

Elle tinha tido dois filhos, qu fizera baptizar occultamente, bem que reria levalos com sigo, porém na vendo modo, e temendo que criado no Mahometismo, tivessem a infelici dade de se condenarem, a mal enten dida piedade o fez parricida; sufocou os de noite, e depois deste horrive homicidio, que parreceo effeito d acazo, e achando occaziaõ, conduzi consigo os Portuguezes captivos, dezertores como para passeio; guiou-o para o pé de Goa, onde lhe fez hũ ma falla viva, e patetica, acompa nhada de copiozas lagrimas, e os exor tou a seguirem-no para á Cidade, corregirem suas culpas passadas po hum arrependimento, cujo perdaõ ell lhe afiançava. Os dezertores apena se dignaraõ ouvilo, e tornaraõ pa ra traz. Porém elle, e os capti vos, seguiraõ o projecto que tinha premeditado. Vieraõ recebelos em pro cissaõ, e com todas as demonstraçoẽ d'uma alegria completa. Pareceo qu

a Ci-

Cidade recebera nelles a sua salva-
ção. E he certo que esta retirada,
que penetrou o coração de todos, im-
pedindo a deserção, impedio tambem
a entrega da praça, que esta deserção
tinha feito inevitavel.

Anн. de J. C. 1511.

D. Manoel Rei.

Affonso d'Albuquerque Governador.

Rostomocaõ irritado por esta re-
tirada de Machado com mais ardor
apertou o cerco. Com effeito por al-
gum tempo naõ deixou respirar os citia-
dos, nem de dia nem de noite. Com
tudo em huma destas escaramuças,
sahio o Governador na frente de oiten-
ta cavallos, e desbaratando-lhe duzen-
tos cavallos Mouros, e setecentos sol-
dados infantes, que tinha posto n'uma
emboscada, conserva mui bem os seus,
pondo a sua confiança no que havia
resultar da excessiva fome a que a
Cidade estava reduzida.

Tinhaõ alli já sofrido quasi tanto
como em hum dos cercos mais memora-
veis de que falla a historia, e posto que
a Cidade naõ fosse citiada com forma-
lidade, estavaõ em estado de pade-
cer muito a naõ ser a generoza reso-
luçaõ de Francisco Pereira de Berredo,
que emprehendeo, a pezar da estaçaõ,
de hir a Baticalá, buscar mantimen-
tos em huma fusta. E ainda que o
posto de Cintacora por onde devia pas-
sar,

far, eſtiveſſe guardado por fuſtas ini-migas, foi huma viagem taõ feliz que voltou carregado, e acompanha-do de vinte paráos cheios de toda ſorte de provizoés. Algum tempo de-pois Sebaſtiaõ Rodrigues fazendo a meſ-ma viagem com igual fortuna, teve Goa de que ſe ſuſtentar até quaſi ao fim do univerſo. Fernando de Beja que Albuquerque tinha enviado para demolir o Forte de Socotorá, chegou depois que entrou a eſtaçaõ benigna. Pouco depois delle chegaraõ ainda Joaõ Serraõ, e Paio de Sá, que vinhaõ da Ilha de Madagaſcar. Foraõ ſegui-dos por Manoel de Lacerda, que con-duzio os ſeis navios, que Albuquer-que lhe tinha deixado para andar a corſo pela Coſta de Malabar, e por Chriſtovaõ de Brito, que tinha parti-do neſte anno de 1511 na eſquadra do D. Garcia de Noronha. Tambem Melique Jaz ſempre politico, queren-do-ſe diſtinguir por lhe dar ſoccorro, lhe enviou dois navios, que acabaraõ de os abaſtecer.

ANN. de J. C. 1511.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Roſtomocaõ naõ deſcorçoou com a chegada deſtes ſoccorros; porém fi-cando bem derrotado em diverſos en-contros, naõ penſou mais do que em conſervar-ſe no poſto de Beneſtarin,

de

le que fez a melhor praça, que te-
re o Idalcaõ. Eſtando ahi naõ menos ſi-
iado do que ſitiador, Goa ſe vio li-
re de todo o modo delle, depois de
aver feito muita honra aos que a de-
enderaõ, particularmente a Mendes,
ue alli adquiriria mais gloria a naõ
ometer os erros a que o obrigou a in-
eja de ſe vingar de Albuquerque, e
le desfàzer o que eſte tinha eſtabele-
ido.

Ann. de J. C. 1511.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Eſte General, que nós deixamos
o mar partindo de Malaca, ſómente
om ſinco navios, e hum Junco, fez
uma das melhores viagens poſſiveis,
ſalvou-ſe por hum milagre da ſua
ortuna. Porque navegando pela Coſ-
a de Sumatra, e achando-ſe a travez
lo Reino d'Auru, lhe ſobreveio hu-
ma das mais violentas tempeſtades, que
ſe experimentaraõ neſtes mares: era
noite, todos os ventos deſenfreados.
O Ceo eſtalava com raios, e trovoẽs,
e o mar eſtava taõ alto como os mon-
tes: como eſtava perto de terra, che-
gou-ſe para buſcar azilo, e ancorou.
Porém as vagas eraõ taõ fortes, que
elle empuxado ſobre as ancoras, foi
dar ſobre hum banco onde o navio
Flor do Mar em que hia, celebre pe-
las ſuas viagens, e expediçoẽs, mas
mui-

Ann. de J. C. 1511.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

muito velho, e meio podre, ſe parti pelo meio, e logo toda a parte da pro foi engolida pela tempeſtade. A part da poupa ficou encravada na arêa, e f comida pelas ondas do mar. Em quan to huns ſaõ ſorvidos pelas vagas, e o outros agarraõ a primeira coiſa que l lhes aprezenta, Albuquerque lutand com as ondas naõ achou mais do qu hum pequeno filho de huma das ſua eſcravas, abraçou-o por compaixaõ pois parecia que Deos lho enviav para ſeu refugio, pondo elle meſ mo a confiança da ſua ſalvaçaõ n innocencia deſta tenra idade. Pedr d'Alpoem, que commandava o navi Trindade, tinha ancorado junto d'Al buquerque, e advertido do ſeu nau fragio pelos clamores que ouvio, na obſtante o aſſobiar dos ventos, deitou a ſua chalupa ao mar, e ſalvou o General. Os outros que eſtavaõ no caſtello da poupa tambem ſe ſalvaraõ aſſim por algumas jangadas que arma raõ, como pelo ſoccorro, que lhes deraõ tanto que veio o dia, e que o mar ſocegou. Do mais naõ ſe pô- de ſalvar nada das grandes riquezas, que eſte navio trazia. Nelle vinha o quinto delRei, e todos os effeitos do General, o qual ſentio mais ainda que

to-

odo o oiro, e joias da carga, a per-
la de dois leoés de bronze, que ti-
iha diſtinado para á ſua ſepultura,
; do bracelete do famozo Chabandar
le Malaca, no qual tinhaõ notado
iuma taõ grande virtude para eſtan-
:ar ſangue, e delle queria fazer pre-
:ente ao Rei.

Ann. de J. C. 1511.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Naõ foi ſó eſta a infelicidade deſ-
e funeſto ſucceſſo. Os Javas que no
unco eſtavaõ muitos, tendo-ſe ſepa-
ado pela tormenta do navio de An-
onio Nunes que vigiava, ſe revolta-
araõ contra o Capitaõ Simaõ Mar-
ins, e o mataraõ com os outros Por-
uguezes á excepçaõ de quatro, que
ançando-ſe no eſcaler ſaltaraõ á ter-
a, e foraõ recolhidos pelo Rei de
Pacen, que os tratou muito bem, pa-
a niſto obſequiar o Governador. Suc-
edendo calmas á tempeſtade, vio-ſe
Albuquerque em hum novo perigo de
morrer de fome, e ſede. Dois navios
que elle tomou fazendo viagem, trou-
xeraõ remedio a ambas as coiſas. Hum
deſtes navios que elle tinha dado a
Simaõ d'Andrade, para o mariar com
alguns da ſua equipagem, lhe pregou
huma peça naõ eſperada. Porque co-
mo Andrade naõ pôde tomar altura,
foi obrigado a confiar-ſe do Patraõ,
que

ANN. de J. C. 1511.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

que fez a derrota das Maldivas. A
os Indios do navio revoltando-ſe co
tra Andrade, e os ſeus os deſpo
raõ, e lhe fizeraõ toda a ſorte de i
ſultos. Com tudo naõ ouzaraõ tir
lhes a vida, com medo que ſe n
vingaſſem no Capitaõ do navio, q
vinha por refens no do General. E
les os enviaraõ a Cochim, onde
General chegou tambem no fim
Fevereiro.

Alli o receberaõ com tanto mai
goſto, como pelas primeiras notici
do ſeu naufragio o tinhaõ chorac
morto. Se a alegria publica lhe f
impreſſaõ, o ſeu goſto teve deſcon
na dor, que teve dos eſquerdos proc
dimentos, e das tyrannias d'aquell
que tinha deixado no Governo. Eſt
homens iniquos, cujas maõs eſtava
cheias de rapinas, roubavaõ deſcar
damente, e com taõ pouco pejo, qu
tinhaõ deſterrado Simaõ Rangel, un
camente por cauza da liberdade cor
que elle reprehendia a publicidade,
o eſcandalo dos ſeus roubos: deſterr
que lhe cauzou nova infelicidade; po
que foi captivo de Mouros, e con
duſido para Aden. A equidade de Al
buquerque, que foi vivamente pe
netrado deſta acçaõ, teria feito
mere-

merecida justiça; porém o seu Conselho naõ o julgando proprio, contentou-se de informar de tudo á Corte.

Elle teve para consolar-se hum pouco, as noticias que recebeo dos soccorros, que lhe vinhaõ de Portugal, e o gosto que teve de ver os Portuguezes, que tinhaõ sido prezioneiros no navio, que deo á costa sobre a de Cambaia.

Desde o anno precedente ElRei, para o consolar da perda dos seus dois sobrinhos D. Affonso, e D. Antonio de Noronha, tinha feito partir D. Garcia seu irmaõ com huma esquadra de seis navios. D. Garcia teve muito infeliz viagem, encostou-se de mais ás terras do Brazil; e subindo muito sobre o Cabo de Boa Esperança para o Polo austral, experimentou frios taõ fortes, como os que se sentem nas viagens do Norte, e achou dias taõ curtos, que eraõ obrigados a confundir n'uma mesma hora o jantar, e a cea, (assim o dizem todos os Autores). Gastou sete mezes inteiros para chegar a Moçambique, onde invernou. Os navios de Christovaõ de Brito, e de Ayres da Gama irmaõ do Almirante, que eraõ da esquadra de D. Garcia, fizeraõ pelo contrario hu-

Ann. de J. C. 1512.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

huma viagem taõ prompta, que v
taraõ para Portugal, taõ depreſſa
mo Garcia chegou ás Indias.

Com tudo Noronha tendo ac
do no caminho alguns navios, d
avizo á Corte da lentura da ſua m
cha. ElRei que temia ſempre os p
paros do Califa, fez partir doze
vios divididos em duas eſquadras co
mandadas por Jorge de Melo Pereir
e Garcia de Souza, que tinhaõ ás ſ
ordens muito bons Officiaes, entre
quaes eraõ Jorge d'Albuquerque, P
dro ſeu filho, e Vicente, todos t
proximos parentes do General. Eſ
frotas chegando no meſmo tempo n
te meſmo anno, foraõ agradav
mente recebidas, por trazerem hu
reforço de mais de dois mil homen

No que toca aos prezioneiros
Cambaia, foraõ livres por hum mo
ſingular, que merece ſer contado.
Rei de Cambaia ainda, que liga
occultamente com o Califa, e inim
go mortal dos Portuguezes no fun
do ſeu coraçaõ, tinha ſempre trata
eſtes prezioneiros com grande diſti
çaõ por conſelho de Melique Jaz,
de Melique Gupin, ambos rivaes,
concorrentes, mas ambos de muit
credito para com elle, e igualmen

deze-

lezejozos de merecerem a protecçaõ
los Portuguezes para á precizaõ. Co-
no estes prezioneiros podiaõ servir-lhe
para entrarem em alguma negociaçaõ,
izavaõ muito bem a respeito delles,
: lhes davaõ todas as largas para tra-
arem do seu resgate. Albuquerque de-
ejou ardentemente o seu resgate, em
quanto ignorou a sorte de seu sobri-
iho D. Affonso, que estava no na-
io encalhado; porém quando o sou-
e, posto que estes dois Ministros do
Rei de Cambaia, e os prezioneiros
untamente lhe escrevessem; naõ se
pressou mais com tanta efficacia, naõ
ei porque cauza, a tratar do seu res-
ate. Foi igualmente froxo sobre este
rtigo com hum Embaixador, que
ie veio da Corte de Cambaia, tan-
) mais sabendo que os prezioneiros
staváõ bem. Com tudo estes enfa-
ando-se do seu estado, o Padre Lou-
eiro Franciscano, este digno Missio-
ario, de que falámos, pedio ao Rei
ue o deixa-se hir a Cochim, para el-
: mesmo alli tratar deste negocio.
) Rei perguntando-lhe que seguro
ie dava de voltar, desatou elle o seu
ordaõ, e lho entregou, como penhor
ais seguro da sua palavra. Obtendo
consentimento deste Principe, para

ANN. de J. C. 1512.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1512.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

este negocio sómente, foi a Cochir
Albuquerque tinha partido, e os qu
governavaõ na sua auzencia, estava
muito occupados, e mui pouco affe
çoados ao bem publico, para se con
padecerem do estado dos seus conc
dadaõs; de sorte que naõ vendo mei
de conseguir o que pertendia, volto
como tinha vindo. O Rei ficou t
penetrado desta fidelidade, e conceb
huma taõ grande idéa d'uma Naçaõ
que produzia homens capazes dest
actos de virtude, que os enviou se
resgate.

Desde o momento da sua ch
gada a Cochim, o Governador tin
sabido tudo o que se tinha passado e
Goa, onde as coisas estavaõ no est
do em que as deixamos. Elle lo
enviou para lá provizoẽs de guerr
e de boca. Tirou Mendes, e no se
lugar pôs Manoel de Lacerda. F
Manoel de Souza Governador da C
dadella, e Fernando de Beja Gener
da armada que Lacerda commandav
Tambem fez partir para Malaca Fra
cisco de Mello, Martim Guedes,
Jorge de Brito, com hum reforço
140 pessoas, quantidade de muniço
de guerra, e de boca, carpinteir
de navios, e tudo o que era necess
ri

io para pôr no mar ſeis galeras, que liſtinava para guardar os eſtreitos de Saban, e de Sincapour. Bons dezeos teve elle de ſe tranſportar a Goa, nde a ſua prezença era neceſſaria; porém os que alli governavaõ, lembrano-lhe as poucas forças que elle enaõ tinha, rogaraõ-lhe que ſuſpendeſe a ſua viagem até á chegada do ſocörro que vinha de Portugal, de que avia já noticia.

Ann. de J. C. 1512.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Parecendo-lhe eſta propoſiçaõ juſa, e racionavel, ſuſpendeo com efeito por algum tempo a ſua viagem, ſe applicou entretanto a reformar s abuzos, que ſe tinhaõ introduzido a ſua auzencia. Naõ eraõ ſómente s Superiores do Governo, que tihaõ prevaricado na ſua adminiſtraaõ, a deſordem tinha paſſado dos irandes ao povo; e alli havia huma orrupçaõ de coſtumes taõ geral, e eſmedida, que os vicios dos Portuuezes faziaõ horror aos Mahometaos, e aos Idolatras: de ſorte que ſtes homens, que tinhaõ paſſado á Inia, com a idéa de a conquiſtar para eſus Chriſto, antes do que de a ſubnetter ao dominio do ſeu Soberano, raõ a Cruz dos Miſſionarios, e o naior obſtaculo para o eſtabelecimen-

 to

Ann. de J. C. 1512.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

to da fé, pelo contraſte horrorozo d
ſeus exemplos, e acçoẽs, com as ſa
tas maximas da moral do Evangelh
Albuquerque compadeceo-ſe deſtes e
ceſſos, e trabalhou quanto pôde pa
os remedear; e o remedio mais eff
caz foi, que unindo-ſe com o Rei d
Cochim, ſeparou os quarteis dos M
labares, e dos Portuguezes, com p
na de morte ſe paſſaſſem d'uns pa
outros, iſto reprimio por algum tem
po a deſenvoltura, e naõ ſervio pou
para á converſaõ dos Gentios.

Malaca naõ ſentio menos a a
zencia do General, do que Goa. Ma
mud, e Aladin poſtados na Ilha d
Bintau, Laczamana ſeu Almirant
que guardava o rio de Muar, e P
tequitir ſe ajuſtavaõ para lhe fazere
huma viva guerra, com a eſperan
de ſe fazerem ſenhores della. Os I
dios antigos dos Portuguezes, e
meſmos Portuguezes eſmorecendo d
ſeu pequeno numero, temiaõ tudo
uniaõ deſtes inimigos, que cada hu
de per ſi naõ era para deſprezar. Pat
quitir naõ tinha ſahido da ſua povo
çaõ de Upi, onde reſidia c'os ſeus J
vos, depois que tivera o atreviment
de queimar o bairro dos Quitins,
Chatins. Havia-ſe alli fortificado co
dobra-

obrada estacada, da qual a segun-
a era feita da precioza madeira de San-
alos. Tinha tambem seus navios, que
andava a corso, e inquietava muito
Cidade.

Ann. de J. C. 1512.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Brito tinha feito huma trinchei-
desde a Cidade até á porta da For-
leza, com a qual fazia huma espe-
e de Bastiaõ, no angulo do qual co-
cou o corpo d'um grande navio que
ominava as duas faces. Patequitir es-
olhendo huma noite escura, tomou
navio pela negligencia do Capitaõ,
ue nelle foi morto com todos os
us, excepto hum mestre artilheiro,
ie o victoriozo conservou para fazer
rvir á huma grossa peça de artilhe-
a, que alli tomou.

Era precizo naõ deixar gozar mui-
tempo a Patequitir de hum acon-
cimento, que ensoberbecendo-lhe o
imo abatia em extremo o dos In-
os alliados, que já tinhaõ dado mui-
s sinaes da sua desconfiança, enlu-
ndo-se na partida de Albuquerque.
ssim rezolveraõ de hir no dia se-
inte attacalo no seu Forte. Affon-
Pessoa conduzio por terra ao longo
praia os Malabares, e os Malayos,
stentados por alguns arcabuzeiros
ortuguezes. Fernando Peres d'An-
dra-

Ann. de J. C. 1512.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

drade, commandava a partida, e es
tava á testa do resto nos bateis. Af
fonso Pessoa chegou hum pouco tar
de, por ser demorado por cauza d'un
vão. Botelho d'uma parte com vint
Portuguezes sómente, e Fernando Pe
res da outra attacaraõ o Forte, e for
çaraõ as trincheiras das duas estacadas
O maior perigo foi dentro da praça
onde acharaõ 400 homens em armas
e tres Elefantes, sobre cada hum do
quaes havia huma torre, e muito
besteiros. Botelho mais exposto d
que os outros sustentou o primeir
esforço com a sua pequena tropa. Na
se perturbou, ordenou aos seus qu
fizessem pontaria para matar o Mestr
do primeiro Elefante, que era femea
e muito mais pequena, que os ou
tros. Cahindo o Mestre traspasado do
tiros, o Elefante voltou de lado,
no campo recebeo hum tiro d'arcabu
no coraçaõ, e naõ dando mais do qu
hum grito, cahio morto. Fernand
Peres chegou neste momento pel
lado opposto: os inimigos perturbado
naõ cuidaraõ mais do que em se aco
lherem para os mattos, aonde naõ fi
zeraõ cazo de os seguir. Acharaõ n
Forte tantas riquezas, e sobre tud
tantas especiarias, que naõ podend
os

os vencedores carregalas, foraõ obrigados a convindar a gente de Malaca para vir tomar parte na preza; depois disto lançaraõ fogo ao que ficou. Botelho destinguio-se muito nesta acçaõ; porém quem téve maior honra nesta jornada, foi sem contradiçaõ o mestre artilheiro, que Patequitir tinha captivado no navio que tomara. Porque preferindo antes a morte do que servir á peça de artilheria contra os seus, Patequitir lhe mandou cortar a cabeça sobre a culatra da mesma peça; a qual acharaõ ainda rociada do seu sangue esparsido de fresco quando a tomaraõ.

Ann. de J. C. 1512.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

A superstiçaõ impedio Patequitir de tornar a hum lugar, onde a sorte das armas lhe tinha sido taõ contraria: transportou-se huma legoa mais longe, e ahi se fortificou ainda melhor do que no primeiro porto. Naõ se demoraraõ de ahi o attacarem, para se aproveitarem do ardor que dá a victória aos vencidos. As duas estacadas foraõ ainda forçadas com muito calor como na primeira vez; mas como o terreno era hum lamaçal, donde as aguas estavaõ conservadas por artificio, naõ podendo os Portuguezes tirar-se delle tambem como os Indios, por cauza do pe-

ANN. de J. C. 1512.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

pezo das ſuas armas, Peres mandou tocar á retirada, para ganhar os bateis. O de Araujo muito carregado de gente encalhou na area, e ſobre o campo foi o theatro d'um grande combate. Peres o fez ſoccorrer; porém Araujo ahi foi morto com Chriſtovaõ Pacheco, e Antonio de Azevedo Capitaõ de huma caravela. Fernando Peres, Pedro de Faria, e muitos outros ahi foraõ feridos: vantagem que fazendo paſſar de ſalto a victoria d'uma maõ á outra, expertou o valor dos inimigos, e abateu muito os Portuguezes.

Poucos dias depois, tiveraõ occaſiaõ de ſe pagarem na frota inimiga. Laczamana que a commandava, era hum bom Official, porém confiando mais na prudencia, que no valor, evitava expor-ſe a huma acçaõ, e contentava-ſe de moleſtar os Portuguezes, atalhando-lhe os ſoccorros, e os viveres. Com tudo Mahmud obrigado por Patequitir, e esforçado pela ſua ultima felicidade, enviou ordem ao ſeu Almirante para ſe unir ás frotas do Rei d'Arguim, e d'outro Principe ſeus aliados, e ſe aprezentar nos eſtreitos de Saban, e Sincapour, e junto da foz do rio de Muar. Peres ſaben-

abendo pelos feus exploradores que
lle eftava nefte ultimo eftreito, foi
ogo bufcalo para lhe dar batalha.
aczamana percebeo primeiro a frota
'ortugueza, quando o navio de Bo-
elho, que fazia a vanguarda, come-
ou a dobrar hum cabo, que cobria
oda a fua. Bem longe de correr fo-
re elles, fe encovou muito no bahia
ue fazia o Cabo, para o deixar paf-
ar, e dar-lhe pela poupa. Botelho co-
hecendo o feu defignio, naõ dei-
ou de paffar além, na efperança de
he fechar, e tapar o caminho. Com
ffeito quando fe defcobrio a frota
ortugueza, Laczamana penfou fó-
iente por-fe em feguro; e para
ue os navios inimigos naõ foffem ter
om elle, fez diante de fi huma trin-
heira de navios, e de embarcaçoẽs
e remos, que fez furar pelo fundo,
ara que enchendo-fe d'agua, foffem
omadas com mais difficuldade. De-
ois começou a artilheria a varejar
uma, e d'outra parte promptamente,
om a coftumada differença, que a dos
nimigos era mais numeroza, e a dos
ortuguezes mais efficaz, e maneja-
a melhor; porém os primeiros fupri-
õ a fua falta, pela multidaõ de fle-
as, que atiravaõ da praia, com que
os

ANN. de J. C. 1512.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1512. D. Manoel Rei Affonso d'Albuquerque Governador.

os Portuguezes foraõ muito incomn dados.

O que naõ obstante estes gan raõ os bateis á medida que Julant descubrio, saltando de hum a out Houve alli hum cruento combate. Javas nelle se destinguiraõ, e ava çaraõ-se até a combater á golpes alfange. Elles fugiraõ posto que fim, e os Portuguezes naõ poden levar os bateis, alli lhe lançaraõ go, que naõ fez muito prejuizo.

Apartando a noite o combat Andrade esteve attentamente vigia do o seu inimigo, para que lhe n escapasse de noite. Porém Laczam na pondo as suas embarcaçoẽs em co, fez-lhe por diante huma trinche ra de terra, sobre a qual estabelec huma boa battaria. Isto foi feito co tanta promptidaõ, e silencio, que achou acabado ao despontar do di Os Portuguezes tinhaõ-no percebido t pouco, que estavaõ na duvida se el teria fugido. De sorte, que na m drugada, quando Peres vio esta tri cheira, e que percebeo os instrume tos belicos dos inimigos, pasmou, naõ pôde deixar de admirar o seu G neral, que nesta occasiaõ lhe parece grande Capitaõ. E naõ tendo gent

pa-

ara ſe arriſcar a hum deſembarque,
e retirou deixando a eſte General,
oſto que vencido, mais gloria que ti-
era tido em o vencer.

Ann. de J. C. 1512.

D. Manoel Rei.

Affonso d'Albuquerque Governador.

A guerra que faziaõ em Mala-
a, affugentou os eſtrangeiros, a pe-
uria cauzou ahi fome, e depois as
noleſtias faziaõ cahir as armas das
naõs d'ambas as partes, e os obrigaraõ
fazer huma eſpecie de tregoa por
ieceſſidade. O mal durava, e creſcia.
Peres foi conſtrangido a andar á cor-
o para ter mantimentos. Cahio ſobre
um Junco, que tomou depois d'um
igorozo combate. Penſou que iſto
oſſe a cauza da ſua perdiçaõ. Elle ti-
iha-ſe contentado com deſarmar os
rezioneiros, e lhe deixou a liberda-
le para andarem por toda a ſua embar-
açaõ, para onde tinha feito paſſar hu-
na parte. Os prezioneiros todos tinhaõ
onſervado hum Cris debaixo dos veſ-
idos, e formaraõ o diſignio de toma-
em o navio. O Capitaõ devia dar
ignal: eſcolheo o tempo em que Pe-
es eſtava deitado para dormir a ſeſta;
quando elle ſe voltava, deraõ-lhe
uma pancada por de traz. Os outros
emeçaraõ a querer jogar as facadas,
orém os Portuguezes foraõ taõ deſ-
ros, que o Capitaõ naõ teve tempo
de

ANN. de J. C. 1512.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

de repetir: foi logo agarrado, os o
tros mortos, ou apanhados, ou
deitaraõ ao mar. Peres fez pergunt
o Capitaõ, que confeſſou que o Ju
co era de Patequitir, e que o me
mo filho de Patequitir eſtava actua
mente no navio.

Como o Junco eſtava cheio ſó
viveres, e o Capitaõ declarou outr
tres Juncos, que tomaraõ ſem dar t
ro, a alegria foi muito grande em M
laca; porque os habitantes niſſo acha
vaõ dobrado entereſſe, hum do ſeu be
proprio, e outro do mal do ſeu inimig
a quem os Juncos pertenciaõ, o qu
morria de fome. Porém o filho d
Patequitir foi taõ mal guardado, qu
fugio.

A Cidade foi depois mais alivia
da, naõ ſómente pelas prezas, que
Peres continuou a fazer, mas tambem
pela chegada dos ſoccorros que Albu-
querque enviou, e pela de Gomes da
Cunha, que tendo feito aliança com
o Rei de Pegu, tinha conduzido alguns
Juncos cheios de mantimentos, e ti-
nha obtido a liberdade de poder hir
carregar aos ſeus Eſtados. Antonio de
Abreu voltou entaõ das Malucas, e
Antonio de Miranda de Siam, aonde
o General o havia enviado, e aonde
fora muito bem recebido. Con-

Contentes com eſtes novos ſoc-
orros d'homens, e muniçoẽs, os Por-
uguezes ſe rezolveraõ a hir viſitar de
ıovo Patequitir ás ſuas trincheiras,
ıerſuadidos de melhor fortuna, por
auza do eſtado, que ſabiaõ, a que
fome o tinha reduzido. Com effei-
o deſta vez foi inteiramente deſtrui-
o, cntrados ſeus entrincheiramentos,
ıarte dos ſeus Elefantes mortos ou
omados, os ſeus desbaratados, ou
oſtos em fugida, e elle inteiramente
errotado, que deſeſperando do eſta-
o dos ſeus negocios, ſe embarcou
om a ſua familia para hir para á Ilha
e Java: porem elle o fez com tan-
ı ſegredo, que tres dias depois da
ıa partida, he que conſtou em Ma-
ıca. E ainda que Fernando Peres o
igiou, e o perſeguio vivamente lo-
o, elle lhe eſcapou, e ſe pôs em
eguro.

Ann. de J. C. 1512.

D. Manoel Rei, Affonso d'Albuquerque Governador.

A deſtruiçaõ de Patequitir conſter-
ou Mahmud, que ſe achava deſem-
arado, e privado d'um apoio, em
ue confiava, mas foi hum lançe bem
ıvoravel aos Portuguezes. Porque no
ıeſmo tempo que elles ſe viraõ li-
res deſte inimigo, lhes cahio outro
m ſima, que provavelmente os deſ-
uiria, ſe tiveſſe podido unir as ſuas
for-

ANN. de J. C. 1512.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

forças ás de Petequitir, com que tinha enteresses particulares, e q naõ cessava de apressar a sua partic da grande Java, onde fazia os sei preparos.

As duas Ilhas de Java saõ d numero daquellas a que os Portugue zes chamaõ do Sunda. A grande, d que aqui se trata, naõ he separada d de Sumatra, mais que por hum pe queno estreito, que dá este nome ge ral de Sunda a todas estas Ilhas. El la tem quasi duzentas legoas de com prido, e mais de sincoenta de largo e corre de Este a Oueste. He corta da pelo comprimento por huma long cadêa de montanhas, assim como Italia o he pelos Apeninos; porém ta altas que os habitantes, que ellas di videm para hum e outro lado, naõ ten communicaçaõ alguma. Além disso he fertillissima de todas as coisas neces sarias á vida, principalmente em espe ciarias, e em aromas, de que ahi se faz grande commercio. Se he verdade de que os naturaes do paiz saõ originaes da China, assim como lho fazem dizer, he precizo que hajá muito tempo que fosse feita a sua transmigraçaõ. Estes Ilheos saõ igualmente polidos, e taõ bravos que chegaõ a fe-

ro-

ɔces, vingativos por extremo, e desprezaõ a vida quando emprehendem vingar-se. A' excepçaõ de alguns dos mais otaveis, que trazem tunicas de seda, de algodaõ, andaõ nús, e só cobrem que o pejo os obriga. Rapaõ a caeça por diante, e encrespaõ o resto: unca a cobrem, e teriaõ por huma as maiores afrontas, que ouzassem ocar-lhe com a maõ. Amaõ a guer-, e a cassa, á qual levaõ suas mueres, e filhos em carros dourados. s mulheres, que naõ saõ ahi desaradaveis, trabalhaõ bem em muitas oisas. Os homens saõ muito indusiozos, e saõ principalmente peritos as obras de ferro, e de fundiçaõ. riginariamente eraõ Idolatras, e os ue habitaõ no centro do paiz ainda saõ. Os que estaõ nas bordas do ar, tem abraçado a lei de Mafoma gando-se aos Mouros, que ahi se m estabelicido como por toda a par-. No tempo em que nós fallamos avia nove Reys na Ilha; porém tinaõ huma auctoridade muito limita- sobre a Naçaõ, a qual se goverava propriamente pelo Conselho dos elhos.

Pate-Onus, que he o inimigo de ue vou a fallar, naõ era Rei, mas

tinha-

Ann. de J. C. 1512.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Ann. de J. C. 1512. D. Manoel Rei Affonso d'Albuquerque Governador.

tinha-ſe alevantado contra o ſeu leg
timo Soberano, era aſſás poderozo p
ra ſe fazer temer, ou para ſer lançac
do throno por tempos. Parecia que e
le dirigia o ſeu plano para ſe eſt
belecer ſobre as ruinas de Mahmu
Rei de Malaca, pelas intelligenci
que tinha com Utemutis, e havia ſ
te annos que ſe preparava com imp
netravel ſegredo á reſpeito das ſu
viſtas. Depois que os Portuguezes
aſſenhorearaõ deſta Cidade, concebe
elle huma maior eſperança de apod
rar-ſe della. A ſua frota, dizem, qu
conſtàva de quaſi trezentas velas c
todas as eſpecies, entre as quaes h
via muitos Juncos de grande port
O em que elle hia era prodigiozo p
la ſua altura, e comprimento. A g
via dos navios Portuguezes chegav
ſó ao nivel do ſeu Caſtello de pop
Era de madeira taõ forte, que as pr
cintas, e as bordas que eraõ de ſe
taboas unidas por huma argamaça, era
feitas á prova de bomba, e della
reflectiaõ as balas.

Eſta frota partio do porto de J
para no anno ſeguinte de 1513: ta
to que ella paſſou o eſtreito de Sur
da, Rui de Brito teve logo notici
pelos ſeus deſcubridores. A notici
fez

z alguma impreſſaõ em Malaca nos ortuguezes meſmo. Porque além de berem que os Javas ſaõ homens relutos, e belicozos, naõ ignoravaõ ie ſaõ tambem perigozos nos comtes pelos eſtratagemas, que empreõ no ultimo recurſo. Siqueira, e lbuquerque os tinhaõ experimenta-, e ſe tinhaõ admirado. O primei- meſmo ahi penſou morrer. Porque iando ſaõ abordados, elles tem hum go artificial que naõ queima; pom que aſſuſta aos que naõ ſaõ coſmados a elle. Além diſto tem a iniſtria de acravarem os ſeus navios, modo que ſe enchem d'agua ſem variar as mercadorias, e expoem quelles, que os tem tomado, a ſe ogarem. Com tudo, o Governador Malaca ſem ſe aſſombrar enviou ernando Peres d'Andrade com os ſeus avios para aviſtar eſta frota, e ſe ſpôs para hir combatela. Peres volu ſem a ter viſto, porque a frota imiga tinha paſſado do eſtreito de aban para outro, que formaõ algumas Ilhas viſinhas; porem na ſua vol-, elle a vio deſcobrir-ſe de fronte a Cidade, onde o numero dos ſeus avios naõ deixou de augmentar o error.

Ann. de J. C. 1512.

D. Manoel Rei.

Affonso d'Albuquerque Governador.

ANN. de J. C. 1512.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Com tudo vio-se huma nobre em[...] lação entre os Chefes para convire[...] nesta acção. E até houverão alt[...] gritos entre Brito, e Peres; porq[...] o primeiro queria commandar a fr[...] ta, e as coisas forão levadas logo t[...] longe, que Brito pôs Peres em Co[...] selho. Porém passando o primeiro f[...] go, arrependeo-se, livrou-o, e o de[...] culpou, e este sacrificando os seus r[...] sentimentos ao bem publico, se p[...] todo em movimento para hir ao in[...] migo. A frota Portugueza compunh[...] se de 17 navios, sustentados por ou[...] tra pequena frota toda composta d[...] embarcaçoẽs do paiz, que commanda[...] va Nina Chetu, que tinha 1$50[...] Malayos ás suas ordens.

Ao amanhecer do dia seguinte as duas frotas se prepararão, a do[...] inimigos para entrar no porto, e [...] dos Portuguezes para ganhar o larg[...] Botelho que estava na vanguarda, [...] que tinha hum bem veleiro, governo[...] sobre a Capitania, a qual se destingui[...] assás pela sua grandeza. Foi logo in[...] vestido por quinze pequenas embarca[...] çoẽs, de que naõ fez cazo algum[...] Pedro de Faria o seguio na sua gale[...] ra com o mesmo ardor. O seu desig[...] nio era de hir a abordagem. Porém

quan-

iando viraõ de perto a ſua altura
ceſſiva contentaraõ-ſe em a varejar.
aõ aproveitando alli nada a artilhe-
, voltaraõ a meter-ſe em linha.
odo eſte dia ſe paſſou em eſcaramu-
s. Os inimigos naõ tinhaõ dezejo
pelejarem ao largo, e intentaraõ
trar no porto, o que fizeraõ de noi-
, ſem que os podeſſem impedir.
peravaõ pelas ſuas maquinaçoẽs cau-
r algum movimento na Cidade, e
zerem-na declarar a ſeu favor. Os
rtuguezes pelo contrario cobiçavaõ
nar o largo, porém mudaraõ de
:a, com medo de ſerem cercados,
ſe colocaraõ tambem no porto mui-
perto da praia.

ANN. de J. C. 1512.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Muito pouco ſe dormio nas duas
tas, os Chefes de ambas as partes
eraõ conſelho. A divizaõ ſe paten-
ou mais do que até alli entre os
rtuguezes. Brito, e os de ſeu parti-
mudando de parecer queriaõ evitar
combate, e enviar a pedir ſoccorro
Indoſtan. Elles arrazoaraõ, e o
o foi declarado a Peres, que delle
pouco cazo, arrazoou da ſua par-
e rezolveo de dar a batalha, pôs-
a prumo ſobre as ſuas ancoras, em
nto o Governador fez trabalhar na
nte, e na frente da rua principal

 pa-

ANN. de J. C. 1512.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

para se pôr em defensa. Com tud
no fim os Officiaes se reuniraõ e
favor de Peres, e rogaraõ o Gove
nador que quizesse ficar na Cidade
la, a fim de naõ pôr em risco a s
pessoa, de que dependia a salvaç
da praça, no cazo de qualquer co
trario acontecimento.

D'outra parte alguns dos ma
distinctos da Cidade passaraõ a bo
do do Pate-Onus, a quem contaraõ
destruiçaõ, e fugida do Patequitir
o que o pôs de pessima condiçaõ. P
rém, como em hum mal sem remedi
foi necessario deliberar sobre o part
do que nisso se havia tomar. Aco
selharaõ-lhe que evitasse a batalha
cujo successo era ao menos incert
com os Portuguezes costumados a ve
cer. Pate-Onus cedeo a este parecer
e quiz decer á terra; porém o tem
de que os seus Javas pilhassem am
gos, e inimigos, fez com que se o
pozesse a este projecto, e que o acon
selhassem para hir unir-se a Laczama
ra no rio de Muar, na esperança qu
obrando de acordo, e vigiando somen
te a fechar as passagens, se faria
senhores da praça, evitando-lhe o
soccorros, e os viveres.

Tendo prevalecido este conselho,
que

ue era o mais prudente, e o mais guro, Pate-Onus se preparou; porm a fim de encobrir a sua manoa, mandou fazer hum grande esondo de trombetas, e instrumentos, e Peres naõ pôde antever, e julu que huma parte das suas trombes tinha desembarcado, quando o dia guinte lhe descubrio a sua retirada. orém como elle estava inda á vista, ó desconfiou de o alcançar, e ten- promptamente desatado a sua mena, e levado ancora, todos os mais eraõ o mesmo, e o alcançaraõ lo-, posto que o inimigo, que o vio arelhar, deitou fóra todas as suas las, para melhor fugir. Os Portuezes animados por huma retirada ó vergonhoza, e taõ pouco espera-, começaraõ a jogar a sua artilhe-, e a deitar granadas, e panelas de go com tanta violencia, e felicida-, que senaõ via de todas as partes ais que arderem embarcaçoẽs, cor-em á pique, voarem despedaçadas, inimigos que se deitavaõ ao mar, de os Portuguezes descidos nas suas alupas se cançavaõ de os matar. Pe-s temendo que as muniçoẽs lhe fal-ssem, despachou para pedir a Brito, e lhas enviou, e mandou dar des-car-

Ann. de J. C. 1513.

D. Manoel Rei.

Affonso d'Albuquerque Governador.

Ann. de J. C. 1513. D. Manoel Rei. Affonso d'Albuquerque Governador.

cargas pela artilheria da Cidadella, p
ra annunciar á Cidade huma victoria
que estava já em boa figura, pore
que os habitantes differentemente a
feiçoados naõ ouzaraõ esperar, ou n
se tinhaõ lembrado de temer.

Durando o combate até ao me
dia, Pate-Onus aturdido do effeito
artilheria Portugueza, cujas balas,
artilhaços tinhaõ feito alguma rui
sobre o seu convez, fez signal
quatro Juncos dos mais fortes da s
frota para se lhe virem encostar.
Senhor de Polimbaõ, seu parente,
seu Vice-Almirante, teve ordem
se pôr diante com outro Junco, e
fazer cerrar todos aquelles, que naõ e
tavaõ ainda fóra do combate, tudo e
torno delles. Tudo foi feito. Poré
foi este o peior partido, que elle p
dia tomar. Porque estando assim ferr
dos, os Portuguezes naõ perdiaõ hu
só tiro, e os artilhaços faziaõ ain
maior effeito, que as balas: o mar e
tava todo cuberto de ruinas, ou
navios abrazados, e todo tinto de sa
gue, e cheio de moribundos, e mo
tos.

Peres tinha dado ordens, que
combatesse sempre de longe sem hi
a abordagem; porém a razaõ das o
dens

dens mudando algumas vezes segun-
do as circunstancias, estas circunstan-
cias mesmo obrigaõ a pezar de que
s haja, a supplantar estas ordens.
Assim Martinho Guedes foi o primei-
o, que vendo-se com capacidade de
omar hum Junco, chegou para o
bordar, tomou-o, e lançou-lhe fogo.
oaõ Lopes d'Alvim fez o mesmo a
outro. Peres tendo reforçado o seu
navio da gente que tomou de algumas
outras embarcaçoẽs, abordou o Vice-
Almirante da armada inimiga pelo flan-
o junto com Francisco de Mello,
que o afferrou pela proa. O sobrinho
do Vice-Almirante, moço rezoluto,
endo o perigo de seu tio, perlon-
gou-se com o navio de Peres, e unin-
do-se, passou por sima delle como por
huma ponte sem se demorar, e com-
batendo como hum desesperado, con-
seguio vantagem. Peres, Simaõ Af-
fonso Bisagudo foraõ feridos: elles
eraõ mal guiados sem Botelho, que
tendo tambem abordado, correo a soc-
correlos. Naõ obstante isto elles tive-
raõ muito que fazer só, depois d'um
combate dos mais porfiados, afferra-
dos sempre estes sinco navios, os Por-
tuguezes, se apoderaraõ dos dois Jun-
cos, aos quaes largaraõ fogo, naõ
fi-

Ann. de J. C. 1513.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

ficando alli ninguem para os defend[e]

Ann. de J. C. 1513. D. Manoel Rei. Affonso d'Albuquerque Governador.

Os outros Capitaens da frota Po[r]tugueza faziaõ todos maravilhas da [s]parte, como tambem Tuan Mahame[t] que combatia a favor delles no Ju[n]co que lhe pertencia, e Nina-che[tu] que conduzia a pequena frota M[a]layeza.

Depois que Peres se assenhore[ou] dos dois juncos, foi dar cassa a Pat[e] Onus, e o perseguio até á noite co[r]tando-lhe as suas velas, e a mastre[a]çaõ, ficando só saõ o corpo do n[a]vio, onde a artilheria naõ podia mo[r]der. A vista do combate era semp[re] horroroza. E se augmentou, porqu[e] o Ceo lhe deo parte. Encubrio-se t[u]do, e dobrou o horror da artilheria juntando-lhe seus raios, trovoẽs, e [as] trevas da noite. Entaõ cada hum co[me]çou a cuidar em si. As duas fro[tas] foraõ dispersas, e confundidas naõ sabendo ninguem aonde estav[a]. Os navios grossos correraõ maior ri[s]co: porque como estavaõ perto da te[r]ra, foraõ obrigados a ancorarem e[m] duas braças d'agua.

No dia seguinte da tempestade Botelho, e Tuan Mahamet separado do resto de toda a sua frota, se acha raõ junto do Junco de Pate-Onus, [...]

de

le outros dois. A visinhança tendo
tiçado o ardor do combate, elles pe-
ejaraõ com furor, até que lhe faltou
polvora. Entaõ Botelho voltou a
Malaca para tomar novas muniçoẽs, e
enovar a partida. No tempo que el-
e alli chegava de novo, achou Pe-
es nas Ilhas chamadas as Ilhas dos
avios. Elle o exortou em vaõ para
ue o seguisse, porque os seus navios
stavaõ muito destroçados, quasi to-
a a gente ferida, e abatida do tra-
alho do dia, e noite precedente.
Botelho naõ deixou de seguir o seu
onceito, porém inutilmente. Pate-
Onus tinha já ganhado o largo para
ir, naõ ao rio de Muar, segundo
eu primeiro projecto, mas á Ilha de
ava, onde elle mesmo chegou feri-
o, depois de ter perdido mais de
ito mil homens, quasi todos os seus
uncos que eraõ sessenta; e a maior
arte das suas embarcaçoẽs pequenas.
Em quanto ao Junco em que elle hia,
ez tirallo á terra, e conservallo em
um Arsenal feito de pensado, pa-
a eternizar a memoria desta jornada,
honra que tinha tido em hir buscar
os Portuguezes, e a sua felicidade de
he escapar.

No retorno de Botelho, toda a
fro-

Ann. de J. C. 1513.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

ANN. de J. C. 1513.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

frota entrou em Malaca ás acclama çoẽs do povo, que applaudio hum taõ bella victoria. E depois de have dado a Deos solemnes acçoẽs de gra ças, Fernando Peres que tinha acaba do o seu tempo, partio para o In dostan com Antonio de Abreu, Vazc Fernandes Coutinho, e Lopo de Aze vedo, deixando o commando do ma a Joaõ Lopes de Alvim, que tinh tido provizoẽs de Governador.

As noticias d'uma frota do Cali fe, que deziaõ com affectaçaõ ter sor tido do mar Roxo, e entrado no Gol fo Arabico para vir recuperar Goa pe las instancias do Idalcaõ, cauzava es torvo a Albuquerque, que obrigado por outra parte pelas ordens da Cor te a se pôr em estado de prevenir es ta frota, podia fazello reprehensive pela sua lentura, e temer que os seus inimigos secretos ahi se prevalecessem. Assim tendo provido aos negocios de mais precizaõ, e recebido os reforços que lhe tinhaõ vindo, se fez á vela em 13 de Setembro de 1512. com dezaseis navios, aos quaes se deviaõ ajuntar outros quatro, que elle havia tomar em Goa. Porém tendo tido na sua derrota avizos mais seguros dos projectos do Calife, cuja frota naõ

esta-

estava ainda prompta, e que primeiro que tudo, queria fazer-se senhor de Adem, para o ser das Gargantas do mar Roxo, mudou logo de pensamento, e se demorou em Goa, determinado a naõ partir d'alli, sem que tivesse lançado Rostomacaõ do porto da Benastarim.

Ann. de J. C. 1513.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Foi recebido com as mesmas honras, que se teriaõ feito á pessoa d'El-Rei, e com as demonstrações de ternura, e reconhecimento, que a Cidade lhe devia, como seu fundador, e libertador. O inimigo que ella tinha na sua visinhança naõ a opprimia tanto como dantes, porém cauzava-lhe todo o receio. Tinha elle feito de Benastarim huma praça de guerra das melhores daquelles tempos. Elle a tinha cercado de baluartes, e fortes muralhas terraplenadas da parte de dentro até as ameias, exceptuando hum só lugar, onde o muro, forte por si mesmo, naõ tinha precizaõ deste soccorro, por cauza de huma lagoa que o prezervava, e no qual tinha muitos bateis armados. Tinha elle ahi nove mil homens de guarniçaõ, naõ lhe faltavaõ munições de guerra, e de boca, e corria fama que o Idalcaõ lhe enviava ainda hum exercito de vinte mil homens.

Ten-

ANN. de J. C. 1513.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Tendo o Governador tomado conhecimento do eſtado das coiſas, emprehendeo por-lhe ſitio formal por mar, e terra, e começou logo pela parte do mar. Eſte era o mais dificil. O inimigo tinha entupido as paſſagens em duas partes com fortes eſtacadas, que occupavaõ todo o leito do rio. Além diſſo eſtas paſſagens eraõ taõ eſtreitas, que eſtavaõ expoſtas a todo o fogo das muralhas. A difficuldade naõ o deteve. Fez armar ſeis embarcaçoẽs taõ cheias de artilheria, que pareciaõ ter mais ferro que páo, e fez fazer em ſima pontes, e tilheiros no ar, para ahi ter cubertos os obreiros; e como eſtes telheiros as faziaõ pender hum pouco para huma parte, elle as equilibrou com toneis que as contrapezavaõ. Tanto que eſtiveraõ preſtes, enviou ahi duas pela parte do paſſo ſeco, e as outras quatro pela velha Goa.

Chegados os navios a ſeu poſto, arrancadas, e tiradas as eſtacadas, foi eſta a força do perigo. Os inimigos faziaõ hum fogo continuo, e terrivel. Elles tinhaõ huma battaria á flor d'agua, que naõ errava tiro. Huma groſſa colubrina em particular ſervida por hum arrenegado, os deſtruia mais

que

que todo o resto. Albuquerque que em hum catur hia aonde a necessidade mais o chamava, foi cuberto pela cabeça do sangue d'um infeliz, que elle despedaçou a seu lado. O navio que commandava Ayres da Silva sendo mal governado, e tendo tocado, a artilheria dos inimigos o maltratou tanto, que deitando-lhe fogo a tres barrís de polvora, lhe fez voar huma parte, e meteo tal medo á equipagem, que todos, excepto Silva, se deitaraõ a nado. Porém correraõ-se tanto de ver o Governador no seu escaler correr ao mais forte do perigo, que animados ainda mais pela sua intrepides, que pelas reprehençoẽs que elle lhes fez, por haverem assim desemparado o seu Capitaõ, tornaraõ todos para bordo.

Ann. de J. C. 1513.

D. Manoel Rei.

Affonso d'Albuquerque Governador.

Dando a Albuquerque muito incommodo a Colubrina, propoz elle cem cruzados, a quem a podesse desmontar. O seu mestre artilheiro o conseguio, elle meteo a bala direita pela boca do canhaõ, cujos artilhaços mataraõ o arrenegado, e dois ajudantes que elle tinha. Porém o fogo do inimigo foi taõ frequente em toda esta primeira jornada, que elle naõ o pôde executar senaõ no outro dia. Os ini-

mi-

ANN. de J. C. 1513.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

migos atiraraõ tambem grande quantidade de flexas de que os navios estavaõ cubertos, e taõ espessas como hum bosque. Com tudo a artilheria das embarcaçoẽs tendo arruinado muito as battarias dos inimigos, fez que o fogo destes fosse mais brando. Entaõ se assenhoreou das passagens, o que era mais importante, e tiraraõ os viveres, e soccorros aos sitiados da parte do continente.

Naõ tinhaõ ainda emprehendido coisa alguma da parte da terra, quando huma aventura pareceo querer fazer os Portuguezes senhores da praça n'uma volta de maõ. Isto foi huma Sexta feira dia Santo, para os Musulmanos. Rostomocaõ sahio naquelle dia na frente de 250 cavallos, e d'um numero muito mais consideravel de infantes, e se avançou até meio caminho de Goa. Albuquerque tinha hido reconhecer algum posto, e descubrindo toda esta gente, ficou duvidozo, se haveria alli algum laço, ou se os inimigos teriaõ intençaõ de fazer alguma valentia, para mostrarem que pouco temiaõ os Portuguezes. Com tudo huma das guardas avançadas tendo dado rebate á Cidade, tocaraõ o sino, e no campo sem esperar ordem do Governador, os Offi-

ciaes

Ann. de J. C. 1513. D. Manoel Rei Affonso, d'Albuquerque Governador.

aes fizeraõ ſahir as tropas por polo-
ɔés até o numero de dois mil ho-
ıens, ſem contar Malabares, e Cana-
ns. Roſtomocaõ vendo que o ſe-
uiaõ, tocou á retirada, e voltou pa-
ı á ſua praça: porém os ſeus que
: viraõ muito canſados, tendo fecha-
ɔ as portas, os que ficaraõ de fóra,
ɔraõ obrigados a dividirem-ſe em ro-
ı dos muros, donde lhe deitaraõ
ɔrdas para os ajudarem a ſe ſalvar;
ıtros ſe afogaraõ, ou foraõ mortos.

Chegados os Portuguezes ao pé
ı muralha, e animados pelo ardor
: ſeguirem o inimigo, emprehende-
.ó de a tomar por eſcala pelos meſ-
ıos lugares, ajudando-ſe das ſuas lan-
ıs o melhor que podiaõ. Como os
ıe primeiro chegaraõ eraõ peſſoas
ſtinctas, e Officiaes maiores, a emu-
çaõ os eſtimulou ainda mais. D. Pe-
ɾo Maſcarenhas, e Lopo Vaz de
ımpaio, ſe deſtinguiraõ entre os mais.
. vigoroza reſiſtencia dos inimigos,
ıe concorriaõ á defença dos ſeus mu-
ɔs, naõ lhes esfriou os animos, nem
ıenos a morte de Diogo Correa,
: Jorge Nunes de Leaõ, e de Mar-
m de Mello, nem o numero dos ſeus
:ridos. Porém Albuquerque que eſta-
ı montado a cavallo, e chegou a
opor-

ANN. de J. C. 1513. D. MANOEL REI AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

oportuno tempo, vendo a desigualda
do partido, mandou tocar á retirad
e inteiramente transportado de gost
foi abraçar Mascarenhas, e o beij
na testa, fosse por esta distinçaõ q
elle o quizesse recompençar, de q
sendo nomeado pela Corte Gover
dor de Cochim, naõ quizesse ton
posse para ter a honra de vir assi
ao cerco de Benastarim, ou fosse p
que elle quizesse com isto dispor
gente, para que o quizessem ver no g
verno de Goa a que o distinava. P
rém esta distinçaõ fez muitos zelozo
e pôs o Governador na necessidade
se justificar contra a vivacidade de hu
e desfarçar a zombaria de outros.

Foi prezizo fazer hum cerco
gular, que se começou dois dias c
pois. O exercito constava de tres n
Portuguezes de belissima tropa. H
ma sahida que fez o inimigo sobre
quartel de Manoel de Souza Tav
res, onde Garcia de Noronha esta
mal disposto, sem Mascarenhas q
conduzio hum novo refresco, ob
gou o General a fazer linhas de c
cumvalaçaõ. Os inimigos se defendi
com valor, porém as battarias dos
tiantes, tendo começado a fazer b
cha, Rostomocaõ, que temeo ser ton

d

o por aſſalto, fez tocar á chamada, arvorou bandeira branca.

Os artigos da capitulaçaõ foraõ ſſignados hum pouco contra a vonıde dos Officiaes, que queriaõ toıar a praça por aſſalto. As condioẽs foraõ que os inimigos ſahiriaõ om ſeus bens, e ſuas peſſoas ſalvas, eixando ao vencedor a artilharia, as ıuniçoẽs de guerra, os navios que nhaõ na Ilha, os cavallos, e os arenegados. Eſte ultimo artigo cauzou lguma conteſtaçaõ. Albuquerque lhes rometeo a vida, e Roſtomocaõ por ſcrupulo de Religiaõ ſahio antecipaamente da praça, para que ſe naõ ſſeſſe que elle os tinha entregado. Deſpejada a praça, entrou nella o encedor. Entaõ appareceo o ſoccorro nviado pelo Idalcaõ, e commandado or Sufolarim. O que veio muito tare, e voltou como tinha vindo.

Albuquerque ſatisfez a promeſſa os dezertores, naõ lhes tirou a via; mas querendo fazer hum exemlo de terror, pior que a meſma mor, depois de os expor aos inſultos do ovo, fez-lhes cortar o nariz, as oreıas, a maõ direita, e o dedo pollegar a maõ eſquerda, e os enviou prezioneiros para Portugal, para dar hum

Ann. de J. C. 1513.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Ann. de J. C. 1513.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

espetaculo horrorozo do castigo, qu tinhaõ merecido pela apostasia. Hun destes, homem de qualidade, naõ po dendo sofrer a vista da sua patria qu tinha detestado, alcançou por merc que o deitassem na Ilha de Santa He lena entaõ dezerta. Deixaraõ-no ah com alguns negros, e com que fizes se huma habitaçaõ. Elle ahi fez pe nitencia dos seus peccados, e reparou a injuria que tinha feito ao seu no me, e á sua Naçaõ, cultivando est Ilha, que foi depois d'uma grandissi ma utilidade aos navegantes destas lon gas carreiras.

ElRei D. Manoel em consideraça aó Governador, lhe havia enviado D Garcia de Noronha seu sobrinho, e tinha feito General do mar das In dias, para que nesta qualidade podes se ajudar seu tio com auctoridade, supprir a muitas coisas, que elle na podia fazer por si mesmo. Assim Albu querque, a quem os negocios retinha em Goa, o enviou a Cochim para ex pedir os navios de transporte, qu deviaõ partir neste anno de 1512 pa ra o Reino, e lhe deo ordem ao mes mo tempo de fazer cruzar sobre a Cos ta de Calecut, para impedir os navios Mouros d'ahi entrarem, ou sahirem.

El-

Elle fez partir Garcia de Souza para cruzar fobre a Cofta de Dabul, com ordem de enviar á Goa todos os navios que foffem carregados de cavallos da Perfia, fem lhes permitir que paffem a outra parte; fazendo-lhes declarar pela mefma via, que feriaõ aliviados d'uma parte dos direitos, que d'antes pagavaõ por efte commercio.

Anno de J. C. 1513.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Efta monobra produzió o melhor effeito, que elle poderia dezejar de ambas as partes. O Samorim havia muito tempo que eftava enfadado da guerra, que lhe tinha trafido infelicidades fobre infelicidades. Os feus alliados, ou o tinhaõ fervido mal, ou o haviaõ abandonado. O feu commercio eftava inteiramente morto. Os feus concorrentes, e os feus rivaes tinhaõ-se aproveitado dos feus defpojos, fortificando-fe da alliança dos Portuguezes. Os Portuguezes mefmos tinhaõ-se feito taõ poderozos, depois da tomada de Goa, e de Malaca, que elles eraõ d'alguma forte os Senhores da India; de modo que efte Principe naõ tendo outro caminho para fahir do embaraço em que eftava metido, que o da fubmiffaõ, deo commiffaõ ao Principe Naubeadarin para entrar em conferencia, e concluir a paz por to-

ANN. de J. C. 1513.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

do o preço que fosse. Este escreve a D. Garcia de Noronha, offereced se para ser medianeiro entre o Samo rim, e elle, e se obrigou a fazer con sentir seu tio para dar hum lugar pa ra huma Cidadella.

Por outra parte, Goa fez-se mai florente que nunca. A diminuiça dos direitos de entrada, e sahida atra hia os commerciantes, sempre ávido do maior ganho, e sempre atten tos a qualquer interesse. Viaõ-nos pa ra ahi correr de tropel, e á profia ElRei de Portugal naõ perdeo nada porque o que parecia perder na de minuiçaõ dos direitos, recuperava pe la abundancia dos generos precizos, augmento dos rendimentos. Elles eraõ de taõ grande rendimento, que o Re de Vengapur, de quem o Governador dezejava muito a alliança, enviou huma embaixada, a fim de ser preferido para o arrendamento total. O seu Embaixador trouxe hum soberbo prezente de chayreis, sellas, e outros jaezes de cavallos ricamente bordados, de grande preço. Pedia juntamente, que lhe vendessem trezentos cavallos da Persia, o que lhe concederaõ. O Rei de Narsinga, e o Idalcaõ mesmo sempre inimigos, conceberaõ disto

ciu-

iumes, e temendo ser hum pelo outro prevenido, enviaraõ seus Embaixadores a Albuquerque para fazerem seus tratados.

Ann. de J. C. 1513.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

No mesmo tempo Albuquerque e vio procurado de novo pelos Reis a Persia, e de Cambaia. E o Emperador dos Abexins, e o Rei d'Ormuz ne enviaraõ seus Embaixadores, para s fazer passar á Portugal: e hum Rei as Maldivas se sujeitou, fazendo-se ributario da Coroa.

A politica de Albuquerque a respeito de todos estes Principes foi mavilhoza. Porque no mesmo tempo ue tratava os seus Enviados com explendor, e amizade, naõ fazia mais o que travar as negociaçoẽs sem se preſſar de concluir difinitivamente, fingindo remeter a inteira concluzaõ os tratados para á vinda d'uma expediçaõ que meditava, e para a qual viaõ fazer grandes preparaçoẽs, de ue ninguem sabia o destino; a fim de ue temendo cada hum, que a tempestade lhe cahisse em sima, fizesse proposiçoẽs mais vantajozas, e desse mais acilmente as maõs ás que elle mesmo lhe quizesse fazer.

De todos estes Embaixadores, o e que teve gosto mais sensivel, foi do

ANN. de J. C. 1513.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

do Preste-Joaõ, ou do Emperador do Abexins, Principe conhecido até enta d'uma maneira taõ confuza, e que o Reis D. Joaõ II. e D. Manoel tinha taõ grande dezejo de conhecer. Al buquerque se lizongeava de que a primeiras noticias seguras chegassem Corte por elle, e que isto podess parecer como hum effeito das diligen cias, que elle tinha feito para chega a conseguilas. Assim sobre o primei ro avizo que elle teve, de que est Embaixador estava em Dabul, ond o retinha prezioneiro o Tanadár, o Rendeiro da Alfandega do Idalcaõ ordenou a Garcia de Souza que pedisse, e o fizesse conduzir com to da a diligencia. Souza cumprio ben a sua commissaõ. E porque este Em baixador estava encarregado d'um pre ciozo Santo Lenho, que o Empera dor, e a Emperatriz Helena envia vaõ a ElRei de Portugal, o Gover nador o fez receber em procissaõ na frente do Clero, e das tropas. E de pois de conversar muito com elle a respeito da sua viagem, o fez partir para Cochim, cheio de honras, com ordem ao Commandante de Cochim para o fazer passar para Portugal no melhor navio de transporte.

A

A frota d'Albuquerque composta le vinte navios. 1⊕700 Portuguezes, : 800 Malabares, estando prestes, em que della podessem penetrar o nysterio, se fez á vela; e no pono de sahir da barra de Goa, ajuntou os seus Capitaẽs, que todos eraõ Ofiiciaes distinctos, ou pela sua qualilade; ou pelos seus serviços, e lhes propoem as ordens que tinha recebilo d'ElRei para á viagem do mar Roto: elle as appoiou com fortes raoẽs, que foraõ todas approvadas pelo Conselho.

Ann. de J. C. 1513.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

As calmas o detiveraõ muito temoo no mar. Foi obrigado chegar a Socotorá, e naõ chegou á vista d'Alen senaõ no dia de Quinta feira maior. Porém como era perto da noite, e onhecia pouco a praça, pôs-se á capa. Pouco depois vindo-lhe dizer Pelro d'Abuquerque que achava fundo a 35 braças, fez continuar a derrota só com a mezena, sempre com o prumo na maõ, e ancorou em quaorze braças sem se querer fiar nos fogos que os habitantes, que o tinhaõ percebido, fizeraõ sobre alguns rochedos com o disignio de o fazerem encalhar.

Só a vista da praça fez julgar a Al-

Ann. de J. C. 1513.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Albuquerque que a empreza era ma
dificil do que lhes tinhaõ feito. A Cidac
d'Adem situada na foz do mar Roxo e
12 gráos, e 15 minutos de Latituc
do Norte sobre a Costa da Arabia
faz huma bela vista pela sua situaçaõ
e pela beleza dos seus edificios. Hu
ma pequena lingoa de terra, sob
que ella se acha, avançando-se para
mar fórma ahi dois portos, que f
zem huma especie de Peninsula ao p
d'uma montanha, a qual elevando-
em muitas pontas muito escarpadas
aprezenta hum belo espetaculo, p
rém de huma beleza misturada co
horror. O solo desta montanha he ta
arido, que nelle nunca cresce a me
nor herva, e em lugar de ter algu
mas fontes, imbebe logo toda a agu
que lhe cae do Ceo. Hum só aque
ducto conduz á Cidade da distancia d
quatro milhas toda a que se ahi bebe
Saõ obrigados a trazer por mar, o
do interior das terras todo o precizo
para á vida. Com tudo a Cidade na
deixava de ser povoada, rica, e abun
dante. Devia ella esta obrigaçaõ em
particular aos Portuguezes, porque s
tinha augmentado por todos os modo
depois do estabelecimento delles na
Indias. Porque d'antes como os na-

vios

ios que entravaõ, ou sahiaõ do mar Roxo naõ tinhaõ nada que temer, faziaõ sua derrota em direitura, sem pensar em Aden. Porém o perigo dos navios Portuguezes, que cruzavaõ, obrigou logo os Mercadores a retirarem-se a ella como para hum azilo; d'entaõ ficou huma das celebres. A mesma razaõ fez que a fortificassem de boas muralhas, e de fortes torres da parte do mar, e tambem da parte da montanha adiantaraõ as fortificaçoẽs até o mais alto, edificando torres similhantes sobre todos os seus cumes, e bons muros que cortavaõ todos os seus desfiladeiros.

Ann. de J. C. 1513.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

O Rei, ou Cheque d'Adem naõ assistia ahi de ordinario. Morava no certó, para estar mais prompto para se defender dos seus visinhos. Tinha sómente em Adem hum Emir, que era o Governador. Mir-Amirjam, que o era quando Albuquerque alli se aprezentou, era politico, e valerozo. Deo prova d'ambas as coisas, porque o entreteve com muita maxima, para ter tempo de fazer entrar tropas na praça, e se defendeo depois com muito valor, e rezoluçaõ. Albuquerque perdidas as esperanças, que lhe tinhaõ feito conceber as primeiras civilidades,

com

Ann. de J. C. 1513.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

com que o Emir o previnira, julgo[u] para sahir gloriozo, era este hum n[e]gocio com que devia romper, e [se] determinou a hir á escala. O Em[ir] naõ lhe tomou o contra pé. Naõ [se] embaraçou em impedir-lhe a descida, e esperou a pé firme sobre as mura[lhas].

A sua prudencia, e valor teria com tudo esbarrado contra o esforç[o] dos Portuguezes, se o espirito de ver[tigem], e a loucura do ponto de honr[a] naõ se apoderassem destes. Os Capi[taes] deraõ elles mesmos exemplo ao[s] outros. A precepitaçaõ com que cad[a] hum se esforçava para ser o primei[ro] que subisse á muralha, para ahi ar[vorar] os seus estendartes os fazia cor[rer] como loucos. Muitos se lançara[õ] á agoa por impaciencia para chegare[m] primeiro ao pé da muralha. Encosta[raõ] depois as suas escadas, e a peza[r] da furioza resistencia dos inimigos, sobem como a correr, arvoraõ sua[s] bandeiras; porém com tanta invej[a] huns dos outros, que naõ se pôd[e] destinguir na multidaõ, se naõ hum Clerigo de sobrepeliz, que arvorou hum Crucifixo em lugar de estendarte. Com tudo as escadas muito carregadas se quebraraõ, quando havia j[á]

per-

erto de 150 homens, que tinhaõ en-
rado na praça donde elles apartaraõ
ogo os Mouros, que se lhes oppunhaõ.
O Governador, que chorava huma
esordem que naõ podia impedir, se
pplicou a fazer reparar as escadas.
orém Garcia de Souza, que se ha-
ia adiantado pelas ameias, tendo
ntrado por huma canhoeira da mura-
ha, que fez destapar com quasi ses-
enta homens: Albuquerque se trans-
ortou ao mesmo sitio, e fez abrir
utra, por onde entraraõ ainda qua-
enta. Enviou elle logo ordem a Joaõ
idalgo para hir com a sua companhia
e Ordenança para impedir, que en-
rassem da parte da montanha, o que
lle naõ pôde fazer, por ser o terre-
o muito escarpado, e os inimigos se
efenderem alli com muito valor.

Ann. de J. C. 1513.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Elles cobraraõ animo á vista da
esordem. Os Portuguezes, que esta-
aõ sobre os muros, combatiaõ com
antagem, e Gracia de Souza mais
nimado que todos os outros, se ti-
ha apoderado d'um pequeno entrin-
heiramento; porém Amirjam na fren-
e d'um corpo de cavallos, deo sobre
lles com tanto vigor, que limpou os
uros, e obrigou os Portuguezes a sa-
ir pelas mesmas canhoeiras, por onde
ti-

ANN. de J. C. 1513.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

tinhaõ entrado. Souza ficou cercad
com alguns que eſtavaõ com elle. A
buquerque lhes fez dar cordas pa
deſcerem, porém a maior parte deſt
valerozos, crendo que naõ ſeria hon
rozo, eſtimaraõ antes morrer, e ell
todos ſe quizeraõ matar. Outros qu
combatiaõ n'outra parte naõ tivera
eſte eſcrupulo. Deſceraõ do melh
modo que poderaõ, e alguns ſe pr
cipitaraõ. Garcia de Souza, que fico
entre os mortos, tinha provizoẽs d
Corte para o Governo d'Adem, foi iſt
que lhe deo tanto calor para ſe deſtin
guir neſta jornada. Dizem que ell
deitou ao peſcoço do Patráõ da ſu
chalupa hum colar doiro que trazia
e que lhe deo a ſua bolça, para
animar ao pôr no eſtado de ſaltar pr
meiro na praia. Penſamento cego d'un
homem, que ſe apreſſava a hir buſca
a morte, onde cria achar o principi
da ſua fortuna.

Deſcorçoado por hum taõ infeli
ſucceſſo Albuquerque ſe retirou par
os ſeus navios, tendo aprendido á ſu
cuſta, que a victoria naõ eſtá ſempr
attada ao carro dos Conquiſtadores,
que ella abandona algumas vezes o
ſeus maiores validos. Com tudo ante
de partir, quiz aſſenhorear-ſe d'um ba-

luar-

uarte que eſtava ſobre huma repon- Ann. de J. C. 1513.
ta, d'onde a artilheria incommodava
nuito a frota. Porém em quanto de-
iberou, o Meſtre do navio de Ma-
noel de Lacerda, que ahi padecia mais
que os outros, deſceo a terra com
parte da ſua equipagem, tomou-o, e
paſſou á eſpada os que o defendiaõ.
Altivo com eſte ſucceſſo, queria que
attacaſſem de novo a Cidade, de que
eſte baluarte fazia a principal força.
Eſtando os Capitaẽs neſte penſamento
notificaraõ iſto ao General. Porém Al-
buquerque naõ quiz entender niſto.
Contentou-ſe de fazer tirar a artilha-
ria do baluarte, de ſaquear os navios
que eſtavaõ no poſto, e queimalos,
ſem que a Cidade fizeſſe algum mo-
vimento, depois do que ſe fez á ve-
la para entrar no mar Roxo.

D. MANOEL REI
AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Eſte mar, ſobre cujo nome os
Sabios ſe tem cançado muito, tem a
figura d'um lagarto, ou Crocodilo, cu-
ja cabeça he comprehendida entre os
Cabos de Fartaque, e de Gardafu,
até ao eſtreito de Meca, ou de Ba-
belmandel, que fórma o peſcoço. Di-
latando-ſe o corpo entre as coſtas da
Arabia d'uma parte, e as da Ethio-
pia alta, e do Egypto da outra, vai
terminar-ſe em ponta, que faz a cau-

dà

ANN. de J. C. 1513.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

da de Suez, que crem ser Assiong
ber, donde partiaõ as frotas de Sal
maõ, e onde começa o Isthmo, q
o separa do mediterraneo, e que u
as terras d'Affrica ás da Asia. O m
Roxo naõ recebe em seu seio qu
outras aguas que as do Oceano In
co. He pouco sujeito a tempestade
e quasi que naõ conhece outros ve
tos que os de Norte, e Sul, que a
tem seu tempo regrado como a mo
çaõ no mar das Indias. O seu co
primento he quasi de 350 legoas s
bre quarenta de largo, contando
Suez até ao estreito. Os Arabes
repartem em tres partes, ou lizirias
que a do meio, que faz como o e
pinhaço do Crocodilo, he clara, e n
vegavel de dia, e noite, ancorand
ahi sempre entre 25, e 60 braças. A
outras duas, que estaõ sobre os fla
cos, e bordaõ as costas, saõ pelo co
trario retalhadas de ilhotas, de r
chedos, de baixos, e bancos d'arê
Com tudo como ahi só se navega e
embarcaçoẽs muito pequenas, que ch
maõ Gelvas, os Pilotos naõ deitaõ a
largo, senaõ quando temem algum
borrasca de vento. Elles amaõ sempr
a visinhança das terras; porém temen
do accidentes, ancoraõ d'ordinario an
tes

es de se pôr o Sol. Achaõ-se duas
lhas neste mesmo estreito, que formaõ
ois canaes. O da parte da Arabia
e mais frequentado. N'uma destas
lhas he que se tomaõ os Pilotos, de
ue se servem para entrar no mar
Roxo. Além dos defeitos desta nave-
gaçaõ, que nós já tocamos, e a di-
ficuldade de abordar os portos, tanto
a parte da Asia, como da Africa, ha
inda hum muito grande, e he que as
lhas que se achaõ neste mar saõ qua-
i desertas, aridas, e tem falta d'a-
gua, e doutras coisas necessarias á
vida.

ANN. de J. C. 1513.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

O Governador entrou no mar
Roxo contra o parecer de todos os
seus Capitaẽs, e de todos os seus Pi-
lotos, a que naõ teve outra rasaõ que
dar, se naõ que era ordem da Corte.
Entrando fez dar huma salva geral de
toda a sua artilheria, como por hu-
ma especie de triumfo, porque elle era
o primeiro dos Europêos, que nelle
entrou com huma frota. Ninguem o
havia feito antes delle depois do des-
cobrimento do novo Mundo. Com
tudo o que se lhe tinha augurado lhe
succedeo. Pensou morrer sobre os bai-
xos. Foi obrigado a invernar na Ilha
de Camaraõ. Naõ pôde chegar nem

a

ANN. de J. C. 1513.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

a Suez, nem a Gidda, nem ter not
tas da frota do Sultaõ. Padeceo mu
ta cede, fome, e murmuraçoẽs do
subalternos. Naõ pôde executar o pro
jecto, que parecia, ter de fundar hum
Fortaleza na Ilha de Camaraõ, ou n
de Macuá. Finalmente depois de te
experimentado todas as sortes de di
graças, fez dar crena aos seus navios
sahio do mar Roxo, e veio a prezen
tar-se defronte de Adem.

Parecia que o esperavaõ. Tud
ahi estava bem fortificado, ahi appa
recia mais obra, mais gente, e mai
rezoluçaõ que d'antes. O que ahi h
de singular, he que elle, que naõ t
nha querido tomar a Cidade, quand
para isso foi excitado por toda a su
frota, quiz tentar tomala depois
contra o sentimento geral de todo
os seus Capitaẽs, e de toda a gent
de guerra. Indignou-se tanto com
contradiçaõ que achou sobre este pon
to, que para os envergonhar, deo
commissaõ aos das equipagens, para hi
rem tomar o mesmo baluarte, qu
tinhaõ tomado a primeira vez; o qu
fizeraõ. Com tudo depois de ter fei
to varejar a Cidade, e tentado inu
tilmente queimar os navios do por
to, foi obrigado a fazer-se á vela pa
ra voltar. Na

Na ſua paſſagem ſe demorou em Diu, onde Melique Jaz, de quem queria obter licença para ahi fundar uma Cidadella, ſoube tambem divertilo; aſſim com prezentes, como com boas palavras, que ſem nunca ſe moſtrar, ſem lhe dar lugar para queixar-ſe, conſeguio canſar-lhe a paciencia, e obrigalo a ir-ſe, ſem concluir nada. Tanto que elle ſe fez á vela, o Melique o ſeguio para o viſitar. Eſtava taõ adornado, que parecia naõ ter outro deſignio que o de obſequialo; e tambem armado, que diſſe que ſe queria fazer temer. Albuquerque naõ pôde deixar de louvar a ſua prudencia. Diſſe: „ Que naõ „ tinha nunca conhecido cortezaõ mais „ habil, mais firme em recuzar tudo „ o que d'elle queriaõ exigir, e mais „ proprio para fazer receber agrada„ velmente as ſuas negaçoẽs. „ O General continuou logo a ſua derrota, ſem colher fructo algum d'uma expediçaõ que tinha cuſtado tantas deſpezas, e que parecia prometer-lhe as maiores vantagens.

ANN. de J. C. 1513.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Acontecimentos ha, que parecem ſer unicamente effeito da fortuna, e do acazo, porém que tem cauzas ſecretas, que o publico nem ſempre

Ann. de J. C. 1513.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

penetra; porque lhe naõ vê as cau-
zas. Verdadeiramente deve parecer e[s-]
pantozo que Albuquerque naõ quize[s-]
se tomar a Cidade de Adem, quand[o]
o podia, e que o seu Conselho o o[-]
brigava, sem ser desanimado pelo m[áo]
successo que tinha tido á escalada. H[e]
verdade que elle deo por cauza, que [a]
Cidade era muito grande, e que pr[e-]
cizaria quatro mil homens para a gua[r-]
dar. Porém esta razaõ naõ satisfa[z.]
Lopes de Castanheda o julgou, e su[p-]
poem para o justificar, que cobria co[m]
este pertexto o designio que tinha [de]
hir a Suez. Porém eu estou persuad[i-]
do, que elle tinha motivos mais po[-]
derozos para suspender toda esta em[-]
prêza.

As Indias eraõ o theatro das pa[i-]
xoẽs dos Portuguezes. A grande di[s-]
tancia da pessoa do Soberano pareci[a]
auctorizar ahi, naõ sómente as lu[-]
xurias mais monstruozas, os roubo[s]
mais enormes, as injustiças mais exe[-]
craveis, a cubiça mais insaciavel; ma[s]
tambem tudo o que o ciume, o odio
e a vingança tem de mais atroz. Al[-]
buquerque muito zelozo pelo bem d[o]
serviço, muito austero no seu mod[o]
de governar, naõ podia sofrer o ex[-]
ceso da liberdade, principalmente na[s]
pes-

Ann. de J. C. 1513.

D. Manoel Rei, Affonso d'Albuquerque Governador.

eſſoas diſtinctas. Iſto era baſtante pa-
a lhe criar tantos inimigos mortaes,
injuſtos columniadores, que naõ ceſ-
ando de eſcrever á Corte contra el-
e, procuravaõ deſvanecer as accuza-
oens, que elle poderia fazer contra
lles, tornando-o a elle meſmo ſuſ-
eito por outras accuzaçoẽs armadas,
provadas pela pluralidade de teſte-
nunhas daquellas que ſe conſpiraõ pa-
a o mal.

Do numero deſtes ultimos, cuja
nemoria naõ devia exiſtir, era Gaſ-
ar Pereira Secretario das Indias. Era
ſte hum homem perigozo, máo eſ-
irito, e da eſpecie dos que diz o
proverbio, que ſó querem peſcar em
gua turva: proprio para fazer a per-
onagem de criminozo, de accuzador,
e teſtemunha, e de Juiz tudo junta-
nente. O Vice-Rei D. Franciſco d'Al-
neida tinha tido provas do ſeu cara-
ter preverſo, e Albuquerque foi a
ua victima. Pereira tinha vindo a
Portugal, onde tinha adquirido a con-
dencia d'ElRei, e muito credito dos
eus Miniſtros. Tinha apoiado bem os
rtigos ſecretos, que tinha eſcrito con-
ra Albuquerque, e ElRei ſe tinha dei-
ado perſuadir, que tudo o que eſte
General tinha feito de bem era con-

Ann. de J. C. 1513.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albu-querque Governador.

trario ao ſeu ſerviço, particularmen
na tomada de Goa, e lhe tinha e
viado ordem para a reſtituir ao Ida
caõ, depois de ter com tudo poſto
negocio em deliberaçaõ no ſeu Co
ſelho. Albuquerque tinha recebido e
ta ordem pelas frotas, que chegara
de Portugal depois do ſeu retorno
Malaca. Porém elle a tinha pruden
temente diſimulado nas circunſtanci
em que tudo ſe temia neſta Cidade
pela viſinhança de Roſtomocaõ, q
eſtava ainda Senhor de Benaſtarin
Gaſpar Pereira tendo voltado das I
dias com a meſma ordem, entaõ
Governador deo parte ao Conſelh
das cartas da Corte. Felizmente
acharaõ ahi baſtantes peſſoas bem
tencionadas, para que a negativa ve
ceſſe, e Goa foſſe conſervada.

No meſmo tempo que os calun
niadores d'Albuquerque fizeraõ tant
esforços para deſtruirem a ſua obra
trabalharaõ a ſepara-lo por outro c
minho, fazendo continuas inſtancias
Corte, para atrahir as forças da I
dia para o mar Roxo, na eſperança
que iſſo ſó arruinaria o ſeu Governo
aſſim como elle tinha penſado, aco
teceo na repartiçaõ que foi feita e
favor de Jorge d'Aguiar, a quem Le

mos

nos tinha fuccedido. Albuquerque o
entio bem, e comprehendia ainda me-
nor, que ifto era arruinar os nego-
ios do feu Principe debaixo do efpe-
iozo pretexto do bem. Por ifto he
ue eu me convenço, que tomando
omo homem habil todas as medidas
ue convinhaõ para parecer entrar nas
iftas d'ElRei feu Senhor, e d'uma
Corte enganada por relaçoẽs infieis,
aõ fe admirou que podeffe parecer
ue ellas naõ eraõ praticaveis.

No feu retorno da viagem do
nar Roxo, o General achou que os
eus envejozos tinhaõ ainda trabalhado
ara malograrem todos os feus proje-
tos. Tinhaõ perfuadido aos Reis de
Cochim, e Cananor, que a paz feita
om o Samorim hia arruinar o com-
nercio delles, porque ella deftruhia
feu. Era com o mefmo efpirito
ue tinhaõ fublevados eftes Principes
ontra a empreza de Malaca. Com ef-
eito perdiaõ muito hũns, e outros,
orque os Portuguezes fendo fenho-
es defta Cidade ahi tomavaõ os gene-
os na primeira maõ, e partiaõ da
Cidade em direitura para Portugal, em
ugar que d'antes todos os generos vi-
nhaõ parar de Malaca no Indoftan. Ef-
es Principes pofto que inimigos do Sa-
mo-

ANN. de J. C. 1514.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

morim, tinhaõ achado o meio de per turbar toda a ſua Corte, para o im pedir de concluir, e de cumprir a pa lavra que tinha dado ao Governador de aſſinar hum terreno para conſtrui huma Cidadella. O Velho Samorin era morto. Eſte era Naubeadarim, qu lhe tinha ſuccedido: e eſte Principe taõ amado como era dos Portuguezes achava tantos obſtaculos na ſua pro pria Corte pelas intrigas dos pertur badores, que naõ ſabia que partido tomaſſe. O que ſervia por huma par te a animar eſtes Principes, e a ſuſ pender pela outra, era a noticia que Gaſpar Pereira tinha affectado eſpalhar quando chegou, de que vinha novo Governador, que teria idéas todas diferentes, e que era precizo attender ao bem publico.

Além deſtas praticas, que Albuquerque ſabia quaſi todas, teve ainda avizos ſecretos d'uma carta cheia de crimes, que Antonio Real eſcreveo a ElRei contra elle por ſolicitaçoẽs de Gaſpar Pereira, que occultamente andava de caza em caza para a fazer aſſignar. O Governador teve meios de alcançar huma copia: alguns dos culpados confeſſaraõ tudo, e pediraõ perdaõ. A carta foi pro-

poſta

osta em pleno Conselho, e Pereira onvencido. O parecer do Conselho oi que Albuquerque enviasse Pereira ttado de pés, e maõs para Portugal, fora bem feito. Porém contentou-e d'enviar huma justificaçaõ assignada elo mesmo Conselho, ou fosse por emer o credito que Pereira tinha na Corte, ou por lhe parecer que estan-o os Réos auzentes lhes fariaõ mais acilmente os seus processos.

Ann. de J. C. 1514.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Com tudo elle negociou tambem om o novo Samorim, que este Prin-ipe deitou fóra dos seus Estados os Mouros, que se oppunhaõ á paz, deo lugar para a Fortaleza que se de-ejava, fez-se tributario de Portugal, edeo metade dos seus direitos da en-rada, forneceo os materiaes, e a gente necessaria para construir a Cida-lella; e naõ se contentando que este ratado fosse assignado pelo Governa-lor, enviou hum Embaixador a El-Rei de Portugal cheio de ricos pre-entes, a fim que elle ratificasse por i mesmo esta paz que elle merecia, lizia elle; porque sendo só Princi-pe de Calecut, o havia sempre favo-recido, e que nesta consideraçaõ vi-nha renunciar a amizade do Califе, fechar a entrada de seus portos aos vassa-

ANN. de J. C. 1514.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

vaſſallos deſte Principe, e a todas
vantagens que diſſo poderia tirar.
Os Reis de Cananor, e Coch
convieraõ igualmente, depois que
partaraõ de ſi os perturbadores, q
lhe introduziaõ más idéas. Albuqu
que os capacitou dos ſeus intereſſe
e os virou de modo, que ſe m
traraõ ſatisfeitos da ſua conducta,
elles meſmos fizeraõ ſuas pazes co
o Samorim.

O Governador tratou tambem co
os Reis de Narſinga, o Idalcaõ e
Rei de Cambaia, em confirmaçaõ
que ſe havia começado entre elle
Obteve particularmente deſte ultin
licença para fazer huma Fortaleza e
Diu, com a condiçaõ que lhe dar
a meſma vantagem em Malaca. M
lique Jaz tinha ſempre moſtrado co
correr para eſta Fortaleza, obrigan
os Portuguezes a que requereſſem in
mediatamente ao Rei de Cambaia
que era o Senhor, para lha concede
Porém trabalhava occultamente co
eſte Principe, e empregava os mei
mais fortes para diſſo o retirar.
Melique Gupi, que lhe era igualmen
te agradavel, e que por eſta raza
era ſeu inimigo, o fez em fim con
ſentir niſſo. He verdade que ſe na
effei-

effeituou pór entaõ; porque Melique az fez tantos esforços occultamente, que o Rei mudou de pareçer, e Melique Gupi descahio muito do grande favor em que estava para com o Monarca.

Ann. de J. C. 1514.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Todas estas vantages deraõ a Albuquerque tanto gosto, como as intrigas dos sediciozos, que tinhaõ trabalhado para as impedir, o haviaõ affligido. Esta alegria foi ainda augmentada por Fernando Peres d'Andrade, que tinha chegado nestas circunstancias, para obter a permissaõ de voltar para Portugal, trazia a gostoza noticia da insigne victoria, que tinha alcançado contra Pate-Onuz no porto de Malaca.

Com tudo esta Cidade pensou ser tirada aos Portuguezes d'uma maneira muito singular, e com pouca despeza. Mahmud vendo que todas as suas forças, e as dos seus alliados naõ eraõ sufficientes para o restabelecerem, recorreo á industria. Tinha na sua Corte hum Mouro Bengala de Naçaõ, chamado Tuam Maxelis no qual confiava muito. Ajustou com elle o projecto da sua traiçaõ, e traçou o plano sobre o do antigo Zopiro Babilonio. Fingio cahir-lhe da graça es-

te

ANN. de J. C. 1514.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

te valido, lança-o do pé de si, suscita-lhe accuzaçoẽs, como se elle houvesse procedido mal na administraçaõ da sua Real fazenda, da-lhe infinitos desgostos successivos, e todos grandes, de modo que naõ faltou se naõ fazer-lhe o seu processo, e fazelo matar n'um cadafalso. Ninguem ignorava este revez da fortuna em Malaca, onde ninguem pensava que fosse fingimento. Com tudo Maxelis achou meio de se escapar. Refugiou-se em caza de Brito, que o recebeo c'os braços abertos. Como era esperto, e se mostrou muito afeiçoado aos Portuguezes, para se vingar da ingratidaõ do seu Principe, insinuou-se logo no coraçaõ do Governador, e de Pedro Pessoa, que era feitor, de modo que tinha entrada franca na Cidadella, e ahi trazia huma guarda que lhe haviaõ dado para sua segurança. Hum dia na força do calor, Maxelis tendo disposto os seus, concertado com Tuam Colascar, que erã hum dos Chefes dos Mouros o mais visinho da Cidadella, entra na praça como costumava, deixa a sua gente á porta, vai ao quarto do Feitor, que achou deitado para dormir a sesta: chega-se a elle, falalhe, e quando elle menos o cuidava, o fe-

fere mortalmente com hum cris, e orre logo pera introduzir os ſeus. O 'eitor, ainda que entre agonias, te-e muito accordo para fechar a porta, chamar ás armas, e no meſmo tem-o cahio morto. A guarda correo o eſtrondo; tomou as portas, antes ue Maxelis ſe fizeſſe dellas ſenhor. Iaõ daõ quartel aos Mouros que eſ-avaõ eſpalhados pelo Forte. Maxe-is meſmo cahio traſpaſſado combaten-o como deſeſperado, e pagou a ſua erfidia com o ſeu ſangue, infeliz na xecuçaõ de hum projecto bem ajuſ-ado, e bem ſeguido. Mahmud, que iſto foi logo avizado, tirou diſto ſó ezar, e confuzaõ, e ſe vio pouco a ouco obrigado a pedir huma paz, que ſtava rezoluto a naõ guardar ſem ſer brigado pela precizaõ, e que ſe lhe aõ concedeo ſenaõ por huma eſpe-ie de neceſſidade.

Ann. de J. C. 1514.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Malaca vio pouco depois duas ſcenas crueis no ceio da paz, que te-e neſta alguma coiſa de mais eſpan-ozo, que os horrores da guerra. Eis-aqui a occaſiaõ. O Rei de Cambaia, genro de Mahmud, e cunhado de Aladin, deſgoſtozo deſtes dois Prin-cipes, ſe tinha ſeparado dos ſeus in-tereſſes, pouco depois da tomada da

Cida-

ANN. de J. C. 1514.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Cidade, para fazer alliança c'os Portuguezes. Tinha enviado seus Embaixadores a Albuquerque, tinha depois conferido com elle, e se tinhaõ ajustado, o que foi depois cauza dos dois successos funestos que vou a contar.

Na distribuiçaõ dos empregos que foi feita logo depois que os Portuguezes tomaraõ posse de Malaca, Ninachetu tinha tido o de Bandará, que era o mais consideravel de todos. Elle o merecia, como já disse, pela sua probidade, e pelos seus serviços; naõ podiaõ lançar-lhe em rosto mais que o seu nascimento, porém isto mesmo tinha hum grande obstaculo, por naõ haver no mundo nada de que os Indios sejaõ mais zelozos, que das prerrogativas das suas Castas. Os das principaes naõ podendo sofrer verem-se submitidos a hum homem d'uma Casta inferior á sua, fizeraõ sentir a Albuquerque este inconveniente, que hia apartar de Malaca toda Nobreza dos Indios Idolatras. Com tudo este General naõ ouzando entaõ tirar o emprego de Bandará a Ninachetu por cauza d'uma certa decencia, contentou-se com prometer ao Rei de Campar, que o meteria de posse deste emprego, quando as circunstancias do tem-

empo lho permitissem. Com effeito ois annos depois, tendo enviado Jor- e d'Albuquerque para substituir Bri- o, que tinha acabado o seu tempo o Governo de Malaca, lhe ordenou ue desapossasse Ninachetu, e que ozesse em seu lugar o Rei de Cam- ar.

Ann. de J. C. 1514.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Jorge d'Albuquerque naõ tinha inda chegado, quando pensou em dar xecuçaõ a este negocio, e para fa- er mais honra a este Principe, lhe nviou Jorge Botelho seguido de al- umas embarcaçoẽs a remos para o eceberem, e o conduzirem a Malaca.) Rei de Campar estava entaõ sitia- o na sua Capital pelo Rei de Lin- a, vassallo de Mahmud, e o execu- or das suas vinganças. Este tinha hu- na frota de 60 velas, e o Rei de Campar via-se quasi redusido pela fo- ne ás ultimas necessidades. Ignoravaõ sua situaçaõ em Malaca; porém Botelho tendo noticia da sua derro- a, e tendo mandado buscar reforço, esbaratou a frota inimiga, livrou o Principe sitiado, e o conduzio para Malaca, onde foi recebido em trium- fo, e metido de posse do emprego de Bandará.

Ninachetu recebeo este golpe da for-

Ann. de J. C. 1514.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

foruna, e da ingratidaõ como heroe Indio, e rezoluto de dar hum espetaculo similhante ao que Calano deo n'outro tempo á Grecia no reinado de Alexandre Magno, expectaculo muito ordinario nas Indias, porém muito novo para os Portuguezes. Fez preparar huma fogueira de lenha de Sandalos, e dos mais preciozos aromas. Tendo depois convidado todos os seus amigos, ahi se aprezentou no dia determinado em sua companhia, e em prezença de todo o povo.

Onde de ar tranquilo, e com admiravel desasombramento fez pouco depois este discurso. „ Os Portuguezes „ me haviaõ honrado com o emprego „ de Bandará. Nelle entrei sem o ter „ cubiçado, exercitei-o sem enteresse, „ mais para utilidade delles, do que pa- „ ra á minha, e naõ me fica pezar „ de o deixar. Mal por elles sómen- „ te se em mo tirar recompensaõ a „ minha virtude, assim como punem „ os crimes; e se naõ sabem distinguir „ que o que se empenha por hum em- „ prego, o merece menos que o que „ naõ o dezejou. Saiba Albuquerque „ hoje, e com elle todos os Por- „ tuguezes, que faltando ao reconhe- „ cimento a meu respeito, elles po- „ dem

,dem fazerme a afronta de me de-
,sapossar, sem pôr huma mancha na
,minha gloria; e que elles bem com-
,prehendem que aquelle, que sacrifi-
,ca as riquezas, as dignidades, a sua
,mesma vida á sua honra, naõ era
,capaz de sacrificar esta honra ao
,amor das dignidades, das riquezas, e
,da vida. Minha alma he innocente,
,e vai purificar-se neste fogo, como
,o oiro na forja, para voar ao autor
,da sua origem. Vós, Senhores do
,mundo, que he vossa obra, Deo-
,zes immortaes, que os homens naõ
,podem enganar, e que dispençais
,as recompenças, e as penas segun-
,do o merecimento, recebeime na vos-
,sa gloria; fazei justiça á minha in-
,nocencia, e vingai-me da ingrati-
,daõ. ,, Dito isto, lançou-se na fo-
ueira, onde logo foi consumido.

O Rei de Campar exerceo por
lgum tempo o officio de Bandará com
ignidade, e com tanta inteireza,
fidelidade como Ninachetu. A Cida-
e sentio o seu Governo: fez-se mui-
o florecente, e frequentada dos Gen-
ios, e Mouros, que vinhaõ atrahidos
ela estimaçaõ de suas virtudes. Mah-
nud, antigamente Rei de Malaca,
ue chamaremos daqui em diante Rei
de

ANN. de J. C. 1514.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

de Bintam, onde se tinha estabelecid
depois de ter expulsado o que era l
gitimo Senhor, naõ pôde sofrer es
prosperidade. Determinou de o perd
procurando fazelo suspeito, como
tivesse entretido com elle intelligenci
secretas: e o alcançou com muita d
licadeza. Jorge d'Abuquerque mui
credulo, e confiando muito de simpl
ces apparencias, que fizeraõ fortes in
pressoẽs sobre o seu espirito suspeit
zo, fez prender este Rei innocente
fezlhe fazer seu processo formal,
este infeliz Principe, condenado p
prezumpçoẽs mais que por provas, t
ve a infelicidade de perder a cabeç
sobre hum cadafalço pela maõ do a
goz. A crueldade barbara desta exe
cuçaõ sanguinoza em huma persona
gem d'sta ordem, e que sabiaõ na
ser culpado, revoltando todos os e
piritos, despertou a lembrança do pa
sado, a morte de Ninachetu, e o su
plicio de Utemutis, a Cidade se f
dezerta, e o nome Portuguez se fe
execravel.

Ainda que a expediçaõ do m
Roxo naõ fez grande honra a Alb
querque, havia com tudo feito hum
terrivel impressaõ sobre todos os pov
desta visinhança, e particularmente n

Cor-

Corte de Calife. Porque este Princi-
e que no principio tinha feito pou-
o cazo da tentativa sobre Adem, e
nha feito responder ao Cheque, que
ne tinha enviado a pedir soccorro, e
e quem naõ estava contente „ Que
defendesse os seus Estados como po-
desse, que elle saberia prover na se-
gurança dos seus. „ Com tudo tan-
o que soube que a frota Portugueza
nha entrado no mar Roxo, teve tan-
o medo com a noticia que se espa-
nou no mesmo tempo, de que devia
ir outra frota dos Principes Christaõs
elo Mediterraneo da parte d'Alexan-
ria, que se considerou entaõ como
erdido. No Cairo já movido pelo sup-
licio de tres principaes cabeças do
stado, tudo foi prestes a huma sub-
evaçaõ geral, e nesta occasiaõ o Emir
ue commandava em Alepo se revol-
ou, e fez declarar a Cidade a favor
o Rei da Persia; de sorte que o
Calife, tanto que vio o perigo hum
ouco apertado, pensou seriamente
m tomar medidas para guardar o mar
Roxo, e pôr os seus Estados em se-
urança daquella parte.

Ann. de J. C. 1514.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

ElRei D. Manoel, sendo aviza-
o pelas correspondencias que tinha
o Levante, enviou novas ordens a

Ann. de J. C. 1515.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Albuquerque para tornar ſobre Adem deixandolhe com tudo a eſcolha d pôr em deliberaçaõ, ſe ſeria me lhor cahir ſobre Ormuz. O Embaixa dor que o Rei d'Ormuz tinha envia do a Portugal, era hum Seciliano que criado de tenra idade cuſtara-lh taõ pouco a fazer-ſe Muſulmano, qu naõ tinha de Chriſtaõ mais que baptiſmo. Eſtando em Lisboa torno á religiaõ de ſeus pais, e tomou nome de Nicoláo Ferreira, que ElRe lhe deo. Tendo-lhe a mudança de re ligiaõ mudado ſeus intereſſes, e ir clinaçoẽs, tinha inclinado muito El Rei a aſſegurar-ſe d'Ormuz, perſua dindo-o que naõ ſe deixa-ſe preven pelo Sofi, que cubiçava eſta praça; ElRei abalado dos ſeus penſamentos havia enviado a Albuquerque com a ordens de que falei.

O General tendo aprontado a ſu frota, que era de 27 velas de dive ſos portes, e em que tinha 1$50 Portuguezes, e 790 Malabares, e Canarins, fez Conſelho á viſta de Go no navio de Vicente d'Albuquerq em que hia; e além dos ſeus Cap taẽs chamou o Governador da Cid della de Goa, e Nicoláo Ferreira. O pareceres foraõ muito differentes ſob

as

s duas expediçoẽs : porem tendo fal-
ıdo Ferreira, a affirmativa foi para Or-
ıuz, para onde logo virou a proa.

Ann. de J. C. 1515.

D. Manoel Rei.

Affonso d'Albuquerque Governador.

Albuquerque eſtimou iſto mais que
ıdo, havia muito tempo que elle cor-
eria a eſta praça, e depois que elle
oi obrigado a abandonala pela recla-
ıaçaõ dos ſeus Capitaẽs, tinha guar-
ado o juramento que havia feito de
aõ fazer a barba, em quanto ſe naõ
ingaſſe deſta Cidade, que ſe tinha viſ-
o conquiſtar com tanta frouxidaõ. Os
Reis d'Ormuz naõ tinhaõ nunca que-
do entregar a Cidadella que Albu-
uerque tinha começado, nem conce-
er aos Portuguezes huma Feitoria na
Cidade, nem ainda reſtituir os effeitos
ue tinhaõ ſido tomados: mas como
em o commercio das Indias, a ſua
Cidade eſtava abſolutamente arruina-
a, e que elles naõ o podiaõ fazer
em os paſſaportes do Governador; a
ua politica os tinha obrigado a pagar
Coroa de Portugal o tributo annual
que ſe haviaõ obrigado. Tinhaõ com
ıdo procurado fazelo diminuir, e eſ-
e era o motivo porque tinhaõ envia-
o ſeu Embaixador á Portugal.

A face dos negocios tinha mu-
ado em Ormuz. Coje-Atar tinha mor-
ido n'uma velhice honroza. Rais

ANN. de J. C. 1515.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Nordin, que lhe ſuccedera no miniſt
rio, tinha feito empeçonhar Sufadir
para pôr em ſeu lugar, em deſpre
dos ſeus dois filhos, Torun-Cha irm
deſte Principe. Para mais fortalecer
ſua auctoridade, Nordin tinha fei
vir da Perſia tres ſobrinhos ſeus, d
quaes o ultimo chamado Rais-Hame
homem de talento, e determinado t
mou pouco a pouco huma tal auctorid
de, que ſe fez ſenhor da peſſoa do R
Nordin enganado nas ſuas eſperança
naõ ſómente naõ tinha credito algu
mas eſtava bem como prezioneiro e
ſua caza com ſeus dois filhos.
habil Hamed obrava tudo diſpotic
mente. Pertendem que o ſeu deſign
era de entregar o Reino a Sofi
mael. D'acordo com eſte Princip
que zelava muito a Seita d'Hali,
nha já feito tomar a Torun-Cha o T
bante encarnado, que Iſmael envia
pelos ſeus Embaixadores a todos
Principes Muſulmanos da India, e
Arabia, para os unir aos ſeus int
reſſes pela religiaõ.

Hamed tinha tambem trazido
Ormuz a ſua familia, que faziaõ m
de ſetecentas peſſoas. Pouco a pouco i
troduzia tropas da Perſia em Ormuz,
na ſua viſinhança. E ſe ainda naõ
nh

ha feito morrer Torun-Cha, era pro-
avelmente porque naõ estava tudo
inda prompto para a revoluçaõ que
lle meditava.

Hamed naõ deixava de continuar
pagar o tributo á Coroa de Portu-
al; porém tinha refuzado entregar
Cidadella, que o General de novo
ie tinha feito requerer por Pedro
)'Albuquerque, que tinha enviado á
rusar as Costas d'Adem, e do Gol-
o Persico; de sorte que todas estas
oisas juntas, determinaraõ o Conse-
io a preferir a empreza de Ormuz,
ue teria sido dificil tirar das maõs de
smael, se tivesse entrado na posse
ella.

Ann. de J. C. 1515.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Tendo a frota ancorado de fronte
e Ormuz, e salvando o Palacio do
lei com toda sua artilheria, Albu-
uerque communicou as suas intençoẽs
esta Corte, e depois d'algumas idas,
vindas, o Rei o meteo de posse da
Cidadella, que se apressou a conclui-
: assignou-lhe algumas cazas da Ci-
ade, para ahi estabelecer seus quar-
eis, e fez arvorar sobre seu Palacio
Bandeira de Portugal. Hamed que
ra o Governador, consentia em tudo
or medo. A' vista da frota havia
om tudo diminuido a sua autorida-
de,

Ann. de J. C. 1515.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

de, e fez conceber ao Rei, e a Nor-din a esperança de sahirem da escravi-daõ. O suspeitozo Ministerio estav muito duvidozo, e naõ permitia qu ninguem fallasse ao General Portu gues, ou a qualquer que viesse da su parte, senaõ em prezença d'um de seu irmaõs, que lhe servia de espia. Con tudo Nordin fez saber a Albuquerque que o Rei, e elle teriaõ muito gos to que elle os tirasse da opressaõ.

No tempo em que as coisas esta vaõ neste estado, havia em Ormuz hun enviado de Ismael, que esperava oc casiaõ favoravel para passar á India e hir encontrar Albuquerque, a quen se dirigia da parte de seu Senho para buscar a sua amizade, e a d'El Rei de Portugal. Este Principe desd a idade de oito annos até vinte, qu podia ter entaõ tinha conquistado mui-tas Provincias, e tinha augmentad a sua Monarquia, que emparelhav com a do Gram Senhor, e do Califе. A estimaçaõ que elle fazia do verda-deiro merecimento, tendo elle muito, o tinha feito procurar Albuquerque ha-via muito tempo, e esta paixaõ se havia augmentado pelas bellas acçoẽs que Albuquerque havia feito depois. Como os grandes homens se estimaõ

mu-

mutuamente, Albuquerque naõ dezejava menos travar amizade com Ismael, de que esperava tirar grandes vantagens.

Ann. de J. C. 1515.

D. MANOEL REI.

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

A idéa lisongeira, que trazia comsigo huma tal petiçaõ da parte do Sofi, fez que Albuquerque desse a esta Embaixada toda a pompa, que ella poderia ter nas Cortes mais brilhantes da Europa. Tudo se passou com pompa, e magnificencia, e se terminou todavia com simplices testemunhos de estimaçaõ sem concluir nada, ao menos que se saiba; porém o General despedindo o Embaixador o fez acompanhar á Corte de Ismael por Fernando Gomes de Lemos, que foi carregado de prezentes de estimaçaõ, e d'um belissimo projecto d'aliança, que poderia produzir coisas grandes, se podesse ter sido seguido por quem o havia concebido.

Entre tanto Hamed, e Albuquerque buscavaõ mutuamente destruir-se, e attentavaõ na vida hum do outro. Albuquerque auctorizado com o que o Rei lhe tinha mandado dizer, achou primeiro os meios do que o seu adversario, posto que este suppos conseguilo pela mesma via. O General fez finalmente propor huma pratica com o Rei.

Ha-

ANN. de J. C. 1515.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Hamed quiz que iſto foſſe em hum tenda feita de penſado de fronte d Palacio, onde pretendia lograr o ſe intento. O General teimou que foſſ iſto na Cidadella. Hamed confiand de o conſeguir lá meſmo, conſentio niſ to. Regularaõ o ceremonial, e as con diçoēs deſta viſita. A principal deſta condiçoēs era, que das duas parte naõ haveriaõ armas, condiçaõ que ne nhum dos dois partidos queria obſer var.

Com effeito no dia ſeguinte Albu querque tendo tomado todas as ſuas me didas, e tambem Hamed, Hamed entro primeiro. Formaraõ-lhe queixa ſobr as ſuas armas, ao meſmo tempo qu elle ſe queixava juſtamente do meſ mo; e como elle começava a enfadar ſe, foi traſpaſſado de muitas feridas O Rei que veio depois, ficou ſuſpen ſo, e temendo ao meſmo tempo; po rém logo ſe ſoccegou. Os irmaõs de Hamed, e os ſeus guardas, a quem tinhaõ fechado as portas, as quizeraõ abrir. As tropas Portuguezas, que eſ tavaõ de fóra, e que tinhaõ ordem, acodiraõ. O povo hia tomar parti do, ſem ſaber ſe o Rei eſtava mor to: mas a prezença deſte Principe que ſe lhe moſtrou d'uma janela

Q

soccegou. Entretanto os irmaõs de Hamed ganharaõ o Palacio do Rei, que era a principal Fortaleza da Cidade, e ahi se entrincheiraraõ. Estava entaõ em Ormuz hum Official do Sofi, que acompanhava o Enviado da Persia, de que temos fallado, e que occultamente devia apoiar os designios de Hamed. Albuquerque o mandou buscar, e lhe mandou dizer, que fosse dizer aos irmaõs deste perfido, que se elles naõ sahissem logo do Palacio, elle naõ faria quartel a ninguem. Esta ameaça produzio effeito, abandonaraõ o Palacio, e pouco depois toda a familia deste Ministro foi banida do Estado, com pena de morte. Publicaraõ no mesmo tempo huma prohibiçaõ com a mesma pena de trazer armas de noite, ou de dia; e esta prohibiçaõ, que desarmou o povo, restituhio a tranquilidade.

Ann. de J. C. 1515.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Passado este tempo o Rei, e o General se viraõ com mais liberdade, e Albuquerque pareceo tela dado a este Principe, que naõ cabia em si de gosto de se ver Rei, quando nunca o tinha sido. O General naõ se embaraçava nos negocios do Governo, porém essencialmente tomou taes medidas, que Ormus nunca pôde sacudir o jugo que elle lhe poz.

Hum

Ann. de J. C. 1515.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Hum rumor que ſe eſpalhou enta
de que vinha huma frota do Calife ſo
bre Ormuz, foi a principal cauza. Na
ſe pode determinar quem foſſe o au
tor; ſe foraõ os Miniſtros do Rei
que ſe tiveſſem agoniado com a par
tida de Albuquerque, ou ſe foſſ
o meſmo Albuquerque, que o fizeſſ
eſpalhar com o diſignio de fazer o qu
fez a eſte reſpeito. O que quer qu
foſſe, acreditando eſta noticia, que na
tinha nenhuma probabilidade, envio
D. Garcia de Noronha pedir da ſu
parte toda a artilheria do Palacio, e d
Cidade, com o pretexto que tinha pre
cizaõ da ſua, para hir na vanguard
deſta frota, e naõ podia deixar a Ci
dadella ſem armas. Nordin prometeo
tudo no princio; mas tendo-ſe depoi
arrependido da ſua facilidade, quiz-ſe
retratar. D. Garcia, que tinha orden
ſecreta de a tirar por força, ſe lha ne-
gaſſem, lhe tirou todo o pretexto de
dilaçoẽs, dizendo que naõ partiria, ſem
que a artilheria foſſe dada, como foi
com effeito.

Albuquerque acabou de ſegurar
eſte eſtado á Coroa de Portugal, por
hum lançe muito eſpantozo. Porque
fez tambem, com o pretexto de que
poderiaõ naſcer perturbaçoẽs no Reino

por

por cauza da multidaõ dos Principes de ſangue dos Reis de Ormuz a quem tinhaõ cegado, para os ſeparar do Throno, porém que tinhaõ mulheres, e filhos, de que ſe poderiaõ prevalecer contra o Rei reinante, elle fez que lhe entregaſſem eſtes Principes, que eraõ quinze, e os enviou para Goa com as ſuas familias na eſquadra de Garcia de Noronha, a fim de os ter ahi bem guardados. E quando elle meſmo partio d'Ormuz, ordenou a Pedro de Albuquerque, que deixou Governador da Cidadella, que ſe aſſenhoreaſſe dos dois filhos de Zeifadim, a fim de ter o Rei enfreado com eſtes dois moços Principes, que eraõ os legitimos herdeiros da Coroa.

Com iſto governava de modo o Rei, que eſte Principe, que lhe chamava ſeu Pai, parecia ſer-lhe obrigado em todas as acçoẽs: e continha tanto os Portuguezes, que naõ havia hum que ouſaſſe fazer-lhe o menor inſulto, ou que o fizeſſe ſem que foſſe punido. Houveraõ ahi ſete que deſertaraõ, e paſſaraõ para os Arabes. O General os fez ſeguir, e para iſſo ſe ſervio de Raes Nordin: foraõ apanhados, e por ſentença do Juiz foraõ queimados vivos no meſmo batel, em que

Ann. de J. C. 1515. D. Manoel Rei. Affonso d'Albuquerque Governador.

que tinhaõ fugido, excepto dois, qu
tendo feito algum serviço no infeli
successo de Calecut, onde foi o Ma
rechal, mereceraõ que lhe commutas
sem a sua pena pela de galez. Est
severidade, que continha todos no se
dever, augmentava a estimaçaõ do Ge
neral, e o pôz em tal reputaçaõ, qu
os Duques, ou Principes visinhos s
apressaraõ a procurar a sua amizade
ou por si vindo pessoalmente saudalo
ou pelos principaes Officiaes da su
Corte.

Entre tanto cahio doente: huma
indigestaõ cauzada pelos seus continuos
trabalhos o abatéo tanto em taõ pou-
co tempo, que fez seu testamento,
e recebeo todos os Sacramentos como
para morrer. Hum pequeno alivio que
teve na molestia o obrigou a embar-
car-se para tornar a Goa. Taõ secre-
tamente o fez, que deo cauza a que
o suppozessem morto; o que com tudo
foi desvanecido por aquelles que o Rei
mandou em seu alcance para da sua
parte lhe levarem refrescos.

Apenas sahio do Golfo quando
appareceo huma pequena embarcaçaõ
de Mouros vinda de Diu, que lhe tra-
zia cartas. Huma era d'um Mouro,
chamado Cid-Alle, e outra d'um Em-
baixa-

ixador do Sofi junto do Rei de Cam-
ia. A primeira lhe dizia que Lopo
oares d'Albergaria tinha chegado ás
dias com 12 navios, e vinha para
e ſucceder em Governador: que Dio-
Mendes de Vaſconcellos vinha go-
ernar em Cochim, Diogo Pereira pa-
Feitor, e que ElRei tinha aſſim
ſpoſto de muitos poſtos. Acreſcen-
va que Melique Jaz eſtava taõ mor-
ficado da ſua revocaçaõ, que naõ ti-
ha tido animo de lhe eſcrever. O
mbaixador de Iſmael lhe dezia qua-
o meſmo, e procurava azedar-lhe
animo com a ingratidaõ com que
ecompençavaõ os ſeus ſerviços, e lhe
fferecia hum azilo junto de ſeu Se-
hor, com todos os bens, e todas as
onras de que era digno.

Ann. de J. C. 1515.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

Albuquerque no eſtado em que
ſtava, naõ podia exprimentar hum
evez taõ pouco merecido, e eſpera-
o. Suſpenſo com a viſta do trium-
o dos ſeus inimigos, e do progreſſo
ue tinhaõ feito no eſpirito do Rei,
aõ póde evitar os teſtemunhos da
ua admiraçaõ. „ Que? gritou, Soares
„ Governador das Indias? Vaſconcel-
„ los, e Diogo Pereira que fiz paſſar
„ a Portugal como criminozos, re-
„ conduzidos com honra? Eu incorro
„ no

Ann. de J. C. 1515.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

„ no odio dos homens pelo amor d
„ Rei, e na difgraça do Rei pel
„ amor dos homens? A' fepultura
„ infeliz velho, he tempo, á fepu
„ tura.„ Repetio muitas vezes efta
ultimas palavras penetrado da mais v
va dor. Com tudo depois que ef
primeira impreffaõ paffou, moftrou-f
mais focegado, e fe rezolveo a e
crever a ElRei. O que fez neftes te
mos. „ Senhor, efcrevo efta ultim
„ Carta a V. Alteza com huma an
„ guftia, que para mim he hum fina
„ certo da minha morte proxima. Te
„ nho hum filho no Reino, rogo qu
„ o façais grande á proporçaõ de meu
„ ferviços, e eu lhe ordeno de vol
„ requerer fubpena d'incorrer na mi
„ nha maldiçaõ. Naõ vos digo nad
„ das Indias, ellas vos fallaraõ affas
„ affim por fi, como por mim. „

Fez depois queimar as cartas qu
os Mouros do Indoftan efcreviaõ a feu
correfpondentes d'Ormuz, advirtindo
os que naõ entregaffem a Cidadell
aos Portuguezes, que o Governado
era depofto; e que tinha vindo hum
novo bem diferente de feu predecef
for, e que feria muito mais favorave
aos feus negocios. Depois difto nao
cuidou mais que na fua falvaçaõ,

quan-

uando foi perto de Goa, mandou buſ-ar o Vigario Geral, e o Medico. O ial tinha-ſe adiantado muito para que ſte podeſſe ahi fazer proveito. O Vi-ario Geral lhe adminiſtrou os ultimos acramentos, que elle recebeo nova-iente com ſentimentos de muito gran-e piedade. Sendo paſſada quaſi toda ſta noite em exercicios de Religiaõ, eo a ſua alma a Deos hum pouco ntes do dia 16 de Dezembro de 1515 os 63 annos de ſua idade, dos quaes s ultimos dez tinha paſſado nas In-lias.

ANN. de J. C. 1515.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Seu corpo foi levado a Goa, e epultado na Igreja de N. Senhara do Monte, que elle tinha fundado. As exequias que lhe fizeraõ foraõ magni-icas, e duraraõ quaſi hum mez. Po-ém o fauſto da pompa lugubre deſta olemnidade lhe foi menos honrozo; que o lucto univerſal em que eſta Ci-lade ſe ſepultou, e as lagrimas que lerramaraõ ſem diſtinçaõ Chriſtaõs, Muſulmanos, e Gentios, cada hum los quaes cria perder nelle ſeu pai, ou ſeu amparo. Mais de 50 annos de-pois, ſeus oſſos foraõ treſladados para Portugal, onde lhes fizeraõ tambem grandes honras.

A ſua caza procedia dos filhos

natu-

ANN. de J. C. 1515.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

naturaes dos Reis de Portugal, cu
fangue foi honrado nelle como n
feus Principes legitimos. Era o fegu
do filho de Gonçalo d'Albuquerqu
Senhor de Villa Verde, e de D. Le
nor de Menezes, filha do prime
Conde d'Atouguia. Na fua mocida
tinha fido eftribeiro mór d'ElRei
Joaõ II., e fe havia fempre dift
guido; porém a fua fortuna o efp
rava nas Indias, onde devia fazer-l
ganhar o nome de Grande, e pc
a par dos Conquiftadores mais celebr

Era de figura mediocre, mas be
proporcionado, tinha o ar do fembla
te agradavel, o nariz aquilino, e hu
pouco comprido, o ar nobre, e m
geftozo. A velhice o fez ainda mais v
neravel pola extrema brancura dos fe
cabelos, e d'uma barba taõ comprida
que a podia atar á fua cintura. N
governo parecia grave, e fever
e na colera terrivel: fóra difto e
engraçado, divertido, e amavel. T
nha cultivado o feu efpirito nas bell
letras. Falava de repente com graç
e efcrevia ainda melhor. Tempera
fempre o feu difcurfo com alguns bo
ditos, e affectava ifto particularmen
quando fallava com auctoridade a fim
corregir o que o feu ar muito feve
tinha de arrogante. A

Ann. de J. C. 1515.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

A rectidaõ, a justiça, e o amor lo bem publico formavaõ propriamen-e o seu caracter. Era severo frequen-emente até á crueldade, avaro pelos nteresses d'ElRei, inflexivel no que ra do serviço, e da disciplina militar, orém taõ afeiçoado no mesmo tempo a rocurar o bem de cada hum, que des-e composto de qualidades austeras, e fficiozas, rezultava huma idéa geral ue o fazia amavel daquelles mesmos ue aborreciaõ a sua severidade exces-iva. Sua rigida equidade, tinha fei-o huma grande impressaõ, que de-ois da sua morte os Gentios, e os Mouros hiaõ offerecer votos ao seu tu-ulo, para lhe pedirem justiça contra tyrannia de alguns que lhe succede-aõ no emprego, sem lhe succeder nas irtudes. Em quanto vivo, o seu rigor e fez grandes inimigos, e lhe cau-ou muitos disgostos; porém a facili-ade com que voltava a respeito delles, os desculpava áquelles mesmos que exortavaõ a se vingar, naõ servio ouco a elevar a sua gloria.

Na guerra foi verdadeiramente rande pela nobreza de seus projectos, ela prudencia com que os conduzia, e vigor com que os executava. No con-elho, e na acçaõ parecia haver nel-

ANN. de J. C. 1515.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

le dois homens inteiramente differen-
tes. Num dia de batalha era Capitaõ d
tal sorte, que todo parecia soldado
indo pelejar, e expondo-se como hum
moço perdido. Muitas vezes lhe de
raõ reprehençoẽs inuteis, e na acçaõ
de Benastarim Diogo Mendes de Va
concellos, posto que desgostozo de
le, foi obrigado a advirtilo de que e
le se expunha com muita temeridade
Sem fazer injustiça aos maiores Ca
pitaẽs do seu tempo, naõ houve ne
nhum que tivesse reputaçaõ mais d
latada que a sua nas tres partes d
mundo, Europa, Africa, e Asia. Com
tudo isto era feliz, o que fez dize
a ElRei Fernando o Catholico fallan
do ao Embaixador de D. Manoel
que elle se admirava que ElRei se
genro tivesse pensado em o retirar da
Indias; porém D. Manoel o fez pel
mesma politica que tinha obrigado a
mesmo D. Fernando a retirar o gran
de Capitaõ Gonçalo de Cordova d
Reino de Napoles. Albuquerque tinh
pedido Goa a titulo de Ducado, e fo
sobre esta petiçaõ, que seus invejozo
acabaraõ de o fazer suspeito.

Tres Reinos conquistados, mui
tas Fortalezas edificadas, a paz esta
belicida em todas as partes da India

mui-

uitos Reis vencidos, feitos tribu-
rios, ou alliados, foraõ obra sua,
: que naõ teve outra recompença mais
ue o pezar d'um desagrado, que o fez
iorrer lá mesmo, onde tinha come-
ido a fazer-se heroe. ElRei D. Ma-
oel conheceo com tudo o erro que
z, porém muito tarde, e sem lhe fa-
er justiça sobre os seus calumniadores.
que fez he, que verdadeiramente
omou cuidado do filho, que lhe ti-
ia recommendado. Fez-lhe deixar o
ome de Braz, para tomar o de Af-
nso. Cazou-o depois com Maria de
oronha sua parenta, filha do Conde
: Linhares, e de Joana da Silva
ha do primeiro Conde de Portale-
re. E lhe faria grandes mercês,
omo o tinha prometido ao Conde de
inhares seu sogro; mas depois da
orte d'ElRei D. Manoel, Affonso
ersuadio-se, que ignoravaõ no reinado
guinte as promessas que lhe tinhaõ
ito, como tinhaõ esquecido os ser-
ços de seu Pai. Assim os heroes
devem estimar a gloria que eter-
za suas bellas acçoẽs, gloria que a
veja pode escurecer por algum tem-
o, mas de que o mesmo tempo os
z sempre triumfar.

Ann. de J. C. 1515.

D. MANOEL REI

AFFONSO D'ALBUQUERQUE GOVERNADOR.

Albuquerque dezejou que alguem

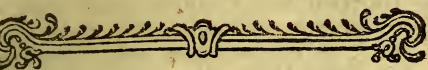
Ann. de J. C. 1515.

D. Manoel Rei

Affonso d'Albuquerque Governador.

podesse escrever sua historia, ell podia fazer, como Cezar escreve sua. Seus trabalhos o impediraõ; rém seu filho o suprio. He seu filho publicou os Commentarios, que temos do seu nome. Nelles ha h grande amor da verdade, grande deraçaõ, muita prudencia para c os inimigos de seu Pai, e tanta deftia na relaçaõ das acçoẽs defte rôe, que se pode dizer, que o re to que faz, bem longe de o exced he muito inferior ao seu original.

Fim do Livro Sexto.

HIS

HISTORIA DOS DESCOBRIMENTOS, E CONQUISTAS DOS PORTUGUEZES, NO NOVO MUNDO.

LIVRO VII.

Ann. de J. C. 1515.

D. Manoel Rei

Lopo Soares d'Albergaria Governador.

A Gloria da Naçaõ Portugueza voava com a fama por todas as partes do mundo, em quanto Portugal se enchia das riquezas do Oriente, e que a Europa abrio os olhos admirados, e invejozos sobre a sua prosperidade. D. Manoel pacifico sobre seu Throno gozava o lisongeiro prazer do grande nome, que lhe dilatavaõ até o fim do Uni-

Ann. de J. C. 1515. D. Manoel Rei

Lopo Soares d'Albergaria Governador.

Universo seus Capitaẽs pelos seus contecimentos, trabalhos, e conqui tas, e elle recolhia sem fadiga thesouros immensos, que eraõ o fr cto das incomprehensiveis fadigas q elles tinhaõ sofrido, e dos perigos se fim que haviaõ corrido.

Este Principe prudente, e semp zelozo da Religiaõ se fez claro, e famo por suas vantagens na Santa Sé com Principe Christaõ. Affonso Rei de Cong lhe tinha enviado o Principe Henriqu seu filho, com numeroza mocidade con posta dos filhos dos principaes Senh res da sua Corte. ElRei D. Mano lhes fez dar a educaçaõ, que convinh ás suas qualidades, e os fez pass depois a Roma, onde viraõ com ex trema satisfaçaõ estas premissas da Ba baria, virem dos limites da Africa re conhecer o Vigario de Jesus Christo e exporem como a seus olhos as pro vas dos progressos que fazia a Fé.

Pouco tempo depois D. Manoe quiz fazer tambem em Roma appara to d'outra sorte de bens, fazendo hu ma especie de obsequio ao Soberan Pontifice, que entaõ era Leaõ X. da premissas das riquezas do Oriente Tristaõ da Cunha foi o Ministro desta Embaixada, e conduzio comsigo tres de

de ſeus filhos, dos quaes hum foi depois Governador General das Indias. Segundo as relaçoës que nos reſtaõ daquelle tempo, foi eſta huma das Embaixadas mais eſplendidas que ainda appareceo neſta Capital do mundo. A' magnificencia da entrada do Embaixador nada faltou, porém nada igualou a belleza dos prezentes. Conſiſtia em todos os ornamentos que convem á peſſoa do Papa, e á decoraçaõ de ſeus altares, quando faz Pontifical. Iſto tudo bordado de oiro, e prata; taõ carregado de perolas, e pedras preciozas, que cubriaõ tudo: taõ ricamente trabalhados, que o feitio excedia d'algum modo a materia. Os olhos dos Romanos ficaraõ encandeados; porém o que lhes naõ deo menos goſto, foi huma Panthera, e hum Elefante. O Elefante enſinado, ſe proſtrou tres vezes diante do Vigario de Jesus Chriſto, e divertio depois a Corte molhando os expectadores com agua que tinha tomado na ſua tromba. A Panthera deſtra na caſſa eſtrangolou alguns animaes a que a ſoltaraõ. ElRei de Portugal quiz tambem dar aos Romanos o expectaculo do combate d'um Elefante, e hum Renocerente; porém o Renoceronte naõ

Ann. de J. C. 1515.

D. Manoel Rei

Lopo Soares d'Albergaria Governador.

ANN. de J. C. 1515.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

naõ pôde chegar a Roma, e morr
fobre as Coftas de Genova.

Em quanto todo o Mundo apla
dia efte Pincipe afortunado, elle me
mo preparava o tumulo, onde dev
fepultar com Albuquerque o mais be
da fua gloria, e da de fua Naça
Arrependeo-fe he verdade, de lhe t
enviado hum fucceffor, e efcreveo
Soares limitando feu Governo de C
chim a Malaca, e deixando o ma
a Albuquerque, como fe vé na car
defte Princepe copiada nos Coment
rios d'efte grande homem. Outros d
zem que efcreveo a Albuquerque pedi
do-lhe, que efcolheffe huma praça n
Indias a feu gofto onde feria indepe
dente do Governador, com promeff
que tanto que Soares expiraffe, lh
daria o Governo com o titulo e
honras de Vice-Rei. Porém o tiro efta
va dado, e o mal naõ tinha remedio
Chegado Soares a Cochim, fez o qu
algumas vezes fazem as peffoas qu
entraõ em emprego por refpeito d
feus predeceffores, a que naõ crem
fucceder, fe os naõ deftruirem á elle
e as fuas obras; em que faõ aprova-
dos commumente pelos fubalternos, que
mudando de intereffe como de objecto,
ou naõ tem outro merecimento que

O

o de fazer corte a hum que vem de novo, ou eclipsaõ o mereci-mento que tem pondo-se da parte dos insipidos Aduladores. Vizitou as praças, em tudo fez mudanças, meteo em differentes postos creaturas suas; cassou e perseguio todas as de Albuquerque, destruhio todas as suas idéias, tomou sistemas inteiramente contra-rios, e aplicou-se particularmente a disgostar com máos modos D. Garcia de Noronha, a quem seu tio havia feito partir primeiro para Cochim, permitindo-lhe tornar para Portugal. Em huma palavra fez tudo de novo, julgando sem duvida que fazia bem. Porém logo conheceraõ a differença que havia d'homem a homem. Os inimigos dos Portuguezes cobraraõ animo, seus amigos esmoreceraõ, os Reis de Cananor, de Calicut, e Cochim, particularmente este ultimo, perderaõ com elle a confiança que tinhaõ em Albuquerque, a quem elles naõ sabiaõ recuzar nada. Os mesmos Portuguezes pareceraõ degenerar; e aquelles que até entaõ tinhaõ sido Heroes, naõ pareceraõ muito mais que Mercadores, ou Piratas. Naõ he isto porque Soares naõ tivesse seu merecimento, porém podia ter muito, e ser

Ann. de J. C. 1515.

D. Manoel Rei

Lopo Soares, d'Albergaria Governador.

ANN. de J. C. 1515.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

ſer muito inferior a Albuquerque. As in
felicidades, e diſgraças que acontecera
á profia, fizeraõ conhecer bem o pa
rallelo pelo ſeu contraſte; a fortun
muitas vezes ſe intereſſa na repu
taçaõ dos homens grandes, e elip
ſando de ordinario ſuas belas quali
dades, ou fazendo brilhar as mediocres
ſegundo lhe agrada ſervilos bem o
mal. Por eſta razaõ ſempre differa
que os grandes talentos naõ baſta
ſó aos que governaõ; mas que h
precizo tambem attender ſe ſaõ felice
na eſcolha que fazem das peſſoas.

Havia ja alguns annos que amea
çavaõ os Portuguezes com huma frota
do Caliphe, porem todo o rumo
que ſe divulgava, ſe deſvanecia de
pois, e nada apparecia. Com effeito
foſſe porque eſte Princepe tiveſſe muitos
outros negocios, ou porque ſe deſgoſ-
taſſe do infelis ſucceſſo da ſua primei-
ra tentativa, parecia dormir ſobre ſeus
entereſſes. Duas couzas o deſpertaraõ
deſte profundo ſono. A primeira foi
a induſtria de Emir-Hocem. A ſegun-
da o medo que lhe cauſou a frota
Portugueza entrada no mar Roxo com-
mandada por Albuquerque. Hocem ſen-
do desbaratado por Almeida, naõ ouſou
mais tornar ao Cairo, com medo de pa-
gar

gar com a cabeça as faltas da ſua má fortuna. Os Principes Muſulmanos naquelles tempos naõ perdoavaõ a ſeus Generaes infelices. Porém como eſte era hum antigo Cortezaõ, rezolveo congraçar-ſe com o ſeu Principe irritado, por algum ſerviço importante, que o podeſſe ajudar a entrar no ſeu valimento. Neſta idéa tendo conferido as ſuas viſtas com o Rei de Cambaia, e Melique-Jaz, recolheo os fragmentos da ſua armada, e ſe retirou para Gidda, ou Judda, como os Portuguezes a chamaõ. Eſta Cidade que eſtá ſituada ſobre a Coſta da Arabia a 21 gráo, e meio de Latitude do Norte, ainda que antiga, e muito bella pelos ſeus edificios, naõ tinha outro merecimento, que ſer frequentada pelos Perigrinos, que hiaõ a Meca, donde diſta huma jornada. O territorio he eſteril; a agua ahi ſe paga muito cara, porque vem de muito longe em beſtas de carga. Naõ tinha ella entaõ muros alguns, e eſtava ſujeita ás invazoẽs dos Beduains Arabes, que a infeſtavaõ com os ſeus roubos.

Ann. de J. C. 1515.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

Hocem determinado a ſe eſtabelecer alli, fez ſaber aos habitantes, para lhe captar a benevolencia, que queria ficar entre elles, para os defender

da

ANN. de J. C. 1515. D. MANOEL REI. LOPO SOARES D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

da pilhagem dos Arabes, que vinha cativalos até ás ſuas cazas. Porém n mesmo tempo eſcreveo ao Calife ou tros motivos que elle ſabia dever ſu gerir. „ Começava a ſua carta expon „ do d'uma maneira dilicada a infe „ licidade da ſua deſtruiçaõ, que at „ tribuia aos peccados dos Muſulmanos „ e á indignaçaõ do ſeu grande Pro „ feta. D'ahi pnſſando aos progreſſo „ extraordinarios, que os Portugueze „ tinhaõ feito nas Indias, contra o „ esforço de todas as Potencias da „ Aſia, ſupunha que a ſua principal „ mira era aſſenhorearem-ſe do ſepul- „ cro de Mahomet, para conſeguirem „ dos Mahometanos os meſmos tribu- „ tos que elles meſmos lucravaõ do „ Santo Sepulcro, e dos Chriſtaõs que „ o viſitavaõ. „ Naõ ſe enganava em hum ſentido; porque he certo que Albuquerque zelozo contra o Alcoraõ quanto pode ſer, tinha ideado deſtruir Meca, e Medina, ſem lhe deixar pedra ſobre pedra; e deſpojalas dos thezouros que tem; e teria executado eſte projecto, ſe tiveſſe vivido. Elle o havia tentado no principio eſtando no mar Roxo, quando fez derrota por Guidda, porém os ventos o deſviaraõ. Iſto naõ lhe fez perder de

viſ-

visfta efta rezoluçaõ, que julgou poder effectuar quando foffe Senhor d'Ormuz, e de alguns outros poftos no Golfo Perfico, e no Yemen, donde pertendia enviar por terra gente determinada a tomalas n'uma volta de maõ. „ Hocem reprefentava logo como „ hum meio efficaz de fe oppor á em„ preza delles, a idéa que tinha de „ fortificar Gidda, que feguraria o Se„ pulcro de Mahomet contra as armas „ dos Chriftaõs, e faria tambem o Ca„ life Senhor do mar Roxo. „

Ann. de J. C. 1515.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

Aproveitou o artificio d'Hocem. Cativado o Califé por efte zelo apparente de Religiaõ, e pelo entereffe peffoal que alli tinha, o foccorreo com gente, e dinheiro: ordenou-lhe que cercaffe Gidda com muros, e nella fundaffe huma boa Cidadella, a fim de conter os habitantes fujeitos; o que fez. Porém como o temor, que o Califé teve da frota de Albuquerque, e dos progreffos defte Conquiftador, fez ainda maior impreffaõ, pençou feriamente a fazer huma nova frota para ás Indias. Fez o corte das madeiras em Afia, como na primeira vez. E ainda que o Balio Portuguez da Ordem de S. Joaõ de Jerufalem defbaratou tambem efta frota no Mediterraneo, e me-

ANN. de J. C. 1515. D. MANOEL REI. LOPO SOARES D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

meteo ſeis navios no fundo, e tom
ſinco, ſalvou muita madeira de con
truçaõ, com que fez em Suez 27 en
barcaçoẽs, galioẽs, galeras, fuſtas,
gelvas, nas quaes trabalharaõ dilige
tiſſimamente.

Na força deſte trabalho Rais S
limaõ, Corſario celebre, chegou
Alexandria, para lhe offerecer ſe
ſerviços. Era hum homem de naſc
mento humilde, natural de Mytile
nas Ilhas do Archipelago. Tinha
do no principio pirata, e adquiric
alguma reputaçaõ; porém as queix
que os Turcos meſmo fizeraõ cont
elle á Porta, havendo-o feito incorre
na indignaçaõ deſta Corte, veio cr
zar nas Coſtas d'Italia, e Sicilia, ond
tendo feito prezas conſideraveis
pôz em eſtado de ſe fazer recebe
pelo Calife, com tanta mais eſtima
çaõ, por ſe aprezentar em melho
fortuna.

Com effeito Sultaõ Sampſon
recebeo como hum homem, que lh
era enviado do Ceo neſtas circunſtan
cias, e logo o nomeou General da fro
ta, que tinha feito apparelhar em Suez
E lhe deo Hocem para Tenente Ge
neral, com ordem de o hir tomar
Gidda, e de hirem juntos a Adem pa-
ra

a o tomarem, e ſe naõ o podeſſem conſeguir, que foſſem conſtruir huma Fortaleza na Ilha de Camaraõ, onde ſabia que os Portuguezes tinhaõ tentado fazer huma.

Ann. de J. C. 1516.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

Solimaõ executou a ſua commiſſaõ com a maior fidelidade, e promptidaõ que lhe foi poſſivel, e foi aprezentar-ſe defronte d'Adem. O Rei d'Adem prevenido da chegada da frota Muſulmana, e naõ podendo duvidar das más intençoẽs do Calife, com quem eſtava mal, tinha poſto a Cidade em defença. Tinha tirado de Elach, e d'outras praças dos ſeus Eſtados, poderozos ſoccorros de tropas, e muniçoẽs, que havia enviado a Emir Amirjam para poder ſuſtentar hum ſitio. Solimaõ vendo o pouco cazo que fizeraõ da ſua ſubmiſſaõ, bateo a praça com furor, fez huma grande brecha, e tomando-a d'aſſalto, entrou na Cidade. Porém perdeo ahi tanta gente, que admirado d'uma taõ vigoroza reſiſtencia, ſe retirou, e foi para Camaraõ para alli começar a Cidadella que tinha ordem de fundar.

A moleſta vivenda deſta Ilha, onde a fome, e a cede naõ podiaõ tardar em ſe fazerem ſentir, junta a hum trabalho deſagradavel, e oppoſto

ao

Ann. de J. C. 1516.

D. Manoel Rei

Lopo Soares, d'Albergaria Governador.

ao ſeu genio aćtivo, e atrevido, te
do-lhe deſagradado, deixou Hoce
continuar a obra d'uma praça, de q
o Califè lhe havia deſtinado o Gove
no, e paſſou com a melhor parte d
tropas á terra firme, para hir ſenh
rear a Cidade de Seibit, que tomo

Neſte tempo chegou a noticia
Camaraõ, que o Califè tinha paſſ
do á Syria na teſta d'um poderozo exe
cito contra Selim Emperador dos Tu
cos, e que o tinha desbaratado jun
d'Alep em batalha campal, e alli
nha perdido a vida. Poſto que diſ
naõ houveſſe mais que hum rumor ſ
do, e incerto, Hocem que eſtava p
cado de lhe terem preferido Solim
no Commando General, diſto ſe ſe
vio para ſeduzir as tropas que tinha co
ſigo. Naõ faltáraõ razoẽs, nem me
para perſuadir a gente oprimida;
ſorte que todos d'acordo deixaraõ
Ilha, e ſe retiraraõ a Gidda. Solim
que diſſo foi logo ſabedor, para a
correo da ſua parte. Hocem lhe f
chou as portas. Eſtavaõ para recorr
á força d'uma, e d'outra parte, qua
do Muphti de Meca tranſportado do z
lo de Religiaõ, e horrorizado dos dan
nos que hia cauzar eſta guerra civil
acudio a Gidda, e terminou as diff
ren-

enças dos dois compitidores. Hocem foi a victima desta falça paz, posto que della desconfiasse. Solimaõ se apoderou da sua pessoa com o pretexto de o enviar ao Calife para o sentenceear, e o fez deitar secretamente no mar com huma pedra ao pescoço. Os rumores da morte de Sampsom, tende-se verificado depois, Solimaõ se declarou por Selim, e disto fez serviço para com o Sultaõ, que tendo no anno seguinte acabado de destruir o Imperio dos Mamelus, pagou a Solimaõ o que tinha feito, e reconheceo seus serviços.

Ann. de J. C. 1516.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

ElRei D. Manoel, que tinha tido noticias certas dos novos preparos, que o Calife fazia em Suez para esta frota, de que acabo de fallar, havia tambem enviado novas ordens ao Governador, e poderozos reforços para hir combatela. Soares tinha sido instruido d'outra parte por D. Alexo de Menezes, que havia invernado em Ormuz, d'uma parte das coisas, que eu acabo de contar; de sorte que sem perder tempo, se meteo ao mar. A sua frota composta de 47 navios, era a mais bella, e a mais numeroza que os Portuguezes tinhaõ tido nestes mares. A escolha dos seus Capitaẽs era de gen-

ANN. de J. C. 1516.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

te valeroza, e diſtincta; porém co
tudo muito inferiores áquelles velh
Officiaes, que tinhaõ ſervido com A
meida, e com Albuquerque, e que
diſgoſto do novo Governo tinha ob
gado a paſſar pela maior parte deſco
tentes para Portugal com D. Garc
de Noronha.

Entrando no porto d'Adem, So
res ſalvou a Cidade com toda a ſ
artilheria, e com grande numero
inſtrumentos, e trombetas, que d
rou perto de duas horas. A Cidad
naõ reſpondeo ás ſalvas, o que a
mirou o Governador, e começou
embaraçalo; porque elle naõ tin
vontade de attacar a praça. Pouco ter
po depois ſe certificou, vendo vir hu
eſcaler a ſeu bordo com huma band
ra branca em ſinal de paz. A brec
que Solimaõ tinha feito, naõ tinha
do reparada. Amirjam em attençaõ
neceſſidade em que ſe achava, envi
tres peſſoas das mais notaveis da C
dade para levarem as chaves aõ G
vernador, dizendo-lhe.,, Que elle ſe r
,, conhecia por vaſſallo d'ElRei de Po
,, tugal, e deixava a Cidade á ſua d
,, cripçaõ: que haveria feito o meſm
,, quando Albuquerque alli ſe apreze
,, tou; ſe eſte General muito auſte
naõ

„ naõ tiveſſe logo revoltado todos os
„ habitantes contra elle, e inſpirado
„ hum temor, que os obrigou a ſe po-
„ rem em defenſaõ. „

Ann. de J. C. 1516.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

Nunca houve occaſiaõ melhor pa-
ra tomar Adem, e nella conſtruir hu-
ma Fortaleza: e até o ultimo moço da
frota, naõ havia quem julgaſſe que
naõ a deixariaõ eſcapar. Soares ſó pen-
ſou d'outro modo, e nem ſe dignou
de convocar Conſelho ſobre a conju-
ctura prezente. Fez reſponder ao Emir,
que elle rezervava a ſua boa vontade
para á volta, que era obrigado a hir
buſcar a frota do Sultaõ para a com-
bater, que lhe pedia ſómente alguns
Pilotos, e mantimentos que pagaria
bem. O Emir naõ cabendo em ſi com
goſto deſta repoſta, que nunca tinha
ouſado eſperar, e eſperando ſó o fe-
liz momento da partida deſta frota,
fez quanto pôde para a apreſſar, en-
viando-lhe quanto lhe pediaõ, e iſto
com muitas attençoẽs, que Soares ce-
go tomou diſto accaſiaõ de ſe applau-
dir da enormidade do ſeu erro.

Levando ancora oito dias depois,
fez derrota para o mar Roxo, e cui-
dou morrer no eſtreito, por querer
andar de noite. Huma tempeſtade, que
ſe levantou, maltratou muito a ſua fro-

ANN. de J. C. 1516.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

ta, e a pôz em grande perigo. Efca
pou della com a perda de hum dc
feus navios, que eftando taõ carreg
do das prezas, que tinha feito, foi a
fundo: digna recompença da avarez
do Capitaõ, que teve a mefma forte
que feus thefouros.

Depois d'outras muitas difgraças
frota fe aprezentou defronte de Gidd
O medo intentou affugentar todos c
habitantes. Solimaõ os affegurou.
prudencia do General Portuguez c
tranquilizou ainda mais: he verdac
que o porto era de dificil acceffo
que fó lhe podiaõ chegar por hu
canal torcido, que eftava fortificac
com alguns reductos, e algumas bat
rias. Soares intentou empenhar-fe all
Em quanto elle perde o tempo e
irrezoluçoẽs, Solimaõ, que conhece
que tinha negocio, lhe enviou pr
por hum dezafio fó por fó. Soares t
ve a prudencia de naõ aceitar. Ser
bem, fe tiveffe oufado enprehender t
mar a Cidade, e queimar a frota do C
life, como podia, e que todos os O
ficiaes, que bramiaõ de colera, e ve
gonha, o pediaõ; porém naõ tendo p
dido tomar ifto fobre fi, vendo-fe i
fultado de todos os modos pelos in
migos, e naõ podendo rebater as i
ju-

urias dos ſeus, de que a maior parte morriaõ de cede, fez-ſe á vela para á Ilha de Camaraõ.

Ann. de J. C. 1516.

D. Manoel Rei

Lopo Soares d'Albergaria Governador.

Experimentou lá novas anguſtias. Tendo fugido os habitantes, a penas pôde alcançar alguns viveres d'uma Ilha viſinha, onde alguns dos ſeus foraõ tomados por traiçaõ, e enviados a Solimaõ. Por falta de comodidades para acabar a Cidadella, que os Mameluz tinhaõ já bem adiantada, o General a deſtruio. A peſte, fome, cede faziaõ entre tanto furiozas deſtruiçoẽs na ſua gente, as tempeſtades tendo-lhe tambem feito perder alguns navios, e as naçoẽs das duas bordas do mar Roxo eſtando como conjuradas para lhe negarem toda a ſorte de ſoccorro, tornou a paſſar o eſtreito de Babelmandel, e foi cahir ſobre Zeila na Coſta d'Africa.

Eſta Cidade muito povoada, era toda aberta, e ſem defenſſaõ; porém como ahi tinhaõ em pouco o General, do qual ſabiaõ todos os deſaſtres, o deſprezo deo valor aos ſeus habitantes, que tendo feito ſahir mulheres, e as bocas inuteis, para as pôr em ſeguro no centro das terras, ſe armaraõ, e fizeraõ hum bom apparato ſobre a praia. A neceſſidade fez

com

ANN. de J. C. 1516.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

com que se rezolvessem a desembarca
Os inimigos se admiraraõ pouco, e r
prehendendo aos Portuguezes a fr
queza que tinhaõ mostrado em Gidda
os insultavaõ, prometendo-lhes qu
elle lhes fária melhor acolhimento
do que lhes tinha feito Solimaõ.
vanguarda, e o corpo de batalha t
nhaõ já posto pé em terra, e se im
pacientavaõ furiozamente das demora
do General, que conduzia a recta
guarda. O disgosto das suas dilaçoẽ
por huma parte, e a injuria dos in
sultos dos inimigos pela outra, estimu
lando-o na sua obrigaçaõ, todos d
acordo cahiraõ sobre estes habitante
bazofios, que mal sustentaraõ a apo
ra. Apenas fizeraõ alguma resisten cia
Ganharaõ-lhes a Cidade, entraraõ po
huma porta, e sahiraõ pela outra, an
tes que o General, que procedia com
muito vagar, tivesse desembarcado
Fosse zombaria ou naõ, Simaõ d'Andra
de lhe enviou dizer, que se apressa-se
que podia vir com toda a confiança
e naõ acharia quem lhe fizesse cara
O cumprimento naõ agradou muito
Soares, e mostrou-se muito picado
que lhe tirassem a gloria que devi
ganhar nesta acçaõ.

A Cidade foi saqueada tomara
alli

lli algumas provizoẽs, mas poucas. O Governador fez lançar fogo a todo o resto, esperando prover-se abundantemente de tudo em Adem, a onde tornou cheio d'aquella confiança com que tinha partido. Porém naõ era já tempo: o habil Amirjam tinha-se aproveitado do seu erro, e tinha-se fortificado o melhor que pôde. As brechas estavaõ reparadas, as muralhas guarnecidas d'artelharia, e a Cidade cheia de boa soldadesca prestes a defendela bem. Assim naõ tendo mais nada que temer d'um homem, que tinha logo perdido toda a sua estimaçaõ, e que no estado em que se aprezentava, era mais capaz de excitar a compaixaõ, que ao terror, negou-lhe até esta mesma compaixaõ, naõ quiz consentir que o fornecessem de viveres, e apenas permitio, que podesse fazer aguada, que lha fez pagar muito cara. Nesta extremidade, Soares confuzo, e redusido a huma especie de desesperaçaõ voltou sobre a Costa d'Africa para á Cidade de Berbora; porém encontrando calmas, se vio obrigado pelo primeiro vento a ganhar Ormuz, e de lá as Indias, tendo perdido tambem na derrota huma parte da sua frota, que as tempesta-

ANN. de J. C. 1516.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1516.

D. Manoel Rei

Lopo Soares d'Albergaria Governador.

peſtades deſtroçaraõ, ſem ter recolhi
do d'um armamento taõ formidave
outro fructo, mais que a injuria de na
ter abſolutamente executado nada d
que ElRei lhe havia ordenado, e te
perdido por ſua culpa duas das me
lhores occazioens, que a fortuna lh
poude aprezentar.

Quaſi ſempre huma infelicidade
he ſeguida d'outra. Em quanto Soare
eſtava occupado da ſua triſte expedi
çaõ, penſou Goa tornar ao ſeu pri
meiro Senhor pela falta do ſeu Go
vernador, D. Gutierres de Monrroi
homem de qualidades, e proximo
parente do General, com quem tinha
vindo ás Indias provido por ElRei do
Governo deſta praça. Exaqui a o
ccaziaõ. Fernando Caldeira que tinha
ſido pagem de Albuquerque, ſe havia
eſtabelecido em Goa com a protecçaõ
deſte General, e ahi eſtava cazado.
Foi pouco depois accuzado á Corte
de ter ſido traidor, naõ poupando a-
migos nem inimigos, e foi tranſpor-
tado a Portugal carregado de ferros.
Como era homem de juizo, defendeo-
ſe tambem, que foi abſoluto, e reſ-
tituido com honra. Tornou a paſſar
com Soares, e ſe embarcou no navio
que commandava Monrroi. Eſtando eſ-
te

: em Goa tinha galanteado a mulher
: Caldeira, e na derrota, foſſe por-
ıe Caldeira alli deſcubriſſe entaõ al-
ıma coiſa, ou que a lembrança do
ıſſado fizeſſe naſcer idéas deſagrada-
:is, tiveraõ razoẽs taõ fortes, que
aldeira deixando a frota em Moçam-
que, paſſou a Goa noutra pequena
nbarcaçaõ. Tendo chegado alli, e
:ndo tido novas luzes ſobre as ſuas
ıſpeitas, cortou a cara, e as couchas
Henrique de Toro, que tinha ſido
medianeiro das intrigas de Monrroi.
)eſconfiando depois da paixaõ, e da
ingança deſte, n'uma praça onde el-
: era o Governador, e vendo-ſe d'ou-
a parte ſem protecçaõ pela morte
'Albuquerque, retirou-ſe a Pondá, pra-
ı do Idalcaõ, e conduzio ſua mulher,
todos os ſeus bens. Ancoſtan, que
li governava pelo Idalcaõ, ſabendo
ue elle era valente, o recebeo com
oſto, e travou amizade logo com elle.

D. Gutierres obrigado pelo ſeu
mor, e dezejo de ſe vingar, irritou-
: muito com a retirada de Caldeira,
por diverſos correios naõ ceſſava de
ɔlicitar Ancoſtan para lhe remeter eſ-
: dezertor, para o caſtigar. Ancoſtan
ue tinha probidade, naõ quiz nunca
ttender ás ſuas propoſiçoẽs, e ſe of-
fen-

ANN. de J. C. 1516.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES, D'ALBERGARIA, GOVERNADOR.

ANN. de J. C. 1516.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

fendeo de que o quizeſſem obrigar violar o direito da hoſpitalidade, d'azilo, o qual devia ſer inviolavel n terras de ſeu Senhor. Naõ aproveita do eſtas negociaçoẽs, Monrroi ſob nou hum Portugues chamado Joaõ G mes para aſſaſſinar Caldeira. Gom aceitou a commiſſaõ, e foi eſtabel cer-ſe a Pondá. Caldeira que o c nhecia o recebeo c'os braços aberto deo-lhe hum quarto da ſua caza, i troduzio-o com Ancoſtan, e lhe co ſeguio o ſeu agrado. Alguns dias d pois montando Ancoſtan a cavallo, hindo paſſear com elles fóra da Cid de, fingio Gomes ter que fallar e particular com Caldeira; e o aparto hum pouco, e mata-o á viſta meſn d'Ancoſtan, e em deſpique dos dois. A coſtan irritado, mandou-lhe no alcanc e ſem outra fórma de proceſſo, lhe co tou a cabeça, logo que lho apreze taraõ.

Mais irritado ainda contra Anco tan, do que tinha ſido contra Calde ra, Monrroi ſentia ainda hum dezej mais violento de ſe vingar, e naõ podendo fazer com honra, quiz ex cutalo por huma traiçaõ. A fim c melhor emcubrir o ſeu deſignio com apparencias d'um ſimplez divertimen

to,

, preparou-se para dar humas cava-
adas, canas, e outros espectaculos
ela Festa de Pentecostes. Para o que
onvidou toda a mocidade da Cidade,
dos suburbios, assim Portuguezes co-
o Mouros, e Gentios, e com este
etexto, exercitou por muito tempo
sua cavallaria a fazer diversos mo-
mentos.

Ann. de J. C. 1516.

D. Manoel Rei

Logo Soares d'Albergaria Governador.

No dia mesmo de Pentecostes so-
e a tarde, sem dizer nada do seu
ojecto, tomou 80 cavallos, 70 ar-
buzeiros Portuguezes, e perto de
inhentos, ou seiscentos Malabares,
e conduzio até ao Paço de Benas-
rim, onde chegaraõ á entrada da
oite. Tendo-lhe lá declarado os seus
tentos, achou alguma difficuldade
as pessoas de probidade, aos quaes
sta trahiçaõ naõ agradou; porém ten-
o entreposto a auctoridade d'ElRei,
retextando-a com o bem do serviço, os
ez partir na mesma noite para Pondá,
epois de haver empenhado Joaõ Ma-
hado, para deixar o governo do par-
do a seu irmaõ D. Fernando de Monr-
oi. Machado mais experimentado do
ue este, lhe aconselhou, que segu-
asse hum desfiladeiro para assegurar a
ua retirada; o que elle fez. Porém
D. Fernando naõ foi taõ docil ao con-
se-

Ann. de J. C. 1516.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

selho, que lhe deo de fazer o att
que da noite, era quando todos est
vaõ sepultados no sono. Quiz esper
o dia claro, o que tendo-o feito de
cubrir, Ancostan passou para á out
parte do rio com as suas tropas, e
maior parte dos moradores, com qu
fez hum corpo. Os Portuguezes ten
do entrado em Pondá alli passaraõ
espada tudo o que acharaõ; porém o se
Commandante perdendo a esperanç
de destruir o batalhaõ quadrado, qu
estava d'além da ponte, e conhecen
do o erro que tinha cometido, man
dou dizer a Machado, que se retirass
com a sua infantaria, e que elle hi
fazer o mesmo com a cavallaria, com
a qual elle o defenderia.

Ancostan, tomando esta retirad
como huma fugida, passa a ponte: d
sobre D. Fernando, e faz chover so
bre elle huma taõ grande quantidad
de flexas, que o pôz em desordem,
o fez cahir sobre a sua Infantaria
que foi ainda mais perturbada, e se
pôz em derrota. Peior foi ainda quan
do chegaraõ ao desfiladeiro: aquelle
que o deviaõ guardar, tendo-o aban
donado para terem parte no saque
da Cidade de Pondá, naõ deixou An
costan de o occupar; e aproveitando-
se

Ann. de J. C. 1516.

D. Manoel Rei

Lopo Soares d'Albergaria Governador.

da vantagem do lugar, meteo os
gitivos em hum taõ grande aperto,
ie naõ foi mais que huma carniceria.
[achado, para dar lugar a D. Fer-
ando de se escapar, fez-se firme por
gum tempo, e mataraõ-no depois
e ter feito prodigios de valor, para
aõ cahir nas maõs dos inimigos. Se
les tivessem querido, quasi ninguem
scaparia deste partido. Com tudo ti-
eraõ lugar de se lisongearem: ficaraõ
incoenta Portuguezes na praça; hou-
eraõ 27 prezos, e mais de cem In-
ios mortos, ou prizioneiros. D. Fer-
ando de Monrroi salvando-se com tra-
alho, e com muito pouco sequito,
hegou a Benastarim, onde D. Guttie-
es o esperava, soccegado seu espiri-
o do gosto da vingança, que jul-
ou tomar de Ancostan, e naõ atten-
endo a nada menos, que á sahi-
a d'um taõ triste acontecimento.

Aconteceo mais. Ancostam sober-
o da sua victoria, e indignado des-
a complicaçaõ de perfidias d'um só
iomem, despachou logo para o Idal-
aõ, a lhe dar conta do que se tinha
passado, despertando-lhe a esperança
le se fazer Senhor de Goa, que a
nfracçaõ da paz lhe dava direito de
attacar, e que estando bem debilita-
da

ANN. de J. C. 1516.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

da pela perda que acabava de experimen-
tar, cheia de trifteza, e medo, far
taõ pouca refiftencia, que naõ eftand
aparelhada para fufter hum fitio, na
poderia fer foccorrida, por eftarem n
entrada do inverno. O Idalcaõ tinh
feito huma tregoa com o Rei de Na
finga. Aproveitou-fe da conjuntura
e fez partir Sufolarim com finco m
cavallos, e vinte e feis mil homen
de pé. Sendo ifto junto a Ancoftan
occupou todos os portos da terra fi
me. Na verdade naõ pôde chegar
entrar na Ilha; porém fechou-lhe tam
bem todas as paffagens, que Goa a
pertada pela fome eftava na preciza
de fe render, a naõ ferem os foccor
ros que lhe trouxeraõ Joaõ da Silvei
ra, que tinha invernado em Quiloa
Rafael Pereftrello que voltava de Ma
laca, e Antonio de Saldanha que vi
nha efte anno de Portugal com hũ
ma efquadra de feis navios. Que cri
mes naõ comete hum homem empre
gado que naõ teme fer punido! E
quam dignos de compaixaõ faõ o
Reis, fe os naõ conhecem, ou fe naõ
tem força para os caftigar.

A avareza, e a concorrencia de
dois competidores, pozeraõ Malaca nos
mefmos rifcos em que Goa fe tinha

vifto

ſto reduzida por hum louco amor.
rge de Brito, que ſuccedeo a Jorge
Albuquerque em lugar de ſoccegar os
imos, que o ſupplicio do Rei de Cam-
ır havia alli cauzado, naõ fez mais
ıe irritalos pela ſua indiſcriçaõ. A
orte mal informada lhe hia dando or-
ens, que Jorge d'Albuquerque lhe a-
nſelhou que naõ ſeguiſſe, prevendo
; inconvenientes que lhe acontece-
ıõ. Eſtas ordens pretenciaõ aos *Am-
rages*, e *Ballates*, que ſe chama-
ıõ os eſcravos do Rei. Eſta gente
a ſuſtentada pelo Fiſco. Eraõ ſó
rigados a certos trabalhos; fora diſ-
ı os deixavaõ viver em paz com as
as familias, com ſuas mulheres, e
hos. Brito ſeguindo as ſuas inſtruc-
ens, lhes diminuio os ſoldos, e os
z verdadeiramente eſcravos, repar-
ndo-os entre os Portuguezes. No
ıeſmo tempo intentou meter Portu-
uezes em todos os Juncos, e navios
ue abordavaõ á Malaca, para faze-
m commercio. Eſtes odiozos diſig-
ios dictados por huma inſaciavel cu-
iça, e contra todas as regras da pru-
encia, reduziraõ a Cidade a huma
tal ſolidaõ, e a fez padecer mui-
). Em vaõ quiz Brito corregir o que
nha feito, naõ o pôde conſeguir, e
eſte diſgoſto morreo.

ANN. de J. C. 1516.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES, D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

Sua

ANN. de J. C. 1516.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

Sua morte foi seguida d'uma c
lamidadade para esta pobre Cidad
Estando para morrer nomeou Nu
Vaz Pereira, para governar em s
lugar. Pereira se tinha apoderado
Cidadella, onde se conservava em v
tude desta nomeaçaõ, e tambem d
ordens da Corte. Antonio Pachec
que era Capitaõ do Porto, e Ger
ral do mar nestas paragens, prete
deo que lhe pertencesse o govern
e se valeo da ordem que o grande A
buquerque tinha estabelicido, subs
tuindo Fernando Peres d'Andrade
Rui de Brito Patalim, supposto q
este faltasse sobre isto, os Portuguez
se dividiraõ em duas facçoẽs. Pach
co, que queria evitar as occasioẽs d
vias de facto, se retirou com a s
frota para huma pequena Ilha visinh
Hum dia, que Pacheco tinha vindo
Malaca para ouvir Missa, bem acom
panhado, Pereira appareceo ao posti
da Fortaleza, chamou-o, e mostrou qu
rer entrar em ajuste por via de lo
vados. Pacheco subio na boa fé,
foi apanhado com alguns dos se
partidistas. Esta violencia acendeo
animos, e augmentou o fogo da d
vizaõ. O Rei de Bintam aproveito
se della. Fez avançar hum corp
d

le tropas hum Raja, que estava a
eu serviço, chamado Cerebige, que
inha adquirido muita reputaçaõ entre
s seus. Este veio acampar-se a sinco
egoas de Malaca na entrada do Rio
Muar. Fortificou-se de modo alli, que
aõ poderaõ lança-lo fóra. Dahi fa-
endo corsos por mar e terra, incom-
nodou de modo a Cidade, que ne-
hum navio ousava apparecer; o que
om o tempo teria abatido esta pra-
a, se huma Providencia particular
aõ tivesse velado sobre os Portugue-
es, d'alguma sorte, a pezar delles
nesmos.

Ann. de J. C. 1516.

D. Manoel Rei

Lopo Soares d'Albergaria Governador.

A conducta destes naõ era me-
nor por todo a parte; como se a mor-
e d'Albuquerque tivesse espalhado en-
re elles hum espirito de loucura, e
ue se ajustassem para trabalharem em
e destruirem: de sorte que encorren-
o ao mesmo tempo no desprezo, e
ndignaçaõ dos Gentios, e Mouros,
areciaõ que lhes inspiravaõ valor,
ara se sublevarem contra elles. Em
aticala houveraõ 27 mortos em hum
evantamento. Em Cochim outros sin-
o, que tinhaõ hido á caça na terra
rme, tiveraõ a mesma sorte. Pouco
altou que naõ assacinassem em Coulaõ
odos os que ali se achavaõ. Heytor

Ann. de J. C. 1516.

D. Manoel Rei

Lopo Soares d'Albergaria Governador.

Rodrigues, que ahi tinha ſido envi
do, para procurar a licença para
conſtruir huma Cidadella, evitou
golpe pelas ordens ſeveras que d
para ninguem ſahir, e de eſtarem ſer
pre acautelados. Quinze fuſtas de M
lique Jaz correraõ ſobre Joaõ de Mon
roi, que cruzava ſobre as Coſtas
Cambaia. Hum Portuguez arreneg
do conduzia a empreza, e lhes f
naſcer a eſperança de o tomarem:
vontade naõ lhes faltou; porém Mon
roi os desbaratou. Contraverteraõ, e
odio a Albuquerque, as principa
condiçoẽs do tratado, pelo qual
Rei das Maldivas ſe havia feito va
ſallo d'ElRei de Portugal, e alien
raõ o eſpirito deſte Principe. Fina
mente os Reis de Pegu, e de Be
gala por ſi meſmos ſe retiraraõ
aliança dos Portuguezes.

Era tempo que o Governad
General voltaſſe da ſua expediçaõ p
ra remediar todos eſtes males, e f
logo a que ſe applicou. He verda
que quando chegou teve alguns d
goſtos, que fizeraõ huma diverſaõ
ſeu eſpirito. A Corte quartava, e
mitava a ſua auctoridade. Porque alé
de nomear todos os Governos, q
eſtavaõ antes no arbitrio do Genera

en-

nvio tambem Fernando d'Alcaçova
or Intendente da fazenda e direitos
'ElRei, e tinha dado huma comiſſaõ
articular a Antonio de Saldanha, para
ruzar ſobre toda a coſta da Arabia,
om poderes muito amplos, aſſignando-
ne hum conſideravel numero de na-
ios. Soares teve diſto muito diſgoſto;
'orém depois, como hum Governador
ieral ſe reconhece ter ſempre a prin-
ipal auctoridade na maõ, e que
eſta diſtancia naõ faltaõ preteſtos, nem
ores para interpretar, ou ſuſpender
s ordens da Corte, Soares tanto
ez, aſſim por ſi, como pelos ſeus,
ue diſgoſtozo Alcaçova, tornou para
'ortugal neſte meſmo anno com os
avios de tranſporte. As queixas que
ez produziraõ ſeu effeito, e ſe fize-
aõ ſentir a ſeus adverſarios no ſeu
etorno. Porque d'entaõ ſe eſtabele-
eo o coſtume de mandar citar os Go-
ernadores perante o Tribunal da Fa-
enda Real para alli darem conta.
Naõ deixou com tudo de achar meios
cultos para eſcapar depois ao rigor
eſte Tribunal. No que reſpeita a
Antonio de Saldanha, foi obrigado
contentar-ſe com huma eſquadra me-
liocre, com a qual naõ fez outra coi-
a mais, que tratar a Cidade de Bor-

Ann. de J. C. 1516.

D. Manoel Rei

Lopo Soares d'Albergaria Governador.

ANN. de J. C. 1516.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

bora do mesmo modo que tinha f
a de Zeila.

Soares despachou depois D. Al
xo de Menezes para Malaca, a qu
deo tres navios, com ordens d'ahi
tabelecer Governador Affonso Lo
da Costa, e Duarte de Mello em C
neral do mar, e de fazer passar Du
te Coelho a Siam, a fim d'ahi re
var a aliança com o Rei, e obri
este Principe a mandar seus navios
Malaca, para animar o commer
desta Cidade. Enviou tambem M
noel de Lacerda a Diu, D. Trif
de Menezes ás Molucas, e D. Jo
da Silveira ás Maldivas, donde de
passar a Bengala, e de lá tornar
Ilha de Ceilaõ, sobre a qual o G
vernador tinha intentos.

D. Aleixo de Menezes satis
bem a sua commissaõ. Nuno Vaz I
reira era morto, e tinhaõ-se alevanta
dois novos Competidores, mais assidu
ainda do que os primeiros; de so
que d'ambas as partes era precizo
tar prevenido: tanto, que o Rei
Bintam aproveitando-se destas disc
dias, tinha formado hum novo ca
po sobre o rio Muar, para aprovei
o de Cerebige, e infestava de mo
Malaca, que a tinha como sitiac
Me

Ann. de J. C. 1516.

D. Manoel Rei

Lopo Soares d'Albergaria Governador.

[M]enezes teve trabalho para tranquili-
[z]ar os Portuguezes. Naõ era eſte o
[t]empo de punir os culpados, conten-
[to]u-ſe de ſoltar Pacheco, e os outros
[p]rezioneiros, e de ordenar a huns, e
[o]utros, que eſqueceſſem as injurias
[p]aſſadas. Coelho, que Menezes envio
[a] Siam, ſegundo as ordens que ahi
[h]avia executar, conſeguio perfeitamen-
[t]e a ſua negociaçaõ, e na ſua reti-
[ra]da foi devedor a huma tempeſtade,
[d']outra boa fortuna que naõ procurava.
[P]orque ſendo deitado ſobre as terras
[d]o Rei de Pam, genro de Mahmud
[R]ei de Bintam, que eſtava mal com
[se]u ſogro, eſte Principe recebeo Coelho
[c]om todas as demonſtraçoẽs poſſiveis
[d]'amizade, e ſe fez vaſſallo de Por-
[tu]gal, obrigando-ſe a pagar hum va-
[s]o d'oiro d'um certo pezo por tributo
[a]nnual.

Fernam Peres d'Andrade tendo
[ch]egado entretanto das partes da Chi-
[n]a, onde tinha ſido enviado, como
[d]iremos noutro lugar, Malaca ſe achou
[h]um pouco aliviada, e o Rei de Bin-
[ta]m muito deſtruido. Porém eſte Prin-
[ci]pe recorrendo a ſeus artificios ordi-
[n]arios, moſtrou querer paz, e fez pro-
[p]oſiçoẽs, de que ſe naõ queria ſervir
[s]e naõ para entreter, ſabendo bem que

An-

Ann. de J. C. 1516.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

Andrade, e Menezes naõ fariaõ lor
refidencia em Malaca. Com effeito
tes dois Officiaes, que ardiaõ em de
jos de voltar para Portugal, quize
a penas começar huma negociaça
de que deviaõ mandar a concluzaõ
Governador, e partiraõ o mais pr
tes que poderaõ, trazendo conf
quafi todas as forças de Malaca.

Entaõ o Rei de Bintam tiran
a mafcara, appareceo diante da C
dade taõ innopinadamente, que C
ta, que efperava a concluzaõ da p
cuidou que o tomavaõ com a praça n
primeiros momentos do affalto. A fr
inimiga compofta de 85 embarcaço
das chamadas *Lancharas*, e *Calaluz*
appareceo primeiramente no porto,
lançou fogo a dois navios mercante
e a huma galera, que naõ poder
foccorrer, por cauza de eftar na b
xa mar. Havia em Malaca fó 70 P
tuguezes, a maior parte doentes.
medo lhes fez paffar a febre. Tod
fe armaraõ para correr ao porto; p
rém no tempo que para ahi correra
o exercito do Rei de Bintam app
receo da outra parte. Foi huma efp
cie de milagre, que nefte momen
de perturbaçaõ naõ foffe a Cidade t
mada. Mas a pezar da defordem i

fepa-

ſeparavel deſtes attaques innopinados, Indios, e Portuguezes, fizeraõ tambem o ſeu dever, que o Rei de Bintam, tendo-ſe enregelado perto de 20 dias diante da praça, foi obrigado a retirar-ſe para o ſeu campo de Muar, limitando-ſe, como d'antes, a evitar os viveres aos ſitiados.

Ann. de J. C. 1516.

D. Manoel Rei

Lopo Soares d'Albergaria Governador.

Por eſte meio pode ſer tiveſſe conſeguido fazer cahir a Cidade, ſem huma acçaõ, que d'um hoſpede lhe fez hum inimigo, do qual recebeo depois hum damno, que lhe fez perder hum dos ſeus dois campos. Tinha tomado hum Java homem rico, e poderozo, que vinha eſtabelecer-ſe em Malaca com toda a ſua familia, eſte Java tinha huma mulher muito bella, de que o Rei ſe apaixonou, e foi correſpondido. O Java ſe eſtimulou logo da affronta que lhe era feita, e cheio de dezejo de ſe vingar, paſſa ſecretamente a Malaca, poem-ſe á teſta d'um corpo de Portuguezes, ſuſtentado da parte do mar por Duarte de Mello, attaca o primeiro campo de Mahmud, e o tomou; infeliz com tudo na ſua vingança porque alli foi morto.

D. Joaõ da Silveira foi feliz na ſua viagem ás Maldivas. O Governador

Ann. de J. C. 1516.

D. Manoel Rei

Lopo Soares d'Albergaria Governador.

dor o dezejava com paixaõ, para que tinha muitos motivos. Eſtas Ilh compoem hum Archipelago de fron da peninſula da India á quem do Ga ges, quaſi a 70 legoas da Coſta do M labar. Os Arabes as contaõ por n lheiros, a maior parte de pouca e tençaõ, e ſeparadas humas das outr por canaes muito pequenos. Tem-n repartido em treze partes, que os I dios chamaõ *Atollons*, e que dividem por muis largos braços mar. Todos ſe perſuadem, que ell fizeraõ n'outro tempo, com a Ilha Ceilaõ, parte do continente, e q foraõ ſeparadas por alguma violen revoluçaõ ſuccedida na terra. O q poderia favorecer eſta opiniaõ he, q ſe vé ainda no mar grande nume de coqueiros. Os fructos que as ten peſtades arrancaõ, e que vem á ſ preficie d'agua, ſaõ muito procu rados, e ſe vendem bem, porqu os eſtimaõ como hum antidoto taõ e ficaz, como o bezoartico. Os coque ros que creſſem nas Indias, ſaõ maior riqueza do paiz. He de toda as arvores a que tem mais uzos, a ſim como os antigos eſcreveraõ do Lo tos, e da planta Papyros. O princ pal de todos he, que fornece o *Ca* ro,

Ann. de J. C. 1516.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES, D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

o, dandolhe materia para ás cordas. Ella consiste nos fios que se achaõ entre a primeira casca, e o craneo, ou corpo lignozo do coco. Esta materia he taõ abundante, que tem para fornecer com factura a Asia, e Africa, e para dar parte á Europa. O paiz produz além disto diversas qualidades de fructos. Tem minas d'oiro, e prata, pedras preciozas, conchas que servem de pequena moeda nas Indias. Acha-se tambem quantidade de Ambar de toda a especie nas Costas. Estas Ilhas reconheciaõ hum Soberano, o qual fazia a sua residencia em Mâle, Capital, que dá o nome a todas as outras.

Quando os Mouros negociantes das Indias se viraõ expostos aos corsos dos Portuguezes, que pertenderaõ logo ser os unicos Senhores do mar, abandonaraõ as Costas, e tomando mais ao largo, a fim de lhes escaparem, faziaõ derrota pelas Maldivas, e de lá hiaõ carregar á Malaca, á Sumatra, nas outras Ilhas da Sunda, e em todas as paragens onde os Portuguezes naõ estavaõ ainda estabelicidos. D. Francisco d'Almeida sendo disto instruido, enviou D. Lourenço seu filho para descobrir estas Ilhas, com ordem

ANN. de J. C. 1516.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

ordem de cruzar ſobre eſta paragem
Aſſim D. Lourenço d'Almeida foi
primeiro dos Portuguezes que ahi foi
com tudo poſto que alguns Autor
affirmaõ, que elle ahi naõ abordou
e ou foſſe por ſe deſviar, ou p
que os ventos lhe foſſem contrarios
deſcobrio ſó a Ilha de Coilaõ, c
que tomou poſſe em nome d'ElR
de Portugal, tendo ancorado no po
to de Galla, e feito hum tratado d'
liança com o Rei.

O que reinava entaõ nas Mald
vas, tinha hum competidor, que po
ſuia algumas deſtas Ilhas, e tomav
tambem o titulo de Rei. Era eſte hu
Mouro de Cambaia chamado Mama
le, eſtabelecido no Malabar, e ami
go dos Portuguezes. Foi eſte o mo
tivo que chegou ſeu Competidor
procurar a aliança deſtes, e volunta
tariamente ſe fez tributario da Coro
de Portugal, com a condiçaõ qu
obrigaria Mamale a renunciar ás ſua
pretençoẽs. Mamale o fez em conſi
deraçaõ a Albuquerque; porém o
inimigos deſte grande homem, tend
zombado da ſua condeſcendencia, qui
tornar entrar nos ſeus direitos, a
poyado meſmo pelos Portuguezes, c
que deſgoſtou muito o Rei das Maldi
vas.

Com

Ann. de J. C. 1516.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

Com tudo ſobre as inſtrucçoēs, que Albuquerque tinha dado a Coſta, deſtas Ilhas, e das vantagens que d'ellas poderia tirar ElRei, D. Manoel deo ordem a Soares que dirigiſſe o animo deſte Principe, e formaſſe hum eſtabelicimento ſolido nos ſeus Eſtados. Em conſequencia deſtas ordens he, que Soares tinha deſpachado Silveira. Como eſte tinha em ſuas inſtrucçoēs ordem para prometer ao Rei toda a ſatisfaçaõ, que podeſſe dezejar, obteve tambem quanto quiz.

Era no meſmo tempo ordenado a Silveira, que deſſe caça aos navios que tomavaõ eſta derrota do largo, e principalmente a hum Mouro Guzarate chamado Alle-Cam, que tinha ſete embarcaçoēs a remos, com as quaes devia comboyar ſeis navios de Cambaia, e impedir que naõ trouxeſſem ás feitorias Portuguezas o *Cairo*, ou eſta materia para cordas que ſe carrega nas Maldivas. Silveira bem deo caça a Ale-Cam; porém eſte, que conhecia perfeitamente o laberinto de todas eſtas Ilhas, lhe eſcapou ſempre, canſou-lhe a paciencia, e o obrigou a hir-ſe ſem ter feito outra coiſa, que tomar dois navios, que vinhaõ de Bengala, e que envio a Cochim.

A

Ann. de J. C. 1517.

D. Manoel Rei

Lopo Soares d'Albergaria Governador.

A preza destes dois navios, foi cauza de ser taõ mal succedido no Reino de Bengala, como o tinha sido bem na Corte do Rei das Maldivas. Os navios que Silveira tinha tomado pertenciaõ ao cunhado do Governador de Chatigan, Cidade do Reino de Bengala, onde Silveira foi ancorar. Hum moço destes navios apenas pôz pé em terra, declarou ser Silveira quem os tinha tomado, e que elle, e todos os da sua cometiva eraõ ladroens, e velhacos. O que mais certificou esta opiniaõ, foi a maneira com que Silveira se comportou a respeito de Joaõ Coelho, que Fernam Peres d'Andrade enviara á Costa de Bengala em nome d'ElRei de Portugal, de quem passava por Embaixador. Porque tendo Coelho inocentemente hido a bordo do navio de Silveira, este, que queria ter a honra d'esta Embaixada, reteve Coelho prizioneiro. O Governador de Chatigan que amava Coelho, e que naõ podia duvidar, que elle naõ tivesse hido lá em nome d'ElRei de Portugal, naõ pôde deixar de concluir desta detençaõ, de que era com effeito hum pirata, Portuguez na verdade, mas que o medo de ser punido por algum cri-

Ann. de J. C. 1517.

D. Manoel Rei

Lopo Soares d'Albergaria Governador.

crime pelo Governador General, o havia obrigado a tomar efte expediente; de forte que tendo toda a Cidade fublevado contra elle, teve muito que fofrer, affim pela fome, como por cauza dos moradores, por todo o inverno, que foi obrigado a paffar nefta enfeada. Coelho, dando-fe-lhe a liberdade, ordenou hum pouco os feus negocios, (mas o odio que tinhaõ áquelle, fez com que lhe urdiffem huma traiçaõ, em que fizeraõ entrar o Rei d'Arracan. Silveira lhe efcapou felifmente. Com tudo vendo o pouco que adiantava, e perdia o feu tempo, partio para fe hir ajuntar com o General na Ilha de Ceilaõ, onde devia eftar occupado a conftruir huma Cidadella, cujo Governo tinha Soares promitido dar a Silveira.

Ceilaõ era hum grande objecto para os Portuguezes: e Cofta tinha tambem dado as ordens prefixas ao Governador para ahi fe eftabelecer, e fundar huma Fortaleza. A Ilha que he d'uma fórma quafi oval, e colocada defronte do Cabo Comorim para a ponta da Peninfula d'aquem do Ganges, tem quafi 70 legoas de comprido, e perto de 50 de largo. Parece que a natureza a fizera para recreio, e el-

ANN. de J. C. 1518.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

e ella ainda hoje conſerva com qu
autorizar a opiniaõ dos ſeus morado
res, que crem, que lá era o Paraiz
terreſtre. O ſeu ar he muito ſaõ,
a terra por extremo fertil. As arvo
res de canella difundem hum cheir
dos mais ſuaes, que ſe ſente ben
longe no mar, e a annuncia antes qu
a vejaõ. As arvores de que a tiraõ
as larangeiras, e cidreiras formaõ boſ
ques eſpeſſos, e preciozos, ſem pre
cizarem de cultura. Tem muitas pe
dras preciozas. Tem minas d'oiro
prata, e outros metaes. Peſcaõ ſobr
as ſuas coſtas muito bellas perolas
Os Elefantes ſaõ mais fermozos, e mai
doceis, do que em nenhuma outr
parte das Indias. Os Ilheos profeſſa
pela maior parte a Religiaõ antiga d
paiz, tal como lha enſinaõ os Brach
manes. Tem particularmente huma
pura veneraçaõ a hum monte, que ſe
eleva no meio da Ilha, que os Por-
tuguezes chamaraõ *Pico d'Adam*. Veſ-
ſe ſobre o ſeu cume huma ou duas
pegadas, que os Ilheos dizem ſer dos
pés do primeiro homem. Pretendem,
que lá he que elle foi creado, e que
foi ſepultado com ſua eſpoza, ſob
duas pedras ſepulchraes, que ainda
alli ſe deſcobrem, pelo que referem

al-

guns Autores. Posto que este mon- seja extraordinariamente escarpado, que se naõ suba sem atravessarem orrorozos precipicios, e continuos erigos de morte, os devotos do paiz, principalmente os Jogues por elle zem frequentes perigrinaçoés, para tisfazerem á sua devoçaõ. A Ilha a dividida em nove Reinos, de que principal era o de Colombo, onde General tinha ordem de hir.

ANN. de J. C. 1518.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

Soares tinha invernado em Coim, para fazer os preparos da sua xpediçaõ, no que trabalhou com uito mais ardor, por ter sabido, que e enviavaõ hum successor, intentou ue a sua vinda o naõ surpreendesse, lhe arrebatasse huma pequena glo- a, de que tinha muita precizaõ, pa- reparar hum pouco suas disgraças assadas. Partio em fim perto do mea- o de Setembro com huma frota de 7 navios, sete para oito centos Por- guezes, muitos Naires de Cochim, algumas tropas Malabares. Com evidade chegou á vista de Coilaõ, aportou á Galle, onde os ventos ontrarios o demoraraõ quasi hum mez. onde fazendo-se á vela para Colom- o, na estrada vio huma pequena ba- ia que formava hum belissimo por-

to,

Ann. de J. C. 1518.

D. MANOEL REI

LOPO SOARES D'ALBERGARIA GOVERNADOR.

to, na qual ſe lançava hum rio q
vinha das terras. Demorou-ſe alli,
zoluto a edificar a Fortaleza ne
ſitio. Deſpachou logo para o Rei
pedir-lhe licença. Eſte Principe aſ
antevia os inconvenientes deſta pe
çaõ, que foi bem combatida no
Conſelho. Porém reflectindo nas va
tagens que o Rei de Cochim tin
tirado da ſua alliança com os Port
guezes, pelo meio dos quaes eſta
rico, e poderozo de muito peque
Principe que era, captivado além d
ſo pelos prezentes, e boas palavr
do Enviado do Governador, conc
deo tudo com a melhor graça
mundo. Porém os Mouros eſtrang
ros, que ſe achavaõ nos ſeus porto
tendo trabalhado para fazerem muc
eſta rezoluçaõ, naõ ſómente o R
ſe retractou; mas fez ainda tanta
ligencia para ſe pôr em defeza, q
Soares achou no outro dia huma e
pecie de entrincheiramento feito no l
gar onde queria fundar, e battari
preparadas que começaraõ a atirar-lh

Menos admirado, que indignac
da ligeireza do Principe, que lhe fa
tava á palavra, naõ duvidou de o a
tacar, e depois de alguma reſiſtenc
forçou o entrincheiramento onde pe

deo

-o alguns dos ſeus, e entre outros ſeriſſimo Pacheco. Porém a perda os inimigos foi mais conſideravel. Determinado a edificar a ſua Fortaza com beneplacito, ou ſem elle, Governador fez abrir hum foſſo ſo-e huma das pontas da Bahia, e le-ntou daquem hum muro de pedra ra cobrir os gaſtadores. O Rei ndo o muro levantado, e deſcorſoa-pela primeira deſgraça, enviou a r deſculpas, e requerer que ſe ſe-raſſe a negociaçaõ. Soares conſen-niſſo; porém acrecentou que era ſto, que em caſtigo da traiçaõ que e tinha feito, ſe fizeſſe vaſſallo da oroa de Portugal, e pagaſſe hum ibuto annual, d'huma certa quanti-de de Canela, de Elephantes, e pedras preciozas encravadas em ſeus eis. Em tudo conſentio: a Cida-lla ſe fez com huma grande di-gencia, fornecendo o Rei os Officiaes, os materiaes. Soares tendo dado o overno a Silveira, e deixando Anto-o de Miranda para commandar neſta ragem, tornou a partir para Co-im, onde achando Diogo Lopes de queira ſeu ſucceſſor, lhe entregou Governo da Indias, e ſe fez á ve-para Portugal, onde chegou em Ja-

Ann. de J. C. 1518.

D. Manoel Rei

Lopo Soares d'Albergaria Governador.

ANN. de J. C. 1518.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

neiro de 1519 mais rico dos bens c
trazia do novo Mundo, que de g
ria que ahi tivesse adquirido.

Diogo Lopes de Siqueira que su
cedeo a Soares, naõ tendo n
lhor fortuna do que elle, naõ te
tambem nada em que o reprehend
Proveo logo nos differentes governo
segundo as ordens que tinha da C
te, expedio os navios de carga p
o Reino, e repartio os que deviaõ
car na India, segundo o para que
distinava. Antonio de Saldanha te
ordem de hir crusar sobre as Cos
da Arabia, em quanto o General
preparava a hir lá reparar as faltas
seu predecessor. Christovaõ de Sá
Christovaõ de Souza com suas esq
dras deviaõ vigiar sobre as Costas
Diu, e de Dabul, contra as fus
destas duas praças. Affonso de Me
zes foi enviado a Baticalá, cujo S
nhor reffusava o tributo ordinario. J
Gomes Cheira-Dinheiro partio para
Maldivas, com ordem de fundar a
segundo o tratado feito, huma Fei
ria que servisse de Fortaleza. Hei
Rodrigues foi continuando no seu p
to da Coulam, para executar a co
missaõ, que tinha tido de Soares,
ahi fundar huma Cidadella. Anto

Co

Correa chamado para hir com Embai- ada á Corte do Pegu, devia con- uzir hum foccorro a Malaca, e Si- ıaõ d'Andrade com huma efquadra e finco navios foi deftinado para a hina.

Ann. de J. C. 1518.

D. Manoel Rei

A expediçaõ de Antonio de Sal- ınha fe contentou com algumas pre- ıs. Menezes obteve o que quiz em aticalá, porque felismente o Gover- ıdor General indo a Goa, chegou ıafi no mefmo tempo, que elle, de- onte defta praça. Chriftovaõ de Souza erdeo hum dos feus navios, que foi efpedaçado: as fuftas de Dabul lhe to- araõ outro carregado de effeitos para Rei de Portugal, e elle mefmo ten- defembarcado, foi taõ maltratado, e teve todos os incommodos poffiveis ra fe tornar a embarcar. Joaõ Gomes ndo chegado ás Maldivas fundou a a Feitoria, onde ficou com 15 ho- ens fómente para alli ter a adminif- ıçaõ da fazenda; porém em lugar fe portar niffo com prudencia, ıdo-fe tornado hum pequeno tyranno, feguindo o feu genio arrebatado, oberbo, foblevou contra fi os Mou- s eftrangeiros, que o mataraõ, e ftruiraõ todos os feus. Heitor Ro- igues teve muito trabalho para con-

Diogo Lopes de Siqueira governador.

Ann. de J. C. 1518.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

seguir os seus fins. Ninguem con
tia que elle construisse hum Forte.
sua parte fingia querer só hum ar
zem; porém os fundamentos que
deitava o trahiaõ a seu pezar: er
elle se vio muitas vezes nos ter
de ser degolado. Como a Rainh
afudava, e o favorecia contra o
recer do seu Conselho, e de tod
seu povo, pôz a sua obra em est
de poder ser aperfeiçoada sem ten
Tanto que chegou a este estado,
citou as dividas antigas, com o
alienou o espirito da Rainha que
tinha satisfeito em centuplo. Esta P
ceza se arrependeo muito tarde
serviços que lhe havia feito, e ex
rimentou o que lhe tinhaõ dito n
tas vezes, que ella mesma trabalh
para se submeter ao jugo. As te
tivas que fez para o sacudir, fo
inuteis, e foi obrigada a pedir a p
depois de a ter rompido.

Simaõ d'Andrade destruio na C
na tudo o que seu irmaõ, que lá
nha estado antes delle, havia feito
bom. Depois da tomada de Mala
nada era mais conveniente aos P
tuguezes, que fazerem-se conhecer
grande Imperio dos Chinos, est
lecer alli huma boa correspondenc
e commerciar. T

Tem apparecido prezentemente ntas hiſtorias, e relaçoẽs do Eſtado ſta grande Monarquia, taõ reſpeita-l pela ſua antiguidade, pela longa rie, e mageſtade de ſeus Emperado-s, a prudencia do ſeu Governo po-ico, a extençaõ, o numero, a fer-idade das ſuas Provincias, que com-ehendem hum paiz taõ grande como Europa, a multidaõ infinita de ſeus vos, a beleza de ſuas Cidades, e ificios, o caracter culto, e polido ſeus moradores, a variedade das tes, e Sciencias que alli florecem, riquezas immenſas que tem, fructo da induſtria, da arte, ou s vantagens da natureza, que ſe-ſuperfluo fazer huma digreſſaõ inu-, para dar a conhecer coiſa que je quaſi ninguem ignora. Aſſim en-ando o meo leitor a eſtas meſmas laçoẽs, deixo tudo o que pertence á eligiaõ, Coſtumes, e Governo, e ás tras noticias deſte Imperio, cuja ſcripçaõ me apartaria muito, para ao que he precizamente da minha ſtoria.

Ann. de J. C. 1518.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

Os primeiros Chinezes, que os rtuguezes viraõ, foraõ os que Dio-Lopes de Siqueira achou no por-de Malaca, de quem recebeo toda a for-

ANN. de J. C. 1518.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

a sorte de civilidades, e bons con selhos, como ja disse. O grande A buque, que ahi tornou a encontrar ou tros, quando veio para tomar esta C dade, e achou naquelles os mesmo modos atractivos, que o obrigaraõ travar amizade com elles. Este Genera que tinha hum grande descernimento concebeo huma alta idéa d'uma Naçaõ que a se fazia estimar até nos mestre dos navios, e nas equipagens composta de gente humilde, cujo ministerio na se ajusta sempre com as civilidades Fez-lhes saber na sua partida, qu quando fosse senhor da praça, teri excessivo gosto de que os Chineze a quizessem frequentar, e elles lh prometeraõ na sua partida, porém guerra, que alli sempre tinha cont nuado depois, os tinha apartado co as outras Naçoens.

Sobre isto a Corte de Portugal determinou enviar huma esquadra á Ch na para conduzir hum Embaixado A esquadra composta de nove navi era commandada por Fernam Per d'Andrade, que alli se achou no pr meiro anno do governo de Lopo So res d'Albergaria. Quando Peres ch gou ás Ilhas visinhas de Cantaõ, Mandarim General do mar veio co

as

suas embarcaçoens diante delle com
espirito de desconfiança, que devia
uzar a primeira vista dos navios
ortuguezes. Peres naõ deo idéa de
pôr em defeza, e se portou em
ido com muita prudencia. Tendo
egado a Cantaõ algum tempo de-
ois, deo parte aos Mandarins do mo-
vo da sua vinda, confiou-lhes o
mbaixador, e sete pessoas da sua co-
itiva, aturando todo o ceremonial
dinario naquelle paiz. E depois de
uatorze mezes de demora, nos quaes
z visitar as Cidades maritimas por
orge Mascarenhas, que a isso en-
ou. Procurou tomar por si mesmo
do o conhecimento que pôde do paiz
m desprezar seus enteresses pessoaes,
se dispoz á voltar. Porém antes de
fazer á vela, fez publicar nos por-
os de Cantaõ, Tamaõ, e Nanto on-
e se tinha demorado, que se alli
ouvesse alguem que tivesse motivo pa-
se queixar d'algum, Portuguez po-
eria vir livremente para receber sa-
sfaçaõ, e pelo esplendor de huma
aõ bella acçaõ, deixou esta sabia Na-
aõ cheia de huma alta idéa d'elle, e
e todos os vassallos d'ElRei de Por-
ugal. O seu retorno a Malaca foi de
rande soccorro para a Cidade. Pas-
san-

Ann. de J. C 1518.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

fando de lá para o Indoftan, volt
para á Europa, onde chegou felisme
com grande contentamento de ElRei
Manoel, que naõ podia fatisfazer-fe
ouvir as relaçoẽs, que lhe fez da
viagem.

Ann. de J. C. 1518.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

Com tudo o Embaixador Th
maz Peres foi conduzido a Pekim
com todas as honras que fazem a
Miniftros dos maiores Reis. A
viagem de Cantaõ a Pekim foi de qu
tro mezes. Tudo eftava nas mais
voraveis difpofiçoẽs para confeguir
a fua negociaçaõ. O Emperador tin
concebido muita eftimaçaõ dos Po
tuguezes, cujo nome fe tinha efpalh
do por toda a Afia. O Enviado
Rei de Bintam, que tinha hido ped
foccorro contra elles, em vaõ fe e
forçava para os deftruir. Porém Sim
d'Andrade naõ tinha inteiramente ch
gado com á fua efquadra á Ilha de T
maõ, por que tomando huma conduć
toda oppofta á de feu irmaõ, e cre
do tratar com os Chinezes, como co
os Cafres do Cabo de Boa Efperanç
começou a deitar os fundament
d'uma Fortaleza na Ilha, armar ba
tarias, difpor fentinellas, correr fob
os navios mercantes, filhar os qu
vinhaõ da India fem paffaporte do Go

verna-

ꝛrnador, e tirar-lhe a força o dinheiro.
ando conſequentemente carrèira livre
ra tudo o que a libertinagem tem de
ais deſenfreado: elle, e os ſeus inſulta-
õ os Chinos como a inimigos, rou-
ndo as filhas das cazas, fazendo eſ-
avas as peſſoas livres, e vivendo
uma diſſoluçaõ igualmente injurioza
noſſa Santa Religiaõ, e á honra da
a Naçaõ; de ſorte que tendo irrita-
, e eſcandalizado eſtes povos mode-
dos, e judiciozos, tudo ſe armou pa-
os deſtruir. Naõ poderaõ evitar o ſe-
m tomados, e tratados como ladroẽs,
piratas; porém huma borraſca deci-
ndo a frota Chineza, lhe deo tempo
ſe eſcaparem. Thomaz Peres, e os da
a comitiva pagaraõ pelos culpados,
ſofreraõ a pena que lhes era devi-
. Tendo chegado á Corte, á noticia
eſta deſordem conſideraraõ-nos ſó-
ente como eſpioẽs. Foraõ recondu-
dos a Cantaõ, onde conſumidos de
ſgoſtos, e triſteza, Peres, e os da
a comitiva morreraõ mizeravelmen-
. O que foi mais deploravel, he
ue a Naçaõ Portugueza ficou deſa-
reditada d'eſta má conduta, e foi
omo banida da China, que lhe fe-
hou as ſuas portas por huma longa
erie de annos.

Ann. de J. C. 1518.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

Si-

ANN. de J. C. 1518.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

Simaõ d'Andrade eſtava taõ d
zejozo de hir á China para fazer eſ
bela manobra, que paſſando por M
laca naõ lhe deixou ſoccorro algum
poſto que a Cidade ſempre opprimic
tinha muito grande precizaõ. Antoni
Correa indo ao Reino de Pegu, na
fez o meſmo. Achou a praça redu
zida a muito grandes neceſſidade
Huma mui pequena medida d'arro
cuſtava hum cruzado, naõ ſe dizi
Miſſa, por falta de vinho; as vias e
tavaõ fechadas a todos os ſoccorros pelo
contrarios; os inimigos ſe lhe aprezen
tavaõ frequentes vezes, ſem que os Po
tuguezes ouſaſſem ſahir para lhes dar en
ſima; o Governador eſtava morrendo
e huma parte da guarniçaõ doente
Os três navios que Correa tinha leva
do alegraraõ mais hum pouco a Ci
dade. Naõ obſtante o ſoccorro, Cor
rea por dois mezes naõ teve peque
no embaraço em reſiſtir aos frequen
tes aſſaltos dos inimigos, que experta
dos pela meſma chegada do reforço
ſe fizeraõ taõ importunos, que Cor
rea, por quem tudo ſe movia, naõ
comia, nem dormia ſem eſtar armado
fatigado ſem deſcançar o corpo, nem o
eſpirito. Finalmente os inimigos can
çaraõ, e ſe retiraraõ para mais lon
ge,

, o que o facilitou a feguir a fua
rrota para hir para onde era defti-
do.

Do porto de Pedir, onde Cor-
a foi tomar carga, fe tranfportou ao
Martabam, donde enviou á Cofta
Pegu duas ou tres peffoas em feu
me, para dar parte da fua vinda.
Rei do Pegu era entaõ hum pode-
fiffimo Principe, que tinha muitos
tros por feus tributarios. O Rei de
am, e elle occupavaõ toda a penin-
la d'além do Ganges. As fuas for-
s, e a fua vifinhança os faziaõ
mpre inimigos. Os povos deftes
is Principes fe affimilhavaõ muito
fua Religiaõ, coftumes, e in-
inaçoẽs.

O Rei do Pegu agradando-fe dos
otivos da Embaixada, defpachou os
nviados de Correa, e fez partir com
les o *Rolin* da Corte, que he o
hefe da Religiaõ do paiz, e hum
s principaes Miniftros d'Eftado, pa-
hir regular as condiçoẽs do trata-
. Depois que fe ajuftaraõ, e que
ataraõ de o ratificar, o Rolin, e o
Iiniftro do Rei juraraõ com muita
eremonia fobre os livros da fua Re-
giaõ. Correa, que tinha feito tomar
uma fobrepelis ao Capelaõ do feu na-
vio,

ANN. de J. C. 1519.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQVEIRA GOVERNADOR.

ANN. de J. C. 1519.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

vio, para dar tambem alguma dign
dade ao feu juramento, ou por na
fe contentar com o breviario def
Capelaõ, que eftava muito mal trat
do, ou porque perfuadido como máo c
fuifta, que naõ devia guardar fé aos qu
naõ eraõ do gremio da verdadeira Re
ligiaõ, e que naõ quizeffe profanar o
livros fantos com hum juramento, qu
eftava determinado a naõ guardar
fe naõ em quanto convieffe a feu
negocios, mandou trazer hum livr
de cançoẽs, e trovas, fobre o qu
diffe tudo o que quiz. O acaz
com tudo fazendo abrir fobre efta
palavras da Efcritura, *vaidade das vai
dades, e tudo he vaidade*, foi pene
trado d'um interino horror, e fenti
hum jufto efcrupulo da profanaça
que tinha feito, o que teria fem du
vida efcandalizado os mefmos pagaõs
fe elles comprehendeffem efte dolo. Fei
to por efte modo o tratado, e regu
lado o commercio a contento dos con
tractantes, Correa fe fez á vela,
voltou a Malaca acompanhado de mui
tos Juncos carregados de viveres,
provizoens, que trouxeraõ para all
a abundancia.

Garcia de Sá tinha chegado
efta Cidade na auzencia de Correa,
e de-

depois da ſua partida para o Reino
Pegu. Pelos intereſſes peſſoaes de
iogo Lopes de Siqucira he que alli
era. Porém Coſta, que eſtava ſem-
e doente, lhe entregou o Governo
praça para hir morrer a Cochim.
ahmud eſtava ſempre acampado ſo-
e o Rio Muar, cuja viſinhança ti-
ha tambem ſempre a Cidade inquie-
. Com a vinda de Correa reſolve-
ó livrar-ſe deſte embaraço. Correa,
Mello commandaraõ o partido. Por
rtes que foſſem os entrincheiramen-
s, e obſtaculos que o inimigo tinha
oſto por todo o comprimento do
o, tudo foi deſtruido. Os Portugue-
es ſeguindo ſua victoria, vaõ até ao
agode onde eſtava o quartel do Rei.
inha já ſahido, e metido ſuas tro-
as em batalha com ſeus Elefantes.
arecia dever pelejar como homem de
alor, no modo com que fez jogar a
a artilheria, e que ſuas tropas pa-
eciaõ animadas. Porém eſte brio mu-
ado ſubitamente em hum terror pa-
ico, vio-ſe abandonado dos ſeus por
uma vergonhoza fugida, e obrigado a
eixar todas as ſuas bagagens em pre-
a ao vencedor, e retirar-ſe a Bin-
am para ahi eſperar melhor fortuna.

Os Reis d'Achem, e Pacem, ain-
da

Ann. de J. C. 1519.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

Ann. de J. C. 1519.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

da que alliados dos Portuguezes, apr
veitando-ſe do eſtado d'afflicçaõ em q
eſtava Malaca, ſe tinhaõ comportac
mal a reſpeito delles. Eſte ultimo e
particular, debaixo naõ ſei de q
pretextos, tinha ſaqueado a feitoria d'e
les, e no tumulto que ſe fez neſ
occaſiaõ, houveraõ 25 mortos, e mu
tos maltratados, e poſtos em priza
Garcia de Sá vendo-ſe hum pouc
mais ao largo, depois de desbaratac
o Rei de Bintam, julgou convenie
te moſtrar-lhe entaõ o ſeu reſſentimen
to. Deo commiſſaõ a Manoel Pach
co, que era hum pouco entereſſad
na vingança, de ſeu irmaõ Antonio, qu
era do numero dos que elles tinhaõ fei
prizioneiros. Ainda que Pacheco na
tinha mais que hum ſó navio, con
tudo o temor que inſpirou foi tal
que naõ ſomente apartou deſtes quar
teis todos os navios eſtrangeiros; ma
nem ainda hum barco de peſcado
ouſava apparecer.

Os inimigos ouſando attacar
navio, ſe contentaraõ de ſaber as oc
caſioẽs em que Pacheco enviava a ſu
chalupa á terra. Occorreo huma ta
favoravel, que parecia que eſta cha
lupa naõ poderia eſcapar. Tinhaſſe a
diantado pelo rio de Jacoparim para
hir

r fazer aguada. Tendo-a percebido inimigos, chegaraõ ás duas praias rio, e começaõ a atirar huma chu- de flexas, em quanto preparaõ m a mais possivel prontidaõ tres lanas, cada huma com 150 homens. a chalupa só estavaõ sinco, assás ocpados em se defenderem c'os seus cudos dos tiros que lhe lançavaõ. vento, e a maré lhes eraõ contraos, e favoraveis aos inimigos. Estes ico valerozos nesta extremidade, toaraõ o unico partido, que podia insrar-lhes o valor, que era morrer fando os ultimos esforços de valentes. anto que o primeiro batel, que comandava o Raja Sudamicin chegou á alupa, hum dos sinco homens for-, e robusto o agarrou, e os outros atro tomando o nome de Jezus por oz de guerra, entraõ de salto, e com lanças passaõ todo o que se lhes rezenta, tendo-os seguido o quin-, e fazendo igualmente o seu deer, os inimigos admirados se confunem, cahem huns sobre outros, e em fim lançaõ á agua a pezar dos esforos de Sudamicin, que obrigado a nitalos, de raiva, e desesperaçaõ aõ cessou de ferir, ou matar os seus ue lhe cahiraõ á maõ, senaõ depois

Ann. de J. C. 1519.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

ANN. de J. C. 1519.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

que se afogou. As duas lanchas q
seguiaõ, desanimadas pela infelicida
da primeira, se pozeraõ em fugida
vista de sinco homens enfraquecidos
trabalho, e do sangue que perdi
pelas feridas; e deixando-lhes assi
huma plena victoria, pozeraõ o s
Rei na precizaõ de pedir paz.

O Governador General partin
para Lisboa com nove navios, tinha f
to huma feliz viagem, conduzin
comsigo toda a sua frota ás India
No anno seguinte ElRei fez par
outra de 14 velas, commandada p
Jorge d'Albuquerque, que levava Pr
vizoẽs da Corte para ser segunda v
Governador de Malaca. O destino d
ta segunda frota foi inteiramente d
ploravel. Separando-a huma tormen
no mar Atlantico, hum destes navi
tornou para Lisboa. Outro comman
do por hum Espanhol de grande nom
mas em quem a sua conducta mostr
hum juizo pouco saõ, naõ poden
dobrar o Cabo de Boa Esperança
descahio ao Brasil, onde os Salvage
lhe mataraõ até 70 homens da sua equ
pagem. O Capitaõ naõ se entristec
com esta perda; porque pondo-se s
perior aos Portuguezes, que elle d
sarmou de accordo com os seus Ca

tilha-

lhanos, se fez pirata, e morreo de-
ois miseravelmente. Outro comman-
ado por Manoel de Souza, tendo
erdido o Capitaõ, Piloto, e muita
arte dos seus, perto das Ilhas visi-
has a Quiloa, pela traiçaõ dos Ilheos,
navio desgovernado se foi espeda-
ar sobre a praia, onde os Mouros
atáraõ tudo o que lhe cahio nas
aõs; á excepçaõ d'um moço de que
Rei da Ilha de Zanzibar, fez pre-
ente ao Rei de Mombaça. Nove
ais destas embarcaçoẽs abordaraõ a
loçambique, onde foraõ obrigados a
vernar com Jorge d'Albubuerque seu
eneral. Só quatro chegaraõ neste an-
o á India.

Ann. de J. C. 1520.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

Esta frota trazia hum novo Inten-
ente da Fazenda, que era o Doutor
edro Nunes, que ElRei enviava pa-
o lugar de Alcaçova, que Soa-
s tinha maltratado muito. Numes foi
cempto da jurisdicçaõ do Governador
eneral. Além do governo da fazenda,
nha tambem o da politica, e da justiça.
lRei lhe havia assignado 20 homens
ra sua guarda, grandes soldos, e
ivilegios consideraveis, por cuja
zaõ o Governador General se acha-
quasi limitado ao militar sómente.
Siqueira, que tinha invernado

Ann. de J. C. 1520.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

neste anno em Cochim para fazer o preparativos da sua viagem do ma Roxo. Sabendo pelos quatro navio que tinhaõ chegado á India, o arma mento que ElRei tinha feito para en tregar a Jorge d'Albuquerque, despa chou huma embarcaçaõ para Moçam bique, para dar ordem a este, de v esperalo junto aõ Cabo de Rosalgate e no cazo que tivesse já passado, o hir encontrar no mar Roxo, e d o seguir até Gidda. Porém os navio que commandava, sendo quasi todo navios de carga, alguns Capitaës, qu tinhaõ suas commissoës para outra pa te, e naõ eraõ obrigados a serv nesta sorte d'expediçoës, naõ quiz raõ obedecer. Parecendo justas suas in tancias, foi determinado, que dos no ve navios que commandava Albuque que, quatro passariaõ em direitura India com ó Intendente, e que os ou tros sinco hiriaõ com Albuquerque a encontro do Governador. Porém S queira tendo já entrado no mar Ro xo, os Capitaës naõ quizeraõ ainc obedecer; e Albuquerque tendo tom do auto da sua recusaçaõ, fez derr ta para Ormuz, e foi obrigado a apo tar a Calaiate. Onde tendo-se deix do persuadir por Duarte Mendes d

Vascon-

Vafconcellos de fazer prizioneiro o Rei Zabadim Governador defta praça, fegundo as ordens fecretas, que Mendes tinha do Rei mefmo d'Ormuz, o negocio foi taõ mal dirigido, que naõ poderaõ confeguir a fua tentativa, e alhi morreraõ 20 Portuguezes, e mais de 50 feridos, Zabadim tendo perdido fó tres dos feus, adquirio tanta honra nefte encontro, quaõ pouca os Portuguezes.

Ann. de J. C. 1520.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

Siqueira tinha em fim partido defde o mez de Fevereiro com huma frota de 24 velas, e de tres mil homens de tropas, dos quaes eraõ 1800 Portuguezes, para fe unir á partida do mar Roxo: empreza tantas vezes recomendada pela Corte, tantas vezes tentada, e fempre infeliz. Deitou logo para o Cabo de Guardafu, fugindo da Cofta d'Adem, que parecia naõ querer tocar. Sua viagem foi prompta até o Cabo, onde chegou quafi naõ de preffa como as curvetas, as quaes tinha feito hir diante para baterem efte mar, e procurar faber noticias dos Rumes, que dezejava tomar de repente. Tinha ordenado a eftas curvetas, que deffem de paffagem caça aos navios, que encontraffem; a fim de que crendo fer fó quatro, ou finco embarca-

ANN. de J. C. 1520.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

çoẽs á cara, os inimigos tomassen
confiança, e cahiſſem no engano. Al
guns dias ſe paſſaraõ, ſem que lhe
aconteceſſe coiſa conſideravel, mai
do que tomar huma pequena aldea
onde naõ ficara mais do que hum
velha, a quem obrigaraõ a procurar
lhes agua de que tinhaõ grande neceſſi
dade, em reconhecimento de naõ que
rerem lançar fogo á povoaçaõ. Paſſou
depois á Coſta da Arabia por baix
d'Adem, e foi dar ſobre hum penc
do onde o ſeu navio ſe partio, e pe
receo. D'ahi tendo entrado no Eſtrei
to, ſoube pelas prezas que fez, qu
tinhaõ vindo de Gidda ſeis galeras Tur
cas, e 1$500 homens de reforço
que as intençoẽs da Porta eraõ de to
mar Zeibit, e marchar depois contr
Adem. Sobre iſto houve Conſelho,
expôz as ordens que tinha, que con
ſiſtiaõ em marchar contra a frota d
Sultaõ, ou a naõ poder, procurar to
mar algum conhecimento das terra
do Preſte Joaõ, abordar a ellas,
deitar em terra o Embaixador, qu
tinha vindo a Portugal da parte deſt
Principe, e aquelle que ElRei D. Ma
noel lhe enviava.

Tendo o Conſelho votado ſobr
o primeiro partido, tomaraõ o Cab
ſo-

ɔbre Gidda, porém começando a ſo-
rar os ventos Nortes, e ſendo du-
ıveis neſta ceſaõ, o temor que hou-
e de experimentar as meſmas diſ-
raças, que tinhaõ acontecido aos
ois precedentes Governadores, fez
ue depois de terem lutado alguns
ias inutilmente, foſſem obrigados a
ɔmar o ſegundo partido, e a fazer
errota para á Ilha de Maçuá, que
escubriraõ em dia de Paſcoa, e on-
e ancoraraõ no outro dia dez d'Abril.
)s moradores a tinhaõ abandonado,
rendo, que a frota de que tinhaõ ti-
o noticia por huma gelva, era a
os Turcos, cujo tratamento temiaõ,
oſto que Mahometanos tambem; de
ɔrte que o General foi obrigado a
ızer avançar alguns brigantins para
ɔmar lingoa. Hum deſtes brigantins
eſcobrindo de muito perto a terra,
eio hum pequeno batel a bordo,
onduzido por tres homens, que ten-
o reconhecido os Portuguezes, ſalta-
ıaõ no brigantim com grandes de-
ıonſtraçoẽs de alegria, moſtrando hu-
ıa Carta, e hum anel que traziaõ.

Eſtes homens eraõ enviados pe-
o Governador de Arquico, Cidade
ogeita ao Imperador da Ethiopia, e
orto conſideravel. A Carta eſcrita
em

Ann. de J. C. 1520.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

Ann. de J. C. 1520.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

em Arabe teſtemunhava „ O goſto in-
„ finito que elle tinha de ver em fim
„ cumpridas ſuas antigas Profecias, que
„ lhes annunciavaõ que veriaõ hum dia
„ ſobre ſuas terras Chriſtaõs d'um po-
„ derozo Reino do Occidente, que ſe
„ deviaõ unir por amizade, e intereſ-
„ ſes com elle, como elles o eſta-
„ vaõ jâ pela fé que profeſſavaõ. Que
„ o Rei David ſeu Senhor naõ ſuſ-
„ pirava ſenaõ per eſta uniaõ, pela eſ-
„ perança que tinha concebido, que
„ ella ſerviria para deſtruiçaõ da Seita
„ de Mafoma: Que lhe tinha dado as
„ ordens as mais precizas para os re-
„ ceber bem quando appareceſſem:
„ Que hia dar parte ao Barnages
„ Governador da Provincia, deſta boa
„ fortuna: Que entre tanto elle roga-
„ va ao General, que quizeſſe per-
„ mitir aos habitantes da Ilha de Ma-
„ çuá, que voltaſſem para ſuas ca-
„ zas, e de os conſiderar ainda que
„ foſſem Mahometanos, como vaſſallos
„ do Emperador dos Abexins. „

A leitura deſta Carta encheo os
Portuguezes de conſolaçaõ. Siqueira
principalmente, que ſe conſiderou co-
mo o homem mais afortunado por ter
feito eſte deſcubrimento, naõ podia
exprimir, nem conter o goſto que ſen-
tia.

Ann. de J. C. 1520.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

a. Refpondeo ao Governador o ais agradecido que pôde ; e deo a us Enviados huma bandeira com uma Cruz como a da Ordem de hrifto , para lhe fervir de protecçaõ. fte Eftendarte taõ refpeitavel da offa Religiaõ , apenas foi vifto elos habitantes da Cidade d'Arjuico , logo todos correraõ de tropel, como em prociffaõ , com o Govrnador na frente para o receber , o trouxeraõ depois cantando Hymos , e Pfalmos até feu Palacio , fore o qual o fez arvorar.

Tendo havido mutuos prezentes , eftabelecido maior fegurança de amas as partes , os que vieraõ fallar a parte de Governador d'Arquico procuraraõ noticias d'um certo Embaixaor, que o Emperador da Ethiopia tinha nviado ás Indias para o fazer paffar e lá a Portugal. Era efte o que efava na frota , e que tinhaõ occultao pelas razoẽs que eu vou á dizer : poem he precizo , que eu tome d'um ouco mais longe a fua hiftoria.

Nós temos vifto até aqui os cuiados infinitos que tinhaõ tido os Reis D. Joaõ II. e D. Manoel , para defcurir as terras d'um Principe Chriftaõ , onhecido na Europa defde o tempo das

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

das Cruzadas, pelo nome de Prest
João, e as diferentes pessoas que tinha
enviado por diversas derrotas para del
le terem algum conhecimento. Os seu
cuidados naõ foraõ d'algum modo innu
teis, e nós temos notado, que pelo
indicios que lhes haviaõ dado, era es
te o Emperador dos Abexins, ou d
Ethiopia alta. Pedro da Covilhá hun
dos primeiros, que tinhaõ sido envia
dos a este descobrimento, tinha che
gado á Corte deste Principe onde nó
o deixamos. Aquelles que depois ten
taraõ hir lá pelo Senegal, naõ o con
seguiraõ por artificio dos mesmos Por
tuguezes. Os que foraõ pelo Egypto
e pela Costa do Zamguebar, fora
os mais felices, principalmente os tre
que Tristaõ da Cunha tinha desem
barcado em Quiloa, e que Affons
d'Albuquerque fez saltar á terra pert
do Cabo Guardafu.

Pedro da Covilhá tinha sid
muito bem recebido do Empera
dor Escander, ou Alexandre que rei
nava entaõ. Este Principe vendo a
suas cartas de crença o tratou muit
bem, e concebeo grandes esperança
sobre a aliança que lhe era propos
ta. Porém a morte levando-o n
flor de sua idade, seu irmaõ Nahu

que

e lhe succedeo, se achou ter ou-
s pensamentos, e por hum prin-
io de Politica, ordinario nesta Mo-
rquia, tirou a Pedro da Covilhã
da a esperança de poder tornar á
a patria; de maneira que Covilhã
nando partido da necessidade, se ca-
u, e naõ pensou mais que em aca-
r os seus dias neste desterro. Sendo
orto Nahu pouco tempo depois de
a irmaõ, David seu filho ainda me-
no, subio ao Throno na tutella da
nperatriz Helena sua Mái.

Esta Princeza que tinha muito
zo, e valor, emendou os erros de
scander com todo o gosto, por saber
la voz publica as grandes coisas que
Portuguezes tinhaõ feito nas In-
as; de sorte que ella resolveo res-
nder á Embaixada d'ElRei de Por-
gal. Naõ pôz ella os olhos em Pe-
o da Covilhã, do retorno do qual
naõ podia assegurar; porém esco-
eo hum Christaõ chamado Mattheus,
rmenio de Naçaõ, que tinha assisti-
muito tempo no Cairo, e feito
uitas viagens á Ethiopia, de quem
havia servido em muitas negocia-
ões, e que por isso havia merecido
sua confidencia. A's Cartas de Cren-
a ajuntou hum Santo Lenho em
hum

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

Ann. de J. C. 1521.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

hum relicario d'oiro, de que faz
prezente a ElRei de Portugal. De
lhe depois por companheiro da En
baixada hum moço Abexim, home
nobre, e os fez paſſar ambos ſecr
tamente ás Indias, onde deviaõ ped
ao Governador huma paſſagem pa
Portugal.

Affonſo d'Albuquerque, que e
tava entaõ ſervindo, tirou o En
baixador das maõs do Tanadar de D
bul, que o tinha como em prizac
Fez-lhe todas as honras na Cidade c
Goa, e o fez paſſar a Cochim, com
já diſſe, para o fazer embarcar no m
lhor navio, que ouveſſe de partir neſ
meſmo anno para Portugal. Porém
Embaixador naõ tendo nada de re
peitavel mais do que o ſeu propri
merecimento, coiſa pouco conhec
da em hum eſtrangeiro, e pouco e
timada daquelles, que naõ fazem caz
ſe naõ d'um certo eſtrondo, que
naõ via nelle, os inimigos d'Albu
querque, aquelles meſmos que tinha
mais auctoridade em Cochim, o tr
taraõ como hum impoſtor, e lhe fiz
raõ toda a qualidade d'affrontas,
quaes augmentaraõ ainda os Cap
taẽs Bernardim Freire, e Franciſco P
reira Peſtana, pelo que ſoffreo muit
na

viagem, e particularmente em Mo-
nbique.

D. Manoel, que disto foi infor-
do ainda antes que chegassem, in-
nou-se tanto disto, que enviou ao
contro destes dois Capitaẽs para os
terem á ferros, e os transportarem
pois para ás cadêas de Lisboa, on-
expiaraõ por muito tempo a sua
pa, e d'onde naõ sahiraõ se naõ
as repetidas instancias do Embaixa-
:, que tinhaõ maltratado. No que
a ao Embaixador ElRei lhe fez to-
; as honras que merecia a Mages-
le do Monarca que o enviara, e de
em elle tinha procurado o conhe-
nento com tanta paixaõ. Depois de
demorar alguns mezes D. Manoel
fez tornar para ás Indias com o
oço Abexim, e o fez acompanhar por
m novo Embaixador, que enviava
e mesmo á Corte da Ethiopia, dan-
ordem a Soares, que era entaõ
overnador, de os conduzir pessoal-
ente na frota, que devia conduzir pa-
o mar Roxo, e de os dezembar-
r onde podesse nas terras dos Abe-
ns.

ElRei testemunhava quanta pai-
iõ tinha por este negocio, e a gran-
: opiniaõ que delle tinha concebido,
pe-

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

pela eſcolha da peſſoa, que cham
para eſta Embaixada. Era eſte Du
te Galvaõ, depois de ſe ter diſt
guido nas guerras de Africa, tin
commandado os corpos de tropas au
liares, que ElRei de Portugal ha
enviado aos Principes ſeus alliado
e ſe havia ainda feito mais recomme
davel pelos importantes negocios, q
tratara com grande politica na ma
parte das Cortes dos maiores Prin
pes da Europa, e que eſtando ent
em huma idade muito adiantada, c
via admirar-ſe muito de ſe ver enca
regado d'uma commiſſaõ para o fim
mundo, que tinha mais ar d'uma ave
tura, que de huma Embaixada. Co
tudo o zelo, e o eſpirito de Religiaõ l
fizeraõ aceitar com goſto, na eſperan
de nella procurar a gloria de Deos. P
rém como Soares na ſua empreza
mar Roxo, naõ executou nada de qua
to ElRei lhe tinha ordenado, Galva
morreo por cauſa das fadigas, e f
me que ſofreo na Ilha de Cam
raõ, á viſta, para aſſim dizer, da
Maçuá, naõ lhe faltando mais q
dois paſſos para entrar no porto t
dezejado. Galvaõ era hum ſanto;
naufragio de Jorge ſeu filho, que el
vio c'os olhos do eſpirito, e que e
le

declarou quando morreo, augmen-
muito a opiniaõ, que tinhaõ de
virtude, quando o fucceffo jufti-
u a verdade da profecia.

O Embaixador Mattheus tendo
ıado ás Indias com Soares, foi
igado d'alli efperar até á expedi-
de Siqueira, que fe embarcou de
ʼo com Rodrigo de Lima, que D.
noel fubftituira a Galvaõ. Em to-
efte entervalo naõ foi maltratado,
no o tinha fido por feus primeiros
feguidores, tinha com tudo o dif-
to de fe ver em pouca eftima-
, e pelo menos fufpeito a huma
nidade de gente, que o confide-
avaõ como hum impoftor, hum
;abundo, e hum efpiaõ.

Porém quando o aprezentaraõ a
:s Abexins, que por elle procura-
, o momento defte reconhecimen-
fez chorar a todos. Efta boa gen-
fe proftrou logo beijando-lhe a
õ, e chamando-lhe muitas vezes
ba Mattheus, que quer dizer, Pai
ıttheus. Efte veneravel velho, cho-
do elle mefmo de gofto, e de ter-
ra, e banhando a fua branca barba
feu pranto, abraçando-os em tor-
de fi, defprezando fuas penas paf-
las, e as immenfas fadigas de dez
an-

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

ANN. de J. C. 1521.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

annos succeſſivos, dava publi mente graças a Deos, de q tendo ſó propoſto a ſua gloria, havia dignado d'abençoar ſeus tra lhos, unindo de tamanha diſtancia d taõ poderozas Naçoẽs, para o be e augmento da Religiaõ. Suas pa vras, e o ar com que as dizia, cavaõ vivamente o coraçaõ de to os que eſtavaõ prezentes, princip mente dos Portuguezes a quem e expectaculo reprehendia vivamente injurias que lhe tinhaõ feito padec

Eſperavaõ o Barnagues, ou G vernador General da Provincia, q he huma das primeiras peſſoas do R no, d'ordinario hum proximo pare do Emperador, e elle meſmo F do Reino de Figre-Mahon. Neſte tervallo Siqueira tomou conhecime da Ilha de Maçuá, fez purificar h ma das ſuas Meſquitas, que conv teo em Capella de N. Senhora da Co ceiçaõ, onde celebraraõ os Santos My terios. Pedro Gomes, Preſidente Conſelho das Indias d'outra parte c o Embaixador Mattheus, foraõ vi tar hum celebre Moſteiro da Ord de Santo Antonio, chamado de JESU ou da Viſaõ, onde receberaõ toda ſorte de attençoẽs da parte dos ſeus R ligiozos.

Final

Finalmente o Barnagues chegou: uveraõ logo algumas difficuldades, por ıza do ceremonial da ſua audiencia ·a o General. Regularaõ com tudo : ſe faria n'um vaſto campo, onde ariaõ tres cadeiras, huma para o rnagues, a ſegunda para o General, e terceira para o Embaixador Matteus. O Barnagues chegou alli com is mil homens de pé, e duzentos vallos. Siqueira conduzio ſó 600 hoens, que diſpôz em bela ordem, ſe adiantou ſómente na frente de 60. :pois d'alguns cumprimentos, que aõ ſeguidos de mutuos prezentes, o eneral entregou ao Barnagues os dois nbaixadores, e a ſua cometiva. Falaõ depois no projecto de fundar hu- Forteleza em Maçuá, ou na Ilha Camaraõ, ſobre o que ſe naõ pôconcluir nada de repente. Em fim raraõ de parte a parte huma eſpecie lliança ſobre os Santos Evangelhos, cada hum ſe retirou para ſua parte.

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

Os Embaixadores Mattheus, e odrigo de Lima foraõ entregados ao overnador d'Arquico, que os devia zer conduzir á Corte, para onde os ixaremos ir, para ſeguirmos Siqueira, que ſe pôz em caminho para ás dias. O retorno deſte General naõ te-

ANN. de J. C. 1521.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR,

teve nada memoravel até ao Go
Persico, a naõ ser o estrago que
na Ilha de Deloca, que achou ab
donada, e perdeo ainda hum dos s
navios commandado por Jerony
de Souza. Em Calaiate achou Jo
d'Albuquerque a quem deixou o G
verno da sua frota, para hir elle m
mo com as pequenas embarcaçoẽs
vernar a Ormuz, donde partio no m
d'Agosto para tornar para o Indosta
sem ter feito mais nada, que seus p
decessores, com todo este poderozo
mamento, a naõ se contar por alg
ma coisa o que fez em Arquico,
que teria feito huma simplez gale
taõbem como elle com toda sua fro

Na auzencia de Siqueira, o R
de Narsinga, e o Idalcaõ tiveraõ gu
ra. O primeiro a declarou, e romp
a tregoa que tinha feito. Tinha pa
isso muito fortes motivos. O Idalc
dava hum asilo a todos os fugitiv
contra as leis estabelicidas entre elle
porém como a queixa podia ser illudi
por falças cores, o Rei de Narsin
querendo ter hum pretexto mais pla
sivel, uzou deste estratagema. Envi
a Goa hum Mouro, chamado Ci
Mercar para comprar cavallos, de
lhe grossa somma de dinheiro, e car

pa

ara o Governador. Como o Mouro
evia paſſar pelas terras do Idalcaõ;
orque o negocio naõ era occulto, nem
devia ſer ſegundo as intençoẽs de
uem o enviava, ſoubeo o Idalcaõ, e
ez mil agrados a Mercar, como pa-
a honrar nelle o ſangue de Mafo-
ma, e o turbante verde, e ſeparan-
o-o do ſerviço do Rei de Narſinga,
fez Commandante de huma das
uas praças, onde o fez depois matar
ecretamente, e roubou ſeus thezou-
os. O Rei de Narſinga, que naõ
ſperava mais que eſte momento, pôz
m pé hum exercito ſimilhante em
umero ao de Xerxes, e foi ſitiar
achol, praça forte que o Idalcaõ lhe
nha tomado. Pondo-ſe o Idalcaõ em
iovimento para fazer levantar o ſitio,
erdeo a batalha, na qual 40 Portu-
uezes arrenegados ſe deixaraõ matar
or defenderem hum dos Generaes do
dalcaõ, que foi feito priſioneiro. De-
ois deſta victoria, Rachol foi obriga-
render-ſe ao vencedor pela deter-
iinaçaõ d'outros 20 Portuguezes, que
erviaõ no exercito do Rei de Nar-
nga, cujo Chefe ſe chamava Chriſ-
ovaõ de Figueiredo: tendo feito ma-
or impreſſaõ eſtes 20 homens ſobre os
tiados, do que eſta multidaõ innume-

ANN. de J. C. 1521.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

ANN. de J. C. 1521.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

ravel de barbaros victoriozos , cont os quaes estavaõ determinados a defender.

O Idalcaõ reduzido a huma ve gonhoza retirada experimentou nov disgraças da fortuna. Os Gines , q saõ huma casta de Indios estabelecid nas terras maritimas, antes que os Mo ros os tivessem expulsado , vendo Idalcaõ occupado com esta guerra descêraõ do monte de Gate em n mero de 8$000 homens , e se ap deraraõ d'uma parte da terra firme n suburbios de Goa. O Tanadar do Ida caõ querendo converter em seu pr veito o que tinha em seu poder producto das suas rendas , avizou prom tamente a Rui de Mello Governad de Goa , da irrupçaõ dos Gines , pe suadindo-o que só delle dependia apoderar-se das Alfandegas da terra f me , e que o Idalcaõ dezejaria ant que ellas estivessem em poder dell do que no dos seus vassallos rebelde Mello pôz o negocio em Conselho o cazo tinha facil decizaõ. Os Gin eraõ alliados , e estavaõ em paz co o Idalcaõ ; porém a cubiça tendo chado pretextos para illudir os trat dos , e a fé dos juramentos , cubiçoz mente se aproveitaraõ desta occasia

Rui de Mello Jusarte foi enviado pe-
Governador seu tio contra os Gi-
es na frente de sete, ou oito centos
omens. Naõ se achando estes em es-
do de contrastar com os Portugue-
es, lhes abandonaraõ o territorio de
ioa, e passaraõ mais longe. O Tana-
ar aplaudindo a sua perfidia, fez
assar secretamente grossas somas á
ioa, para onde se retirou para estar
eguro. Porém Deos vingador da má
, permite que ella naõ utilize a nin-
uem. A traiçaõ do Idalcaõ lhe cus-
ou caro pelas perdas que fez. A do
Rei de Narsinga lhe aproveitou pou-
o, porque perdeo pouco tempo de-
ois a Cidade de Rachol, que tinha
do objecto da infracçaõ da paz. O
erfido rendeiro querendo retirar o di-
heiro de seu Senhor, que elle tinha
m deposito, o amigo Portugues, de
uem o confiou, negou a divida, o
ue pôz o Tanadar em taõ grande fu-
or, que endoudeceo. O infiel deposi-
ario naõ gozou do seu roubo, e da
ua falsidade: huma morte precepita-
la o levou poucos dias depois. Final-
nente os Portuguezes perderaõ tam-
bem as Alfandegas, que tinhaõ tira-
lo com mais facilidade, que justiça.

Os Portuguezes tiveraõ entaõ hu-

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

ANN. de J. C. 1521.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

ma occasiaõ de fazerem ainda melho
os seus negocios n'outra parte, co
a apparencia da equidade, e da de
fença do direito dos pupillos; eu na
sei com tudo se o fundamento dest
equidade he bem solido. No temp
que Affonso d'Albuquerque foi toma
Malaca, fazendo-se encontradiço co
hum Junco, que naõ pôde tomar, po
que todos os que estavaõ dentro se acha
vaõ determinados a morrer, antes d
que se deixarem tomar por viva forç
Quando porém descorsoava de o co
seguir, vieraõ de livre vontade faze
proposiçoẽs, e rogar este grande ho
mem para tomar em protecçaõ hu
Rei infeliz expulsado de seus Estado
por hum injusto usurpador. Era est
Sultaõ Zeinal, que tinha sido despo
jado do Reino de Pacem. Albuque
que aceitou com gosto a proposiçaõ
e conduzio este Principe a Malaca
resoluto de se servir delle para be
de seus negocios, depois da tomada d
Cidade. Zeinal vendo que este Gene
ral lhe tinha faltado na primeira ex
periencia achou meio de se escapar
e passar para o campo de Mahmud
Sendo a Cidade tomada voltou aind
a Albuquerque; porém persentindo qu
Albuquerque o condusia para o Indo
tan,

n, e que o soccorro que lhe prome-
ió podia demorar-se, tornou a paf-
r ainda para o campo inimigo, e
guio a fortuna de Mahmud despoja-
de seus Estados como elle.

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei.

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

Os Reis da Ilha de Sumatra eraõ
tal modo dependentes do capricho
os seus vassallos, que era coisa es-
ntoza, haver quem o quizesse ser. O
enor fanatico alli cauzava hum arroi-
popular, e tanto que hum ins-
rado tinha pronunciado no seu en-
ziasmo, morra o Rei, estava este
ntenciado de morte, era degolado, e
atavaõ todos os que eraõ seus apai-
onados, sem encontrar da parte del-
s a menor resistencia. Deste modo
nhaõ matado muitos em Pacem, quan-
Zeinal ajudado das tropas de Mah-
ud recuperou o Throno de seus pais.
ultimo Rei que Zeinal despojou,
eixou hum filho de quasi 12 annos
e idade. O *Molona*, ou chefe da
eligiaõ salvando este menino o con-
ufio ao Indostan para implorar o soc-
orro dos Portuguezes, e metello na
rotecçaõ do Governador General, of-
erecendo fazerem-no a elle, e ao seu
eino tributarios de Portugal, e que
aria lugar para fazer huma Fortale-
a em Pacem. Sendo aceitado este par-
tido,

ANN. de J. C. 1521.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

tido, Jorgé d'Albuquerque, que h
tomar posse do Governo de Malaca
foi encarregado da commissaõ de rest
tuir este Principe á posse dos seus E
tados.

Ainda que Sultaõ naõ recebeo
soccorros de Mahmud, que de prop
sito o havia feito seu genro para
obrigar mais, se naõ com as condiço
de se servir delle contra os Portugu
zes, com tudo este Principe mudan
de entcresses com a sua boa fortun
naõ desejava outra coisa mais que
alliança delles. E porque no tem
de revoluçaõ o feitor que estava
Pacem, tinha fugido pelo temor q
teve delle, do que se disgostou mu
to, mandou rogar ao Governad
de Malaca, que lhe mandasse algu
com quem podesse fallar nos neg
cios, o que foi feito. Porém a p
naõ durou pela imprudencra de Dio
Vaz, que lhe foi enviado. Este h
mem insolente, tendo perdido mui
vezes o respeito devido a este Prin
cipe, foi a victima da indignaçaõ d
seus Cortezaõs, que o apunhalar
com alguns dos seus, sem para i
esperarem ordem.

Jorge d'Albuquerque tendo-se
prezentado no porto de Pacem com
se

u pupillo Zeinal, para ſerenar a tem-
eſtade, offereceo todas aquellas con-
çoés, e as meſmas vantagens,
ıe os Portuguezes podiaõ eſperar da-
ıelle de quem tinhaõ tomado a de-
nça. Albuquerque naõ quiz atender
coiſa alguma, e ſe diſpoz a uzar de
rça deſcuberta. Zeinal, temendo
alteraçoés populares, ſe tinha for-
ficado em hum campo fóra da Cida-
: com hum dobrado cerco. As tro-
ıs Portuguezas de hum lado com as
Rei d'Auru do outro, o attacaraõ,
o tomaraõ. Zeinal combatendo com
ılor alli o mataraõ. O Principe pu-
llo naõ tendo competidor, foi reſti-
ıido ao Throno. Os Portuguezes fun-
ıraõ a ſua Fortaleza, e ſe aprovei-
ıraõ de muitos deſpojos.

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

No meſmo dia que Albuquerque
anhou eſta formoza victoria, os Portu-
uezes receberaõ pouco depois huma
erda conſideravel, que ſervio de deſ-
onto. Jorge de Brito tinha paſſado
eſte anno de Portugal para ás In-
ias, commandando huma eſquadra de
ove navios. Tendo chegado a Co-
him, foi deſpachado pelo Governa-
lor General para ás Malucas, para
nde eſtava deſtinado com huma eſ-
quadra de ſete navios. Pouco depois
par-

ANN. de J. C. 1521.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

partio Jorge d'Albuquerque, em cuj
conserva naõ pôde hir. Aportando
Achem, hum Portuguez chamado Joa
de Borba, veio a seu bordo para
saudar. Este homem depois de ter nau
fragado, e lutado por nove dias e
hum pequeno escaler, contra a fo
me, ventos, e ondas, tinha arriba
do a Achem, onde tinha sido recolh
do pelo Rei da maneira mais afav
do mundo. Borba reconheceo mal o
favores deste Principe; porque tant
que chegou a bordo, persuadio Brito
que se apoderasse d'um Pagode, d
zendo-lhe, que nelle acharia riqueza
immensas. E a fim de o animar a e
ta acçaõ, lhe fingio que o Rei d'Ache
tinha aproveitado as reliquias do nau
fragio d'um dos seus navios, e feit
morrer os Portuguezes, que delle
tinhaõ salvado. Brito, enganado pol
esperança destas riquezas, que cria
possuir, enviou fazer proposiçoẽs mu
to extraordinarias ao Rei, que lh
respondeo com tudo de modo que sa
tisfaria todo o homem, que fosse pe
suadido de que era dotado de razaõ
Brito receou no mesmo tempo o soc
corro d'outro navio Portuguez, que s
achava no porto, com o pretexto d
naõ ser da sua esquadra, e muit
mais

ais para naõ ser obrigado a lhe dar arte no roubo do Pagode.

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

Determinado em attacar a Cidae, mandou 22 homens para o desembarue, os Capitaẽs na frente delles nas uas chalupas á excepçaõ de Francis- Godinz, que os seguia com a sua fusa onde estava a artilheria, e os arabuzeiros em numero de 70. Tendo- as chalupas adiantado, porque a usta naõ podia andar tanto, Brito uiz esperalla, porque ella trazia as uas principaes forças, que devia além isso defender, e favorecer o desembarue; porém hum vento de terra, que ngrossava as aguas da embocadura do io, dando-lhe muito trabalho, e aluns falconetes, que atiravaõ d'um equeno baluarte visinho, os seus o onstrangeraõ a ferrar a praia, e a lesembarcar. O que levava a bandeia de Brito, tendo-se atordoado á força de vinho para ter mais animo, partio desmandadamente, tanto que pôz pé em terra sem esperar ordem. Brito e'os seus gritos, fez quanto pôde para o demorar, e os aventureiros que o seguiraõ; mas estando todos surdos á sua voz, e o numero delles engrossando cada vez mais, elle mesmo foi arrastado contra seu gosto. Naõ estive-

ANN. de J. C. 1521.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

tiveraõ muito tempo que naõ cahiſſe[m] ſobre hum corpo de mil homens co[n]duzido pelo Rei em peſſoa. Com[o] os Portuguezes naõ tinhaõ conſigo [os] ſeus arcabuzeiros, foraõ logo deba[i]xo. O Alferes autor da diſgraça com[m]um teve o caſtigo da ſua impruden[n]cia, ſendo o primeiro que mataraõ. Jorge de Brito, e outros tres Cap[i]taẽs da ſua frota tiveraõ a meſma ſo[r]te. Gaſpar Fernandes, bom Official, chegando-ſe muito a hum Elefant[e] para o paſſar com a ſua lança, eſt[e] animal o tomou na tromba, e o ar[r]emeçou taõ alto que cahio morto. Pondo-ſe o reſto em fugida, Louren[-]ço Coutinho, hum dos Capitaẽs qu[e] vinha unir-ſe ao groſſo, e fazia com o corpo de rezerva, vendo eſta deſ[-]truiçaõ, ſe deitou a fugir, em ve[z] de eſperar para ſuſter os fugitivos. O que dando animo aos inimigos, fica[-]raõ 70 Portuguezes mortos neſta ver[-]gonhoza retirada. Só dois, a ſabe[r] Luiz Rapozo, e Pedro Vellozo, cujos nomes merecem ſer immortaes, repararaõ a honra da ſua Naçaõ. Eſtando preſtes a ſe embarcarem, e naõ vendo o ſeu General, determinaraõ-ſe a hirem-no buſcar, e o reconduzirem, ou morrerem com elle; e de-

pois

ois de fazerem prodigios de valor, orrcraõ trafpaffados. O Capitaõ da ifta julgando pelo eftrondo que tihaõ travado peleja, fez quanto pôde ara abordar; mas encalhando, foi brigado a efperar a preiamar, para e defencalhar. Depois defta infelici- ade tendo todos ganhado a fua frota omo poderaõ, fe fizeraõ á vela para 'edir, onde Antonio de Brito, que fe chou nefte porto, foi eleito General m virtude d'uma commiffaõ d'ElRei, ue achou nos papeis de feu irmaõ, a uem era fubftituido. Do porto de Pedir oraõ ao de Pacem, onde achando Jorge d'Albuquerque preftes a partir, to los juntos fe fizeraõ á vela para Malaca.

Ann. de J. C. 1521.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

Tendo Albuquerque tomado pof- fe do governo, e achando taõ boa companhia, quiz affignalar os princi- pios indo expulfar Mahmud da Ilha de Bintam. Haviaõ-lhe feito a em- preza facil, e elle confiava muito em 18 navios, que levava a efta expedi- çaõ, e 600 homens de boas tropas. Porém tendo deixado de levar com figo efcadas, por lhe fegurarem que naõ teria precizaõ, fez inuteis esfor- ços contra hum baluarte fó, que Laç- zamana defendeo taõ vigorozamente, que Albuquerque tendo nelle perdido

mui-

ANN. de J. C. 1521.

D. MANOEL REI.

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

muita gente, perdendo tambem a e
perança de o tomar, se tornou a en
barcar pouco airozo, para tornar a M
laca. Antonio de Brito com a sua e
quadra tendo-se separado delle para s
guirem sua derrota ás Malucas, La
zamana que o vio debilitado por esta d
vizaõ de forças, o seguio logo com r
lancharas armadas, de taõ perto, qu
entrou com elle no porto, onde to
mou o brigantim de Gil Simaõ
que alli o mataraõ com todos os qu
o defendiaõ.

Neste mesmo tempo, os Portu
guezes se acharaõ reduzidos a huma
grande extremidade na Ilha de Cei
laõ. Lopo de Brito, que tinha suc
cedido a D. Joaõ da Silveira no Go
verno da Fortaleza, que Soares tinha
fundado, emprehendeo acrescentala
e para este effeito levou com sigo
hum reforço de soldados, e de traba-
lhadores. Os Chingules, que saõ os No-
bres do paiz, o acharaõ muito máo,
e se queixaraõ altamente como de
huma infracçaõ feita ao tratado, e de
huma tentativa arriscada para lhes opri-
mir a liberdade. Fora sem duvida pru-
dencia suspender huma obra, contra
a qual todos pareciaõ que se revolta-
vaõ. Porém Lopo desprezando os ru-

mo-

res populares teve mais animo, e erminaçaõ em seguir seu trabalho. ndo-se nesta occasiaõ irritado os ani- s, atiçando os Mouros o fogo da izaõ, como costumavaõ, se enter- npeo o commercio da Fortaleza n a Cidade, de modo que a fo- se sentio brevemente alli. Adian- -se mais a ouzadia dos habitan- , porque se achavaõ alguns Portu- ezes desgarrados os insultavaõ, e ltratavaõ.

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

Lopo de Brito dissimulou estes ultos, pode ser mais do que deve- ; porém animado depois pelas mur- raçoẽs dos seus, que tachando-lhe ua muita paciencia, acuzavaõ o seu lor, passou d'uma vez a outro ex- mo sem prever as consequencias. rque hum dia, no tempo do re- uzo, e do grande calor, tendo sa- lo do seu forte com 150 homens, trou na Cidade de Columbo, onde da menos se esperava, que esta hos- dade, alli levou hum tal medo, e no espanto d'uma irrupçaõ taõ su- a, cada hum dos habitantes só cui- u em fugir. Porém depois reunidos a da Cidade, e passado este pri- eiro momento de terror, attrahidos lo amor de suas mulheres, e filhos,

torna-

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

tornaraõ a entrar com furor. O esp[e]ctaculo destas mulheres, e filhos q[ue] Brito se tinha contentado de fazer pre[n]der, augmentando tambem a sua an[i]mosidade, os Portuguezes foraõ ob[ri]gados a retirar-se, com mais de [...] feridos, recolheraõ-se á sua Fortale[za] com trabalho, e pode ser que naõ co[n]seguissem entrar nella, se o fogo q[ue] Brito tinha prudentemente feito lanç[ar] ás cazas da rua principal, naõ cauza[s]se diversaõ, e facilitasse a retirada.

Naõ foi isto mais do que os pri[n]cipios dos seus males. A indignaç[aõ] que cauzou em toda a Ilha huma iru[p]çaõ arrebatada, e taõ pouco disfarç[a]da a sublevou toda inteira. Naõ ho[u]ve quem se naõ quizesse armar para destruir „ diziaõ, de indignos pirata[s] „ que tendo sido recebidos com hum[a]- „ nidade, naõ se contentavaõ de [se] „ fazerem senhores do paiz, e do com- „ mercio, para o fazerem só segun[do] „ as leis que lhes aprouve prescr[e]- „ ver, mas pareciaõ ainda cubiçozos [do] „ sangue de quem os hospedou, e[m]- „ pregavaõ para o derramar as ma[is] „ vergonhozas traiçoẽs, mostravaõ- „ inimigos com as armas na maõ „ sem motivo, e alguma denunci[a]- „ çaõ de guerra, e destas formalid[ades]

„ des[...]

les que os povos mais barbaros tem
coſtume de guardar.„ De repente
i ſe acharaõ mais de 20℔ homens
ntos, em que o furor augmentando
valor natural deſtes Ilheos, lhes fez
nar as medidas as mais efficazes pa-
aſſegurar a ſua juſta vingança. A
rtaleza foi ſitiada em fórma. Os ini-
gos a cercáraõ da parte da terra por
ha, e reductos, aos quaes ajunta-
ȷ dois cavalleiros, d'onde a artilhe-
dominando a praça, deo lugar por
co mezes inteiros a Brito de ſe ar-
pender da ſua imprudente ſahida,
aos ſeus de o obrigarem a iſſo.

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

Deſde os principios do ſitio, Bri-
tinha dado avizo a Cochim do
erto que o eſperava; mas como
General tinha deſprovido todas as
aças do Indoſtan, para a grande em-
eza de que vamos fallar, naõ lhe
deraõ enviar mais que 50 homens
n huma galera, commandada por An-
nio de Lemos, que gaſtou muito
mpo a lá chegar por cauza do inverno.

Com a chegada deſte fraco ſoc-
rro, conhecendo Brito que naõ de-
a eſperar outro, ſegundo a ſua de-
ſperaçaõ, e reſolvendo arriſcar tudo
n huma acçaõ deciziva, de fazer
vantar o ſitio dos inimigos, ou de
mor-

ANN. de J. C. 1521.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

morrer como valerozo, antes que de xar-se consumir pela fome, e as outr disgraças que saõ consequencias d longos sitios.

Ordenou a Lemos, que chega se a sua galera o mais que pode se aos entrincheiramentos inimigos e que os varejasse toda a noite. E ta manobra chamou a esta parte attençaõ dos sitiantes, assim com o tinha esperado, desde o principio c dia seguinte, attacou os entrincheir mentos da parte opposta na frente c 300 homens com tanta impetuosidad que os que os defendiaõ, tomados d repente, os desempararaõ para se r tirar para á Cidade. Porém como multidaõ dos inimigos era sem num ro em comparaçaõ dos Portuguezes e que além disso naõ lhe faltava ger te habil na arte da guerra, reunira se, fizeraõ hum corpo de 150 cava los, e 25 Elefantes, sustentados pc huma especie de batalhaõ quadrado e tornaraõ em boa ordem para os er trincheiramentos, que acabavaõ de pe der. Brito, que tinha já sahido er seguimento delles, vendo-os vir na se admirou, e tendo ajuntado os seu bésteiros, lhes ordenou que fizessem sua descarga sobre os Elefantes. Elle

O

fizeraõ com tanta deſtreza, e feli-
dade, que eſtes animaes eſpantados,
irritados pelas ſuas feridas, voltando
bre os ſeus, desbaratando homens,
cavallos, cauſaraõ ſobre o campo
ıma deſtruiçaõ taõ geral, que os
ortuguezes naõ achando ninguem que
e fizeſſe cara, entraraõ com os fu-
tivos confuſamente na Cidade, e os
erſiguiraõ ainda mais até á hum boſ-
ıe de palmeiras, onde Brito temendo
ıe os ſeus ſe demandaſſem, naõ jul-
ɔu util obrigalos mais, e mandou
ɔcar á retirada.

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

A paz foi o fructo d'uma taõ be-
victoria. Porque o Rei do Colom-
ɔ indignado porque os Mouros, que
tinhaõ movido a eſta guerra, tinhaõ
lo os primeiros a fugir, e além diſſo
ıfadado das perdas que tinha tido
eſta occaõ, e no ſitio, ſe reconci-
ɔu de boa fé com os Portuguezes,
viveo depois com elles em boa ar-
ɔnia.

D. Manoel deſejava com paixaõ
r huma Fortaleza em Diu. Tinha
denado iſto muitas vezes aos Gover-
ıdores das Indias. Porém Melique
z os havia ſempre illudido com a
ı eſperteza. ElRei enfadado dos ſeus
tificios tinha em fim ordenado á Si-

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

queira que fizeſſe de modo, que alcançaſſe o conſentimento por bem, ou por mal. Alli havia logo huma modificaçaõ a eſta ordem; porque ElRei querendo poupar as ſuas tropas dezejava que iſſo ſe fizeſſe de modo, que naõ empregaſſe inteiramente a força, que eſta naõ fizeſſe mais que ajudar á aſtucia, e a induſtria. Com tudo depois diſto eſta modificaçaõ foi tirada, e a ordem foi enviada pura, e ſimplez, que ſe Melique Jaz naõ conſentiſſe na petiçaõ, que de novo lhe requereſſem, lhe declaraſſem guerra. ElRei eſtava taõ perſuadido, de que o negocio ſeria facil, que havia feito partir Fernando de Beja com as provizoẽs de Governador da nova Fortaleza.

Siqueira, que recebeo eſtas ordens em Ormuz no retorno da ſua expediçaõ do mar Roxo, as conſervou em ſegredo, e foi na paſſagem ancorar defronte de Diu, bem determinado a aproveitar a occaſiaõ, ſe a achaſſe favoravel. Foi illudido na reſpoſta com dantes. Elle bem o eſperava, mas diſſimulou. O Feitor Portugues o tinha aviſado de que a praça eſtava muito bem munida, para que elle podeſſe liſongear-ſe de a tomar, no eſtado em que elle ſe achava, de ſorte que com

effei-

feito naõ se achando assaz forte, ntinuou sua derrota até Cochim, para alli hir fazer maiores preparativos.

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

Jaz, que era bem servido de esas a quem pagava bem, foi logo isado dos movimentos de Governar, de que era proprio que tivesse guma desconfiança. Para melhor se egurar, enviou a Cochim hum Ofial, sem que mostrasse outra tenõ, que a de condusir alguns prezens da sua parte ao General, que coniuando a dissimular, os recebeo mui bem, e mostrou sempre ao Offil muita estimaçaõ por seu Senhor, hum grande desejo de viver em boa rrespondencia com elle. Porem era ipossivel que este homem, vendo hua frota de mais de 80 velas, a mais la que os Portuguezes nunca tiveõ, naõ suspeitasse algum grande denio, e que o Melique naõ concluisdisso, que este disignio o respeitava. queira partindo de Cochim trouxe Official até Goa; porém lá elle se capou, e foi dar avizo de tudo a u Senhor.

Jaz, que se naõ queria achar á egada da frota, partio logo para á orte de Cambaia, deixando na pra Melique Saca seu filho, bem inst-

ANN. de J. C. 1521.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

truido de tudo o que devia dizer, com elle hum valente Capitaõ cham do Aga-Mahmud, homem de valo e de conſelho, que podia ſervir tudo em precizaõ. Siqueira tendo a corado na enſeada com eſta frota fo midavel, enviou logo ſaudar o mo Melique, para lhe dar aviſo da ſ chegada, ou para melhor dizer, ſua paſſagem. Seu deſignio era, zia elle, de hir a Ormuz, onde a ſ prezença era neceſſaria; mas que l rogava ao meſmo tempo, que quize effectuar o que lhe tinha prometi tantas vezes, de lhe aſſignar hum l gar para fundar huma Fortaleza. S ça, que por percauçaõ tinha fe prender todos os Portuguezes diſpe ſos pela Cidade, a fim de que ell naõ communicaſſem com o ſeu Gen ral, naõ duvidou de praticar cara cara com elle, tomando as perca çoẽs que convinhaõ á ſua ſeguranç

Neſta pratica, que foi cheia civilidade „ Excuſou-ſe elle por n „ poder conceder o que lhe pediaõ „ ſem a permiſſaõ de ſeu Pai, que el „ meſmo tinha niſſo a melhor vont „ de, e naõ tinha ido peſſoalmen „ á Corte mais que a fim de obrig „ o Rei a conceder eſta graça, á qu

„ eſte

efte Principe tinha huma oppofiçaõ invencivel. „ Tendo Siqueira feito ftancia para falar ao menos aos Portuguezes que eftavaõ na praça. O mo- Melique refpondeo : „ Que devia eftar muito defcançado fobre o eftado delles, que eftavaõ livres, contentes, e que gozavaõ de todas as vantagens d'uma boa correfpondencia : Que a petiçaõ que lhe fazia de lhos aprezentar, lhe era injurioza por moftrar huma defconfiança que fazia á fua civilidade : Que elle naõ os aprezentava em quanto a frota naõ partiffe, com medo de que naõ pareceffe, que fe defconfiava da fua finceridade, ou que elle mefmo o fazia por puffillanimidade, e por medo. „

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

Sobre eftas coifas houve o Go-rnador muitos confelhos com os feus apitaẽs. A maior parte tinhaõ fuas mmiffoẽs para portos, onde efperaó enriquecer-fe, e ferviaõ de má ntade em huma empreza, onde fe ó ganhava nada. Affim a maior rte votou, que a praça fendo tamm fortificada como eftava, era hua temeridade emprehender o attaca-. Além diffo apoiando as rafoens de elique, concluiraõ que feria ajuntar a in-

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

a injuſtiça e imprudencia, porque co
effeito naõ pertencia, nem a ſeu Pa
nem a elle, que lhe naõ deſſem a
tisfaçaõ que elle pedia.

Os ſoldados ſempre animozos, q
naõ pertendem mais, que ſer condu
dos, apenas ſuſpeitaraõ eſta determin
çaõ do Conſelho, bramindo de ve
gonha, e de colera, naõ ſe ouv
mais que huma voz em toda a fro
que taxando o General de cobard
e poltraõ, lançavaõ-lhe em roſto
gloria da Naçaõ abatida na perda de
ta occaſiaõ, a mais bela que podia h
ver, e que naõ achariaõ mais. O q
foi peior alguns dias depois: vindo
Feitor á bordo pela permiſſaõ que
General tinha alcançado, dando refen
e tomando por diverſas vezes caixo
d'ouro, e de prata, que eraõ os ſe
effeitos, que ſalvava da juſta aprehe
ſaõ d'uma guerra que previa, dizi
claramente que o General vendia
Naçaõ, e os intereſſes d'ElRei p
boa moeda corrente. Os Capitaẽs
frota fallando no publico d'um mo
differente do que o tinhaõ feito
Conſelho, approvavaõ eſtes inſole
tes diſcurſos; mas que ſó tinhaõ mu
to fundamento apparente. Siqueira q
o ſoube tendo-os revocado ao Co
ſelho

elho, dandolhes reprehençoês muito
eres, que elles mereciaõ bem, lhes
ez dar de novo ſeu voto por eſcrito.
ſſignaraõ tudo o que elle quiz, prom-
tos tambem a fazer proteſtaçoês con-
a ſi. Deſte modo o General julgan-
o-ſe ſeguro a reſpeito da Corte por
ſta percauçaõ, reſolveo de proſeguir
ua derrota para Ormus: erro conſi-
eravel, que todos os Chefes devem
xaminar, havendo conjunturas em
ue os Governadores devem tomar ſo-
re ſi os acontecimentos, principal-
ente quando tem ordens precizas que
s favorecem, ſem o que perdendo
occaziaõ de boas acçoês, perdem
ambem a ſua reputaçaõ, naõ obſtante
s apparencias de prudencia, com que
uppoem cubrilla, e com a reputaçaõ
lelles a confiança das tropas, a quem
e dificil de impor.

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

Em fim tendo feito ſaber a Me-
ique Saca a determinaçaõ que tinha
le continuar ſua derrota, o fez rogar
que quizeſſe bem facilitar a Rui Fer-
andes a viagem da Corte de Cam-
aia, onde o enviou para coucluir
eſte negocio. Saca livre d'uma extre-
ma inquietaçaõ, prometeo tudo, e deſ-
de logo fez levar á frota toda a ſorte
de refreſcos. Siqueira expedio para Co-
chim

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

chim D. Aleixo de Menezes, qu
devia commandar na India em auzen
cia do General, e com elle, fez par
tir Jorge d'Albuquerque, e Jorge d
Brito para onde eſtavaõ deſtinados
de que já fallamos, e vimos os ſuc
ceſſos. Com elles partiraõ tambem Cou
tinho, e Pereſtrello deſtinados para a
China, e os outros que deviaõ com
mandar os navios de carga de retor
no para Portugal; o que fazia po
tudo o numero de 20 Capitaẽs mai
mercadores que ſoldados: mas pod
ſer tambem que tiveſſem ſido mais ſol
dos que mercadores, ſe o General ti
veſſe amado mais a ſua gloria, que o
ſeu entereſſe. Iſto he o que he dificil
de dezatar.

Finalmente o General, fazendo-
ſe á vela para Ormuz, deixou Fer-
nando de Beja, e Pedro d'Utel com
ſeus navios, os dois irmaõs Nuno Fer-
nandes, e Manoel de Macedo com ſuas
caravellas, com o pretexto de carre-
garem algumas provizoẽs; mas com
ordem ſecreta á Beja de tirar logo
todos os Portuguezes que eſtavaõ em
Diu, e no cazo que a negociaçaõ de
Rui Fernandes naõ tiveſſe effeito, que
declaraſſe logo a guerra. Outro erro
muito grande: porque ſe elle naõ ti-

nha

a ouzado declaralla elle mesmo, ten-
huma taõ bela occaziaõ, e huma
ta taõ formidavel, parecia bem pou-
prudente fazer esta declaraçaõ taõ
a de proposito, e com taõ poucas
rças.

Alguns annos depois ElRei d'Or-
iz naõ pagava exactamente o tribu-
que devia á Coroa de Portugal,
sculpava-se com a diminuiçaõ dos
is rendimentos, e tinha alguma razaõ.
Ilhas de Baharem, e de Catife no
olfo Persico eraõ do dominio deste
incipe. A pesca das Perolas que alli
faz naõ he taõ abundante, como a
s Indias; mas as Perolas ahi tem
ma sombra mais bela, e saõ de me-
or qualidade. Estas Ilhas que faziaõ
ma parte consideravel da riqueza
ste Principe, lhe foraõ tiradas por
m dos seus vassallos chamado Mo-
im, Rei de Lazah, e genro do Chec
Meca, que fez sublevar Baharem
seu favor, no mesmo tempo que
amed seu sobrinho fez o mesmo em
atife. O desprezo que conceberaõ
nbos de hum Rei, que se tinha fei-
tributario d'um punhado de estran-
iros, auctorizando-lhes a revolta,
i tambem o motivo que o Rei To-
n-Cha fez valer na prezença do Ge-
ne-

Ann. de J. C. 1521.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

neral para o ajudar a submeter es
vassalos rebellados, ou para naõ est
nhar que elle naõ pagasse hum trib
to, cujo pezo excedia as suas forç
O General persuadio-se das suas
zoẽs com melhor vontade, porque M
crim naõ se contentando da sua usu
paçaõ, entretinha huma pequena fr
ta, que arruinava o commercio d'C
mus, tomando todas as embarcaço
que vinhaõ da Baçorá, e das out
partes do Golfo.

Como o negocio era urgente
Siqueira mandou para esta expediç
Antonio Correa com 7 fustas, e 4
Portuguezes, que deviaõ ser seguid
da frota de Torun-Cha composta
perto de 200 embarcaçoẽs pequenas
conduzidas por Rais Seraf seu prim
ro Ministro. Huma violenta tempest
de dividindo-os, Correa foi obriga
a esperar alguns dias sobre suas anc
ras á vista de Baharem, para se dar ten
po de se ajuntarem áquelles que p
deriaõ vir unir-se-lhe. Mocrim se
proveitou desta dilaçaõ, para se forti
car cada vez mais. Tinha 12⌀ h
mens de tropas, 300 besteiros de fle
Persianos, e 20 besteiros de best
Correa desembarcou soccegadamente
porém como elle desconfiava das tr
pa

as Armuziannas, ordenou a Seraf, ue fizesse o attaque d'um lado, que lle se obrigava a combater o outro.) que quiz escolher partido segundo s acontecimentos, sobio a hum alto ara dalli se determinar segundo o sucesso. D'outra parte os Portuguezes ostos em movimento, Ayres Correa, rmaõ de Antonio guiando a vanguar-la composta de 70 homens, pela maior arte gente distincta, deixou-se hum ouco levar da vivacidade do seu anino: e seguindo o methodo que os Portuguezes entaõ tinhaõ de comba-er sem ordem, arrebatados pelo seu mpeto, deo sobre os inimigos de fu-ia com os seus, que tendo-se deman-lado para fazerem cara à multidaõ, foraõ mui maltratados, sendo muitos feridos, e principalmente Ayres Cor-rea que foi ferido com muitas flexas, e o teriaõ matado, a naõ ser o soccorro d'alguns valerozos, que o rodea-raõ para o defenderem. Sobrevindo Antonio com o corpo de batalha passou a diante sem se deter, naõ lhe obstando o triste estado em que via seu irmaõ. Os entrincheiramentos inimigos foraõ ganhados; porém foi lógo precizo abandonallos, e ceder á força, e ao valor de Mocrim, que combaten-

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

ANN. de J. C. 1521.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

batendo na frente dos ſeus, naõ
intimidou, ainda que debaixo del
lhe mataraõ dois, ou tres cavallos,
naõ deſcanſou ſe naõ depois de rech
çar os Portuguezes já victoriozos.

O exceſſivo calor do dia obrigan
do os dois partidos a fazer huma e
pecie de tregoa para reſpirarem, cad
hum cuidou nos ſeus feridos. Ma
deſcançando hum pouco, Antonio Co
rea tornando ao porto, o combat
ſe renovou com mais furor. A victo
ria eſteve muito tempo duvidoza, en
quanto Mocrim pôde animar as tropa
com a ſua prezença; porém receben
do hum tiro, de que morreo tres dia
depois, foi obrigado a mandar-ſe le
var para fóra da refrega, entaõ o
ſeus enfraqueceraõ, e ſe pozeraõ en
fugida. Seraf ociozo até entaõ, ſe a
preſſou para vir tomar parte no deſ
pojo, antes que na victoria. Corre
diſſimulando o que naõ podia punir
o deixou ſatisfazer hum pouco á ſu
cubiça, e o mandou em ſeguiment
dos fugitivos que buſcavaõ o Rein
de Laſah. Seraf os alcançou, e vol-
tou com a cabeça de Mocrim, que
ſendo embalſamada, foi enviada ao
Rei d'Ormuz. Eſte Principe eſtimou
muito iſto, e a fez colocar em hum
monu-

onumento que erigio na ſua Capital m huma inſcripçaõ em lingoa Perna, e traduzida na Portugueza, pa- immortalizar a gloria deſta Naçaõ.

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

Tendo ſubmetido Correa as duas as de Baharem, e de Catife, e ndo alli deixado Seraf, tornou a muz, onde foi igualmente recebi- do Rei, e do General, como erecia ſer. Por ſer iſto verdadeiraente huma bela acçaõ d'armas, que e fez dar o ſobrenome de Baharem, qual ElRei de Portugal concedeo pois hum novo ſinal de honra, rmitindo-lhe ajuntar huma cabeça Rei ao antigo brazaõ das armas ſua caza.

O Governador cubiçozo de tor- r á India, tendo licença d'ElRei, fez á vela, e veio apparecer dian- de Diu, fazendo ſempre cara de oſeguir o projecto de conſtruir alli ıma Fortaleza. As coiſas tinhaõ alli udado bem de face, e teve entaõ otivo para ſe arrepender do paſſado. ui Fernandes tinha vindo da ſua mbaixada ſem ter conſeguido nada. ernando de Beja tinha declarado guer- em todas as formas, e tinha cor- do ſobre alguns navios de Cambaia, ue tinha tomado; mas eſte dezafio lhe

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

lhe custou caro. As fustas de Me
que Jaz, commandadas por Aga Ma
mud, lhe cahiraõ em sima, e achar
do a sua pequena esquadra separac
em hum tempo de bonança, Mahmu
achando seus navios hum atras do o
tro, os attacou com tanto vigor, qu
meteo a pique Pedro d'Utel, e mal tr
tou de modo a Caravela de Nur
Fernandes de Macedo, e o Galiaõ c
Fernando de Beja, que teriaõ tido
mesma sorte de Utel, se hum vent
fresco, terminando a calma, na
obrigara Aga a retirar-se.

Beja reparando-se hum pouco n
porto de Chaul, veio á prezença c
Sequeira segundo as ordens que tinh
Encontrou-o na altura de Diu, e lh
deo estas tristes noticias, que o aflig
raõ por extremo. O General julgo
remediar tudo, tomando disignio c
fundar em Madrefaba, sinco legoa
abaixo de Diu. Porém além de Me
lique Jaz, que alli tinha tido fortu
na, ter fortificado este posto, fo
tambem impedido por outro acontec
mento. Os Mouros d'uma embarca
çaõ que tinha tomado, e que tinh
feito passar para á de Ayres Corre
seu irmaõ, onde estavaõ todas as coi
sas necessarias para esta Fortaleza, na

poden-

dendo sofrer o captiveiro deitáraõ
go á polvora, e fizeraõ voar o na-
, embaraçando-se pouco de morrer,
m tanto que fizessem morrer com si-
aquelles, que consideravaõ seus in-
stos opressores. Deste modo servio
uco a Ayres Correa ter ganhado
uita gloria em Baharem, e lhe te-
sido mais vantajozo morrer no cam-
da batalha, do que sobreviver pou-
s dias para ter hum taõ triste fim.

O General naõ podendo conse-
ir o seu projecto, mudou tambem
pensamento, e resolveo fundar a
rtaleza em Chaul. Nizamaluco con-
ntio nisso, e lhe adiantou mesmo a
ecuçaõ. Devia tirar d'ahi muitas van-
gens, e com isto tinha a doce sa-
façaõ de fazer despeito a Melique
z, com quem estava actualmente em
erra. Siqueira aproveitou-se da oc-
ziaõ com gosto, e apressou a obra
m todo o seu poder, porque soube
taõ da chegada do seu successor. A
rtaleza foi fundada meia legoa dis-
nte da Cidade na embocadura do
da parte do Norte, e em pouco
mpo se pôz em estado de ser leva-
á sua inteira perfeiçaõ, sem temer
da da parte dos inimigos, os quaes
stavaõ ainda embargados por huma
obra

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

obra avançada que defendia os tra lhadores.

ANN. de J. C. 1521.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

Esta Fortaleza, que criaõ, de arruinar absolutamente o commer de Cambaia, era muito prejudicial interesses de Melique Jaz, para elle naõ fizesse todos os seus esforç para a impedir. Aga Mahmud inf gavel nos seus corsos favorecia ta bem suas intençoẽs, que naõ deixa passar alguma occasiaõ de attacar Portuguezes. Meteo logo a pique navio de Pedro da Silva de Meneze que voltava d'Ormuz, e estava pr tes a entrar na barra de Chaul; que D. Aleixo de Menezes, que nha vindo de Cochim, e que por dem do Governador hia a encont lo, lhe podesse dar algum soccorr por cauza da calma que encontr Soberbo com esta acçaõ o Aga, co tinuou ainda mais de 20 dias succe vos a affrontar as duas galeras, q commandava Fernando de Mendonç e D. Jorge de Menezes, aproveita do-se tambem do vento, e dos mare porque D. Aleixo de Menezes n lhe podia fazer nada, e porque e varejava á sua vontade as duas galer sobre as quaes a sua artilheria leva sempre vantagem.

Sique

Siqueira que se achava lá no es-
eito, e a quem esta pequena guer-
naõ dava muita honra, sentindo
a auctoridade pouco respeitada, de-
ois que sabiaõ que tinha já suc-
essor, desejozo além disto do tem-
da partida dos navios, que deviaõ
aze-lo a Portugal, se dispoz a partir
ara Cochim, deixando Henrique de
lenezes seu sobrinho para comman-
ar no Forte de Chaul, e Fernando de
eja para General do mar com dois
alioés, tres galeras, huma fusta, e
um bargantim, com o que estava em
tado de fazer cara a Aga.

Ann. de J. C. 1521.

D. Manoel Rei

Diogo Lopes de Siqueira Governador.

Apenas o General entrou no mar
vento lhe escaceou, e se vio obri-
ado a ancorar distante hum tiro de
anhaõ do sitio onde estava Fernando
e Beja com a sua pequena frota. Fa-
orecendo a calma a confiança de Mah-
ud, esteve este logo a braços com
eja á vista do General, a quem hum
ento, que se levantou da terra, im-
edio de fazer o menor movimen-
em favor dos seus. Todo o es-
rço do combate cahio logo sobre a
lera de Andre de Souza, que foi
uito maltratada pela artilharia, até
ie D. Jorge de Menezes chegou em
u soccorro, e fez retirar hum pou-

ANN. de J. C. 1521.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

co as fuſtas de Aga, onde cauzou a guma deſordem. Fernando de Beja que tinha paſſado do ſeu galiaõ pa á galera de Fernando de Mendonça ſobrevindo com tres chalupas bem a madas, e hum eſcaler, os inimigos pozeraõ em fugida, naõ obſtante esforços de Aga, que fez quanto pó de para os reter.

Porém enfurecendo-o ainda mais vergònha deſta fugida, voltou no out dia com maior furor. E como naõ acho mais do que as duas galeras, porqu André tinha tido ordem de hir app recer ao Governador com a má equ pagem em que os inimigos o havia deixado, Aga teve mais vantagem e o combate foi mais cruento, q no dia precedente. Aga ſe lançou galera de D. Jorge de Menezes, p ra á qual Fernando de Beja havia pa ſado. Beja combatendo valerozame te alli o mataraõ rodeado dos ſeus que pela maior parte foraõ feridos a galera ficou crivada pelo continu fogo do inimigo. D. Jorge de M nezes longe de ſe aſſuſtar animand o valor dos ſeus, fez huma taõ be manobra, que os inimigos intimid dos, faraõ os primeiros a retirar- com grande admiraçaõ de todo o p

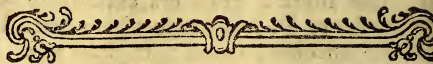
vo,

vo, que ſobre a praia era expectador do combate. D. Jorge todo altivo deſta retirada ancorou, como para dizer que era ſenhor do campo da batalha, e fez empavezar a ſua galera para anunciar a victoria. Porém de tarde com Juſam, foi dar conta ao General das perdas que tinha tido, e da terrivel ſituaçaõ em que a artilheria do inimigo tinha poſto a ſua galera, que inteiramente eſtava incapaz de ſervir. Beja foi muito chorado, e na verdade o merecia ſer. Antonio Correa foi deixado em ſeu lugar até á chegada de D. Luiz de Menezes, irmaõ do novo Governador General, que tinha provizoẽs de General do mar. Siqueira tendo depois partido para Cochim, achou ahi D. Duarte de Menezes já de poſſe da Fortaleza, e apoderado do Governo, ſem outra formalidade mais do que algumas demonſtraçoẽs de civilidade, que naõ ſignificavaõ nada. Depois do que Siqueira partio com os navios de carga para Portugal, para onde dizem havia já enviado muito dinheiro antes de vir. Accuſaõ-no com effeito, ſeja verdade, ou inveja, de naõ ſe ter deſcuidado, e de ter feito melhor os ſeus negocios, q̃ os d'ElRei ſeu Senhor.

ANN. de J. C. 1521.

D. MANOEL REI

DIOGO LOPES DE SIQUEIRA GOVERNADOR.

Fim do ſetimo Livro.

HISTORIA DOS DESCOBRIMENTOS E CONQUISTAS DOS PORTUGUEZES, NO NOVO MUNDO.

LIVRO VIII.

Ann. de J. C. 1521.

D. JOAÕ III. REI.

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

A Morte d'ElRei D. Manoel que foi no fim do anno d 1521 submergio Portugal em profunda tristeza na maio força das suas prosperidades: huma molestia de nove dias o lançou na sepultura aos 53 annos de sua idade, e no principio do 27 do seu reinado Naõ foi sem razaõ que lhe chamaraõ o filho da fortuna, tendo chegado a

Co-

Ann. de J. C. 1521.

D. Joaõ III. Rei.

D. Duarte de Menezes Governador.

Coroa, donde parecia apartado pelos Principes que o precediaõ, e tendo-o levantado depois ao ponto o mais brilhante de seu esplendor. A perda do filho da sua primeira mulher lhe fez faltar esta celebre successaõ, que causou depois a elevaçaõ da caza d'Austria; porém elle teve com que se consolar pelos seus descubrimentos, e conquistas no novo Mundo. S'elle foi o filho da fortuna, naõ o foi certamente d'uma fortuna cega. Este Principe tinha verdadeiramente as qualidades heroicas, que formaõ os grandes homens; e o seu Reino, que elle fez florecer por tantos modos, gozou todas as vantagens, que pode procurar hum Rei, que he digno de o ser. D. Joaõ III. seu filho de idade de 20 annos subio ao Throno depois delle, e se mostrava herdeiro de suas virtudes, principalmente do espirito de Religiaõ, que lhe grangeou o apelido de Piadozo.

D. Duarte de Menezes naõ tinha ainda tomado posse do seu governo, quando morreo ElRei: naõ entrou nelle se naõ no mez de Fevereiro do anno seguinte: porém a noticia desta morte só chegou ás Indias, quasi no meio deste mesmo anno; aonde naõ dei-

Ann. de J. C. 1522.

D. João III. Rei.

D. Duarte de Menezes Governador.

deixou de levar alguma mudança nas fortunas, assim como de ordinario acontece na mudança de Senhor. O Governador principalmente se perturbou com ella, porque sentia bem que o grande favor que seu pai tinha tido d'ElRei defunto, de quem era Mordomo Mor, naõ se conservaria com o novo Monarca.

No principio se havia apoderado do Governo por via de facto, como homem que conta sobre o seu credito. O primeiro acto que fez da sua jurisdiçaõ, foi d'enviar a Chaul seu irmaõ D. Luiz de Menezes, e de tirar o Governo desta Praça a Henrique de Menezes sobrinho de Siqueira, para o dar a Simaõ d'Andrade. Muitas pessoas se offenderaõ com este dispotismo d'autoridade, que fazia huma afronta a seu predecessor, tanto mais que este tinha autoridade de nomear hum Governador, até que a Corte nisso provesse. D. Duarte córou a sua conducta, dizendo que neste emprego se precizava de hum homem de reputaçaõ, como era Simaõ d'Andrade, que além disso se offerecia a armar, e sustentar á sua custa seis galeras do numero de doze, que o General queria pôr no

mar

iar contra as fuſtas de Melique Jaz. Porém a verdadeira razaõ era por ſer obre o ſobrinho de Siqueira; pelo ontrario Simaõ d'Andrade, que ſe tiha enriquecido muito na ſua viagem a China, e que havia prometido a). Duarte de eſpoſar huma filha naural, que elle tinha em Portugal.

Ann. de J. C. 1521.

D. João III. Rei.

D. Duarte de Menezes Governador.

Os Portuguezes de Chaul eſtaaõ ſempre opprimidos. Aga Mahmud quem a retirada de Siqueira fez mais alente, tinha ido aprezentar-ſe á bara com as fuſtas, para obrigar Antoio Correa a expor-ſe a huma acçaõ. Ello o varejou com muita valentia. Correa, por falta de muniçoẽs, ſe poz ıa defenſiva atirando mui devagar, or naõ extinguir as poucas que lhe eſtavaõ. Aga tendo tomado ainda mais confiança, intentou tomar hum dos reductos que defendiaõ a entrada da barra. A iſſo tinha ſido ſolicitado por hum dos mais conſideraveis Mouros de Chaul, que chamavaõ tambem Mahmud. Pedro Vaz, antigo Official, que tinha ſervido em Italia, commandava no reducto, onde naõ tinha mais que trinta homens. O Aga pôz a ſua gente em terra, que eraõ 300 voluntarios, quaſi todos peſſoas qualificadas, ſem que os do reducto

os

ANN. de J. C. 1521.

D. JOAÕ III. REI.

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

os podessem perceber. Aquelles tendo-se escondido a traz d'uma eminencia, que dominava o reducto, pelejaraõ logo, que poderaõ ser descubertos. A acçaõ foi das mais vivas. Pedro Vaz, e os mestres artilheiros foraõ mortos: os outros se defenderaõ com todo o valor que se pode imaginar, e depois da acçaõ acharaõ que tinha no seu broquel até 27 flexas. Fora precizado a ceder á força, se Correa lhe naõ tivesse enviado 60 homens em dois bateis bem armados, que dividiraõ da sua sorte em seu favor. O Aga admirado da morte dos dois Chefes deste partido, e de quasi 90 homens estendidos na praça, tomou o partido de se retirar. O traidor Mahmud, crendo que ignoravaõ a sua perfidia, enviou felicitar Correa desta victoria, e lhe fez levar refrescos. Correa por resposta lhe enviou as cabeças dos seus Deputados, e fez pendurar-lhes os corpos nas vergas dos seus navios.

D. Luiz de Menezes chegou durante este tempo: Correa, coroado d'uma nova gloria por esta nova vantagem, lhe entregou o governo da frota, e foi ainda a tempo de se embarcar com Siqueira seu tio, nos navios

os de carga. Melique Jaz ſabendo da
egada de Menezes, e temendo ain-
. mais Simaõ d'Andrade, que tinha
chegado a Chaul, havia obrigado
ı ſua derrota a Cidade de Dabul a
e entregar duas galeras inimigas, e
pagar hum tributo annual á Coroa
Portugal, chamou o Aga, e as ſuas
ſtas, e enviou pedir paz ao novo
overnador, deſculpando-ſe do paſſa-
com a má conduta de Siqueira ſeu
edeceſſor. D. Duarte lha concedeo
melhor vontade, do que ſe ſuſci-
ſſe huma nova guerra, cujas conſe-
encias tinha razaõ de temer.

Ann. de J. C. 1522.

D. Joaõ III. Rei.

D. Duarte de Menezes Governador.

Houve ainda aqui hum effeito da
biça coberto com as apparencias do
m publico. O Rei d'Ormuz naõ
gando, e nem podendo pagar o
buto pela diminuiçaõ das ſuas ren-
s, como já diſſemos, alguns parti-
lares avizaraõ á Corte de Portugal,
ıe iſto era pela má adminiſtraçaõ
s rendas deſte Principe, o qual era
ubado pelos Miniſtros que o gover-
vaõ. Ainda que huma das condi-
ẽs do tratado, que tinhaõ feito com
le, foi que naõ ſe embaraçariaõ com
negocios do ſeu Governo, com
do o cazo tendo ſido propoſto em
ortugal aos Doutores, todos reſpon-
de-

derão unanimemente, que ſendo o Re
no de Ormuz tributario á Coroa, E
Rei de Portugal era abſolutamente
Senhor dos Eſtados deſte Principe.

Ann. de J. C. 1522.

D. João III. Rei.

D. Duarte de Menezes Governador.

Sobre eſta diviſaõ D. Manoel er
viou ordens ao Governador General
que pozeſſe Portuguezes em todas a
alfandegas do Reino de Ormuz, com
ſe os Portuguezes eſtando huma ve
neſtas alfandegas, naõ podeſſem rou
bar o Principe, aſſim como o tinha
feito os Officiaes Arabes, ou Perſas
que alli eſtavaõ dantes já, que rouba
vaõ tambem o meſmo Rei de Portu
gal. Eſtando Siqueira em Ormuz exe
cutou as ordens d'ElRei ſeu Senho
contra o ſeu proprio ſentimento. Iſt
tinha grandes dificuldades; porém co
mo Torun-Cha Rei d'Ormus preciſa
va entaõ do ſoccorro dos Portugue
zes, para tornar a conquiſtar as Ilha
de Baharem, e de Catife, tomou
partido de diſſimular, e de ſubmeter
ſe. A diſſimulaçaõ ſervio ſó de aug
mentar o mal, porque depois da par
tida de Siqueira os novos Feitores d
Alfandega naõ deixaraõ de dar mui
tos motivos de queixa: por outra par
te os Miniſtros do Rei d'Ormuz achan
do occaſiaõ de o irritarem exceſſiva
mente, eſte Principe d'acordo con
el-

es, tomou a resoluçaõ de fazer as-
inar todos os Portuguezes, n'um
esmo dia, e á mesma hora, em
da a extençaõ dos seus Estados.

O negocio foi conduzido com
uito segredo, e artificio. Porque pa-
melhor conseguirem o seu designio,
para enfraquecerem os Portugue-
s, persuadiraõ a Manoel de Souza
ivares, que commandava sobre esta
osta, que fosse ao encontro dos
autaques, ou Balòches, corsarios Ara-
s, os quaes infestavaõ estes mares
tempo da monçaõ. Apenas Sou-
partio arrebentou a conjuraçaõ pe-
attaque de dois navios, que resta-
õ no porto. O fogo que lançáraõ
primeiro, foi o sinal de assacina-
m os Portuguezes. Alli morreraõ
, sem fallar dos escravos de am-
os os sexos, em Ormuz, Curiate,
oar, Baharem, e n'outras partes.
ui Boto mais felis do que os outros
a infelicidade commum, acabou por
um gloriozo martyrio em Baharem,
ndo estimado mais sofrer todas as
ortes de tormentos, que renunciar
sua Religiaõ para abraçar a lei de
Iahomet. Só o Governador de Mas-
ate naõ quiz executar as ordens san-
uinarias do seu Principe, e avizou a

Ann. de J. C. 1522.

D. Joaõ III. Rei.

D. Duarte de Menezes Governador.

Ma-

Ann. de J. C. 1522.

D. Joaõ III. Rei.

D. Duarte de Menezes Governador.

Manoel de Souza Tavares de tudo que ſe urdia, o que logo o obrigo a retroceder.

D. Garcia Coutinho Governado da Fortaleza d'Ormuz, antevendo be que o menor mal que tinha para t mer, era a fome, e ſede em quant duraſſe hum ſitio dificil a ſupportar com a pouca gente que tinha eſcap do ao aſſacinio, fez partir com pre huma caravela, para avizar o Gove nador General do eſtado em que achava. Com tudo Souza ſe apreſſ va para tornar a Ormuz. Huma tem peſtade o ſeparou de Triſtam Vaz, qu no ſeu paráo paſſou pelo meio da fro dos inimigos, compoſta de mais de 16 *Terradas*, de que naõ recebeo damn algum; ou foſſe por naõ ſer percebid ou por ter a felicidade de ſofrer todo fogo delles, ſem receber prejuizo. Ma noel de Souza tendo depois ancorad na diſtancia de duas legoas da Cidade o perigo a que Coutinho o vio ex poſto, fez com que elle ſe determi naſſe a enviar à ſua prezença Triſtan Vaz, que teve tambem o valor d paſſar pelo meio da frota inimiga pa ra hir ter com elle. Torun-Cha en colerizado com a fraqueza dos ſeus que naõ ouſavaõ abordalo, fez pô

dian-

.nte de ſi ſobre duas mezas duas
cias. Huma eſtava cheia d'oiro, e
outra de joias, e adornos de mu-
:res para excitar-lhes o valor com
a viſta, que era o ſimbolo de du-
cada recompença. Com effeito eſta
ta animando os brios dos mais fra-
s, toda eſta frota ſe pôz em mo-
nento. Naõ obſtante todos os ſeus
orços, os dois naviõs abriraõ paſ-
;em, e vieraõ colocar-ſe no por-
, debaixo do fogo da Fortaleza;
rém taõ cheios de flexas, que eſta-
ɔ cobertos dellas, de modo que ti-
:aõ de que fazer fogo por muitos
.s.

Ann. de J. C. 1522.

D. Joaõ III. Rei.

D. Duarte de Menezes Governador.

A Fortaleza tendo ſido depois at-
ada da parte da terra por dois me-
: ſucceſſivos, porém ſem muito ef-
to, Torun-Cha irritado por huma
rte contra os Miniſtros, que o ti-
aõ metido neſte máo negocio, e te-
ndo pela outra ainda mais o caſti-
devido á ſua traiçaõ, tomou a mais
tranha reſoluçaõ do mundo, que foi
xar a Cidade d'Ormuz, e hir eſ-
ɔelecer-ſe na Ilha de Queixome,
e diſta dalli ſó tres legoas, e tem 15
longo, no ſeguimeuto da terra da
ɔſta de Carmania. Para o que pu-
cou hum edicto com pena de mor-
te

Ann. de J. C. 1522. D. Joaõ III. Rei.

D. Duarte de Menezes Governador.

te a cada hum dos seus vassallos p
ra se embarcarem com todos os se
bens para o seguirem. Posto que es
determinaçaõ extravagante encheo
Cidade de disgosto, foi obedecido. C
Officiaes, que deixou para fazere
executar as suas ordens, enganara
tambem o Governador da Fortaleza
que naõ conheceo o disignio do Pri
cipe, se naõ quando o mal naõ tinh
remedio, e que vio toda a Cidade e
fogo. Entaõ temendo algumas silada
e naõ ousando enviar alguem para s
ber o que se passava, esta Cidade s
berba pela beleza dos seus edificios
esteve á descripçaõ das chamas, que
destruiraõ em quatro dias, e quat
noites. Espectaculo digno de compa
xaõ, e capaz de arrancar lagrimas. C
Portuguezes perdido o medo quasi n
fim deste incendio, esperaraõ ainda
char nelle de que satisfazer á sua cub
ça, e se lançaraõ por entre as cham
para a contentar. Porém tiradas a
gumas provizoens de boca, que na
foraõ inuteis, naõ acharaõ mais do qu
cinzas, e carvaõ.

Torun-Cha tornou a si, naõ po
dia deixar de se arrepender do mal qu
tinha feito a si mesmo. Além dos in
commodos ordinarios a todo o nov
esta-

tabelecimento, bem de preſſa ſe vio duzido na ſua Ilha á todas as mi-rias, que ſofriaõ os Portuguezes em anto durou o cerco. Porém eſtes raõ os primeiros a ſoccorrelo. D. arcia Coutinho, tendo intereſſes peſ-aes que ajuſtar com eſte Principe, trou com elle em ſecreta correſpon-ncia, e lhe deo todas as inſinua-ões neceſſarias tocante á maneira com e ſe devia comportar para fazer a a paz com Joaõ Rodrigues de Noro-ha, que vinha para lhe ſucceder no overno da Fortaleza, e que eſpera-õ todos os dias. Pouco depois D. onçalo Coutinho primo de D. Gar-a ainda fez pior; porque tendo ſi-o deſpachado por D. Luiz de Me-ezes, para annunciar da ſua parte o ccorro, que elle conduſia em peſ-a, foi carregar-ſe de proviſoẽs a Maſ-te, e as foi vender ao Rei Torun-ha a Queixome, antes de hir a Or-uz, onde a ſua chegada naõ deixou e cauzar muita alegria. Eſta prevari-çaõ fez muito prejuizo a ElRei de ortugal; porém he aſſim que quaſi empre os Reis ſaõ ſervidos por vaſ-los entereſſeiros.

Ann. de J. C. 1522.

D. Joaõ III. Rei.

D. Duarte de Menezes Governador.

Com tudo Torun-Cha naõ tardou n ſer a victima da ambiçaõ, e da divi-

Ann. de J. C. 1522. D. JOAÕ III. REI. D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

divifaõ dos feus. Rais Seraf zelof
da autoridade que tinha tomado Mah
mud Morad, de quem o Rei via
mulher com muita privança, e qu
com o favor defte fraco Principe, t
nha tomado quafi toda a auctoridade
fez afogar o Rei fecretamente, e pô
fobre o Throno em feu lugar a Cha
Pat-Cha Mahmud, hum dos filhos d
defunto Rei Ceifadim. Morad, qu
conheceo bem depois defta acçaõ qu
para elle naõ havia outra falvaçaõ f
naõ na fugida, abandonou a parte a
feu concorrente, o qual fe vio com
hum Rei pupilo fó Senhor do Efta
do, como o havia fido feu pai Nor
dim depois da morte do Rei Hamed

D. Luiz de Menezes fabendo n
fua derrota huma parte deftas coifas
e o fim tragico defta revoluçaõ, fo
ancorar defronte da Ilha de Quei
xome. Seus Capitaẽs eraõ de pare
cer que elle a deftruiffe bem, como
o podia fazer facilmente, porém D
Luiz temendo a defefperaçaõ de Se
raf, que fazia femblante de fugir com
o Rei para o interior das terras, e
conhecendo de que importancia era
obrigar efte principe a tornar para Or-
muz, defprezou os pareceres dos feus
Officiaes, e nem fequer fe dignou
cha-

amar a Conselho. Com tudo dese-
u bem causar alguma desordem no
overno desta Corte, por má vonta-
á Seraf, que lhe era odiozo, e de
em temia igualmente os artificios,
as desconfianças. Para este effeito
licitou dois Cheques visinhos, e tri-
tarios do Rei d'Ormuz, que lhe
ometeraõ logo de excitar algum mo-
mento, e depois lhe faltaraõ á pa-
vra. A negociaçaõ com tudo corria
u curso entre Seraf, e elle. Final-
ente regularaõ, que o Rei tornaria
ra Ormuz, e que pagaria d'alli em
ante 25ꝏ serafins d'oiro de tribu-
, e que seria compensado todo o pre-
izo que tinha sido feito aos Portu-
ezes; porém que estes tirariaõ os
ficiaes, que tinhaõ nas alfandegas,
naõ se embaraçariaõ mais com os
gocios do Governo.

Assignado o tratado, Cha-Mah-
ud enviou prezentes de consideraçaõ
n joias, e peças preciozas para El-
ei, e a Rainha de Portugal, para o
overnador das Indias, e para D.
uiz. Porém D. Luiz em toda a sua
nducta, mostrou hum desenteresse
gno de admiraçaõ. He verdade que el-
naõ ousou recusar o presente do
ei d'Ormuz, porém naõ o quiz re-

 ce-

ceber para si, e o fez ajuntar ao pre-
sente destinado para á Corte de Por-
tugal. Eu estou persuadido que D.
Luiz seguio nisto os sentimentos que
lhe inspirava a nobresa do seu sangue.
Eu creio com tudo que estes sentimen-
tos foraõ hum pouco despertados nelle
por huma carta que elle recebeo de
Ignacio de Bulhoês feitor d'Ormuz.
Este homem que havia sido criado em
casa do Prior do Crato pai de D.
Luiz, usando da auctoridade que com-
mummente tomaõ os antigos crea-
dos acreditados, lhe escreveo huma
carta, que chegou primeiro que elle,
e na qual lhe dizia com huma liber-
dade nunca assás louvada, que os Mi-
nistros dos Reis d'Ormuz eraõ pessoas
a quem os maiores crimes naõ custa-
raõ nada, porque estavaõ na posse de
os lavar com o seu dinheiro. Porém
que conhecendo o seu modo de obrar
ousava lisongear-se de que elle naõ
quereria manchar o seu sangue, nem o
seu nascimento obrando como os ou-
tros. Esta carta fez o seu effeito em
D. Luiz mais do que em D. Duarte seu
irmaõ, que quando elle veio depois
á Ormuz, deo suspeitas de que tinha
seguido outras maximas, o que irri-
tou por modo D. Luiz, que quebran-
do com elle, se separou. D.

Ann. de J. C. 1522.

D. Joaõ III. Rei.

D. Duarte de Menezes Governador.

D. Luiz com tudo me parece que
ufcou o bem que tinha feito por
ıma parte, com a traiçaõ que fez
ela outra. Porque antevendo bem
ıe Seraf naõ cumpria o principal ar-
go do tratado, que era de recondu-
o Rei para Ormuz, entrou em ne-
ciaçaõ fecreta com Rais-Cha-Mifir
rente de Seraf, aquelle mefmo de
em Seraf fe tinha fervido para afo-
r o Rei Torun-Cha. Prometeo-lhe
zello Xabandar d'Ormuz, fe elle qui-
ffe affacinar Seraf, e Rais Sabadim,
ı cujas maõs refidia toda a auctori-
de do moço Rei. Cha-Mifir efcu-
u a propofiçaõ; porém naõ podendo
ecutar o negocio em quanto a fro-
Portugueza eftava no porto, por
ufa das cautelas que tomava Seraf
ra á fua confervaçaõ, naõ pôde em-
nhar-fe em quanto o tempo lhe naõ
ffe comodidade. Ifto obrigou D. Luiz
tornar para ás Indias, onde perfua-
o Governador feu irmaõ a hir pef-
ılmente a Ormus, para alli confu-
ır o que fó havia delineado, e pou-
depois elle mefmo fe expedio para
mar Roxo.

ANN. de J. C. 1522.

D. JOAÕ III. REI.

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

Cha-Mifir cumprio a palavra. Tan-
que Seraf, e Sabadim viraõ que a
ta fe partira, julgaraõ-fe em liber-

Ann. de J. C. 1518.

D. João III. Rei.

D. Duarte de Menezes Governador.

dade, e naõ tiveraõ tanta cautela na
ſuas peſſoas. Entaõ Cha-Miſir aprove
tando-ſe da occaſiaõ, foi aſſacina
Sabadim, que foi o primeiro que cahi
nos ſeus laços. Seraf intimidou-ſe tan
to diſto com a primeira noticia qu
teve, que ſe ſalvou de caſa em caſa
como hum homem que vai fugindo
juſtiça. Com tudo tornando à ſi, vol
tou para ſua caſa, fez carregar os ſeu
theſouros em huma *Terrada*, po-lo
em ſeguro, foi atrevidamente ſalvar-ſ
entre as maõs dos Portuguezes, e to
mou a Fortaleza delles por aſilo. Cha
Miſir ficando Senhor da Corte pela re
tirada de Seraf, fez eſcrever a Noro
nha, Governador da Fortaleza d'Or
muz, em nome do Rei, e ſeu, par
prender Seraf como culpado d'uma lon
ga ſerie de crimes, dos quaes lhe en
viava a liſta. Inſtruia-o depois de tu
do o que ſe tinha paſſado entre D
Luiz, e elle. Seraf foi retido por cau
ſa deſtas cartas, e conſtituido preſio
neiro na torre, a iſto ſe ſeguio a vin
da do Rei para Ormuz. Porém Sera
taõ culpado como era achou meio d
fazer a ſua cauſa boa. Noronha ſe fez
meſmo o ſeu maior partidiſta, e quan
do D. Duarte de Menezes chegou
Noronha o obrigou a ver ſecretamen-
te

o seu presioneiro, com o que elle ncluio o restabelece-lo em todas as as honras, alcançando 200$ ferais, de que daria logo metade, e o sto a pagar em diversos termos, e augmento do tributo annual até a $ serafins. Peso enorme que o Esdo naõ podia supportar no seu esendor, e que muito menos o podia frer naquella occasiaõ, que estava gotado, e arruinado. Porém o proio do enteresse he cegar. Por este odo Seraf, o inimigo mortal dos Porguezes, foi restabelecido pelos Porguezes mesmo, e Cha-Misir, que os nha servido, foi obrigado com as suas eaturas a prover na sua salvaçaõ pemeio da fuga.

Ann. de J. C. 1522.

D. Joaõ III. Rei.

D. Duarte de Menezes Governador.

D. Luiz de Menezes tornando Ormuz ás Indias, perdeo hum dos us navios pelo máo tempo. Era comandado por Duarte d'Ataide, que nel- morreo com seu filho, e D. Garcia outinho, a quem Noronha tinha succdido no Governo d'Ormuz. D. Duar- de Menezes fazendo derrota para ta mesma Cidade, perdeo huma das as galeras por hum accidente, de que le naõ foi a causa, porém que oscou muito a sua gloria, e a da sua açaõ. Sebastiaõ, e Luiz de Noronha

Ann. de J. C. 1522.

D. JOAÕ III. REI.

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

nha ambos irmaõs, e commandand cada hum huma galera, estando dian te da frota do General, deraõ caff a hum navio de Reiner, Cidade d Golfo de Cambaia, que voltav do Reino de Pegu carregado de ri quezas, e se achava na passagem d Diu, para onde mostrava hir. Os doi irmaõs chegando-se a elle, o varejara com a sua artilheria até á entrada d noite, contentando-se entaõ de o te rem á vista, e assentando toma-lo n outro dia. O navio estava taõ criva do, que corria rez d'agua. Os que esta vaõ dentro sentindo o perigo, salva raõ-se por hum estratagema dos mai attrevidos. Elles fizeraõ encostar o se navio a huma das galeras em que s ouvia menos estrepito, pela verga s escorregaõ para dentro, e logo ás pe dradas, e com flexas encostaraõ os Por tuguezes á poupa, que sem fazerem a menor resistencia, se lançaraõ a mar para ganharem a galera de Luiz de Noronha. Tendo este recolhido hu ma parte destes infelices, entre os quaes estava seu irmaõ, podéra facil mente recuperar a galera perdida, po rém faltou-lhe a lembrança, ou o va lor. Os Mouros mais altivos com es ta presa, do que aflictos com a perda

do

o seu navio, condusem a sua presa a Diu, onde Melique Saca fazendo trofeo desta vantagem, quiz que a galera fosse metida em hum arsenal, como hum monumento eterno da sua gloria, mostrando esta galera a todos os estrangeiros, a quem persuadia que ella tinha sido tomada pelos suas fustas. Concebeo além disto tanto desprezo a respeito do General, que desde entaõ começou os seus corsos, e piratagens. O Melique Jaz seu pai tinha morrido alguns tempos antes; homem digno de viver para sempre na historia pela rara prudencia, que o fez taõbem negociar todos os tempos com os Portuguezes, que fez sempre com elles a guerra, ou a paz a seu proveito, e soube merecer-lhes a estimaçaõ, logrando-os sempre.

Ann. de J. C. 1522.

D. Joaõ III. Rei.

D. Duarte de Menezes Governador.

Os negocios sentiaõ por outra parte a fraqueza do Governo. O Idalcaõ, que tinha feito a sua paz com o Rei de Narsinga, tornou a entrar pouco a pouco na posse das alfandegas da terra firme, de que os Portuguezes se tinhaõ assenhoreado. Francisco Pereira Pestana Governador de Goa, posto que muito bom Official naõ o pôde impedir, sem embargo de algumas pequenas vantagens, que teve

ANN. de J. C. 1522.

D. JOAÕ III. REI.

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

ve em differentes occafioẽs. Porém o que alli caufou maior incomodo, fo que a duraçaõ defte homem fez defer tar de Goa muitas familias, que efti máraõ antes hir eftabelecer-fe noutra parte do que viver debaixo das fua ordens. O Governador General naõ ignorava as queixas que faziaõ contra Peftana; porém elle fechava os ouvidos aos gritos do povo, comprado pelos prefentes, e bons regalos que Peftana lhe havia feito.

De todos os Officiaes que tinhaõ tido commiffoẽs da Corte para hir á China, e que todos fufpiravaõ por efta viagem, na efperança dos immenfos lucros, que alli podiaõ fazer, e de que tinhaõ exemplo em Pereftrello, e nos dois Andrades, Duarte deixou fó partir Martinho Affonfo de Mello Coutinho com huma efquadra de quatro navios, de que dois outros irmaõs de Coutinho, e Pedro Homem eraõ os Capitaẽs. Martinho Affonfo tendo chegado a Malaca, pôde tanto com os feus rogos, e com os de Jorge d'Albuquerque, que Duarte Coelho, e Ambrofio do Rego fe ajuntaraõ a elle para efta viagem, para á qual naõ tinhaõ inclinaçaõ. Coelho, que tinha tido parte nas extravagancias de *Simaõ*

d'An-

'Andrade, naõ ignorava a que pon- os Chinezes eſtavaõ irritados; co- hecendo bem a má recepçaõ que el- s deviaõ fazer-lhes. Com effeito lo- o que elles appareceraõ, o Manda- m guarda-coſta tendo aviſado á Can- ó da chegada delles, recebeo ordem os primeiros Magiſtrados de os perſe- uir á ferro, e á fogo, de naõ eſcu- r propoſiçaõ alguma da parte delles, de fazer os ultimos esforços para os eſtruir. Mello que ſó tinha no cora- ıõ o travar a boa correſpondencia entre duas Naçoẽs, ſofreo todo o esfor- o da frota Chineza ſem reſponder, ſe indignou contra Ambroſio do Re- o, que naõ tendo tanta paciencia fi- era jogar a ſua artilheria com baſtan- eſtrago dos navios, que ſe lhe tinhaõ oroximado muito. Porém vendo de- ois que a paciencia naõ lhe ſervia de ıda, Mello naõ teve mais do que dor para ſe vingar.

Ann. de J. C. 1522.

D. Joaõ III. Rei.

D. Duarte de Menezes Governador.

Os ſeus Capitaẽs naõ julgaraõ ſer til ajudar-lhe o valor, e foi elle origado a penſar na retirada; o que naõ pôde fazer taõ promptamente, taõ a propoſito, como ſe deſejava. erdeo alguma da ſua gente em huma guada. Por cumulo de diſgraça, o avio de ſeu irmaõ Diogo ſe perdeo pe- lo

ANN. de J. C. 1522.

D. JOAÕ III. REI.

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

lo fogo que faltou na polvora. O d
Pedro Homem foi tomado pelos ini
migos. Mello mefmo teve muito tra
balho para fe falvar com o refto, dei
xando aos Chinezes com o gofto d
o haverem pofto em fugida, e de f
aproveitarem dos feus defpojos, e d
fazerem muitos prefioneiros, dos quae
morreraõ alguns de fome nas prifoē
de Cantaõ. Elles evitaraõ em efta mor
te a fentença do Imperador, que o
condenava a ferem efquartejados, co
mo efpias, e como ladroēs. Sobre o
que, diz hum Autor Portuguez, que
os Chinezes lhes fafiaõ menor injuftiç
fobre o fegundo artigo, do que fobr
o primeiro. Houveraõ 23 que expe
rimentaraõ o rigor defta cruel fen
tença.

No feu retorno, Mello quiz da
huma vifta d'olhos á Fortaleza de Pa
cem, para ver fe lhe poderia fervi
d'alguma utilidade. O fucceffo moftro
quanto efta idéa era faudavel. Depoi
da morte de Jorge de Brito, o Re
d'Achem foberbo com a fua victoria
naõ tinha ainda depofto as armas
e fe tinha affenhoreado dos Reinos de
Pedir, e d'Aia. Tendo depois entra-
do no Reino de Pacem, alli fez hu-
ma conquifta tanto mais facil, por fer

o

Ann. de J. C. 1522.

D. João III. Rei.

D. Duarte de Menezes Governador.

Rei trahido pelos ſeus proprios vaſ-
alos; e por muita felicidade ſe pôde
alvar, ſem ſe ter podido valer do ſoc-
orro que lhe davaõ os Portuguezes,
ue vendo-ſe eſtes meſmos trahidos,
lli perderaõ 35 dos ſeus, e entre ou-
ros o ſeu Chefe D. Manoel Henri-
ues, irmaõ de André Governador da
ortaleza. O Rei d'Achem mais altivo
om eſta victoria, mandou citar eſte
ara entregar a praça, que fez inveſ-
ir logo, que recuſou entrega-la. Neſ-
as circunſtancias he que appareceo a
rota de Mello Coutinho, cuja ſó viſ-
a fez levantar o cerco.

Porém Mello tendo continuado a
ua derrota para ás Indias, os Portu-
uezes ſe acharaõ novamente emba-
açados. André Henriques pedia ſoc-
orro a Rafael Pereſtrello, que eſta-
a em Chatigam no Reino de Ben-
ala. O Official que Pereſtrello en-
iou, ſe fez traidor. Faltando os ſoc-
orros deſte, Henriques recorreo ao
Governador General, que lhe enviou
Lopo d'Azevedo para lhe ſucceder,
aſſim como o meſmo Henriques lho
inha pedido. Razoẽs peſſoaes d'ente-
eſſe tendo impedido a Henriques de
he entregar o governo da praça,
Azevedo ſe retirou como tinha vindo.

D.

ANN. de J. C. 1522.

D. JOAÕ III. REI.

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

D. André Henriques naõ deixava de se defender bem, e tinha tido tres vantagens assás consideraveis; porém a inquietaçaõ em que estava por causa dos seus effeitos, que elle temia perder, e a inveja de os pôr em seguro, tendo tomado o seu principal cuidado, embarcou-se, e deixou no seu lugar Ayres Coelho seu parente, que aceitou a commissaõ como homem valeroso. Henriques fazendo-se á vela para ás Indias, achou no seu caminho Sebastiaõ de Souza, e Martinho Correa, que hiaõ carregar ás Ilhas de Banda. O primeiro tinha tido ordem para hir construir huma Fortaleza na Ilha de S. Lourenço, ou de Madagascar no porto de Matatane, e naõ o podendo conseguir, porque o navio que levava os materiaes, tinha sido separado delle por huma tempestade, Henriques tendo-lhes dito o estado em que elle tinha deixado a Fortaleza de Pacem, elles julgaraõ serem obrigados a hirem soccorrela, em quanto o Governador desta mesma praça, cego pela sua ambiçaõ, trabalhava por se apartar della. Porém elle trabalhava por se apartar della. Os ventos contrarios o obrigaraõ a ceder.

O Rei d'Achem posto que admi-

ado da chegada defte foccorro, com
udo mais fe animou a fazer os ultimos
esforços para tomar a praça. Fez-lhe
lantar a efcalada huma noite. Tinha
3000 homens, muitos Elefantes, e lhe
ez applicar mais de 708 efcadas. Os
Portuguezes fe defenderaõ como he-
oes, e obrigaraõ os inimigos a reti-
ar-fe com perda de 2000 mortos. Ha-
ia 350 Portuguezes no forte, e vi-
eres para muitos mezes. Com ifto
quem fe perfuadiria que eftes valero-
os, que acabavaõ de fe affignalar por
huma acçaõ capaz de os immortalifar,
omaffem logo a refoluçaõ mais fraca,
e mais infenfata do mundo. Porque
endo concluido todos, que o forte naõ
podia confervar-fe, determinaraõ fa-
elo arrazar. Porém como cada hum
uidava mais em falvar feus bens do
que em outra coifa, o negocio foi taõ
mal executado, como concebido. O
fogo que elles lançaraõ na retirada,
foi logo apagado pelos inimigos. As
minas naõ puderaõ rebentar. As pe-
ças que tinhaõ carregado para as faze-
em arrebentar, naõ pegaraõ fogo, nem
izeraõ effeito algum. A perturbaçaõ,
o medo, a precipitaçaõ deftes fracos
fugitivos, eraõ taes, que elles fe me-
tiaõ na agua até o pefcoffo para fe
embar-

Ann. de J. C. 1523.

D. Joaõ III. Rei.

D. Duarte de Menezes Governador.

ANN. de J. C. 1523.

D. JOAÕ III. REI

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

embarcarem, conſtrangidos pelos Ilheos que atiravaõ ſobre ellas nuvens de flexas, e os inſultavaõ com horriveis alaridos, reprehendendo-lhes o ſeu terror panico. Bem longe finalmente de terem tempo para ſalvarem os ſeus bens, por cauſa da ſua funeſta cobardia, a penas o tiveraõ para ſalvarem as ſuas vidas, picando inceſſantemente as amarras dos navios.

Ainda elles naõ tinhaõ bem acabado eſta indigna acçaõ, de que eſtavaõ já arrependidos, quando para augmentarem a ſua deſeſperaçaõ, viraõ apparecer o ſoccorro do Rei d'Auru, que conſtava de 4000 homens, e de 30 lanchas cheias de todas as caſtas de proviſoẽs. Pouco depois elles encontraraõ logo Azevedo, que conduſia tambem hum novo reforço de Malaca. Porém o erro eſtava feito, e o mal naõ tinha remedio. Os Portuguezes perderaõ para ſempre a Ilha de Sumatra. O Rei d'Auru eſteve tambem expulſado por hum tempo do ſeu Reino, e obrigado a hir procurar hum aſſilo á Malaca, onde eſtavaõ já os Reis de Pedir, e de Pacem, onde alguns acabaraõ alli os ſeus dias, depois de experimentarem os rigores d'uma extrema pobreza.

Jor-

Jorge d'Albuquerque Governador
e Malaca, depois da disgraça que ti-
iha tido no attaque de Bintam, suf-
entava mal a alta reputaçaõ que o
rande Affonso tinha feito ao seu no-
ne. He verdade que a principal cau-
a era por falta de fortuna, e naõ do
eu valor. D. Sancho Henriques seu
enro, que era General do mar nes-
es districtos, tendo hido por sua or-
em attacar a frota de Mahmud no
io Muar, levantou-se huma borrasca
e furioso vento, que levando huma
arte das suas lanchas para entre os
nimigos, pareceo ter-se ajustado com
lles para lhas entregar nas suas maõs.
Depois da tempestade D. Sancho, por
um máo conselho, tendo enviado Ma-
oel de Berredo na sua galiota, e Fran-
isco Fogaça em huma lancha á occupar
entrada do rio, os inimigos os in-
estiraõ, e posto que os Portuguezes
e defendessem com o seu costumado
alor, foraõ finalmente vencidos pela
nultidaõ; de sorte que desta pequena
rota, só Duarte Coelho, e o Gene-
al, apenas se poderaõ salvar em Ma-
aca, d'onde este foi morrer pouco de-
ois no Reino de Pam.

Ann. de J. C. 1523.

D. Joaõ III. Rei.

D. Duarte de Menezes Governador.

O Rei de Pam, que tinha deixa-
lo o partido de Mahmud, Rei de Bin-
tam,

ANN. J. C. 1523.

D. JOAÕ III. REI.

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

tam, para se entregar aos Portugue dezes, tinha de novo contractado allian ça com elle. Huma das principaes con diçoẽs do seu tratado, foi que elle conservariaõ esta alliança muito en segredo, e que o Rei de Pam, con tinuando a mostrar-se amigo dos Por tuguezes, lhes faria occultamente to do o mal que podesse. Este perfid Principe lhe cumprio fielmente a pa lavra. Antonio de Pina foi o primeir que cahio nos laços, e foi tomad com o Junco que elle commandava O Rei de Pam enviou Pina com o seus a Mahmud, que tendo feito es forços inuteis para lhes fazer abjura a sua Religiaõ, os fez atar á boc d'uma peça, e voar despedaçados André de Brito, que o Governado General havia mandado traficar áquel les quarteis para os seus interesses par ticulares, tendo hido abordar a est mesmo porto, alli morreo com 1 Portuguezes, que tinha no seu navio e foraõ todos mortos exceptuando hum irmaõ de Brito, que tendo feito tudo quanto se pode esperar da for ça, e do valor d'um homem, prefe rio antes deitar-se á agua com hum pezo, que atou logo aos pés, e afo gar-se, que cahir vivo naõs mas des-

tes

Ann. de J. C. 1523.

D. JOAÕ II.. REI.

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

es traidores, ou deixar-lhes a gloria
e o matarem. D. Sancho Henriques
gnorando todas eſtas traiçoës, veio
mbem entregar-ſe á crueldade. O Rei
ara melhor o enganar, o enviou lo-
o ſaudar, e lhe fez levar refreſcos.
epetio depois as attençoës, e os
eſentes, quando ſoube a qualidade
e quem commandava o navio; po-
m apenas D. Sancho ancorou, vio
hir ſobre ſi duas lanchas do Rei,
m 30 de Lac-zamana General da fro-
do Rei de Bintam, o qual tinha
egado na veſpera, e ſe tinha eſcon-
do no rio. D. Sancho ſó tinha 30
mens e aſſentando que era im-
ſſivel, poderem ſalvar-ſe, exhor-
u-os a que morreſſem com valor.
om effeito morreraõ todos, depois
terem feito tudo o que ſe pode de-
jar das peſſoas mais reſolutas.

A traiçaõ produſia o meſmo ef-
to na Ilha de Java, onde foraõ tam-
m alguns Portuguezes aſſacinados.
epois de tantas diſgraças ſuccedidas
mas ſobre outras na viſinhança de
alaca, eſta Cidade ſe vio em tor-
ento, e ſepultada em conſternaçaõ.
tava cercada de inimigos conjurados
ra á deſtruirem. Ninguem ouſava
var-lhe viveres, e ella experimen-

Ann. de J. C. 1523.

D. João III. Rei.

D. Duarte de Menezes Governador.

tava todos os rigores da necessidade Obrigada a mandalos buscar, era entaõ necessitada a despojar-se dos soccorros, que a podiaõ defender. E enquanto aquelles, que ella enviava hiaõ cahir nos laços que lhes estava armados, ficava ella exposta aos insultos. Lac-zamana, que naõ ignorava nada do que se passava, e que como habil General se aproveitava de todas as occasioẽs, teve o atrevimento de vir queimar o navio de Simaõ d'Abreu no porto mesmo de Malaca, onde o Governador o vio queimar, sem lhe poder valer. Este mesmo General tomou tambem duas caravelas da esquadra de D. Garcia Henriques, que Albuquerque tinha enviado contra elle á entrada do rio Muar. Finalmente Rei de Bintam fez investir a Cidade por mar, e terra. Lac-zamana, que commandava no mar, tinha 20ↀ homens na sua frota. Hum Portuguez arrenegado commandava o exercito que era de 16ↀ homens. Tiveraõ a Cidade bloqueada por espaço de hum mez; e posto que alli naõ houvesse mais do que 80 Portuguezes effectivos com os naturaes do paiz, os inimigos naõ fizeraõ grandes progressos por causa da vigorosa resistencia que acharaõ.

Lou-

Louvaraõ muito Albuquerque, que em todo o tempo animou sempre os seus pela sua liberalidade, e cuidado para com os pobres, e doentes, e pela sua urbanidade, que lhe adquirio os coraçoẽs de todos; Este Governador tinha despachado para Cochim, para representar ao General á triste situaçaõ em que se achava. Porém como o espirito de enteresse naõ morre no meio das maiores calamidades, elle lhes pedio o Governo das Molucas para D. Sancho Henriques seu genro, ou para D. Garcia Henriques seu cunhado, na suppoſiçaõ que D. Sancho fosse morto, como haviaõ graves suspeitas. D. Duarte de Menezes fez logo partir sete navios para Malaca, conduzidos por Martinho Affonso de Souza. Depois do que elle mesmo partio para hir invernar a Ormuz, e receber o resto dos pagamentos, que tinhá ajustado com Seraf. D. Luiz de Menezes ficou em Cochim para commandar nas Indias, na auzencia do General.

Ann. de J. C. 1523.

D. Joaõ III. Rei

D. Duarte de Menezes Governador.

Tendo Souza chegado á Malaca, naõ sómente conseguio para esta Cidade affligida mais algum alivio, e facilidade para subsistir, porém a vingou ainda de muitos damnos, que

ANN. de J. C. 1523.

D. JOAÕ III. REI.

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

os ſeus inimigos lhe haviaõ feito padecer. Jorge d'Albuquerque tendo-o metido de poſſe do Generalado do mar, lhe ordenou que foſſe occupar a embocadura do rio Muar com ſinco navios: elle alli ſe conſervou tres mezes, nos quaes Lac-zamana naõ ouſou ſahir, e naõ podendo nenhum navio eſtrangeiro levar alli mantimentos, ou mercadorias, Bintam teve a ſua vez nos rigores da neceſſidade. Sendo Souza obrigado pela intemperie a deixar eſte poſto, foi viſitar o Rei de Pam para punir as ſuas perfidias. Queimou nos ſeus portos os Juncos deſte Principe, e os dos negociantes das Ilhas de Java que alli ſe achavaõ. Contaõ que alli fizera morrer até 6Ⴔ peſſoas, e que cativara tantos outros, que cada Portuguez tinha pelo menos ſeis. Souza tendo d'alli hido á Patane, fez huma execuçaõ ainda mais violenta: porque além de muitos Juncos que tomou, ou que queimou, lançou tambem fogo ao do Rei de Patane, que eſtando auzente, voltava para ſoccorrer a ſua Cidade. Eſte Principe infelis tendo-ſe deitado á agoa para ſe ſalvar á nado, foi morto com todos os da ſua embarcaçaõ. Os moradores de Patane atemorizados, ſalvaraõ-ſe

nas

nas terras. Naõ achando Souza com quem combateſſe, deſtruhio toda a Cidade, e de modo que ficou ſó o chaõ, e tornou para Malaca, contente das ſuas façanhas, poſto que ſó foſſem pequenos acontecimentos, que pouco decidiaõ.

Ann. de J. C. 1523.

D. Joaõ III. Rei.

D. Gracia Henriques, para quem Jorge d'Albuquerque tinha pedido o Governo das Malucas, tinha alli feito já huma viagem; porém antes de o ſeguirmos niſto, nos he precizo ver o eſtado em que eſtavaõ as coiſas, por reſpeito á eſtas Ilhas, que faziaõ hum grande objecto para os Portuguezes, e que na Europa haviaõ de ſer huma ſemente de diviſaõ entre as Coroas de Portugal, e de Caſtella.

D. Duarte de Menezes Governador.

As Ilhas de Banda, e as Ilhas Molucas ſituadas perto da linha equinocial no Oceano das Indias, ſaõ do numero das que chamaõ da Sunda, e ſe reduzem ſegundo as antigas relaçoẽs ao numero de 20; ſinco debaixo do nome de Banda, que he a principal; e outras ſinco debaixo do nome generico de Molucas. Ellas ſe diſtinguem das outras Ilhas deſte archipelago aſſim pela ſua pequenhez, porque a maior naõ tem mais de ſeis legoas de circuito, como pela ſingu-

Ann. de J. C. 1523.

D. João III. Rei.

D. Duarte de Menezes Governador.

ſingularidade do fruto que ellas produſem, e lhes dá todo o valor, porque ſó lá unicamente ſe acha. As Ilhas de Banda ſaõ as unicas, que daõ as nozes muſcadas e a ſua flor. As Molucas ſaõ igualmente as unicas que daõ o cravo da India.

A arvore que dá a noz muſcada aſſemelha-ſe muito a huma pereira, e o ſeu fruto a hum peſſego. Eſte fruto he viſtoſiſſimo quando eſtá ſazonado, pela variedade das ſuas cores. Quando o poem a ſecar, elle ſe abre, e lança certas pequenas pelinhas finas, que ſaõ a flor, debaixo da qual ſe acha a noz muſcuda, que he como o caroço deſte fruto. A arvore que produz o cravo da India, he quaſi do meſmo tamanho dá que produz a noz muſcada. Aſſemelha-ſe hum pouco mais ao loureiro, e a ſua folha á da oliveira: o ſeu fruto vem em ramalhetes, eſtá ſempre verde na arvovore: e depois ſe pinta de vermelho, e finalmente ſe faz tal como no ló trazem. Em o colhendo, a arvore fica de modo cançada, que naõ torna a dar fruto, ſe naõ depois de deſcançar hum anno.

Os povos deſtas Ilhas tem ſó propriamente eſte fruto que faz o ſeu com-

ommercio. O *Sagu*, que he a me-
lula d'uma arvore, lhes serve para fa-
erem o seu pam, como a raiz de man-
ioca na America Meridional. No mais
uando os Portuguezes fizeraõ o seu
escubrimento, eraõ estes huma espe-
ie de salvagens, que conheciaõ che-
es, a quem prodigalizavaõ o nome
le Reis; porém que só tinhaõ huma
uctoridade muito dependente dos seus
assallos. Sua Religiaõ antiga era hum
Paganismo muito bruto, de que segun-
lo as apparencias, conservaraõ ainda
s superstiçoẽs com o Mahometismo,
ue havia pouco tempo tinhaõ recebido.

Ann. de J. C. 1523.

D. JOAÕ III. REI.

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

Antonio d'Abreu, que o grande
Albuquerque enviou para descubrir es-
as Ilhas, naõ pôde ganhar pela con-
rariedade dos ventos se naõ a Ilha
l'Amboine, que fica perto dalli, e
ornou para Malaca. Voltou depois
para ás Ilhas de Banda, e achando
alli a sua carga de cravo, naõ teve
precizaõ de hir ás Molucas, onde naõ
poderia tomar nada, por estar carrega-
do, e se fez á vela para ás Indias.
Donde pondo-se em derrota para tor-
nar para Portugal na esquadra de Fer-
nam Peres d'Andrade que voltava
da China, morreo no caminho.

Francisco Serram, que era da es-
qua-

ANN. de J. C. 1523.

D. JOAÕ III. REI.

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

quadra d'Antonio d'Abreu na sua primeira viagem das Molucas, delle se separou por huma tempestade, e foi naufragar sobre as Ilhas de Lucopim, de modo porém que perdendo alli o corpo do navio, salvou toda a sua gente. Pouco enteresse se consegueria, porque a Ilha era deserta. Hum caso singular dirigido pela providencia foi a sua salvaçaõ. Os Ilheos visinhos tendo sido testemunhas do seu naufragio, vieraõ para se aproveitarem dos seus despojos; Serraõ que percebeo isto, meteo-se n'uma embuscada, deixou-os desembarcar, e se fez senhor dos seus bateis. Estes surprendidos pediraõ misericordia; e por sinal, ou por outro modo, lhe persuadiraõ que se elle quizesse tornallos a embarcar, elles o condusiriaõ a lugar onde elle seria bem recebido. Serraõ se deixou persuadir pela necessidade em que elle mesmo se achava, e com tudo naõ se fiou destes Ilheos sem cautela. Elles lhe compriraõ a palavra, e o condusiraõ á Amboine, onde lhe fizeraõ toda a sorte de agrados, e bom acolhimento.

Os habitantes desta Ilha estavaõ em guerra com os da Ilha de Batochim, e elles a fizeraõ com vantagem

por

or causa da ajuda de Serraõ, e dos
eus. O eco que se espalhou pelas Mo-
ıcas, onde os Portuguezes eraõ já
onhecidos pelos cuidados que tinha
ido o grande Albuquerque dalli enviar
um Malaio negociante de Malaca,
ara aplanar os caminhos a Antonio
'Abreu. Tendo a sua reputaçaõ ad-
uirido hum novo lustro pela noticia
este successo da guerra d'Amboine,
s Reis de Ternate, e de Tidor am-
os á profia procuravaõ chamar para
estes estrangeiros. Boleife Rei de
'ernate mais deligente venceo o seu
ival, e os chamou para si. Francisco
erraõ, e os seus foraõ por este mo-
o os primeiros Portuguezes que che-
araõ ás Molucas. Antonio de Miran-
a de Azevedo, e Tristaõ de Mene-
es, foraõ alli enviados depois. Os
ois Reis os solicitaraõ para que cons-
ruissem hum Forte cada hum sobre o
eu terreno, por preferencia ao do
utro, considerando este Forte como
um penhor seguro da superioridade
ue elles tomariaõ sobre seus visinhos.
'orém estes julgaraõ arrasoado demo-
ar esta obra por algumas rasoẽs de
olitica, de que eu creio que a mais
olida era, que elles tinhaõ feito hu-
na boa carregaçaõ, e que desejavaõ
an-

Ann. de J. C. 1523.

D. Joaõ III. Rei.

D. Duarte de Menezes Governador.

Ann. de J. C. 1523.

D. João III. Rei.

D. Duarte de Menezes Governador.

antes hirem-lhe procurar os lucros, do que penſar em edificar.

Antonio de Brito, que tinha ſuccedido a ſeu irmaõ D. Garcia que a Corte enviou ás Molucas com proviſoẽs de Governador, partio, como já diſſe, da Ilha de Bintam depois da tentativa infelis, que Jorge d'Albuquerque tinha feito ſobre eſta Ilha de Java, donde ſoi depois á de Banda. Achou lá D. Garcia Henriques, que Jorge d'Albuquerque alli havia enviado por ſua conta. D. Garcia eſpantou Brito com a noticia que lhe deo de que tinhaõ chegado ás Molucas dois navios da Coroa de Caſtella, que alli tinhaõ tomado carga, e partido, deixando doze homens em Tibor, onde elles tinhaõ eſtabelecido huma eſpecie de feitoria. Julgando Brito que a coiſa era de grande conſequencia para á Coroa de Portugal, convidou Henriques para o ſeguir, e para ajuntar as ſuas forças, que podẽ ſer que foſſem neceſſarias para expulſar os Caſtelhanos. Poſto que eſta propoſiçaõ deſordena-ſe os negocios de Henriques, naõ deixou elle de a aceitar, preferindo como fiel vaſſallo os intereſſes do ſeu Principe, aos ſeus particulares.

A

A noticia era certa, e eisaqui que a occasionou. Francisco Serraõ xtremamente unido por amizade om Fernando de Magalhaẽs, lhe esreveo á Portugal o seu novo desubrimento, do que lhe fazia huıa bela relaçaõ, exhortando-o a que osse alli ter com elle, e seguran-o-lhe que o seu trabalho seria bem ecompensado. Magalhaẽs estava enaõ desgostozo com a Corte. Elle inha servido bem na Affrica, e nas ndias, e pretendia que ElRei lhe ugmentasse 200 réis por mez, ceras moradias, que a Corte de Porugal estava no costume de pagar, e que nhaõ lugar de alimentos, e que os Reis davaõ antigamente áquelles, que raõ do estado da sua casa. Estas moadias posto que muito modicas, enteressavaõ mais que tudo a Nobreza, ue fazia consistir huma parte da sua onra, e da sua gloria em ter maior u menor moradia. D. Manoel que stava prevenido contra Magalhaẽs or alguma falsa informaçaõ, lhe reusou a petiçaõ; isto o offendeo taõ ivamente, que elle passou ao serviro da Coroa de Castella com alguns outros descontentes, resolvido a vingar-se de hum repudio que considerava como huma afronta. El-

Ann. de J. C. 1523.

D. JOAÕ III. REI.

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

ANN. de J. C. 1523.

D. JOAÕ III. REI.

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

Elle naõ achou melhor meio que a propoſiçaõ que fez ao Imperador Carlos V., de hir tomar poſſe em ſeu nome das Ilhas Molucas, que elle pretendia eſtarem no deſtricto que pertencia á Heſpanha, em conſequencia da doaçaõ dos Soberanos Pontifices, e da diviſaõ que elles tinhaõ feito em favor das Coroas de Caſtella, e Portugal, quando eſtas duas Potencias, repartiraõ entre ſi o novo Mundo quaſi no meſmo tempo em que ellas começaraõ a deſcubrillo. Magalhaẽs fundou as ſuas razoẽs nas d'um Mathematico, chamado Faleiro, que tinha conduſido com ſigo. O Imperador, que tratava entaõ o caſamento de ſua irmá D. Leonor com ElRei D. Manoel, naõ ſe inclinava muito a favorecer a propoſiçaõ de Magalhaẽs: porém o ſeu Conſelho pelo contrario a recebeo com muita ambiçaõ. O Embaixador de Portugal fez tudo quanto pôde para evitar o golpe; fallou fortemente aos Miniſtros, e intentou comprar Magalhaẽs com grandes promeſſas; porém naõ adiantando nada por eſta parte, aviſou diſto á ſua Corte. Com eſta noticia ficaraõ conſternados; e ſobre iſſo fizeraõ conſelhos ſobre conſelhos. Hum Senhor dos mais

acre-

creditados alli votou, que só se po-
eria evitar este damno chamando Ma-
alhaẽs por grandes dadivas, ou fazen-
)-o assacinar. Nem huma, nem ou-
a coisa se fez, e Magalhaẽs tendo
eito seu tratado com a Corte de Cas-
ella, partio de Sevilha no fim do
nno de 1519 com sinco navios, e
um poder mui dispotico de vida, e
orte sobre todos os que estavaõ de-
aixo das suas ordens. Eraõ em nu-
ero 250 homens, entre os quaes ha-
a 30 Portuguezes. Huma das con-
çoẽs com tudo do tratado, foi que
le tomaria o seu caminho pelo Oc-
dente, e se apartaria da derrota or-
naria, que os Portuguezes tinhaõ pa-
. hir ás Indias, assim como tinha si-
) já regulado entre as duas Coroas.

Magalhaẽs tirou direito ao Brasil,
seguindo sempre a Costa, chegou á
)nta mais meridional da America, on-
: se acha hum montaõ de Ilhas, que
li formaõ diversos canaes, nas quaes
embaraçou. Porém, como no desco-
:imento das terras novas, a incer-
:za em que se está sobre o termo,
ignorancia dos mesmos lugares on-
: se achaõ, trazem ao espirito in-
uietaçoens, e imaginaçoens maiores,
ue o comprimento da viagem, e as
diffi-

Ann. de J. C. 1523.

D. Joaõ III. Rei.

D. Duarte de Menezes Governador.

ANN. de J. C. 1523.

D. JOAÕ III. REI.

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

difficuldades prefentes crecem fempre nas almas viz, e timidas, Magalhaẽs teve incriveis trabalhos para vencer. Os rigorofos frios, e o medo dos povos gigantefcos, e barbaros que achou, foraõ os menores. As frequentes conjuraçoens feitas contra a fua vida, era o que tinha mais para temer. A fua firmefa d'alma venceo tudo. Algumas execuçoens fanguinofas que fez a tempo, infpiraraõ maior terror, do que as fantafmas de medo, que caufavaõ a divifaõ na fua frota. Finalmente depois de ter perdido dois navios, dos quaes hum naufragou de modo porém que tudo fe falvou, á excepçaõ do corpo da embarcaçaõ, e o outro tornou para Hefpanha, elle defembocou no mar do Sul pelo famofo eftreito, que depois tomou o feu nome, e o fará immortal.

Elle correo ainda 1$500. legoas fegundo a fua eftimaçaõ tirando para o Equador para bufcar as Molucas. Tendo-fe elevado algum tanto mais, perdeo o que procurava, e voltou para ancorar em huma Ilha chamada Zubo, a dez gráos de latitude do Norte. Alli foi beliffimamente recebido pelos Ilheos, cujo Rei com toda a fua familia, e parte dos feus vaffal-

los

os se fizeraõ baptisar, antes ainda
le poderem conhecer que cousa era
Baptismo. Este Principe, que esta-
a em guerra com os seus visinhos,
s habitantes da Ilha de Mathan, se
ervio com vantagem de Magalhaés, e
los seus. Elle desbaratou duas vezes
s inimigos; porém no terceiro encontro
Magalhaés tendo cahido em hum laço,
lli morreo com huma parte dos seus.
Triste fim para hum homem d'este
merecimento.

Ann. de J. C. 1523.

D. JOAÕ III. REI.

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

Depois d'este desastre o Rei ven-
cido ajustando-se com o vencedor,
naõ fez mais caso da Religiaõ que pro-
fessara, nem das leis da hospitalidade,
nem dos serviços que havia recebido
dos seus hospedes. Tendo tirado á
terra huns vinte por causa de hum fes-
tim, os fez assacinar exceptuando hum
só chamado Joaõ Serraõ, do qual in-
tentou poder sevir-se para fazer huma
traiçaõ aos outros, que tratavaõ do
seu resgate. A má fé destes Ilheos
tendo-se manifestado muito, o in-
felis Serraõ ahi foi deixado. Os ou-
tros redusidos ao numero de 180 ho-
mens, tendo queimado o corpo de
hum dos seus navios, fizeraõ-se á ve-
la com os dois, que lhe restavaõ, e
depois de terem por muito tempo er-

ra-

Ann. J. C. 1523. D. JOAÕ III. REI. D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

rado, chegaraõ em fim ás Molucas, deonde Almanſor Rei de Tidor os recebeo com todo o contentamento poſſivel. Tendo-ſe alli refeito hum pouco, e carregados do que poderaõ trazer de mercadorias do paiz, com tanta maior facilidade por os Portuguezes eſtarem entaõ auzentes, ſe fizeraõ á vela para Heſpanha no mez de Dezembro de 1521. deixando em Tidor os 12 homens, de que já falamos.

Antonio de Britto tendo ido abordar á Tidor para ſe apoderar logo dos Heſpanhoés, naõ achou alli nenhuma dificuldade da parte d'elles, nem da de Almanſor, que ſe achou com tudo hum pouco ſurprendido, e começando a fazer baſe ſobre os Caſtelhanos, eſperava poder-ſe mudar dos Portuguezes, nos quaes tinha experimentado ſerem mais inclinados para Boleiſe do que para elle.

Brito uſou alli muito bem com os Heſpanhoes, e ainda que lançou maõ de todos os ſeus effeitos, os fez com tudo regiſtar. Dos dois navios que reſtavaõ da frota de Magalhaẽs, hum veio buſcar a ſua protecçaõ. Eſte que devia fazer a derrota para hir buſcar as Antilhas, depois de ter lutado dois mezes com os ventos, ſe

viõ

vio obrigado a descahir ás Molucas, posto que fosse distante dellas mais de 800. legoas, fazendo agoa, que quatro bombas naõ podiaõ esgotar. Abatidos com miserias, e fadigas, fizeraõ pedir a Brito, que sabiaõ ter chegado, que tivesse compaixaõ delles, e que lhes enviasse soccorro. Brito lhes enviou huma caravela com refrescos, e ancoras. A caravela era seguida de muitas *caracoras*, ou grandes embarcaçoens á remos, conduzidas por gente do paiz. D. Garcia Henriques alli foi tambem com ordem de fazer quanto podesse para salvar a embarcaçaõ; porém elle naõ a pôde impedir de dar á Costa, e de naufragar. No tocante aos homens, que estavaõ mais mortos do que vivos, tiveraõ alli taõ grande cuidado, como se elles fossem Portuguezes. Hum só que o era na verdade, e que se tinha unido em Tidor aos Castelhanos cortaraõ-lhe a cabeça, como culpado de traiçaõ. Os outros tendo sido conduzidos ás Indias, foraõ conduzidos a Portugal, donde se passaraõ para Hespanha.

Ann. de J. C. 1523.

D. Joaõ III. Rei

D. Duarte de Menezes Governador.

O segundo navio, chamado a Victoria, que tinha governado direito sobre o Cabo de Boa Esperança, abordou ás Ilhas de Cabo Verde: o Go-

Ann. de J. C. 1523.

D. João III. Rei.

D. Duarte de Menezes Governador.

vernador o fez reter, e meter toda a equipagem em prisaõ, onde muitos morreraõ de miseria. Os que sobreviveraõ a esta disgraça, tendo sido depois soltos, e sendo-lhes entregue o navio, vieraõ aportar á Sevilha, onde este navio, considerado como huma maravilha do mundo, por ser o primeiro que alli tinha feito o giro, foi posto n'hum arsenal, para ser conservado, e mostrado á posteridade.

Carlos V. a quem este descobrimento causou hum gosto excessivo, entristeceo-se com a morte de Magalhaés, que elle teria dignamente recompensado. Joaõ Sebastiaõ Cano natural de Biscaia, que tinha reconduzido o navio, recebeo grandes honras do Imperador, e por armas hum globo terrestre com estas palavras em torno, *Primus me circumdedisti*. Com tudo este descobrimento despertou o ciume, e a pretençaõ das duas Cortes, sustentando cada huma, que as Molucas estavaõ no seu destricto. Fizeraõ muitas conferencias de Jurisconsultos, de Mathematicos, e de Maritimos, sem decidirem nada. Por fim as questoés se accommodaraõ depois de terem sido muito tempo debatidas na Europa com a pena, e nas Molucas com a espada.

Bo-

Boleife Rei de Ternate, e Fran-
isco Serraõ eſtavaõ mortos quando
Brito chegou ás Molucas. Eſte Prin-
epe, que fora ſempre apaixonado
os Portuguezes lhes deo a ultima
rova da ſua affeiçaõ quando eſtava
ara morrer; porque elle naõ tinha
ada ſobre o coraçaõ como recomen-
ar á ſua eſpoſa, que elle deixava tu-
ora dos ſeus filhos, e dos quaes o que
ſuccedia tinha ſó ſete annos, que
e conſervaſſe ſempre unida á Coroa
e Portugal cuja protecçaõ ſeguraria
ſua caſa. As ultimas vontades deſte
'rincipe tinhaõ feito impreſſaõ ſobre
coraçaõ da Rainha, e dos Gover-
adores da ſua Corte. E com effeito
s Portuguezes tinhaõ achado até en-
ıõ em Ternate todas as demonſtra-
oens d'hum amor cordial, e ſincero.

Ann. de J. C. 1523.

D. JOAÕ III. REI.

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

Se Brito tiveſſe ſeguido as or-
ens cheias de prudencia, que o gran-
e Affonſo d'Albuquerque tinha dado
Antonio d'Abreu quando o enviou
s Molucas, e ſe elle tiveſſe remedia-
o os erros de Martinho Affonſo de
Iello Juſarte, que pelos ſeus capri-
ıos, ſuas altiveſas, e ſua ambiçaõ
nha ſublevado toda a Ilha de Ban-
a, onde teria morrido, a naõ ſer o
occorro que lhe deraõ Simaõ de Sou-

ANN. de J. C. 1523.

D. JOAÕ III. REI.

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

ſa, e Martim Correia, elle teria ſido o Senhor de todas eſtas Ilhas, das quaes todos os coraçoens lhe eraõ affectos, e teria evitado muitas infelicidades cuja cauſa naõ ſe pode atribuir ſe naõ a elle meſmo.

Nos principios a Rainha de Ternate, e o Rei de Tidor naõ tiveraõ outra ambiçaõ que a de o grangear: ſe niſſo houve alguma contrariedade, e algum motivo de diſgoſto, foi porque elles diſputaraõ vivamente qual teria a felicidade de ter a Fortaleza nas ſuas terras; e que Brito tendo preferido o porto de Ternate, Almanſor Rei de Tidor foi taõ mortificado de ſe ver privado della, como os de Ternate tiveraõ verdadeira ſatisfaçaõ de terem a preferencia. Almanſor comtudo poſto que penaliſado interiormente, naõ deſconfiava d'iſto, e era facil a Brito conſervar a tranquilidade, ſe tiveſſe ſabido conduzir-ſe.

Sendo a Rainha de Ternate a filha d'Almanſor, temeo Brito que eſta Princeſa d'acordo com ſeu pai, naõ entraſſe pelo decurſo dos tempos nos movimentos que elle poderia cauſar, ſe ſe reſentiſſe do deſpreſo que lhe tinhaõ feito, ou ſe elle cauſaſſe inveja aos Caſtelhanos de tornarem a

Ti-

'idor, como elles lho haviaõ promi-
ido. Nesta idéa elle se unio estreita-
nente com Cachil d'Aroes, hum dos
lhos naturaes de Boleife moço ar-
ente, e animoso, amigo por extre-
no dos Portuguezes, porém que de-
aixo das apparencias d'amisade, cobria
uma grande ambiçaõ, e ambos uni-
os, trabalharaõ para fazerem tirar a
Regencia á Rainha. Com toda a sur-
resa que lhe causou a proposiçaõ que
he fizeraõ para a deixar, ella com
udo esteve por isso, consentio que
Cachil d'Aroes governasse em seu lu-
ar, e obrigou mesmo os grandes do
Estado a que o aprovassem. A Rainha
om tudo naõ deixou de sentir, como
ambem os Governadores o golpe que
he tinhaõ dado. Porém Almansor,
quem o enteresse da sua filha toca-
a mais vivamente, foi d'isto mais vi-
amente penetrado.

Ann. de J. C. 1523.

D. João III. Rei.

D. Duarte de Menezes Governador.

Cachil Mamoll, outro filho na-
ural de Boleife, que em vida de seu
pai tinha sido desterrado, e se con-
servava na Ilha de Gilolo, irritado por-
que Cachil d'Aroes seu irmaõ se oppu-
nha á sua revocaçaõ, tomou o par-
ido dos descontentes, trabalhou oc-
cultamente a estimular o animo da
Rainha, e dos seus partidistas. Pre-
ten-

ANN. de J. C. 1523.
D. JOAÕ III. REI.
D. DUARTE DE MENEZES, GOVERNADOR.

tendem mesmo que elle viesse de noite a Ternate para procurar o matar seu irmaõ. Ou naõ fosse mais que huma pura supoſiçaõ o diſignio d'este aſſacinio, ou com effeito elle o tivesse formado, Cachil d'Aroes o suspeitou, de modo, que determinou prevenilo, e que os Portuguezes o ajudassem; Cachil Mamoll apareceo aſſacinado junto da Fortaleza.

Esta morte, de que facilmente podiaõ suspeitar os autores, tendo ainda mais soffocado os animos, a Rainha temendo-se, tomou a resoluçaõ de se retirar para seu Pai com os Principes seus filhos, isto teria feito de Ternate huma solidaõ. Pode ser que lhe inspirassem este parecer para fazerem o que depois fizeraõ. O que quer que fosse, Brito unido com Cachil d'Aroes intentou tirar o Rei, e os seus irmaõs, e metellos na Fortaleza. Sabendo-o a Rainha, teve tempo de se salvar nas montanhas, e de se retirar para Tidor, deixando seus filhos em poder dos seus arrebatadores, que iriaõ ter lugar de se felicitarem deste successo. Com o noticia que o povo teve da retençaõ do Rei, e dos Principes, se moveo; porém o Cachil d'Aroes, e Brito o apaſiguaraõ

aó, ſem com tudo curarem a chaga que tinhaó feito todos eſtes golpes de altivez.

Ann. de J. C. 1523.

D. Joaó III. Rei.

D. Duarte de Menezes Governador.

Neſte meſmo tempo, algumas embarcaçoés da Ilha de Banda tendo ido carregar a Tidor, pretendeo Brito que Banda como ſugeita á Ternate, ſó deviaó vir buſcar carga á Ternate. Elle queixou-ſe a Almanſor: e tendo-lhe reſpondido eſte Principe que os tornaſſe ſe quiſeſſe, Brito o fez ſem duvidar. O Rei, e o povo ſe irritaraó ao ultimo ponto. Neſta meſma occaſiaó houveraó alguns Portuguezes mortos. Brito em vez d'abrir os olhos, fez pedir com ſoberba que lhe entregaſſem os autores deſtes aſſacinios. Almanſor lhe entregou alguns. Brito naó ſe perſuadio que foſſem eſſes os culpados; porém que eraó miſeraveis que tinhaó merecido a morte, e dos quaes o Rei tinha vontade de ſe desfazer.

Com tantos motivos de rompimento, a guerra naó ſe declarava, e os Tidorianos ficavaó quietos; porém iſto meſmo dava ſuſpeita. Maiores eraó as offenſas, e mais ſuſpeitavaó do myſterio no ſilencio d'uma paciencia cançada e levada ao fim. Porém como huma guerra aberta pareceo menos prejudicial do que as traiçoés que intenta-

ANN. de J. C. 1523.

D. JOAÕ III. REI.

D. DUARTE DE MENEZES GOVERNADOR.

tavaõ maquinar, Brito, e o Cachil d'Aroes a fizeraõ determinar por hum bando que publicaraõ, pelo qual o primeiro se obrigava a dar huma peça de panno fino á qualquer que lhe troxesse a cabeça d'um Tidoriano. Posto que a maior parte dos habitantes de Ternate estivessem taõ irritados como os de Tidor, o enteresse com tudo, que pode sempre muito sobre almas viz, os animou de modo, que em pouco tempo foi obrigado Brito a destribuir mais de 600 peças de panno, em que eu creio que elle teve pezar de se ver taõbem servido.

A dissimulaçaõ naõ podia ter mais lugar depois de taõ terriveis actos de hostilidade. A guerra se fez de veras, e os principios foraõ favoraveis a Almansor. Os Portuguezes foraõ mal dirigidos em tres ou quatro encontros. Brito arrependeo-se dos seus primeiros procedimentos, e teria pensado solicitar huma paz que elle mesmo tinha duvidado, se Cachil d'Aroes lhe naõ tivesse animado o seu valor abatido. Martinho Correa, e o Cachil tomando pouco depois a Cidade de Mariaque antiga Capital do Reino de Tidor, e os Tidorianos tendo alli perdido muita gente, Almansor sentia da mes-

nesma sorte o pezo da guerra, e pe-
io a paz. Brito a quem este succes-
o tinha feito passar d'uma extremida-
e á outra, lha recusou, e Almansor
aõ a pôde alcançar se naõ do succe-
or de Brito, e com mui duras con-
içoẽs.

D. Duarte de Menezes Governador.

O Estado das Indias pedia huma
abeça que podesse alli pôr em boa
rdem os negocios da Coroa. Como
ElRei D. Joaõ III. naõ tinha ainda
nviado ninguem para governar, quiz
onrar-se com a escolha, que fez. Pôz
s olhos para isso sobre o Almirante,
celebre Vasco da Gama, Conde da
Vidigueira, que tendo elle primeiro
lescuberto as Indias, naõ tinhaõ feito
aso delle no reinado precedente,
osto que parecesse merecer melhor
lo que ninguem ser alli enviado, pa-
a possuir bens, e honras. ElRei lhe
leo titulo de Vice-Rei, huma frota
le 16 navios, e 3$ soldados, com
ue partio em 10 de Abril de 1524.

D. Vasco da Gama Vice-Rei. 1524.

Além da infelicidade que elle te-
ve de perder no caminho o navio de
Francisco de Brito, e a caravella de
Christovaõ Rosado, que pereceraõ no
mar largo, e o navio de Fernando
Monrroi que naufragou nos baixos de
Melinde, porém de que se salvou a
equi-

Ann. de J. C. 1524.

D. Joaõ III. Rei.

D. Vasco da Gama Vice-Rei.

equipagem, lhe aconteceo hum accidente muito extraordinario, que pôz toda a frota n'um grande movimento. Foi em huma ſexta feira ſete de Setembro depois das oito horas da noite que eſtando no mar de Cambaia, com hum tempo ſereno, e ſem que o vento reſpiraſſe, todos os navios, em lugar da inclinaçaõ coſtumada nas calmas; foraõ agitados taõ vivamente, e por hum modo taõ irregular, que cada hum julgou tocar ſobre hum baixo, e achar-ſe na ſua ultima hora. A inopinada perturbaçaõ que cauſou eſte movimento, junto com os horrores da noite, e a ignorancia do que ſe paſſava nos outros navios, produſiô logo huma extrema confuſaõ. Fizeraõ ſinal d'huma embarcaçaõ á outra para pedir ſoccorro. Hum corre á ſonda, o outro á bomba, muitos ás manobras. Os mais medroſos agarraraõ tudo a que ſe podiaõ afferrar, e o conſideraraõ como a ultima prancha no naufragio. O General naõ foi tambem izento do medo; porém finalmente tendo advinhado a verdadeira cauſa d'eſte movimento ſingular, animou toda a ſua gente com huma eſpécie de vangloria. „ Coragem, „ meus filhos, diſſe elle, a terra das

„ In-

„Indias treme, he iſto hum bom
„agouro, ella tem medo de nós.„
A tranquilidade ſeguio-ſe logo ao tumulto. Houve ſó hum homem que deitando-ſe ao mar, alli ſe perdeo pelo exceſſivo dezejo de ſe ſalvar.

Ann. de J. C. 1524.
D. João III. Rei.
D. Vasco da Gama Vice-Rei.

Deſta infelicidade reſultou grande bem para muitos outros. Porque como o terremotu durou muito tempo, o medo fez huma revoluçaõ nos doentes tal, que a ſevre paſſou a todos, e os pôz em pé como por milagre.

Outro accidente ainda mais raro neſtas paragens ſe ſeguio logo ao primeiro; porque ſem vento, e ſem nuvem foraõ inundados por huma chuva taõ copioſa, que parecia hum annuncio d'hum ſegundo diluvio. Ella durou pouco; porém o gôſto que tiveraõ de ſe verem livres d'ambos os perigos, foi ſeguido d'hum novo embaraço. O General tinha mandado dar huma viſta d'olhos a Diu, e tinha ordenado ao piloto da barra, que governaſſe para eſta Cidade. Deviaõ vella em tres dias, porém como paſſaraõ mais de ſeis ſem a poderem deſcubrir, entaõ ſem reflectirem, que elle tinha feito mudar a ordem, e feito governar ſobre outro rumo, que os apartou, a lembran-

Ann. de J. C. 1524.

D. João III. Rei.

D. Vasco da Gama Vice-Rei.

brança dos dois accidentes que acabavaõ de acontecer-lhes, deo materia a novas eſpeculaçoens, e a novos temores, fundados ſobre as predicçoens dos Aſtrologos, que tinhaõ annunciado que neſte meſmo anno achando-ſe todos os Planetas em conjunçaõ no ſigno Piſcis, haveriaõ diluvios prodigioſos, e revoluçoens eſpantoſas nas terras maritimas. Eſtas predicçoens tinhaõ feito tanto eſtrondo na Europa, que muitas gentes dando-lhe exceſſiva fé, tinhaõ já tomado ſuas precauçoens, e feito armazens ſobre as altas montanhas para ſe alli refugiarem como em hum ſeguro azylo. Os noſſos Argonautas depois do que lhe tinha acontecido, criaõ já que a India eſtava ſubmergida no fundo das aguas; porém elles foraõ agradavelmente tirados do cuidado pelo meſmo piloto, que tendo explicado a cauſa do erro d'elles, os certificou de que no outro dia veriaõ ou Baçaim, ou Chaul. Com effeito elles foraõ ancorar no dia ſeguinte no porto d'eſta ultima Cidade.

O Vice-Rei começou logo por entrar nas honras, a nas funçoẽs do ſeu emprego. Entre as ordens que deo, huma das principaes foi, que ſe

Ann. de J. C. 1524.

D. João III. Rei.

D. Vasco da Gama Vice-Rei.

o Governador General, que eſtava ainda em Ormuz, vieſſe alli apreſentar-ſe, lhe naõ permitiſſem que deſembarcaſſe. Paſſando a Goa, recebeo as queixas que lhe fizeraõ contra o Governador Franciſco Pereira Peſtana, e o tratou com o meſmo rigor de que tinha eſte meſmo uſado a reſpeito dos outros. De Goa pondo-ſe em derrota para Cochim, fez retroceder o caminho a D. Luiz de Menezes, que encontrou hindo receber ſeu irmaõ, e lhe ordenou que o ſeguiſſe.

Porém Vaſco da Gama pareceo naõ ter hido ás Indias ſe naõ para lá morrer, como ſe tiveſſe ſido do ſeu deſtino vir aprender que era mortal neſte novo Mundo, cujo deſcobrimento naõ podia immortalizar mais que o ſeu nome. Foi na verdade huma perda; elle amava a juſtiça, e começava já a comportar-ſe alli muito bem, para reſtabelecer a boa ordem, e a gloria da ſua Naçaõ. A lembrança do que tinha feito nas ſuas primeiras viagens, tinha dado delle huma alta idéa. Os Mouros principalmente o temiaõ em extremo, e ſendo já menos atrevidos, a aprehenſaõ ſó que delle tinhaõ, parecia reduzilos aos termos da ſua obrigaçaõ.

D.

Ann. de J. C. 1524.

D. Joaõ III. Rei.

D. Vasco da Gama Vice-Rei.

D. Vasco da Gama era de estatura mediocre; porém pouco desembaraçado por ser muito gordo. Seu semblante corado, e inflammado. Tinha o parecer terrivel na colera. O seu fogo o levava algumas vezes muito longe, e passava os limites d'uma justa severidade no modo, e na precepitaçaõ com que punia. No mais tinha alma grande, e capaz de grandes coisas. Os obstaculos, e as difficuldades só serviaõ de mais o animarem. O descubrimento das Indias fez o seu maior lustre, porém pode ser que seja mais admiravel de ter n'huma idade avançada sacrificado o seu descanço á vontade do seu Principe, que pareceo dezejar que elle para alli tornasse. Seu corpo ficou depositado em Cochim até o anno de 1538, que seu filho Pedro da Silva teve a licença de o transportar para Portugal, onde ElRei lhe fez dar as maiores honras, que ainda se fizeraõ á huma pessoa particular, e que naõ era de sangue Real. O que alli ha de singular, he que á casa d'Albuquerque naõ pôde alcançar se naõ muito tempo depois a mesma graça para o corpo do grande Affonso. Tambem lhe fizeraõ honras muito inferiores, como se fosse mais

glo-

loriofo defcubrir as Indias, do que onquiftallas. He verdade fe nós acreditarmos niffo o autor dos Commentarios defte grande homem, que razaõ porque fe precizou tanto tempo para ter efta permiffaõ, foi por caufa da paixaõ dos habitantes de Goa, porque fe naõ pôde alcanfar, fe naõ por virtude d'uma Bulla do Papa, a qual fulminava grandes excommunhoẽs contra os que a iffo fe opofeffem. E a fer affim, huma paixaõ taõ confideravel he ainda mais honroza para Affonfo, do que as mais foberbas pompas funebres, e os panegyricos mais eloquentes dos maiores Oradores.

Ann. de J. C. 1525.

D. Joaõ III. Rei.

D. Vasco da Gama Vice-Rei.

Parecia que a Corte tinha previfto a morte proxima do Vice-Rei. Porque attendendo por huma parte aos feus annos; e ás fuas infirmidades, e por outra aos inconvenientes, que podiaõ nafcer em paiz taõ diftante, no cazo de morrer o Governador, eftabeleceo ella nefta occafiaõ, e que depois fe praticou fempre, o que chamaõ *Succeffoens*, o que fe faz por efte modo. ElRei de tempo em tempo envia ás Indias cartas fechadas com o fello da Coroa até numero de quatro, ou finco, em cada huma das quaes

achaõ

ANN. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI.

D. VASCO DA GAMA VICE-REI.

achaõ o nome do ſugeito, que deve tomar o Governo depois da morte do que eſtá no emprego. Eſtas cartas trazem a inſcripçaõ da primeira, ſegunda, terceira ſucceſſaõ, &c. Antigamente ficavaõ em depoſito na maõ do Intendente da Fazenda Real, e hoje ficaõ na do Arcebiſpo de Goa, que naõ pode abrir, ſe naõ na preſenſa das peſſoas determinadas pela Corte, e ſegundo a ordem da inſcripçaõ, de ſorte que ſó podem abrir a ſegunda no caſo de ter ſido inutil a primeira, e aſſim nas outras.

O Vice-Rei D. Vaſco da Gama levava comſigo as primeiras cartas, e conduſia na ſua frota ſem o ſaber, os que eſtavaõ deſtinados para ſeus ſucceſſores, e alguns dos quaes fizeraõ depois eſtranhas ſcenas.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

Sendo aberta a primeira ſucceſſaõ, moſtrou o nome de D. Henrique de Menezes, filho de Fernando de Menezes, de alcunha o Roxo, que tinha vindo ás Indias com proviſoens de Governador d'Ormuz. Porém Fernando de Monrroi, que tinha as do Governo de Goa, tendo naufragado nos baixos de Melinde, e eſtando auzente, o Vice-Rei tinha mudado o deſtino de Menezes, e o havia

via ſubſtituido a Monrroi no Governo deſta praça que tirou a Peſtana. Lopo Vaz de Sampaio, Governador de Cochim, que o Vice-Rei moribundo tinha eſtabelicido em ſeu lugar, e reveſtido de toda a ſua auctoridade até que aquelle a quem a ſucceſſaõ declaraſſe foſſe em eſtado de tomar poſſe do Governo, procedeo muito bem a reſpeito de D. Henrique. Deſpachou logo para Goa a dar-lhe aviſo da ſua promoçaõ, e lhe enviou huma eſcolta para o conduſir á Cochim.

ANN. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

D. Duarte, e D. Luiz de Menezes, que eſtavaõ ainda em Cochim, quiſeraõ aproveitar-ſe da conjunctura da moleſtia, e da morte do Vice-Rei, para fazerem durar o ſeu Governo. Elles tinhaõ ſeu partido na Cidade, e tudo alli caminhava á huma ſediçaõ aberta; porém D. Duarte naõ tendo nunca tido a liberdade de pôr pé em terra, e D. Luiz tendo tido ordem de tornar para bordo, Sampaio conteve tambem todos os ſeus partidiſtas na ſua obrigaçaõ, que eſtes dois Senhores foraõ obrigados a partir contra ſua vontade, com tanta infelicidade para ambos, que D. Luiz perdeoſe, ſem que ſe ſoubeſſe mais onde, nem como; e D. Duarte tendo chega-

Ann. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

gado á Portugal, alli morreo á vista do porto.

D. Henrique recebeo a noticia da sua elevaçaõ, com aquella indiferença, que he a prova d'hum coraçaõ sem ambiçaõ. Era este hum homem da idade d'Ouro, e do antigo tempo, que contente com a sua virtude, com a sua probidade, com a nobreza dos seus serviços, amava antes merecer as honras do que possuillas; e que pisando aos pés todas as idéas da paixaõ, e do enteresse, como indignas d'um espirito vam, prezando pouco empregos, que os outros só procuravaõ com tanto ardor, porque achavaõ nelles huma ampla comodidade para satisfazerem á todas as suas fraquezas. As suas primeiras acçoens foraõ provas da sua equidade, da sua modestia, e da sua applicaçaõ ás suas obrigaçoens. Porque elle disfarçou de baixo de diversos pretextos para naõ chegar á Cochim antes da partida de D. Duarte, e de D. Luiz de Menezes seus proximos parentes, o naõ dar aos enteresses do sangue o que a justiça do Vice-Rei lhes havia recuzado. Prohibio depois absolutamente que lhe dessem o tratamento de Senhoria, e que lhe fizes-

zessem as honras costumadas á entrada dos Governadores, debaixo do pretexto de que eraõ pouco decentes nas circunstancias do luto pela morte do Vice-Rei, o que depois servio de regra. E em fim entregou-se todo ao bem publico.

ANN. de J. C. 1525. D. JOAÕ III. REI.

Depois da morte do grande Albuquerque, a attençaõ que tinhaõ tido os que lhe tinhaõ succedido aos seus enteresses particulares, antes que ao bem commum, e o pouco que estimavaõ suas pessoas, tinha auctorisado huma multidaõ de Corsarios, Mouros, e Gentios, que infestavaõ por modo estes mares, que os navios da Coroa só podiaõ sahir em frota. D. Henrique tinha começado a sentir d'isto a injuria, e o prejuizo, logo que tomou posse do Governo de Goa; porque passava todos os dias á vista d'esta Cidade quantidade destes piratas, e de navios mercantes, que hiaõ de baixo de sua escolta, sem lhe poderem fazer nada.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

O Vice-Rei tinha começado a dar ordens muito precisas para alimpar as costas de todos estes ladroens. Christovaõ de Sousa tinha desbaratado por duas occasioens hum dos mais famosos Chefes d'elles, chamado Cutial,

Ann. de J. C. 1525.

D. João III. Rei.

D. Henrique de Menezes Governador.

que o tinha attacado com 4 paráos; e depois com 80. Vicente Sodré enviado tambem com huma esquadra de 4 navios ás Maldivas, deu caſſa a Mamale, Mouro o mais acreditado da India, e que ſe intitulava Rei das Maldivas, como já diſſe. Tomou-lhe duas Fuſtas, e o fez fugir com quatro outras até Cananor, onde naõ tardou em pagar aos Portuguezes a pena que lhe era devida, pelo mal que lhes tinha feito. Porque D. Henrique tendo chegado alli pouco depois, e tendo-o achado preſioneiro na Cidadella, onde o Rei de Cananor, que ſe comunicava ſecretamente com elle o tinha feito meter para dar alguma moſtra de ſatisfaçaõ ao Vice-Rei D. Vaſco da Gama, lhe fez fazer o ſeu proceſſo ſem dilaçaõ, e o fez enforcar, antes que o Rei de Cananor o podeſſe repetir.

D. Henrique antes de chegar a Cananor tinha já conſeguido algumas vantagens ſobre os piratas, por meio de Jorge de Melo ſeu Sobrinho, que desbaratou tambem Cutial em huma occaſiaõ, e n'outra deſtruio 36 paráos ſahidos de Diu. D. Henrique em peſſoa decipou na ſua derrota 30. paráos, que elle encontrou brigando com D. Jor-

Jorge de Menezes, que tendo só hum Galiaõ estava bem embaraçado para se defender. O General enviou depois Heitor da Silveira a requerimento do Rei de Cananor para a nacente do rio que passa por diante desta Cidade, para destruir algumas povoaçoens, onde muitos d'estes piratas se acolhiaõ, e viviaõ em huma especie de independencia; o que fez Silveira com muita felicidade. Christovaõ de Brito castigou igualmente os de Dabul. He verdade que alli o mataraõ; porém a sua morte foi compensada pela d' hum grande numero de inimigos, e do seu Chefe, que sendo apanhado, e levado á Goa ahi morreo das suas feridas, e tendo a vantagem de morrer Christaõ.

Ann. de J. C. 1525.

D. Joaõ III. Rei

D. Henrique de Menezes Governador.

O supplicio de Mamale intimidou todos os Mouros do Indostam; que julgando do Governador pelo desenteresse que tinha mostrado, recusando constantemente as immensas sommas offerecidas pelo seu resgate, conheceraõ por isso o que elles mesmos deviaõ entender. A severidade que usavaõ com os que eraõ apanhados, naõ servio pouco para remediar à desordem. Porque os navios dos Portuguezes victoriosos quando voltavaõ

d'es-

Ann. de J. C. 1525.

D. João III. Rei.

D. Henrique de Menezes Governador.

d'eftes combates, em lugar de Flamulas, e Pavefes naõ aprefentávaõ de longe fe naõ os corpos deftes infelices pendurados das vergas, e as fuas cabeças poftas em fileira fobre os bordos. Os que trafiaõ vivos, largavaõ-nos aos rapafes que fe recreavaõ de os matar ás pedradas.

Ifto propriamente era huma pequena guerra, logo fe levantou huma mais confideravel, que o mefmo Governador foi obrigado a começar. Naubeadarim que tinha fempre eftado unido aos Portuguezes por inclinaçaõ, e por eftima, naõ tinha tido por muito tempo o Sceptro de Calicut. O Samorim, que lhe tinha fuccedido, naõ tendo os mefmos fentimentos, e entregando-fe aos confelhos dos Mouros, fe tinha picado em muitas occafioẽs contra D. Joaõ de Lima, Governador da Fortaleza de Calecut. E ou porque os Portuguezes eftiveffem muito defcuidados dos feus direitos, e das fuas pretençoẽs, ou porque os Indios aproveitando-fe da fraqueza do Governo lhe fizeffem velhacarias, as coifas tinhaõ chegado a ponto, que tinhaõ havido já muitas hoftilidades, que fe aproximavaõ muito a hum rompimento aberto. O Samorim, acommo-

modando-se com hum estado indeciso, que naõ era nem paz nem guerra; tinha enviado hum Embaixador ao novo Governador para o enganar, fazendo proposiçoẽs d'hum ajuste, que elle naõ observaria se naõ em quanto lhe achasse enteresse, na esperança da occasiaõ em que elle podesse dar algum grande golpe. D. Henrique naturalmente inimigo da perfidia, e bem determinado interiormente á castigar este Principe, divertio o seu Embaixador com boas esperanças, até que elle se pôz em estado de lhe ensinar por hum golpe estrondozo, de que maneira queria obrigalo a viver com elle.

Ann. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

Tendo em fim despedido o Embaixador com boas palavras, e com promessa de que em pouco tempo iria visitar seu Senhor, partio com huma armada de 50 velas de toda a especie, e de 2ↀ homens de desembarque, com que foi cahir sobre Panane, huma das principaes praças do Samorim, bem provida de gente, e d'artilheria, debaixo da conducta d'um Portuguez arrenegado. D. Henrique naõ tendo alcançado a satisfaçaõ que pedia; pôz as suas tropas em terra, e dividindo-as em tres corpos, de que Pedro de Mascarenhas, e D. Simaõ

ANN. de J. C. 1525. D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

maõ de Menezes commandavaõ os dois primeiros, e o General o terceiro, attacou a praça, tomou-a, e destruio-a, só com perda de poucas pessoas, e de quasi 50 feridos. O numero dos mortos foi muito consideravel da parte dos inimigos: acharaõ entre elles o corpo do arrenegado; porém taõ desfigurado no parecer, que tiveraõ trabalho para o reconhecer.

No dia seguinte, o Governador foi apresentar-se de fronte de Calecut, queimou grande numero de navios no porto, em quanto por sua ordem D. Joaõ de Lima tendo feito huma sortida, lançou fogo aos suburbios da Cidade. Dalli D. Henrique tendo reforçado a guarniçaõ da Fortaleza d'homens, e de muniçoẽs, passou até á Couletta, seis legoas para sima de Calecut.

Esta praça assentada sobre o porto em amfitheatro, era taõ forte pela arte, e pela natureza, pela quantidade de artilheria, e pelo numero dos inimigos, que o conselho do General julgou logo, que ella era inconquistavel, e que era temeridade intentar attacalla. Isto era bastante para D. Henrique, se elle quisesse só justificar huma retirada por escrituras; po-

porém como era hum homem efte, que olhava para o intereffe do Rei, e gloria da fua Naçaõ, primeiro que para á fua propria, que elle tinha muito bem eftabelecida por muitas bellas acçoẽs em Africa, quando foi Capitaõ de Tangere, fallou taõ fortemente, que redufio todos os pareceres ao feu, e decidio pelo attaque. Sobre o que, tendo regulado a difpoſiçaõ, deo hum corpo de 400 homens a D. Simaõ de Menezes, e condufio outro de 1$000, deixando ao refto da frota a commiffaõ de defbaratar a dos inimigos que eftava no porto. O fumo da artilheria das duas armadas favoreceo o defembarque. Combatiaõ com extremado valor d'ambas as partes. Os Mouros, que fe tinhaõ facrificado á morte, todos fe fizeraõ matar, o refto fugio. Efta acçaõ cuftou fó 14 homens aos Portuguezes, fem fallar dos feridos. Tiveraõ com que fe confolar na prefa. Trezentas e feffenta peças de canhaõ, innumeraveis arcabuzes, e efpingardas, 53 embarcaçoẽs carregadas, muitas riquezas achadas na praça, foraõ a prefa do vencedor. Deraõ por defpojo ás chammas a Cidade, e o refto das embarcaçoẽs. Defpois difto D. Henrique contente da fua

Ann. de J. C. 1525.

D. Joaõ III. Rei.

D. Henrique de Menezes Governador.

ANN. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

ſua expediçaõ, fez-ſe á vela para Canor, e de lá para Cochim.

Em vez deſtes golpes de valor fazerem entrar em ſi o Samorim, ſó ſerviaõ de o irritar mais; porém para ſegurar melhor a ſua vingança, julgou dever recorrer á diſſimulaçaõ, e enviou ao Governador General huma peſſoa de confiança para fazer algumas propoſiçoens de paz, a fim de que á ſombra d'eſte tratado o General naõ penſaſſe mais em reforçar a guarniçaõ da Fortaleza, que eſte Principe eſtava já reſoluto de a ſitiar no inverno em que eſtavaõ para entrar. O General naõ eſtava longe da paz, porque tinha na idéa hum deſignio de maior importancia: aſſim tendo-a capitulado com muito duras condiçoens para o Samorim, as quaes o ſeu Enviado acceitou facilmente, eſte Enviado partio com o tratado que o Principe devia aſſignar. Porém como tudo ſó era fingimento da ſua parte, deſde eſte principio tomou as ſuas medidas para ſitiar a Fortaleza.

Mandou logo 12ꝺ. homens, debaixo da conducta d'hum Siciliano arrenegado, habil engenheiro para o tempo que tinha ſervido ás ordens de Solimaõ na tomada de Rhodes.

Eſ-

Este tinha ordem de fazer linhas, e de cercar a Fortaleza da parte da terra; e como ella estava sobre huma lingoa avançada para o mar, elle abraçava todo o terreno por huma especie de obra em cornos, terminada em cada ponta por hum baluarte ou bastiaõ, d'onde o canhaõ batia de perto o comprimento das Costas. O seu fosso era de 25 pés de largo, seu terrapleno da outra parte tinha 8, ou 10, e era fortificado com quatro, ou 5 redutos entre os bastioens. D. Joaõ de Lima fez tudo quanto pôde para impedir o progresso d'esta obra. Fez muitas sortidas a tempo. Servio-se com vantagem de algumas casas, que estavaõ defronte da Fortaleza, o que lhe serviaõ de armazens. Porém naõ tendo mais que 300 homens, dos quaes perdeo 50 nestas sortidas, naõ pôde impedir que os inimigos, infinitamente superiores pela multidaõ dos seus combatentes, e dos seus gastadores, naõ conduisissem a obra á sua perfeiçaõ. O que elle fez tambem com muita prudencia para conservar a comunicaçaõ do mar, foi condusir hum caminho bem coberto de gabioens, e fortificado por modo de couraça, o que foi depois a sua salvaçaõ. Com tudo como as Costas craõ

Ann. de J. C. 1525.

D. Joaõ III. Rei.

D. Henrique de Menezes Governador.

Ann. de J. C. 1525.

D. Joaõ III. Rei.

D. Henrique de Menezes Governador.

eraõ muito altas, que o mar batia alli quasi sempre com muita violencia, que naõ havia porto, porém sómente algumas enseadas muito más, os soccorros eraõ tanto mais dificeis, por naõ poderem chegar alli se naõ em mui pequenas embarcaçoens, e sómente com tempo de bonança.

O Siciliano tendo aperfeiçoado as suas linhas, e as suas obras, confiava tanto em tomar a praça, que naõ duvidou em fazer vir o Samorim em pessoa. Vindo este Principe ao campo com hum exercito de 90000. homens, começaraõ logo as batarias a jogar. Se estas batarias tivessem sido bem servidas, a praça naõ podia conservar-se muito tempo. Porque além da sua artilheria numerosa, tinhaõ peças que levavaõ bombas, ou balas de dois pés de diametro. Faltava-lhes só a arte. Os Portuguezes pelo contrario serviaõ muito bem a sua. Porém o estrago que ella podia fazer era pouco sensivel, porque as perdas dos inimigos eraõ de pouco momento, em razaõ do seu grande numero.

D. Henrique tendo recebido a noticia do sitio, enviou logo dois navios commandados por Christovaõ Jusarte, e Duarte da Fonseca, para deita-

tarem na praça 140 homens de reforço com muniçoẽs. Jusarte chegou primeiro, e ancorou muito perto da Fortaleza. Fonseca detido pelas calmas, foi obrigado a ancorar hum pouco mais longe. Este soccorro era taõ pouco consideravel, que D. Joaõ de Lima naõ queria que elle tentasse o desembarque. Com tudo Jusarte, a quem naõ faltava valor, de oitenta homens que tinha, metendo 35 na sua chalupa, arriscou o tiro, e procurou ganhar o fim da couraça, porem a força d'agua tendo-o levado mais longe, teve alli hum combate dos mais asperos. Este pequeno soccorro entrou finalmente na praça, tendo só perdido quatro homens, com Manoel Cerniche, que tendo voltado para salvar hum dos seus amigos, recebeo alli tantas feridas, que morreo pouco depois. Fonseca, tendo tido prohibiçaõ de Lima para tentar a mesma coisa, tornou por sua ordem para Cochim para pedir hum soccorro mais consideravel. Empreza mais difficil pelo rigor da cezaõ, que naõ era a de passar á travez do inimigos mais para temer, do que a violencia dos Tyfoens.

Ann. de J. C. 1525.

D. Joaõ III. Rei.

D. Henrique de Menezes Governador.

O sitio se apertava sempre com muito vigor da parte dos inimigos, que

ANN. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

que empregavaõ tudo para tomar a praça antes do fim do inverno. Os ſitiados naõ ſe defendiaõ com menor valor; e certamente alli ſe fizeraõ acçoẽs taõ belas como nos cercos mais memoraveis. D. Joaõ de Lima alli ſe portou como ſoldado, e como Capitaõ. Era perfeitamente auxiliado por ſeus irmaõs, e por ſeus ſobrinhos, que alli ſe deſtinguiraõ. As granadas, que até entaõ ſó tinhaõ ſervido nos combates de mar, e que foraõ entaõ poſtas em uſo pela primeira vez nos ſitios, fizeraõ maravilhas. O ponto eſſencial era refreſcar a praça; o que foi facil pelas diligencias do Governador General, e porque os inimigos naõ tinhaõ armada. Antonio da Silva, Heitor da Silveira, e Franciſco Pereira Peſtana levaraõ-lhe em diferentes tempos ſoccorros, que o Samorim naõ pôde impedir. Finalmente quando chegou a primavera, o meſmo General veio em peſſoa com huma frota de 20 velas, e 1$500 homens de boa tropa.

Os inimigos á viſta da frota Portugueza ſe apreſentaraõ ſobre a praia em taõ boa ordem, e em taõ grande numero, que a maior parte dos Capitaẽs, e dos Officiaes lhe tomáraõ

al-

lgum medo, e o moſtraraõ no Conelho, onde o General os achou qua- todos oppoſtos ao diſignio que el- tinha de fazer levantar o cero. O General, que tinha ordens para naõ hir contra o ſeu Conſelho o juntou muitas vezes, ſem o poder obrar para o ſeu parecer, iſto o obriou a conſervar-ſe alguns dias em nacçaõ. Como elle tambem naõ quea retratar-ſe, recorreo ao arteficio, e mpenhou ſecretamente D. Joaõ de ima para attacar o baluarte dos iniigos, que eſtavaõ no fim da meia a da parte do meio dia. O aviſo oi enviado a Lima por hum merguador que levava huma carta n'uma ola de cera. O attaque do baluarte e fez á viſta da frota com muita fecidade. D. Henrique louvou muito acçaõ, e depois concluindo que om pouca gente ſe podia vencer hua multidaõ de barbaros, declarou ao Conſelho, que elle meſmo eſtava reoluto a attacar com todas as ſuas foras; e por eſta declaraçaõ reunio toos os votos, que até entaõ lhe tihaõ ſido contrarios.

Ann. de J. C. 1525.

D. Joaõ III. Rei.

D. Henrique de Menezes Governador.

D. Henrique mandou dar os pabens á Lima da bela acçaõ que tiha feito, e ſaber delle em que par-

te

Ann. de J. C. 1525.

D. Joaõ III. Rei.

D. Henrique de Menezes Governador.

te poderia mais facilmente desembarcar. Este lhe respondeo por D. Jorge de Lima, que quiz hir á frota em hum pequeno batel condusido por hum só marinheiro. O batel foi metido á pique pelos inimigos; porém D. Jorge achou meio de se salvar, e tendo ganhado a Capitania á nado, instruio de tudo o General.

Sobre isto tendo D. Henrique feito avançar os seus navios o mais perto da terra, que lhe foi possivel, limpou muito bem a praia com a sua artilheria, e os inimigos naõ ousando a apparecer, fez deitar em duas noites successivas na Fortaleza 150 homens por cada vez sem obstaculo algum. O Samorim naõ o ignorou, nem se entristeceo, persuadindo-se que o General naõ ousando entrar em huma acçaõ com elle, se contentaria de fornecer a Fortaleza de gente, e de provisoẽs, depois do que se retiraria; o que naõ lhe tirava a esperança que tinha de se assenhorear della: porém elle se enganou na sua esperança.

Porque algum tempo antes do dia, na mesma noite em que o segundo soccorro tinha entrado, D. Henrique tendo ajustado com Lima todos os sinaes, desembarcou nas chalupas com todas as

ANN. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

as tropas de desembarque, vogando a remos surdos para naõ ser persentido. Lima no mesmo tempo fez attacar as linhas dos inimigos por Heitor da Silveira, e Fernando de Moraes por hum lado; e elle mesmo deo o assalto pelo outro com muito vigor. Os que estavaõ nas trincheiras as abandonaraõ com muita precipitaçaõ; porém ellas foraõ logo soccoridas por outros que desceraõ aos fossos, e que crendo que encontrariaõ poucos como nas sortidas ordinarias, lisongeavaõ-se de concluir logo tudo. Com isto D. Henrique desembarcou socegadamente ao som de trombetas, e instromentos belicos. D. Jorge de Menezes, e D. Jorge Tello de Menezes, tendo-se escondido nos fossos cada hum com 60 homens, deitaraõ quantidade de granadas, que causaraõ perturbaçaõ entre os inimigos. Pouco depois, o General tendo tambem penetrado com o corpo de tropas que commandava, naõ houve mais do que huma estranha confusaõ entre os sitiantes. Os Portuguezes como lobos famintos entrados em hum curral, naõ faziaõ mais que matar. Admirou D. Jorge de Menezes, que depois de ter feito acçoens prodigiosas com hum montante,

Ann. de J. C. 1525.

D. Joaõ III. Rei

D. Henrique de Menezes Governador.

lançando-se ao forte da peleja para salvar hum dos seus, que se tinha empenhado muito, o livrou, e recebendo hum golpe que lhe estropeou a maõ direita, naõ cessou com a esquerda de combater, com a espada d'aquelle que elle tinha taõ nobremente soccorrido.

Em fim os inimigos depois de terem perdido 3000 homens, abandonaraõ as suas trincheiras para se salvarem na Cidade, e n'hum bosque de palmeiras que lhe ficava visinho, e onde o General naõ quiz que os seguissem. Esta victoria foi huma das mais belas que se ganhou na India. Tendo-se divulgado o ecco até à Porta, Solimaõ, que alli reinava entaõ, se encheo de pasmo, e de admiraçaõ, pela alta idéa que tinha das forças do Samorim, e pela comparaçaõ que fazia do pequeno numero dos Portuguezes com a inumeravel multidaõ dos inimigos que elles tinhaõ á testa.

Quasi todos os Reis tributarios do Samorim retirando-se para os seus dominios depois d'esta acçaõ, este Principe achou-se muito embaraçado, temendo principalmente muito que o vencedor fizesse cortar o bosque de palmeiras, que ficava junto da Cidade.

Além

Além da perda que isto lhe teria causado, como he nas Indias o sinal mais estrondozo d'huma victoria, teria isto sido para elle a mais cruel affronta que poderia receber. Agitado d'esta inquietaçaõ, fez comque viesse Coje-Bequi, que desde a entrada dos Portuguezes nas Indias se tinha declarado á favor d'elles, e lhes tinha sido sempre seu fiel amigo. Prometeo-lhe de o fazer Chabandar de Calecut, se elle podesse sómente alcançar-lhe quatro dias de tregoa para poder fallar da paz. Coje-Bequi se escusou pela sua velhice, e pedio o cargo para hum dos seus filhos, no caso que alcançasse o negocio; porém o Samorim prevenindo este acontecimento, lho deo logo, testemunhando assim o quanto amaua a paz.

A trêgoa foi facilmente concedida em atençaõ ao medianeiro; naõ foi o mesmo a respeito da paz. As expediçoẽs que propunha o General eraõ duras por extrêmo, e o Samorim as naõ podia acceitar sem deshonra. O artigo de todos, que mais o incommodava, era o requerer-lhe o General que lhe entregasse Arel de Porca.

Este Senhor era visinho, e tributario do Samorim, tinha sempre se-

Ann. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

guido o partido dos Portuguezes contra o enteresse do seu Principe. No negocio de Coulete D. Henrique tendo percebido que se conservava ociozo, esperando mais pela occasiaõ de hir ao saque, do que procurar ter parte na acçaõ, mandou que para o acordarem lhe atirassem huma pequena peça de campanha, que lhe quebrou huma perna. O Arel irritado d'hum proceder taõ offensivo, virou a casaca, fez a sua paz com o Samorim, e procurou depois as occasioens de se vingar, como fez em quanto durou este sitio; e pouco depois contra Jorge d'Albuquerque, que sendo relevado do seu governo de Malaca, e voltando só em hum Junco, foi attacado por 25 Catûres condusidos pelo Arel em pessoa; porém Albuquerque o tratou taõ mal, que o obrigou a retirar-se com perda de mais de 300. homens.

Naõ se podendo concluir a paz amigavelmente, D. Henrique que fazia pouco caso do Samorim, do qual naõ tinha precisaõ, e que havia recebido ordens da Corte para destruir as fortalezas de Calecut, de Pacem, e de Ceilaõ como inuteis, tomou o partido de as executar: fez despejar a pra-

ça, fez mina-la bem, e se fez á vela. O Samorim, e a sua Corte a quem naõ pôde occultar os preparos d'huma partida que parecia fugida, estavaõ em admiraçaõ, e naõ podendo comprehender qual fosse o fructo d'huma taõ bela victoria. Porém tanto que viraõ que tinhaõ aparelhado, e que a frota tomava o largo, e que naõ podiaõ duvidar mais, entaõ a Fortaleza abandonada, se encheo em hum instante de Indios curiosos, e cubiçozos dos quaes parte para se assegurar do facto, parte para roubar, entrararaõ por todas as partes á montaõ. Porém naõ tiveraõ muito tempo para se felicitarem de se verem senhores della. Jogando as minas com horrivel ruido, a fizeraõ arrazar quasi toda inteira, e sepultaraõ esta multidaõ de miseraveis debaixo das ruinas. O Samorim desesperado, naõ sabendo em quem se vingasse, descarregou toda a sua ira sobre o infelis Coje-Bequi, a quem fez cortar a cabeça, imputando-lhe ter sido hum obstaculo da paz. Os filhos deste infelis velho, que o seu zelo pelos Portuguezes faziaõ dignos de melhor fim, se retiraraõ para Cananor, onde a pensaõ que a Corte de Portugal dava a seu Pai, lhes foi con-

ANN. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1525.

D. João III. Rei

D. Henrique de Menezes Governador.

continuada, e os ajudou a viver.

O victoriozo D. Henrique naõ descansou sobre as suas victorias. Sempre occupado unicamente do bem do Estado punha todos os seus disvelos a conservar a paz onde a havia, e a preparar-se efficazmente a fazer guerra aonde era precizo. Principalmente a sua maior attençaõ era conter os seus Officiaes, pôr limites ás suas rapinas, e injustiças. Mostrou bem quaes eraõ os seus sentimentos sobre este ponto depois do negocio de Coulete. Porque tendo recebido hum expresso que o Rei d'Ormus, e Rui Seraph tinhaõ despachado ao Vice-Rei D. Vasco da Gama, para se queixarem das tiranias que contra elles exercitara D. Duarte de Menezes no tempo do seu Governo, e que exercitava ainda D. Diogo de Mello Governador da Fortaleza d'Ormuz, D. Henrique a quem o Enviado entregou as cartas do seu Principe, escreveo a Mello com hum modo decente na verdade. „ pedindo-lhe „ em nome d'ElRei de Portugal, e „ no seu que fizesse cessar as queixas „ fazendo elle mesmo cessar as suas ex- „ torsoens; porém ajuntando que se el- „ le naõ tinha respeito ás suas roga- „ tivas, se veria obrigado assim mo-

„ ço

„ ço como era, a ensinar prudencia „ ás suas cans. „ E a fim de que Mello naõ se servisse d'huma carta que elle podia ter occulta, avisou de tudo o que lhe escrevia ao Rei d'Ormuz, e a Seraph. Enviou no mesmo tempo ordem ao Auditor d'Ormuz, que lhe remetesse em ferros hum confidente de Mello, d'esta espécie d'homens, de que os Governadores cubiçozos achaõ sempre bom numero, que carregaõ de todas as iniquidades de que elles mesmos saõ os autores, e nas quaes naõ querem apparecer. Esta severidade que naõ foi ignorada, contribuio muito para restabelecer a boa ordem.

Ann. de J. C. 1525. D. JOAÕ III. REI. D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

Depois do negocio de Calecut D. Henrique tornando á Cochim, começou fazer novos preparativos para hum grande disignio que revolvia na mente; mas de que ninguem podia penetrar o segredo. Com tudo fez diversas expediçoens para differentes partes. Partio depois elle mesmo para Goa, d'onde tinha resolvido hir invernar á Mascate. De Goa fez partir Heitor da Silveira com quatro navios, com apparencia de hir buscar D. Rodrigo de Lima, que havia 6 annos que estava na Corte do Imperador da Ethiopia; porém occultamente lhe ordenou que

ANN. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

que o eſperaſſe no Cabo do Guardafúi até quaſi ao fim de Março, no qual tempo elle poderia deitar até á Ilha de Malaca, ſe até entaõ o naõ tiveſſe encontrado.

Como a Corte de Portugal tinha fundado grandes eſperanças ſobre a uniaõ das ſuas forças com as do Imperador da Ethiopia para ſe ſervir em beneficio do Chriſtianiſmo, contra as Potencias Muſulmanas da Africa, e de Aſia, os Governadores tinhaõ ſempre tido ordens muito apertadas de trabalharem para facilitar o retorno de D. Rodrigo de Lima. Em conſequencia d'eſtas ordens D. Duarte de Menezes tinha enviado ſeu irmaõ D. Luis com huma frota de 9 navios para o mar Roxo. D. Luis na ſua derrota ſaqueou a Cidade de Xael ſobre a Coſta da Arabia, queimou algumas embarcaçoens inimigas, varejou a Cidade d'Adem, e tendo hido até á Ilha de Maçua ſem que encontraſſe D. Rodrigo de Lima, eſcreveo-lhe huma carta, na qual lhe fixava hum tempo dentro do que o eſperaria. Porém tendo-ſe paſſado eſte termo ſem que elle apareceſſe, D. Luis tornou para ás Indias, ſem haver recolhido fruto algum da ſua viagem.

D.

Ann. de J. C. 1525.

D. João III. Rei.

D. Henrique de Menezes Governador.

D. Vasco da Gama, no tempo em que morreo, fazia os preparativos d'uma frota consideravel que queria fazer commandar por seu filho D. Estevaõ da Gama. Lopo de Sampaio depois da morte do Vice-Rei, sem mudar o destino desta frota, que devia hir buscar D. Rodrigo de Lima, mudando de General, cortou o numero dos navios, e deo o governo della a Antonio de Miranda. D. Henrique vindo a Cochim para tomar posse do seu Governo, tendo encontrado Miranda na sua derrota, lhe tirou os navios da sua esquadra, e só lhe deixou huma Caravela, com ordem tambem de se ajuntar a 4 navios, que tinha mandado crusar sobre a Costa de Cambaia, para observar duas embarcaçoēs que deviaõ sahir de Diu carregadas de madeiras de construçaõ para serviço dos Turcos que estavaõ em Gidda. Miranda crusou vantajozamente para o estreito de Meca, sem hir mais longe. Heitor da Silveira fez melhor, saqueou a Cidade de Dofar, submeteo as Ilhas de Dalaca, e Maçua, e lhes impôs hum ttibuto, e em fim trouxe hum novo Embaixador do Imperador de Ethiopia, com D. Rodrigo de Lima, e Francisco Alves, de que he precizo en-

Ann. de J. C. 1525.

D. João III. Rei.

D. Henrique de Menezes Governador.

entre tanto que eu diga os ſucceſſos, depois que eu tiver dado huma idéa geral, e abreviada da peſſoa, dos Eſtados, e dos vaſſallos d'eſte Principe, menos conhecido que procurado, debaixo do nome ſuppoſto de Preſte Joaõ.

Ninguem duvida, creio eu, hoje, que eſte nome de Preſte ou Padre Joaõ ſeja fundado ſobre huma etymologia conhecida, que nos vem dos tempos das cruzadas, e ſe formou da idéa popular, que havia hum grande Monarca do Oriente, que ſe chamava Joaõ, e era Padre da Lei de Jeſus Chriſto, da qual elle, e os ſeus vaſſallos faziaõ huma profiſſaõ aberta. Que o Chriſtianiſmo tinha ſido eſpalhado por toda a grande Aſia, e até ao Imperio da China, iſto parece certo pelos veſtigios, que ainda hoje ſe achaõ, ainda que naõ hajaõ provado que tenha ſido a Religiaõ dominante, e geral d'algum Eſtado em particular. Que tenha havido igualmente na grande Aſia hum poderoſo Principe Chriſtaõ, iſto parece igualmente ſeguro. Os Soberanos Pontifices, e os Principes Cruſados tiveraõ com elle algumas relaçoens, muitas infructiferas. Os que lhe foraõ enviados, fizeraõ rela-

ço-

çoens taŏ pouco exactas, que ſó ſervem para nos pôr em confuzaŏ; de ſorte que he dificil hoje, ou meſmo impoſſivel dizer ao juſto onde eraŏ os ſeus Eſtados. No tempo do primeiro cerco de Damitta, que foi tomada por Joaŏ Brienne, ſe eſpalhou o rumor, de que o Principe que reinava entaŏ, chamado David, vinha na frente d'hum poderoſo exercito em ſoccorro das enſeadas, em quanto a Rainha de Jorgia ſe diſpunha a entrar por outra parte na Paleſtina, o que obrigou Corradim, e Seraph, que acodiraŏ á ſoccorrer Meledim Sultaŏ do Egipto ſeu irmaŏ, para tornar prontamente para os ſeus Eſtados para ſe oppor a eſtas duas Potencias. Porém David naŏ lhe cuſtou pouco a defenderſe. Os Tartaros o desbarataraŏ, e deſapoſſaraŏ, ao menos d'huma parte dos ſeus Eſtados, ou das ſuas conquiſtas. No ſeculo treze perto do anno 1240 houve ainda hum d'eſtes Principes, que oprimido pelos Tartaros ſucceſſores de Gentchiſcan na Tartaria Occidental, recorreo ás Potencias da Europa. Depois d'aquelle tempo achaŏ-ſe muito poucos viſtigios.

Com tudo como a idéa deſte Principe, poſto que confuſa, era mui-

to

Ann. de J. C. 1525.

D. Joaõ III. Rei.

D. Henrique de Menezes Governador.

to viva no tempo dos primeiros descubrimentos dos Portuguezes, depois dos esforços que os Reis D. Joaõ, e D. Manoel tinhaõ feito para o descubrirem, persuadiraõ-se, naõ sem algum fundamento que o Preste Joaõ era o Imperador da Ethiopia, a quem deraõ tambem os nomes de grande Negus, e de Rei dos Abexins. He preciso conceder que todos os signaes se assemilhavaõ. Os nomes d'estes Principes tirados do Testamento velho, a Magestade d'estes Monarchas, que respeitavaõ como huma especie de Divindade, as cruses que elles faziaõ levar diante de si, a Religiaõ Christá corrompida pelos erros dos Nestorianos, e dos Jacobitas, &c. Só alli ha a diferença dos Estados d'hum, que suppoem terem sido muito remotos na grande Tartaria ou na India, em lugar que os do outro saõ na Africa.

Eu creio em fim, que sem se apartar muito da verdade (o que só dou como huma simples conjectura) podem dizer, que este era o mesmo Monarcha, que era Imperador da Ethiopia, e que tinha feito na Asia grandes conquistas, que elle tinha podido dilatar até á India, e á Tartaria, e que por huma destas revoluçoens da

for-

fortuna, de que ha infinitos exemplos, teria ſido rechaſſado até nos ſeus Eſtados hereditarios, com tanta facilidade, quanta elle tinha tido em ſe dilatar para os paizes mais apartados.

ANN. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

O Imperio dos Ethiopes pode andar a par com todas as outras Naçoens pelas fabulas da ſua antiguidade; mas atravez do que ſe pode deſenredar da fabula, parece conſtante principalmente pelo teſtemunho de Herodoto, que he hum dos mais antigos, e maiores Imperios do Mundo. Era certamente muito mais extenſo do que he hoje: e eu creio que he demonſtrado, que as Arabias, que tem igualmente tomado os nomes de India, e de Ethiopia, foraõ antigamente, e muito tempo do ſeu dominio. Sendo aſſim, naõ ſerá maravilha, que hum Principe, que tinha hum taõ grande Imperio na Aſia, tenha podido fazer os progreſſos d'hum Conquiſtador rapido; e ſofrido depois na ſua peſſoa, ou na de ſeus ſucceſſores os reveſes d'huma fortuna pouco eſtavel, quando ſe trata de conſervar Eſtados taõ extenſos, e pela maior parte novamente conquiſtados.

O que eu ſigo pode ſer confirmado por huma carta do Gram Senhor de Rhodes, que eſcrevendo a ElRei de

Ann. de J. C. 1525.

D. João III. Rei.

D. Henrique de Menezes Governador.

de França Carlos VII. diz expressamente, que o Imperador da Ethiopia era o verdadeiro Preste-Joaõ. A mesma carta que o Papa Alexandre III. escreveo a hum Rei da India Chamado Joaõ, caracteriza bastantemente o Imperador da Ethiopia. Assim antes dos descobrimentos dos Portuguezes, haviaõ já noticias muito consideraveis do Rei dos Abexins, e huma especie de persuasaõ de que elle era o Preste-Joaõ.

Heródoto que já citei, e os outros de antiguidade profana nos representaõ os Ethyopes, como hum dos primeiros povos do Mundo, iguaes, ou anteriores mesmo aos primeiros Egypcios. Os Ethiopes d'hoje dizem ser descendentes de Haback neto de Noé, donde se formou o nome d'Abassia, e por corrupçaõ d'Abyssinia. Depois daquelle tempo contaõ huma larga serie de Reis, cujos fastos nos parecem fabulas, ou porque com ellas tenhaõ engrossado os seus annaes, assim como o fizeraõ todos os outros povos, ou porque depois de tantos seculos tem para nós hum ar de novidade, que nós naõ podemos ajustar com as nossas preocupaçoẽs. Entre as suas epocas tem duas muito celebres, a

Ann. de J. C. 1525. D. João III. Rei. D. Henrique de Menezes Governador.

a que he dificil negar alguma crença. A primeira he aquella da Rainha de Sabá. A segunda he a da Rainha Candace.

A primeira que elles chamaõ Maqueda, teve, dizem elles, hum filho de Salomaõ chamado David, ou Menilehek, donde descenderaõ todos os seus Reis por huma longa serie de seculos, naõ sem alguma interrupçaõ, depois da qual tornaraõ a subir ao Throno, que esta familia occupa ainda hoje. O que fez com que David, que Reinava no tempo d'ElRei D. Manoel, tomasse estes titulos. „ David amado de Deos, columna da „ fé, do sangue, e da linha de Judá, „ filho de David, filho de Salomaõ, „ filho da columna de Siaõ, filho da „ semente de Jacob, filho da maõ de „ Maria, filho de Nahu pela carne. „ Imperador da grande, e alta Ethyo- „ pia, e de todos os Reinos seus de- „ pendentes. „

Pretendem que Menilehek tendo sido enviado a seu pai, fora instruido na Religiaõ dos Hebreos, que tornando aos seus Estados com hum grande Padre filho de Sadoc, e 12000 homens, mil tomados de cada tribu, se estabeleceraõ na Ethyopia; que depois del-

Ann. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

delle a Ginecocracia antiga fora mudada, ſuccedendo os filhos dos Reis no Throno contra a lei immemorial, que eſtabelecia a ſucceſſaõ na linha das filhas. Com tudo cuſtame a comprehender a ſerie dos tempos moſtrando-nos Rainhas muito celebres entre elles, donde eu concluiria facilmente, que elles tem ainda huma eſpecie de Ginecocracia tal como ſe vê em ambas as Indias, aſſim como eu já expliquei no meu livro dos coſtumes dos Americanos, com eſta diferença naõ menos que ſe pode fazer, que depois daquelle tempo os Reis ſe cazavaõ nas ſuas meſmas familias, o que terá mais facilmente conſervado a deſcendencia pela multiplicidade das geraçoẽs no meſmo ſangue. De lá he que tem ainda conſervado muitos uſos do Judaiſmo, entre os quaes ſe naõ deve pôr a Circumciſaõ que elles tinhaõ antes, aſſim como Herodoto o certifica, e que he uſada pelo ſexo que naõ era entre os Judeos.

Candace, que fórma a ſegunda epoca, he aquella Rainha celebre, de que S. Filippe Diacono baptizou o Eunuco, e he d'uma, e da outra que elles receberaõ a Religiaõ Chriſtáa. Pertendem que eſte nome, Candace, ſe-

hoje hum nome generico, que se dava a todas as suas Rainhas, como davaõ o de Faraó a todos os Reis do Egypto.

Ignoraõ-se os limites da Etyopia antiga. He quasi certo que ella se extendia, assim como já disse, pelas duas Arabias. Isto he o que se pode conjecturar da natureza mesmo dos presentes que a Rainha de Saba trouxe á Salomaõ. As Cidades de Saback, e d'Axuma, cujas ruinas se vem ainda na alta Ethyopia, podiaõ ser as Capitáes do Imperio; mas pode-se concluir pelas grandes riquezas que julgaraõ á Rainha de Saba, que ella tinha hum Imperio muito extenso.

ANN. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

A Ethyopia d'Africa era limitada, pouco antes que os Portuguezes alli abordassem, ao Septentriaõ pelo Egypto, e pela Nubia, ao Oriente pelo mar Roxo, e a Costa de Zanguebar, ao meio dia pelo Monomotapa, e ao Occidente pelo paiz dos Negros. Porém quando os Portuguezes alli entraraõ, os Musulmanos se tinhaõ apoderado de todas as praças maritimas, exceptuando Arquico, que nunca tiveraõ; e no centro das terras muitos povos barbaros, e os Galles em particular, se tem levan-

Ann. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

tado, e feito como independentes. O Imperador d'Ethyopia era como hum Idolo, que os ſeus vaſſallos meſmos, e principalmente os eſtrangeiros naõ viaõ quaſi nunca; a maior graça que elle fazia aos Reis tributarios era de lhes apreſentar a ſua maõ, ou o ſeu pé para o beijarem, debaixo de hum vêo que o occultava aos ſeus olhos. Os Portuguezes o familiarizaraõ hum pouco mais, de ſorte que hoje ſe moſtra, e naõ ſegue mais a etiqueta rigoroſa do ceremonial dos primeiros tempos. Traz huma touca particular coberta de tecido d'ouro, e prata, e adereſſada com algumas perolas. Tem de ordinario na maõ huma pequena Cruz, que he o ſimbolo da Ordem de Diacono, que elle recebe ſempre para commungar debaixo das duas eſpecies, e entrar no Sanctuario, o que naõ podem fazer os leigos.

Eſte Principe naõ tem morada fixa. A Capital do ſeu Imperio he huma Cidade ambulante, e propriamente hum campo de quaſi 40 para 50 mil homens de guerra, os dois terços de Infantaria, e o reſto de Cavallaria. Além diſto elle tem mais o duplo, ou triplo de outras peſſoas do ſerviço para conſervaçaõ do campo. Todos

dos moraõ em barracas, a mesma Igreja, e o Palacio do Imperador. Porém a ordem he taõ bela, que naõ ha Cidade mais bem governada, e com melhor policia. Os Abexins naõ sabem o que saõ Cidades muradas. Elles tem por principio, que a força d'uma praça consiste no valor, e na multidaõ dos homens, e naõ em bastioẽs, e parapeitos. Tem com tudo quantidade de Aldêas assentadas em planices immensas, e que fazem maravilhoso effeito á vista pela sua proximidade apparente. As suas casas saõ só de madeira, e tem só hum andar. Em cada Provincia naõ ha mais do que só huma casa de pedra, que he a casa da Justiça, onde ninguem pode entrar na ausencia do Governador, ainda que ella esteja sempre aberta. O Padre Paez Jesuita tendo edificado huma casa de muitos andares para lhe servir de habitaçaõ, e de Igreja, esta casa foi pela sua singularidade hum objecto de curiosidade para todo o paiz. Isto naõ era assim nos primeiros tempos. Achaõ-se na Ethyopia ruinas de Cidades soberbas, e de edificios magnificos, que dizem ser da primeira antiguidade. Eu estou persuadido que esta sua politica de habitar sempre em tendas, he que

ANN. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1525. D. João III. Rei. D. Henrique de Menezes Governador.

tem abatido o poder deſte Principe, e o que confirma a conjectura que eu tenho, de que elle poderia n'outro tempo ſer poderoſo, e ter eſtendido o ſeu dominio muito longe pela Aſia, ſem que alli reſte diſto algum veſtigio.

A Ethyopia he hum paiz cheio de montanhas d'uma exceſſiva altura, e muito agreſtes, porém as planices ſaõ fermozas, e muito ferteis. O que tem de mais curioſo, ſaõ as naſcentes do Nilo, taõ procuradas, e taõ deſconhecidas da antiguidade profana. Os Jeſuitas as deſcubriraõ viajando na comitiva do Imperador. O Grande Albuquerque tinha, ſegundo dizem, formado o projecto, de concerto com o Imperador, de mudar o curſo deſte rio, e de o fazer deſaguar no mar Roxo. Iſto teria feito morrer todo o Egypto, que naõ recebe outras aguas mais, ſe naõ as do Nilo, taõ celebrado, pela fecundidade que alli lhe leva. Porém affirmaõ que eſte projecto he abſolutamente impoſſivel na ſua execuçaõ; mas ainda ſendo quimerico, he belo o telo concebido, e faz honra ás idéas deſte grande homem.

Os Abexins ſaõ muito ſuperſticioſos: a ſua Religiaõ, ainda que Chriſtãa, corrumpida pelas herezias de Neſto-

torio, e de Diofcoro, he além d'ifto mifturada de Judaifmo, e de Paganifmo, e da infatuaçaõ das advinhaçoẽs. Tem huma ordem Hierarchica todos os gráos do Sacerdocio, até ao Abuna, que he o Bifpo da Corte, e o unico de todo o Imperio. Efte Abuna, he enviado pelo Patriarca Scifmatico d'Alexandria, que elles reconhecem por Soberano Paftor. Tem além difto huma quantidade prodigiofa de Monjes, que alli fe introdufiraõ antigamente pelo Egypto, e de que a maior parte feguem a regra de Santo Antonio. Todos tanto feculares, como regulares, affectaõ huma grande auctoridade, e faõ muito abftinentes. Com tudo ifto faõ muito ignorantes, pouco verfados nas materias Theologicas, obftinados, e preocupados das fuas falfas opinioẽs, como fe naõ pode expreffar, principalmente os Ecclefiafticos, e Religiofos: e como o povo lhes tem muito grande refpeito, e faõ em grande numero, porque o feu eftado os livra d'uma efpecie de efcravidaõ, e que o mefmo Imperador tem alguma forte de dependencia do Abuna, por efte motivo fe tem feito a converfaõ deftes povos muito dificil, e efgotado em vaõs esforços todos

ANN. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

os

Ann. de J. C. 1525.

D. João III. Rei.

D. Henrique de Menezes Governador.

os trabalhos dos Miſſionarios que tem cultivado eſta vinha infructifera.

Tornemos entre tanto á viagem de D. Rodrigo de Lima, que Siqueira tinha entregado ao Barnagais, e ao Governador d'Arquico, com as 13 peſſoas da ſua comitiva, antes que partiſſe do porto de Maçua. Pondo-ſe eſtes em marcha, para hirem á Corte do Imperador, perderaõ nos primeiros dias o bom Embaixador Mattheus, que morreo no Moſteiro de Biſan com grandes ſentimentos de piedade, e d'uma doce conſolaçaõ, na eſperança das grandes recompenças que teriaõ ſuas fadigas pelo bem eſpiritual, e temporal da Ethyopia, pela uniaõ de dois grandes Principes, que podiaõ para iſſo concorrer. A morte deſte ſanto homem foi huma perda para os Portuguezes, a quem faltava na maior neceſſidade. Porque além de que lhes teria ſervido d'interprete fiel, tinha tido muito credito ſobre o eſpirito de D. Rodrigo, para lhe fazer conhecer a razaõ em muitas occaſioẽs, em que elle excedeo todos os limites.

Bem diferente do Embaixador Galvaõ, que a Corte tinha enviado, e que morreo na Ilha de Camaraõ, D. Rodrigo de Lima, em lugar da pruden-

dencia, da experiencia, e da ſagacidade, que Galvaõ tinha moſtrado em tantas negociaçoẽs, e intereſſes nas principaes Cortes da Europa, ſó tinha huma mocidade imprudente, hum genio arrebatado, e incivil, altivezas extravagantes, idéas quimericas, e huma impaciencia exceſſiva, que lhe cauſaraõ muitos diſgoſtos, ſem o corrigir, e embaraçando-o igualmente com os Abexins, e os ſeus meſmos.

Ann. de J. C. 1525.

D. Joaõ III. Rei.

D. Henrique de Menezes Governador.

Depois de muitas fadigas, e deſgoſtos de viagens, finalmente chegou Lima á Corte com a ſua comitiva. Quiz o Imperador dar-lhe audiencia com huma mageſtade, e magnificencia, cuja deſcripçaõ, que deo o Padre Franciſco Alvares Capelaõ da Embaixada, o qual eſcreveo a hiſtoria della, faz baſtantemente ver a grandeza deſte Principe. He verdade que tem pretendido depois, que em todo eſte preparo, havia huma oſtentaçaõ extraordinaria conforme á vaidade deſta Naçaõ, cujo fim era entaõ engrandecer os objectos na preſença deſtes eſtrangeiros, para lhes fazer eſtimar muito a ſua aliança. O Embaixador foi chamado muitas vezes com a meſma pompa até aos pés do Throno, ſem nunca ver a peſſoa do Monarca; o que lhe

Ann. de J. C. 1525.

D. João III. Rei.

D. Henrique de Menezes Governador.

lhe deo muito difgofto: e eu creio que ifto foi em parte para o caftigar dos feus furores, e da pouca modeftia da fua conducta, pelo que lhe retardaraõ a graça que elle defejava com tanta paixaõ, e que lhe fizeraõ fofrer hum ceremonial inteiramente novo, e que o abatia muito.

Na primeira audiencia, D. Rodrigo offereceo feus prefentes, que confiftiaõ em huma efpada, e hum punhal ricamente guarnecidos, huma couraça, todas as armas defenfivas, duas pequenas peças de canhaõ de bronze, balas proporcionadas ao calibre das duas peças, dois barrís de polvora, quatro peças de tapeçaria da melhor, hum orgaõ, e hum mappa do mundo, a que o Embaixador ajuntou quatro facos de pimenta, que elle tinha para feu ufo. Efte prefente, que pode fer que foffe bem recebido, o foi muito mal, porque os domefticos do defunto Embaixador Mattheus tinhaõ feito faber ao Imperador, que naõ era efte o prefente que lhe tinha mandado ElRei de Portugal. Efte accidente caufou tambem a D. Rodrigo novas mortificaçoẽs, e foi obrigado a conceder para adoçar o efpirito do Principe, que era verdade, que o prefente d'ElRei eftava

tava ainda em poder do Governador General das Indias, e que seria enviado fielmente á sua Magestade, porém que o General naõ tinha nunca esperado aportar em Maçua, que o havia feito só por huma especie d'acaso, e que elle tinha suprido por este presente, que elle da sua parte fazia, ao que estavá em Goa, tendo assima necessidade, e a conjuntura dos tempos disposto das coisas como elle naõ esperava. E ou o Imperador se satisfizesse com estas rasoẽs, ou naõ, mostrou com tudo que despresava o presente, e o fez distribuir pelos pobres, e pelas Igrejas.

ANN. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

Em fim depois de ter cansado a paciencia de D. Rodrigo por mais d'hum mez, correo o vêo que lhe occultava a pessoa do Principe. Appareceo assentado sobre hum Throno alto, com a Coroa na cabeça, e o rosto meio coberto com huma garça, que hum pagem abaixava, e levantava de de tempo em tempo. Parecia ter pouco mais de 20 annos, e tinha muito bom agrado, ainda que moreno como saõ os Abexins. A audiencia foi de mercês, e o Imperador certificou a satisfaçaõ que tinha de entrar em aliança com ElRei de Portugal, a quem permi-

Ann. de J. C. 1525.

D. Joaõ III. Rei.

D. Henrique de Menezes Governador.

mitio desde logo fundar Fortalezas em Maçua, e Suaquem, e em Zeila, prometendo ajudallo, para a fundaçaõ, com homens, viveres, dinheiro, e materiaes.

Depois disto, o Imperador se mostrou muitas vezes, sem este fasto que o cercava, e com mais familiaridade vio, e conversou muitas vezes em particular com o Padre Francisco Alvares sobre os negocios da Religiaõ. Quiz-lhe ver dizer Missa conforme o Rito Latino, e lhe assistio com toda a sua Corte. Mostrou-se edificado das ceremonias da Igreja Romana, e concebeo no mesmo tempo huma alta idéa de Alvares, que adquirio a reputaçaõ de hum santo. Os Portuguezes tiveraõ da sua parte a satisfaçaõ de verem Pero da Covilhãa, que naõ podia conter a alegria de encontrar os seus nacionaes, e ao mesmo tempo derramava muitas lagrimas com a lembrança da sua patria, que naõ devia ver mais por causa da sua grande idade, e das obrigaçoẽs que tinha tomado.

O Imperador forneceo sempre com abundancia a sustentaçaõ do Embaixador, e dos seus que seguiaõ a Corte nas diferentes marchas que elle fez,

e

Ann. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

e de que Alvares nos deixou huma relaçaõ magnifica.

Desde a primeira distribuiçaõ que se fez por ordem do Imperador, Lima, que julgou que tudo era para si, repartio pouco com os da sua comitiva; o que escandalizou de modo Jorge de Abreu, e Lopo da Gama, que chegaraõ ás palavras mais injuriozas, e às acçoẽs, em presença mesmo dos primeiros Ministros do Imperador, que ficaraõ mito escandalizados, e relataraõ tudo a este Principe.

Este procedimento taõ indecente em hum homem revestido de caracter, foi sustentado por outro ainda pior. Porque tendo-se o Imperador empinhado duas vezes para os reconciliar, e fazer cessar o escandalo, nunca D. Rodrigo quiz admitir reconciliaçaõ alguma, de sorte que na comitiva do Imperador foi obrigado a tomar elle mesmo as medidas convenientes para evitar maiores arroidos.

Em fim D. Rodrigo tendo tido sua audiencia de despedida, e tendo-se posto em caminho, o Imperador, que o fez acompanhar pelo seu Mordomo mór, e por outro dos grandes Senhores da sua Corte, que devia ser tambem da viagem, lhe fez dizer por

elles,

Ann. de J. C. 1525.

D. Joaõ III. Rei.

D. Henrique de Menezes Governador.

elles, que queria abſolutamente, que elle ſe reconciliaſſe com Abreu. Para iſto ſe precizaraõ muitas conferencias. Com tudo conſeguio-ſe a paz. Abraçaraõ-ſe finalmente, mas deſde entaõ ſe quizeraõ cada vez pior. D. Rodrigo ordenou ao ſeu deſpenſeiro que naõ deſſe viveres a Abreu. De balde o Mordomo mór lhe moſtrou a ſem razaõ que fazia, e preſiſtio profiadamente, e Abreu mais irritado que nunca, reſolveo fazelos dar por força, e chegou á acçoẽs ainda mais moleſtas, ſem que o Barnagais em peſſoa podeſſe moderar as violencias deſtes dois homens. Iſto indignou por modo eſte Principe, que depois de lhes ter tirado as cartas, e o preſente que o Imperador enviava a ElRei de Portugal, os fez reconduſir para á Corte para alli os fazer caſtigar.

Os negocios ſe acommodaraõ hum pouco na Corte, ao menos em quanto ás apparencias. Com tudo D. Rodrigo recebeo as cartas que lhe eſcreveo D. Luiz de Menezes, que tinha vindo á Malaca para o reter, e naõ o achando, lhe aſſinalou hum dia até o qual o eſperaria. Por eſtas meſmas cartas o aviſava da morte d'ElRei D. Manoel, de que o Imperador moſtrou

hum

hum grande ſentimento; pelo que ordenou hum jejum rigoroſo de tres dias ſucceſſivos, dentro dos quaes todas as logeas ſe fecharaõ, Naõ ſe comprava nem vendia nenhuma das coiſas mais neceſſarias para á vida. Depois deſte luto, ao qual ſuccedeo o acontecimento de ſaberem que D. Manoel eſtava ſubſtituido na peſſoa d'ElRei D. Joaõ III. ſeu filho, foi Lima deſpedido de novo; porem tendo paſſado o dia que lhe havia ſido preſcrito, foi obrigado a voltar ſobre ſeus paſſos, e tornar á preſença do Imperador, que, com o favor dos preſentes que D. Luiz lhe tinha deixado no porto de Maçua, o recebeo completamente bem.

Ann. de J. C. 1525.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

Em fim depois de ſeis annos de aſſiſtencia na Ethyopia, D. Rodrigo teve do Imperador ſua audiencia de licença, que o fez acompanhar por hum Embaixador que enviava a ElRei de Portugal. Heitor da Silveira os recolheo no porto de Maçua, donde os conduſio para ás Indias. De lá ſe embarcaraõ para Lisboa onde chegaraõ feliſmente. ElRei D. Joaõ III. os recebeo em Coimbra com honras extraordinarias, e fez hir recebelos ao caminho todos os Prelados, e Titulos que alli tinha na ſua Corte.

El-

ANN. de J. C. 1523.

D. JOAÓ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

ElRei tendo enviado depois D. Martinho de Portugal ſeu ſobrinho com Embaixada ao Papá Clememente VII. Alvares ſeguio eſte Principe tendo tambem o caracter de Embaixador do Imperador d'Ethyopia, e em eſta qualidade teve a honra de praticar com Sua Santidade, que ſe achava em Bolonha, onde devia coroar o Imperador Carlos V. A aſſemblea era das mais auguſtas; e ſe Alvares teve a ſatisfaçaõ de apparecer nella com hum caracter muito ſuperior á ſua primeira fortuna, o Soberano Pontifice naõ a teve menos de receber as cartas, que elle lhe apreſentou da parte d'hum Principe, de que havia na Europa huma idéa bem ſupperior ao que elle na verdade era, que lhe dava titulos magnificos, e o liſongeava com a eſperança de fazer entrar o ſeu Imperio nos ſentimentos de ſumiſſaõ á Igreja Romana.

Fim do Livro oitavo, e do Tomo ſegundo.